FELIPE SANTOS



O PREÇO DA IMORTALIDADE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O Preço da Imortalidade

Uma era em que os vampiros não existem só na imaginação

Felipe Santos

Copyright 2015 by Felipe Santos

2ª Edição

PRODUÇÃO EDITORIAL Felipe Santos

PREPARAÇÃO Felipe Santos

REVISÃO Aline Lima

Santos, Felipe

O Preço da Imortalidade: Uma era onde os vampiros não existem só na imaginação/Felipe Santos.

1. Romance Sobrenatural I. Título II. Série

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura brasileira

Índice

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
PRÓLOGO

Numa batalha onde os inimigos se unem,

O inevitável se cumpre.

Lágrimas de sangue cairão,

Quando o bom e o mau em um único ser se tornarão...

Parte I

Mundo das Trevas

CAPÍTULO UM

William Stow passava as mãos cheias de calos, típicas dos camponeses, no cabelo, como sempre fazia ao despertar. De imediato, o cheiro nauseante de carne podre, madeira velha e mofo lhe queimava as narinas. Lembranças emaranhadas da batalha no campo de centeio vinham à tona. O fogo se alastrava sem controle pelo moinho, iluminando a noite, deixando os porcos agitados. Os cavalos relinchavam, espadas se chocavam contra foices e enxadas, tingindo de sangue as plantações. Os cavaleiros do feudo usavam lanças e espadas para conter a horda enfurecida dos camponeses. Aldeões feridos, jogados ao chão, praguejavam contra seus algozes, suplicando por ajuda divina. Lorde Truman, o senhor do feudo, sangrando no rosto, cavalgava com a lança para cima daquele único menino perdido no meio da batalha. Seria o garoto seu irmão mais novo? Onde estava o restante da família? Estariam vivos? Pensar nisso lhe pesava a cabeça.

O corpo de William doía, deitado sobre a rocha incômoda e fria. Ao longe, o barulho do pingar d'água em pedras competia com os assustadores guinchos dos ratos. Ele se ergueu, abrindo os olhos. A escuridão ainda tomava o lugar. Estaria no Vale dos Mortos?

De repente, a vista de William ardeu como se grãos de poeira tivessem ali se alojado. Esfregou as pálpebras. Quando piscou, um mundo em tons de verde e cinza se revelava diante de si. Procurou pela fonte de luz; uma vela ou uma tocha, mas nada encontrou. Descobriu-se dentro de uma cela baixa e apertada, acorrentado pelos pulsos e pescoço. Grossas correntes de ferro prendiam-se à parede de pedra; o espesso bracelete no pulso pesava-lhe o braço. A roupa suja de terra e pelos apresentava inúmeros rasgos, já os pés descalços pareciam ter sangue seco grudado na sola.

Esqueletos humanos jaziam espalhados no chão da cela. De dentro de um dos crânios saiu um rato asqueroso. Este, com certeza, não era um bom lugar para se estar. De pé, usou toda sua força para se livrar das correntes. Elas rangiam, estalavam, se contorciam, esfolavam sua pele. Por fim desistiu.

Já ouvira falar de prisioneiros mortos de fome em masmorras. Uma pergunta, então, inquietou-lhe a mente: prenderam-lhe por causa da revolta? Estariam os outros aldeões nas celas vizinhas?

– TEM ALGUÉM AÍ? – berrou.

Nenhuma resposta, a não ser a própria voz ecoando pelas paredes. Apoiou as mãos no rosto. Sua barba crescera bastante. Há quantos dias estava ali? William primeiro soluçou, depois chorou. De medo. De raiva. Um choro rude, sem lágrimas.

Lembrou-se dos pais, dos seis irmãos, da irmãzinha querida. Estariam bem? Tinham de estar! Onde estavam os outros camponeses? Precisava de respostas. Precisava agora! Como fazer para obtê-las? Só lhe restava esperar.

Depois de um longo tempo, em algum lugar ao longe da sua vista, um rangido, uma porta de ferro abria e fechava. Passos de duas pessoas se aproximando. Um cheiro nauseante de carne podre e sangue seco se alastrou, revirando as entranhas de William. De onde vinha tal fedor dos infernos?

Aproximava-se dali, uma mulher gorda de roupas surradas carregando um jarro de argila tampado. Ela vinha cabisbaixa, uma venda carcomida tampando-lhe a vista. Caminhava ao lado dela, passos firmes e decididos, um homem mais baixo que William. O homem, ao contrário dela, vestia roupas caras e tinha o queixo levantado. As feições lembravam Nathan, o irmão mais velho de William. Aquele homem pálido, William agora sabia, era a fonte do cheiro fétido. Seria o senhor daquele castelo?

O homem sorriu.

– Quem é você? – perguntou William, se levantando.

– Sou o Lorde Arctur de Vernon – disse, examinando William de cima a baixo.

William encarou o nobre, fechando as mãos com força.

– Por acaso conheço você?

O sorriso no rosto do nobre se alargou.
– Sou vosso salvador, meu caro. Agora, camponês, dizei vosso nome.

William engoliu em seco, abaixando o olhar. Queria respostas e faria de tudo para consegui-las.

– Meu senhor, sou William Stow, terceiro filho de Robert da terra norte, vassalo de lorde Truman – identificou-se contrariado.

– Qual vossa idade?

– Não sei. Quinze ou dezesseis invernos. Por que me pergunta tais coisas? Por que me acorrentaram? – ganiu ele, entredentes.

– Porque eu assim o quis – respondeu o nobre.

– Onde está a minha família?!

Arctur balançou a cabeça.

– Não sei.

– Alguém mais está aqui?

– Sois o único – respondeu o lorde, tirando uma chave do bolso.

– O que aconteceu aos outros?

– Não sei.
– Há quanto tempo estou aqui?

– Duas noites.

– Por que estou aqui?!

– Para entender.

Quando Arctur destrancou a porta, William pôs-se de pé. Nunca confiou nos malditos nobres. Sempre sugando o árduo trabalho da sua gente, fazendo tudo para tornar suas vidas ainda mais miseráveis. Quantas vezes o obrigaram a trabalhar dobrado, triplicado para pagar as injustas taxas impostas por Lorde

Truman? Parasitas desgraçados!

William forçou mais uma vez as correntes.

– Exijo saber por que me prenderam!

– Admiro a vossa coragem, camponês. Por muito menos outros da vossa laia já teriam perdido os dentes.

William cuspiria na fuça do maldito, mas a garganta secou quando os olhos do nobre emitiram um intenso brilho esverdeado. As próprias chamas do inferno pareciam refletir neste lampejo repugnante.

– **Algo errado?** – perguntou o nobre com a voz agora gutural, animalesca, exibindo caninos pontiagudos num sorriso ainda mais rasgado, quase insano.

William cambaleou. O chão sumindo debaixo dos pés, obrigando-o a sentar-se.

– **Não sabeis, não é mesmo?**

– O que deveria saber?! – questionou William sem levantar os olhos.

O nobre gargalhou. Quando parou, tirou da frente do rosto o cabelo ondulado e olhou direto para William.

– **Somos vampiros!** – revelou Arctur.

– Vampiros?!

Arctur estalou o pescoço.

– **O que tem de mais? Vês como nossos olhos brilham? Na escuridão é como se fossem duas bolas espectrais flutuantes. Para os mortais é uma visão assustadora: o presságio da morte.**

– Cale-se! NÃO SOU UM VAMPIRO! TIRE-ME DAQUI!

William quis voar no pescoço deste maldito mentiroso, mas as correntes o impediram. Pôs, então, a mão no peito e recuou. O coração martelava forte,

reverberava na garganta. Um calor repentino envolveu-lhe o corpo, queimando a pele como se chamas o abraçassem, assando sua carne por dentro e cozinhando as entranhas. Quando o ardor se dissipou, tão rápido quanto chegara, restou apenas um corpo inerte, a não ser pelas mãos, ávidas para estraçalhar o inimigo. Quanto tempo durou aquilo? Um piscar de olhos?

Antes que pudesse entender, o queimor retornou ainda pior, como se agora William mastigasse ferro fundido. As brasas tomavam-lhe a boca, empurrando os ossos da face. Precisava entender. Atacar. Tomar fôlego. Pedir socorro. Misericórdia. As respostas talvez estivessem à sua frente, no lorde Arctur que o encarava sorrindo em silêncio. A boca de William se estendia, apertando o lábio superior contra o nariz. Os caninos cresciam, rasgando a pele do lábio inferior. Num movimento brusco, a cabeça jogou-se para trás. Da garganta veio um urro involuntário, primitivo, como se dele impelisse a agonia derradeira.

– **Percebeis agora, camponês?**

William não encontrou forças nem palavras para responder.

– **Sentistes a dor em toda a plenitude?** – continuou o nobre. – **O poder fluindo por vosso corpo? Pela primeira vez testemunho uma meia-transformação, camponês. Vossos olhos não carregam o brilho vampírico! Também não carregam a estranha cor âmbar-sangue que vi antes.**

– **JÁ DISSE PARA ME TIRAR DAQUI!** – urrou William.

– **BASTA!** – respondeu o nobre, dando um murro repentino em William, que foi arremessado contra as grades da cela.

O impacto fez William soltar o ar dos pulmões em um gemido mudo. Não conseguiu se levantar. Ele fechou os olhos, procurando recuperar o fôlego. Obrigou, então, as pernas a se firmarem no chão, enquanto usava a grade como apoio para erguer o corpo.

Quando afinal se equilibrou, Arctur o suspendeu pelo pescoço e o lançou de costas contra a parede rochosa. As costelas pareciam despedaçadas, mas William não seria humilhado de novo e, na tentativa de libertar-se, cravou os dedos nos punhos do nobre e deu uma joelhada na barriga do adversário.

Arctur continuava a sorrir.

– **É tempo de descobrir o que vos tornastes** – disse o nobre, estalando o pescoço.

– **Deixe-me sair daqui, eu imploro...**

– **É tempo de descobrir o que vos tornastes** – repetiu Arctur. A voz soava rouca, arrastada.

William ainda tentou se desvencilhar, mas acabou forçado pelo nobre a colocar a mão em cima do próprio peito, onde a pele se encontrava gélida. Ele engasgou, não podia ser verdade. Seu coração não batia.

Arctur o soltou.

William vacilou, apoiou-se na parede e, através de um rasgo na blusa, colocou a mão novamente sobre o torso. Devia ser um engano, um joguete do destino. Afinal, como podia seu coração estar inerte? A verdade, porém, se mostrava inegável, cruel. A mão tremeu quando reconheceu não haver nenhum batimento ressoando no peito.

– **Por que a surpresa?** – perguntou o nobre num sussurro. – **Estais morto. Ou melhor, sois um cadáver que viverá para sempre!**

– **Como isso pode ser verdade?! Meu coração bateu há pouco!**

– **Em ocasiões especiais nosso coração morto pode bater** – disse Arctur, dando uma joelhada repentina no estômago de William, que arqueou de dor.

Arctur, então, esmagou-lhe o pescoço, impedindo a passagem do ar. William lutou, mas o nobre não esmoreceu. Ao contrário, Arctur comprimiu ainda mais os dedos na garganta de William. As chamas verdes do olhar do nobre se intensificaram.

William parecia se afogar em um rio gelado e escuro. Tentava puxar ar que teimava em não vir. A própria morte envolveu-lhe em sua mortalha de paz silenciosa. Foi quando se deu conta: não precisava de ar.

Mal se recuperava do choque da revelação, quando uma dor voraz se espalhou pelo coração. O metal afiado de uma adaga rasgava-lhe o peito, penetrava fundo na carne. Ele caiu para trás num baque mudo. Artcur repuxou a adaga, alargando a ferida. Por instinto William levou a mão ao ferimento, percebendo não haver sangue ali. A dor logo passou e mais surpreendente: o corte se fechava como por magia.

– **Bem melhor, não achais?** – perguntou o nobre mais sério. – **Movimentos desnecessários só aumentam a vossa fome. É claro que ainda precisais respirar para falar. Escutai com atenção, novilho! Estais sentindo frio?**

William aquiesceu, despertando do torpor mental.

– **Este frio vos acompanhará para sempre. Sentis as pontas dos dedos adormecidos? Sentis vossas pernas amortecidas como se estivessem em água gelada?** – perguntou Arctur. – **Entretanto, vossas entranhas devem estar se contorcendo como se estivessem em chamas...**

William balançou a cabeça, concordando.

A realidade se revelava mais dolorosa do que uma pedrada na cabeça. Um vazio por dentro revirava suas entranhas. Diversas perguntas vieram-lhe à cabeça. Não queria saber. Não queria acreditar. Não podia. Qual crime cometera para merecer tal desgraça? Estava morto, mas lhe negaram a passagem para o além e o julgamento do Altíssimo. Ele se tornara um vampiro, um monstro eterno e amaldiçoado. Talvez os céus tivessem planos para ele. Que serventia, porém, uma criatura das trevas teria para Deus? Não sabia, mas tentaria de tudo para se livrar desta condenação.

Arctur sorriu.

– **O frio vai piorar a cada instante que estiverdes sedento por sangue. Contudo, existe uma maneira de burlar essa regra... Trapo de gente, vinde até aqui!**

A criada cega adentrou a cela cabisbaixa e entregou a jarra de argila para William.

– **Destampai!** – disse Arctur.

William abriu o recipiente e um cheiro adocicado inebriou seus sentidos. Arctur falava, mas os ouvidos nada captavam. Seu olhar se fixou no líquido escuro e viscoso do interior do jarro. Seria sangue? Não conseguia ordenar os pensamentos. A boca salivava, os dedos da mão esquerda banhavam-se nas entranhas do jarro, levando-o a imaginar o gosto. Levantou a mão e o líquido vermelho escorreu devagar pela palma. Sua língua se aproximava, queria sentir o gosto. Antes que consumasse o ato pecaminoso, ele abaixou a mão ensanguentada e limpou-a na calça para evitar o desejo impuro. Se bebesse daquele jarro, condenaria sua alma.

Sem pensar duas vezes, jogou o recipiente na direção de Arctur, mas este apenas inclinou a cabeça para o lado. O jarro se estilhaçou na parede. Placas de sangue escorriam agora pela rocha, formando uma poça. Os ratos logo se aproximaram para beber da fonte imunda.

Arctur gargalhou como se tripudiasse da situação, levando William a fechar as mãos com tanta força que cravou as unhas na palma. Se não estivesse acorrentado...

– **Este é o vosso alimento, camponês. Recusais agora, mas vos digo: quando a fome queimar vossas vísceras, caçareis sem piedade por este líquido tão precioso.**

– **Não sou um verme asqueroso para me alimentar do sangue dos meus irmãos!** – ganiu William.

– **Sois pior! Sois um monstro condenado pelo resto da eternidade a sugar até a última gota de vida dos mortais** – falou o nobre com um sorriso rasgado no rosto.

– **Nunca!**

– **Dizeis agora ter repulsa a sangue, mas não reclamastes quando vos demos durante o sono.**

– **Você... me deu sangue para beber**?!

– **É óbvio** – respondeu Arctur, abrindo os braços como se zombando dele. – **Sangue humano é o único alimento a nos sustentar. Ele nos permite a vida eterna, cura nossos ferimentos, expande nossa visão. Nenhuma**

moléstia vos atingirá, nunca envelhecereis.

– **Você fala como se isso fosse bom! Como se não fosse uma maldição!**

– **Não ouvistes o que acabei de dizer? Como poderia ser uma maldição?**

– **Quero voltar a ser humano!**

O brilho esverdeado sumiu das vistas do nobre. Os caninos se retraíram.

– Assim? – perguntou Arctur; a voz era humana de novo.

– **Como me livro dessa maldição?**

O nobre virou-se e tocou com repulsa na criada, que estendeu o pulso para William, deixando evidente o mapa de veias desenhado sob a pele dela.

William queria tocá-la, desejando o calor emanado pelo corpo da mulher. A confusão dos sentidos retornou. Um frio tão intenso quanto uma nevasca invadiu-lhe a alma. As veias da criada pulsavam em detalhes tão distintos como ele nunca tinha reparado antes. Arctur falava, mas William não prestava atenção. Nesse momento somente o pulsar da veia importava.

O nobre passou a adaga na pele da criada, abrindo uma pequena fenda no pulso. Um fio de sangue serpenteou da ferida, pingando ao chão; o cheiro enlouquecendo William. Ele fechou os olhos, segurando o pulso dela com a intenção de empurrá-la para longe, mas assim que nela tocou, algo demoníaco dentro de si desejava se envolver com aquele calor.

– ***Sim, eu quero*!** – disse uma voz bestial atrás de si.

Não era Arctur. Então quem seria? William balançou a cabeça, procurando a voz. Difícil se concentrar. O calor. O sangue. Agora o pulso da criada estava mais perto de sua boca. Cravou afinal os caninos na carne, sugando o sangue quente que era seu por direito.

Quando ela gritou de dor, William apenas tampou a boca da mulher com uma das mãos. O sangue banhava-lhe a língua, mais saboroso do que o melhor vinho. Descia em grandes goles pela garganta; aquecia as entranhas, confortava a

alma e silenciava a fome. Um prazer avassalador tomou-lhe a alma. O calor reconfortante veio, expulsando o abraço frio da morte à medida que a mulher amolecia nos braços dele.

– Basta, novilho – disse o nobre, tirando de William a mulher desacordada e agora pálida como um cadáver. – Não é para matardes a minha reserva de sangue.

Manchas arroxeadas se destacavam ao redor da boca da criada no lugar onde William apertara os dedos para calá-la. Duas pequenas e profundas chagas no pulso da criada ainda expulsavam fios de sangue fresco.

William passou a mão sobre o queixo molhado de sangue.

– **Ela vai morrer?** – perguntou sem conseguir encarar a moça.

– Não creio. Em duas ou três noites esse trapo já poderá me servir de sangue.

William não conseguia acreditar. Pior, havia gostado do que fizera. Se não fosse pela intervenção do nobre, ele poderia ter matado a mulher, cometendo pecado mortal. Amaldiçoado a ser um assassino; tal pensamento ressoava em sua mente, ceifando a sanidade. Até quando poderia suportar tudo isso? Pediu a Deus que o ajudasse a suportar aquele fardo.

Arctur gesticulou para William se levantar.

– Ao saciar a sede de sangue, o corpo cessa a transformação – disse o nobre, encarando-o com um meio sorriso. – Exatamente como quisestes.

William passou os dedos na boca; os caninos estavam no tamanho original.

– Meu senhor, como vim parar aqui? – perguntou ele cabisbaixo. A voz voltara ao normal.

Um sorriso sinistro logo brotou no rosto de Arctur, levando William a duvidar se devia mesmo saber.

– Por que não? – disse o nobre. – Irei contar-vos o que aconteceu...

CAPÍTULO DOIS

Em Stanwell, Arctur aguardava sua próxima vítima. Encontrava-se escondido em um beco à frente do prostíbulo, que ficava da zona mais pobre do burgo. Não estava ali para saciar sua fome de sexo; precisava saciar a sede incontrolável de sangue humano. Não demorou a avistar um jovem aventurando-se pelas ruelas sujas e apertadas. O mortal cambaleava como se tivesse bebido dez copos de vinho. O forte cheiro de goma e couro impregnado no suor do humano revelava ser este o sapateiro do burgo. O vampiro mirou o céu e sorriu. Mais um inocente pecador, um amante da luxúria vindo para as suas garras.

Arctur ajeitou o capuz negro sobre a cabeça e andou pelas sombras. Os pés tocavam o chão com a leveza e o silêncio do andar de um gato. Quando chegou perto o suficiente para atacar, dois ratos chiaram alto e se engalfinharam perto do vampiro. Um momento antes de o humano virar para fitar a origem dos guinchos, Arctur saltara, pousando no teto da choupana de dois andares à frente sem produzir qualquer ruído. A coruja ali no telhado continuou dormindo. O vampiro sorriu; a caçada sempre o excitava.

O humano pareceu pressentir o perigo; o coração disparou e ele acelerou o passo. Virava a cabeça de um lado a outro, desconfiando de cada beco no caminho. Talvez temesse a emboscada de ladrões à espreita. O cheiro do medo aguçava o paladar do vampiro.

De repente, o mortal pisou em falso, indo de encontro ao chão de terra batida. Tão bêbado estava que somente na terceira tentativa, se levantou. Nesse momento, por acaso, o humano elevou o olhar em direção às duas bolas verdes brilhantes; fantasmas flutuando na escuridão. Sufocando um grito e de os olhos vitrificados, ele correu desembestado pelas ruelas escuras.

“Nada como um bom desafio” – pensou Arctur. Se o sapateiro alcançasse os guardas armados do burgo, a caçada fracassaria. Ele estalou os ossos do pescoço, inspirou o ar fétido do burgo e, então, disparou. A risada vinda do grupo de passantes a poucas ruelas de distância indicava problemas. Sua vítima se dirigia para lá, talvez na esperança de se salvar.

Arctur permancia na caçada. Seria sensato continuar? Claro que não, mas nada ficaria entre ele e a diversão.

Assim o vampiro se fez visível à frente da vítima. Num piscar de olhos tornou a desaparecer feito fantasma. O mortal esfregou os olhos como se não acreditasse no que vira. O sapateiro agora suava, manchando a blusa encardida nas costas. A tontura da bebedeira parecia ser substituída pelo medo da morte.

O pobre homem correu desajeitado, adentrando nas ruelas mais estreitas, afastando-se do grupo de passantes; sem dúvida, esperançoso em despistar o demônio. De repente, o mortal entrou no beco sem saída pelo lado da ferraria e Arctur decidiu, seria o momento de se divertir. Acertou o joelho nas costas do sapateiro, derrubando-o ao chão.

O humano gemeu ao bater a cabeça numa pedra pontiaguda. Um filete de sangue não tardou a escorrer da testa, abrindo caminho entre os grãos pretos grudados na pele e tingindo de vermelho o olho direito.

– Pobre de vós, tolo mortal, pois hoje a morte se ergue diante de vós. Venho para sugar-vos a vida e condená-lo ao Inferno – disse Arctur sem pressa, saboreando o efeito de suas palavras afiadas na mente da vítima.

O humano tentava se levantar, mas talvez a tontura e a embriaguez excessiva não permitissem. Arctur respirou fundo; esperava mais. Sem desafio, o prazer não seria o mesmo. O mortal se arrastou para o fundo do beco. Quando se descobriu encurralado, o rosto do sapateiro se contorceu e seus olhos encheram de lágrimas. Logo uma mancha fétida de urina tomou conta das calças dele. Arctur não podia acreditar no quão idiota era este homem.

O vampiro se abaixou e cravou os dedos na garganta do humano, mas deixando entrar ar suficiente para a presa respirar. A seguir, levantou o mortal com apenas uma das mãos, como se o humano nada pesasse.

Fazia questão de deixar à vista os caninos afiados.

– Meu Deus, salva este pobre pecador! – sussurrou o mortal de olhos fechados.

– **Ele não se importa! –** disse Arctur devagar, quase num sussurro, satisfeito com o pavor que sua voz grotesca causava à vítima. – **Sois apenas mais uma das inúmeras vítimas que já tombaram ante mim. Faz bem vossas últimas preces, pois ireis morrer hoje nas mãos da cria do Demônio.**

– Piedade – implorou o jovem num fio de voz entre engasgos e soluços. – Minha família...

– **Para um homem honrado e temente a Deus, gostais bastante dos caminhos tortuosos da luxúria, não é mesmo? Por que o Altíssimo se importaria convosco, um pecador sujo e errante?**

O mortal chutou. Socou a criatura das trevas. Abriu a boca para talvez gritar, mas apenas um sussurro escapou da garganta.

Arctur estalou o pescoço.

– **O cheiro do vosso desespero é delicioso**.

Lágrimas abundantes escorriam pela face do humano, demonstrando humilhação, fraqueza. Devia desejar que tudo terminasse logo. “Abominável” – pensou Arctur, esmagando-lhe a traqueia. O rosto do pecador, crispado de ódio e medo, se contorceu, tentando puxar ar como peixe fora d’água. Por fim, parecendo reconhecer o inevitável destino, parou de se mexer. O olhar agora distante e sem brilho, quase morto, pronto para o abate.

Assim, Arctur cravou-lhe os caninos na jugular. Sorveu o sangue quente bem devagar para prolongar o sofrimento do sapateiro. Afinal só se morria uma vez.

O sangue carregado de álcool, o melhor dos vinhos, o verdadeiro néctar dos deuses. O frio eterno das entranhas se dissipou, inundado pela sensação inebriante da vida. O corpo pulsava delirante, à medida que o sangue quente escorria pela garganta. Parecia flutuar como se nada mais existisse no mundo a não ser o calor do sangue. Agora saciado, o vampiro largou o cadáver ao chão.

Ele esfregou a manga da camisa na boca suja de sangue.

O sapateiro não oferecera nenhum desafio digno. Covarde desgraçado! Tal morte nem podia ser chamada de caçada. Ainda precisava se livrar do corpo. Como faria? O rio do burgo de Stanwell estava ali perto. Seria fácil despachar o cadáver nas águas. Entretanto seria fácil demais. Tinha uma ideia melhor.

Não era a melhor das ideias, mas seria bem mais divertida. Ele largaria o corpo do sapateiro num local à vista; assim amedrontaria os burgueses. Então colocou o corpo do rapaz no ombro, leve como um feixe de trigo, carregando-o entre as ruelas mais escuras. A passagem de um grupo de bêbados cantarolantes o obrigou a se esgueirar pela ruela mais estreita. Demorou o suficiente para Arctur imaginar se deveria matar esses bêbados. Logo o silêncio voltou a reinar, permitindo a ele continuar o plano.

Logo avistou, no centro do burgo, a majestosa igreja de São Pedro. Ali seria o lugar onde despejaria o corpo. Três guardas conversavam parados na porta da casa de Deus indicando possíveis problemas. Ajeitou o capuz, pensando. Como resolveria a situação? De repente, passos leves o levaram a virar o pescoço. Um cachorro rosnava, os dentes à mostra e pelos eriçados. A paciência de Arctur se esgotou. Ao chutar o cachorro, o animal gemeu alto e correu ruela adentro, chamando atenção dos humanos, que logo vieram.

Arctur se escondeu nas sombras, esperando os guardas se afastarem atrás do cachorro. Quando tudo voltou a ficar quieto, ele subiu a escadaria de pedra da igreja, levando o corpo do sapateiro até a porta e largando-o ao chão. Rasgou as roupas do pecador com uma pequena faca, retalhando uma cruz no peito do cadáver. Depois fez diversos cortes nos braços e no rosto. Por fim, o vampiro se afastou, admirando sua obra.

Imaginou o pensamento do padre no dia seguinte. *Forças demoníacas estão tomando conta do nosso burgo* – diria o pároco. – *Salvai vossos filhos, pagai mais tributos à santa Igreja!*

Arctur riu alto da tolice dos mortais. A força divina poderia pará-lo, mas se não o fazia, ele se divertiria pela eternidade.

No instante seguinte, ele atravessava as ruas escuras do burgo; os assuntos por ali, no momento, se encerravam. Pegou, então, seu cavalo na taberna mais suja perto do porto e cavalgou. Atravessou a praça central onde um homem fora enforcado na árvore centenária em frente ao tribunal.

Seguiu pela estrada principal até a saída sul da cidade. Ao longe, a muralha de madeira carcomida de vinte e dois pés de altura – o equivalente a quatro homens – despontava majestosa, rodeando, protegendo o burgo de Stanwell de ataques externos. Pelo aspecto podre da madeira, supôs ter mais de cem anos; um pouco mais velha do que ele. Tochas iluminavam os portões da cidade. Mesmo daquela distância ardiam na vista, como se grãos de areia inquietos se alojassem nas pálpebras. Ele precisou de tempo para se acostumar com a claridade.

Três moedas de prata nas mãos dos guardas e os portões se abriram. Não houve perguntas, embora Arctur as imaginasse. Quem era esse louco a se atrever a sair do burgo à noite sozinho? Um fugitivo? Acaso seria criminoso?

Arctur galopou aos campos de plantio, domínios dos senhores feudais. Perto dali, no feudo de Lorde Truman, ocorrera uma violenta revolta três dias antes de sua chegada. O próprio nobre morrera esmagado pelo cavalo de batalha. Pena que Arctur não pudera participar. Adorava o massacre de inocentes. Se não visse de perto o cenário de morte, não se perdoaria.

Cavalgou até o muro de pedra de dois palmos de altura, que demarcava a fronteira da propriedade do barão Truman. O piar incessante dos passarinhos anunciavam a iminência do nascer do sol. Nada preocupante por enquanto.

Mais ao sul, ainda era possível ver finas colunas de fumaça negra saindo do castelo do nobre. A maioria das casas dos camponeses fora também consumida pelo fogo. Perto dali, corvos e ratos disputavam a carne podre dos corpos dilacerados dos aldeões espalhados pelo campo. Um aviso dos barões vizinhos caso os camponeses resolvessem fazer novas revoltas. Na mesma tarde, por intermédio do conde de Hereford, os nobres retiraram as tropas, deixando o caminho livre para o enterro dos mortos. Ao longe, monges andarilhos rezavam pelas almas dos caídos, acompanhado da diminuta procissão de mulheres chorosas.

O vampiro não tinha mais sede de sangue, mas ainda assim aquele cenário o excitava a ponto de querer matar mais uma vez. Desceu do cavalo, amarrando-o na árvore mais próxima. Ajeitou o capuz novamente sobre a cabeça, observando o grupo de humanos. Mataria as mulheres ou talvez somente o monge. Imaginou diversas torturas, mas se conteve. O rapaz morto em Stanwell já deixaria os humanos apavorados por semanas. Ele sorriu. Quem se

importava? Sangue fresco nunca era demais.

Farejou o ar, mas nele havia apenas mescla de sangue morto e carne em decomposição. Mais passarinhos despertavam, preenchendo o ambiente com canto matutino. Um uivo agudo ecoou na floresta distante. Outro mais longo veio em resposta, calando sapos e insetos. Lobos? Ou algo pior? Para o seu alívio, novos uivos não vieram. Para o seu desgosto, os humanos já estavam longe, reunindo-se com a caravana de camponses acampados perto dos restos queimados do moinho.

“Malditos sejam!” – pensou ele.

Poderia ficar de tocaia, esperar um mortal se afastar o suficiente para ser capturado, mas não arriscaria ser queimado pelo sol por tão pouco. Pelo menos pudera apreciar o cenário da carnificina.

Já ia embora, quando seus ouvidos captaram um choro baixo, longe da caravana, nas casas abandonadas. Um bebê? Talvez. Se fosse verdade, não importava o risco, ele provaria do sangue inocente do recém-nascido.

O choro o levou a um dos poucos casebres a ainda estar de pé. Parecia confortável demais para pertencer aos aldeões. Talvez um cavaleiro ou o administrador do feudo morassem ali.

Entrou pela porta da frente, arrombada a machadadas. Cacos diversos forravam o chão de madeira. Encostado à parede oposta à entrada, se encontrava o cadáver de um homem com o crânio afundado e o intestino esparramado. Respingos de sangue seco pintavam as paredes e o chão ao redor do morto. Uma belíssima obra de arte.

O outro cômodo abrigava apenas uma arca de madeira e um estrado forrado de palha, onde uma mulher jazia morta, as mãos sobre um corte fundo na barriga. As vestes rasgadas deixavam descobertas as partes íntimas. A boca aberta da moça servia de abrigo perfeito para as moscas e suas larvas rastejantes. Os dentes podres e tortos, as verrugas no rosto e o braço esquerdo raquítico tornavam a cena repugnante, indecente, poética.

– Sei que estais aqui – disse Artur num tom mais elevado.

Um choro abafado escapou da arca semiaberta.

Arctur encontrou afinal a pequena presa: um lindo bebê de pele clara como a neve, envolto em manta encardida. O vampiro encarou os grandes olhos azuis do pequeno. Eles permaneceram quietos, se encarando. A presa sem entender o que se passava; o monstro sem conseguir conter o sorriso. O vampiro tocou o rosto quente do bebê, que recomeçou o berreiro.

– É triste, não? Uma inocente criança nas mãos de um demônio. Cadê a justiça deste mundo? – questionou Arctur, olhando para o alto. – Onde está vosso Deus para me deter?

O vampiro levantou a criança.

– Ireis morrer hoje, pequenino. Enquanto continuarei a ceifar mais e mais vidas humanas. Hoje farei um ato de bondade; vos mandarei para o mesmo lugar onde está o resto da vossa família. Não sou bondoso?

O bebê chorava, o coração acelerava. Parecia pressentir o perigo.

As presas afiadas rasgavam a gengiva de Arctur. O momento derradeiro se aproximava. Entretanto parou.

– Isto seria mesmo uma bondade, não é mesmo? A morte é um ato de libertação e, não castigo. Ainda mais para vós, que ainda nem sabeis o significado do descanso eterno. Farei melhor, criança. A partir de hoje, e por toda a vossa curta vida, sereis minha reserva de sangue.

Arctur pegou uma das cestas no baú e enfiou o bebê dentro.

Passos arrastados do lado de fora da casa, seguido de um baque deixaram Arctur cauteloso. Cessou a transformação vampírica, colocando a cesta dentro da arca.

– Ficai quietinho aí – disse num sussurro perto do rosto do bebê, fechando a tampa.

Pressentia perigo. O que acontecia lá fora? Não arriscaria perder o pequeno órfão.

Saiu da casa silencioso e procurou em volta; nada avistou ou ouviu além dos barulhos habituais da noite. A brisa fresca indicava a Arctur o pouco tempo

que dispunha para sair dali antes do dia amanhecer. Contudo, não podia ignorar seus instintos, permanecendo em prontidão. Qualquer ameaça entre ele e o bebê seria eliminada.

A alguns pés de distância na estrada encontrava-se um jovem magricela caído ao chão, sujo de terra e sangue dos pés à cabeça, inclusive na barba falhada. O peito permanecia imóvel, o coração inerte. Uma pena. Queria torturar mais um humano. Aquele frangote devia ter sobrevivido à revolta contra Truman, caminhou até ali, desabou e morreu. O vampiro sorriu de tal ironia.

– Deus é justo – disse, fazendo o sinal da cruz.

Nesse momento, o morto se mexeu. Um leve tremor, quase imperceptível. Arctur, então, franziu o cenho. O cheiro típico de morte, mesmo fraco, indicava que o camponês pertencia à sua espécie.

O camponês se apoiou nas mãos, erguendo-se cambaleante. Virou a cabeça para Arctur, mostrando os caninos afiados. Os olhos... Arctur nunca tinha visto nada parecido: um brilho espectral amarelo salpicado de manchas vermelhas: olhos âmbar sangue.

– Quem sois vós, camponês?

– **Não sei... Mas, se fosse você, ficava longe...** – ganiu o sobrevivente. – **Afaste-se!**

Arctur gargalhou, estalando os dedos das mãos. Este bastardo achava ter poder para feri-lo? Ódio lhe corroeu as entranhas como água fervente. Deixou o coração morto bater uma vez, distribuindo sangue roubado dos vivos pelas veias vazias, banhando a carne com líquido da vida. Os caninos deslocavam a mandíbula, rasgavam a gengiva. O corpo agora leve e as mãos latejando, prontas para estraçalhar.

O camponês grunhiu, parecendo uma fera raivosa, e avançou, cortando a distância com tamanha velocidade que se tornara um borrão.

Arctur suspirou ao se ver diante de mais um ignorante sem noção do perigo. Mesmo naquela rapidez Arctur distinguia os movimentos do inimigo. Esperou o momento exato e saltou acima do camponês. Ao pousar atrás do idiota, desferiu duas cotoveladas, tão fortes, obrigando o desconhecido a recuar.

Acertou o pé a seguir as costas do adversário, lançando-o longe de rosto ao chão.

– **Isso vos mostrará quem manda por aqui** – disse Arctur, sorrindo orgulhoso.

Num piscar de olhos, o camponês se levantou e soltou um urro de fúria tão aterrorizante, que Arctur recuou.

O camponês, de repente, apareceu na frente de Arctur; o punho pronto para acertar-lhe um soco. Ágil, Arctur acertou um gancho direto no queixo do desgraçado, que voou alto, virou o corpo no ar e pousou no chão sem demonstrar dor.

Arctur pegou duas pedras do tamanho de laranjas do chão. Lançou a primeira em direção ao inimigo, que desviou. Atirou a outra e, assim que o adversário desviou, Arctur desferiu-lhe um soco no peito, derrubando-o mais uma vez.

– **Onde está a vossa arrogância agora, camponês? Não posso nem dizer que isto é um bom desafio** – falou Arctur, acertando o pé no rosto do jovem.

Pisoteou, então, com força na barriga do adversário, que urrou. Depois golpeou-lhe a testa, levantou o camponês com as duas mãos e o jogou contra a parede da casa. O desconhecido já se levantava, quando Arctur segurou-lhe a parte detrás do crânio e o acertou na parede. Mais três cabeçadas e o jovem perderia a consciência.

Arctur tinha quase certeza que estava de frente a um desgarrado, um vampiro abandonado à própria sorte. Muitos da sua espécie se divertiam escolhendo um humano qualquer, davam-lhe o dom da imortalidade e o deixavam para queimar na luz da manhã. Luz esta que chegaria em breve.

Arctur estalou os ossos do pescoço, ponderando o que faria.

Não podia negar: o novato o surpreendera na luta. Os olhos âmbar-sangue, um mistério a ser explorado. Poderia apenas deixá-lo para morrer ao sol. Arriscaria. Levantou afinal o camponês pelos cabelos, colocou-o sobre os ombros, entrou na casa e pegou o cesto com a criança. Uma reserva de sangue e um vampiro novato para se divertir. O nobre sorriu – a noite tinha sido perfeita.

† ‡ † ‡ †

– Cinco noites depois, aqui estamos – disse Arctur, saindo da cela. – Amanhã conversaremos mais. Bons sonhos.

CAPÍTULO TRÊS

William não sabia o que fazer, dizer ou pensar. Em determinados momentos não sabia se dormia ou se apenas vivenciava um pesadelo que se tornara realidade. O tempo não passava. Agora, um frio crescente amortecia a ponta dos dedos, congelava por dentro as entranhas. Precisava sair deste calabouço, saber se a família estava bem.

Na sua mente, os gritos dos camponeses transpassados por espadas voltaram a ressoar. Trovões longíguos anunciavam a chegada iminente da tempestade. Sangue banhava sua língua. O rosto se encontrava mergulhado numa poça rasa, vermelha e viscosa. William tossiu e cuspiu quase ao mesmo tempo, tentando se livrar do gosto adocidado metálico. Controlando-se para não vomitar, ele se sentou, raspando a mão na foice da família ao chão. Percebeu, então, um par de olhos azuis luzindo em sua direção. Sarah, sua irmã mais nova, jazia quase aos pés de um vulto na forma de homem. A irmã ainda respirava? Por um instante era tudo que queria saber. O demônio veio na direção dele, sem pressa, dando uma risada estridente de escárnio.

– AFASTE-SE DAQUI! – bradou William, avançando para cima do vulto com a foice em punho.

Antes que presenciasse o desfecho, se viu vagando sozinho pela noite. A fome crescente provocava ardência na garganta. Sem saber o porquê, tufos de pelos brancos ensanguentados grudavam-se aos dedos. Um coelho? Suas entranhas aceitavam o sangue que lambera das costas das mãos, mas isso não serviu para saciar-lhe a sede.

No instante seguinte, William, deitado no chão empoeirado, colocava as mãos sobre a garganta ainda queimando. Um homem pálido o encarava com

olhos que mais pareciam duas pequenas chamas verdes. Seria Lorde Arctur de Vernon? William, gargalhando ensandecido, atacou o inimigo. De repente, a vista embaçou e William se viu sentado na masmorra novamente.

Arctur estava diante dele, encarando-o ao abrir a porta da cela.

– Meu senhor, até quando ficarei acorrentado?

– Dizei-me primeiro: quem vos deu o dom da imortalidade?

William não sabia responder.

– Quem vos tornastes um vampiro? – voltou a perguntar Arctur mais impaciente.

– Pensei que o senhor pudesse me responder.

– Como fostes parar nas terras do barão Truman?

– Minha família mora naquelas terras desde que meu bisavô serviu ao primeiro Truman. Somos simples camponeses e venho de uma família de sete irmãos. Preciso encontrá-los. Saber se estão bem...

– Basta! – cortou Arctur, revirando os olhos. – O que houve na revolta?

– Lembro-me dos aldeões furiosos porque Lorde Truman aumentou a taxa de armazenamento do centeio no celeiro – respondeu William, colocando as mãos na cabeça. – Trabalhei nas terras do meu pai até tarde da noite, preparando a área para a nova semeadura, e depois desabar na palha sem jantar. Acordei preso aqui.

O nobre o encarava, talvez ponderando se William mentia ou não. Por fim, soltou um suspiro entediado.

– Só mais uma história importuna. Embora vosso criador tivesse obrigação de vos acolher, ele o abandonou para morrer ao sol. Mostrai gratidão, camponês, pois decidi tornar-vos meu pupilo! Ensinar-vos-ei tudo sobre a nossa espécie. Digo-vos logo: não gosto de insubordinações. Perco a paciência com olhares atravessados e já matei por menos que isso. Então cuida das palavras.

– Meu senhor, posso me atrever a fazer uma pergunta?

– Diga.

– Nunca vi o senhor antes. Afinal quem é você?

– Cheguei a poucas noites neste latifúndio. Para os mortais sou o primo do Barão Sian Malthus, o meu, e agora, vosso mestre. Acabamos de tomar posse das terras do récem-falecido Lorde Allot, um membro distante da família.

Arctur retirou um pergaminho rasgado do bolso.

– Tenho uma missão a cumprir e vós ajudareis – ordenou o nobre, desenrolando o documento. – Olhai!

Um escudo vermelho laureado por heras brancas onde um dragão vermelho se destacava ao centro do papel. Acima havia algo escrito, mas William não pôde entender.

– Já vistes isso antes? – indagou o lorde.

– Não, meu senhor. – respondeu, devolvendo o documento.

– Damsell – replicou Arctur. – Já ouvistes tal nome?

– Talvez – respondeu William.

Arctur cravou-lhe o olhar.

– De onde ouvistes este nome, camponês?

William apenas negou. Mentir não seria bom neste momento.

– Ouvi uma história da minha mãe sobre...

– Não quero histórias! – cortou Arctur, saindo da cela. – Não tenho motivos para confiar em vós.

– Serei mais útil fora daqui – disse William, antes que Arctur trancasse a porta.

– Tenho a eternidade para vos libertar, meu caro. Não faz diferença soltar-vos agora ou daqui há um ano – rebateu Arctur. – Qual garantia terei que não fugireis?

William fechou as mãos com força. A raiva latejava na cabeça.

– Quando eu regressar, proseamos mais – falou Arctur, dando as costas.

William precisava achar uma saída.

– Dou minha palavra que não fugirei – disse quase gritando. – Juro pela minha mão esquerda. E pela direita, se for preciso.

Arctur voltou. O rosto escondido nas sombras só mostrava o sorriso. Havia algo sinistro no lorde, algo maligno.

O vampiro levantou a mão e William a beijou a contragosto.

– Um juramento é diferente – falou Arctur, destrancando a porta e soltando os grilhões. – Venha, novilho! A noite está apenas a começar.

Teria William tomado a decisão certa? Preso agora por um juramento, somente o tempo lhe daria a resposta. Pelo menos, fora dali, poderia saber de sua família.

William andava arqueado no corredor estreito e baixo da masmorra, que acabava numa escada escavada na pedra. O lorde, ao abrir a porta no final, fez a luminosidade atingir os olhos de William como agulhas em brasas, obrigando-o a cerrar as pálpebras e cobrir os olhos com as mãos.

– Deveria ter vos avisado sobre esse problema – falou Arctur debochado, saindo do subterrâneo. – Podemos ver nas trevas absolutas, mas se não tomar cuidado as luzes vos cegarão.

– Como faço isso parar?

– O instinto nunca nos falha, novilho. Agora venha!

A vista ainda queimava, mas William se viu no interior da torre de madeira do castelo, tão alta quanto um pinheiro. O chão de terra batida sujava-

lhe os pés de preto. O som animado de uma orquestra ecoava pelas paredes circulares. O cheiro delicioso de pão assado e carne de porco cozida se alastravam. O lorde ignorou a porta de madeira de acesso ao primeiro pavimento, subindo a escada em espiral. Saiu no largo corredor do pavimento superior.

– Este castelo pertence ao nosso mestre: o barão de Karten, Sian Malthus. Nosso mestre homenagea hoje nosso novo suserano: o conde Henry de Bohun. Como se fosse possível vampiros serem fiéis a humanos – explicou Arctur desdenhoso, andando à frente. – O arcebispo Gamel também deu o ar da graça. Ia mostrar aos dois da maneira mais lenta possível, como a morte é igual a todos...

O estômago de William embrulhou ao ouvir este monstro falar sobre matar seres humanos apenas por prazer. Entretanto, a palavra “arcebispo” incendiava-lhe a alma de esperança. O alto membro da Igreja Católica saberia livrá-lo desta maldição.

– Preciso falar ao bispo, meu senhor! – disse William.

– Claro que não – respondeu o lorde, sem alterar a expressão. – Claro que não.

Tapeçarias retratando florestas e animais exóticos cobriam grande parte das paredes internas. Velas mal-cheirosas do tamanho de braços humanos pendiam em suportes de metal presos na parede. A luz tênue das poucas velas acesas tingia o ambiente ainda mergulhado nas sombras de amarelo. Frestas estreitas e compridas na parede externa permitiam a entrada de ar fresco e uma miscelânea de cheiros: esterco de cavalo, terra molhada, pães assados, fumaça, pena de galinha, suor, porco, carvão, madeira recém-cortada e outros que ele não identificou. A intensidade de odores, como ele nunca sentira antes, deixava-o tonto.

O chão de tábuas estalava a cada passo. As criadas reclamavam, o borbulhar da sopa, o crepidar da lenha queimando, o grunhir dos porcos, o bater de asas das corujas, o confundiam, precisando se apoiar na parede para não cair. O que estava acontecendo ali? Farpas agora espetavam os pés e ervas aromáticas misturadas à palha disfarçavam o forte odor de urina e fezes.

Um criado vinha apressado, carregando um lampião a óleo de cheiro

rançoso e arrastado por um bulldog robusto de expressão pouco amigável. O cão rosnou baixo e chorou ao avistar o Lorde. Arctur passou por eles, como se não existissem.

– Insisto, meu senhor, preciso me encontrar com o bispo! – disse William, de repente, em um tom mais elevado.

– Não ireis participar da festa, camponês. Não sois educado e vosso linguajar de plebe faria os nossos convidados perderem o apetite. Se ousar me desafiar, arrancarei vossa língua e vos largarei para apodrecer naquela masmorra!

William abaixou o olhar, praguejando contra o nobre em pensamentos. Sua esperança em se livrar da maldição estava na figura do bispo, presente na festa, ali, no pavimento inferior. Como convencer o maldito nobre à sua frente sobre este encontro? Acabara de sair da masmorra e não arriscaria voltar. Então, decidiu pelo silêncio.

Arctur entrava agora num cômodo grande o suficiente para caber dez casebres de camponeses. Pelo lugar espalhavam-se diversos baús e, encostados na parede lateral, dois grandes guarda-roupas – objetos que William só vira na marcenaria do burgo com preços que só os ricos pagariam. No meio do quarto, um garoto ali plantado, de repente, levantou a cabeça.

Arctur acenou para o garoto.

– Ficareis aqui, camponês. Este pajem vai tirar esses trapos imundos que chamais de roupa e vos vestir de modo apropriado. Ele tirará também este pelo da vossa face e dará corte decente neste cabelo ensebado.

O jovem pajem sentou William num banco, começando a aparar-lhe com uma navalha afiada.

– Quanto terminar, podeis banhar o corpo. Os criados já prepararam a tina – falou Arctur.

– Meu senhor, já tomei banho! – respondeu William exaltado quase cortando o rosto na navalha. – Seria pecado tomar outro em tão pouco tempo.

– Fale comigo neste tom novamente e cortarei vossa língua! Vosso estado

é deplorável – cortou Arctur, andando de volta para a porta.

– Mas é pecado...

– Que me importa? O fedor da pobreza impregna vosso corpo e não suporto isso. Não demoreis. Quando terminar minha criada vos conduzirá até a capela. Esperai por mim – e saiu.

O pajem voltou ao serviço, permanecendo em silêncio durante todo o tempo.

William sabia que o bispo poderia ajudá-lo e ele o procuraria, mesmo à custa da sua recém-conquistada liberdade.

De repente, o pajem se aproximou e puxou a camisa de William.

– O que está fazendo? – ganiu William, derrubando o garoto ao chão. Como um homem ousava tocar em seu corpo?

O pajem se levantou, sangrando no canto da boca. Apontou para a tina do outro lado do salão e depois para roupas estendidas em cima de um baú: uma blusa azul, uma calça castanho e um par de botas surradas.

William passou a mão sobre a roupa, estranhando a diferença das vestes de lã rústica costuradas pela sua mãe. Quando não cabiam mais no corpo, dava para o irmão mais novo, Alan.

– Sinto muito – desculpou-se para o espanto do garoto. – Apenas saia. Termino as tarefas eu mesmo.

O pajem deixou o aposento, fechando a porta.

William tirou a roupa, pedindo perdão a Deus pelo pecado prestes a ser cometido. Segundo os monges andarilhos, a sujeira do corpo aproximava o espírito do céu. Deixou a água banhar o corpo, esfregando primeiro o sangue a lhe impregnar. Ele pensava se aquilo podia ser sangue humano. Não queria pensar nisso. Neste momento, precisava estar perto do Altíssimo para se livrar da maldição de Lúcifer imposta sobre ele. Prometeu a Deus uma vida de castidade num mosteiro caso sua família estivesse bem e mil açoites nas costas durante a quaresma pelo resto da vida caso voltasse a ser normal. Mas agora o melhor

seria sair da tina e vestir roupas limpas.

Uma música animada por flauta e alaúdes chegava aos seus ouvidos, seguidos de passos cadenciados. Virou, então, o rosto e não se surpreendeu ao ver a criada cega na porta. O cheiro dela de alguma forma encravado na memória. O roxo ao redor da boca permanecia, mas o ferimento no pulso sumira como se a mordida nunca tivesse acontecido.

– Fui ordenada a conduzi-lo até o salão de jantar – disse ela pela primeira vez.

William seguiu-a, refazendo o percurso até as escadarias da torre. A porta do primeiro piso escancarada mostrava uma pequena capela. A cruz no alto da parede trouxe uma pontada de vergonha e paz ao pensar na promessa que fizera. Cada parede pintada com uma passagem bíblica: Davi e Golias, Jonas sendo engolido pela baleia e Jesus subindo aos céus. Todos homens crentes em Deus, usufruindo agora da vida eterna ao lado do Senhor. Ele ainda teria esse direito?

Uma luz forte atravessava a outra porta da capela, trazendo o som de homens conversando, sussurrando, gargalhando.

– O Lorde manda você aguardar aqui – disse ela indo embora.

William encostou-se à porta, à sombra da pilastra mais próxima, e observou o saguão de festas do castelo, maior que a câmara onde estivera a pouco. Toras em brasa crepitavam ao centro, iluminando bandeiras de família e imensas cortinas verdes a cobrir as paredes, aquecendo o triângulo de três mesas compridas e retangulares. Servos andavam apressados, arrumando a comida em uma das mesas. Assados de boi cheirando a tempero picante, com queijos, frutas, amêndoas torradas e mel para acompanhar. Uma fartura que ele só vira na festa de casamento do Lorde Truman e, mesmo assim, sua gente não teve acesso à comida. Na outra mesa, os cavaleiros bebiam cerveja em grandes canecos. Dois bulldogs rondavam, buscando restos de comida. Na terceira mesa, William avistou Arctur sentado ao lado dos barões da região.

Um senhor alto e robusto, beirando os quarenta anos, era agora o único a falar. O rosto quadrado de expressão severa portava uma barba cerrada suja de vinho. Os longos cabelos grisalhos caíam por cima da camisa de tecido misterioso, liso e brilhoso – de longe a roupa mais cara da festa. William já o vira antes: Henry de Bohum, o Conde de Hereford, senhor dos barões da região e

amigo pessoal da Vossa Majestade, o Rei John.

O arcebispo Gamel não era diferente dos nobres ali presentes: um senhor baixo e redondo, ostentando joias, como o anel de ouro maciço gravado com o símbolo da cruz. William fez o sinal da cruz, dando um passo para dentro da câmara. Sua esperança residia naquele homem e ele preferia arriscar tudo a continuar amaldiçoado.

De repente, um cheiro fétido de morte ainda pior que o exalado por Arctur encheu suas narinas. Como era possível os homens ali presentes não vomitarem frente a tamanho fedor? De onde vinha...?

Um par de olhos cinzas recaiu sobre ele – mais frio e mortal que a pior das nevascas. William estancou; não conseguia pensar em nada. Tudo ficou cinza. Sua alma parecia estar sendo tragada, desvendada, desmembrada. O pé quase pisou em falso ao recuar, mas não conseguia desviar o olhar.

O novo demônio tinha a forma de um homem magro na casa dos vinte anos. Os longos cabelos louros amarrados para trás como um rabo. O queixo erguido em um rosto fino sem nenhum traço de emoção, mais parecia uma estátua. Deduziu ser o Barão Sian Malthus, mestre do Lorde Vernon, senhor deste castelo.

– Barão Malthus, ainda não me respondestes onde estão as distintas senhoras que até agora me foram apresentadas – comentou o conde atraindo a atenção de Malthus. – Ou acaso ainda sois solteiros?

William fechou os olhos, sem fôlego. O que tinha acontecido?

– Minha esposa está em oração no convento de Hervey pela graça de fecundar um primogênito – disse Sian Malthus. – Meu primo ainda não encontrou uma moça decente para desposar, apesar dos meus esforços.

– Sois um belo exemplar, meu caro Lorde Vernon. – elogiou Henry de Bohun. – Jovem e forte! Espero que as distintas damas da região estejam ao vosso gosto.

– Tenho certeza disso – respondeu Arctur sorrindo.

– E vossa mão, barão? – perguntou o arcebispo Gamel, olhando para a

mão e o antebraço direito de Malthus, enfaixados com ataduras. – O que aconteceu?

– Uma complicação com um javali durante a minha última caça, mas vou sobreviver – falou Malthus. – Já o animal...

Todos brindaram ao javali morto.

William aproveitaria o momento para ir até o bispo e pedir-lhe proteção divina. Mesmo preso ao juramento e temendo a fúria do barão Malthus, ele tinha certeza que os vampiros nada fariam para revelar suas verdadeiras naturezas na frente de cavaleiros e do representante de Deus. Entretanto, ao dar o primeiro passo na direção do bispo, uma dor aguda perfurou-lhe o pescoço, como se uma adaga tivesse sido fincada na goela, obrigando-o a arquear, as mãos na garganta, e se ajoelhar ao chão. Tentou tossir, gritar, mas apenas um chiado rouco escapava da boca. Súbito, a dor cessou e William caiu sentado. Ele levantou o rosto e encontrou Malthus encarando-o novamente. William não mais se atreveria a desafiar os vampiros.

Ao terminar de beber, o conde repousou a mão sobre o ombro do arcebispo.

– Então, Vossa Excelência, quais assuntos tens a tratar no meu condado?

– Recebi uma carta do reverendo Eustacius relatando sobre forças demoníacas em Stanwell – respondeu o arcebispo em alto e bom tom.

Os aristocratas se voltaram para o representante da Igreja. Até mesmo os criados estancaram. Arctur conteve um sorriso que se formava no canto da boca.

O arcebispo chupou os dedos engordurados e pigarreou, encarando o conde.

– O pecado prevalece neste lugar, meu lorde. Os dízimos não estão sendo pagos pelas vossas senhorias aqui presentes – sibilou o arcebispo, tomando um generoso gole de vinho.

Os nobres desviaram o olhar. William sabia que os desgraçados aumentariam as taxas cobradas aos camponeses para pagar o dízimo. Parasitas malditos!

– O padre achou o cadáver do sapateiro na frente da igreja de São Pedro. Estava sem roupas e... o demônio marcou o peito do morto.

A elite medieval calou-se. Alguns fizeram o sinal da cruz; outros pareciam petrificados. Um silêncio pesado se alastrou pelo salão e William achou irônico o assassino estar sentado entre eles.

O barão Malthus encarou Arctur de esguelha. O mesmo olhar gélido dirigido a William. Lorde Vernon abaixou a cabeça, pegando a taça e bebendo um gole.

O bispo cobriu a boca com as mãos, tossindo forte.

– Mas não vos preocupeis – disse ele, limpando as mãos na batina. – Um homem de confiança virá. Lazarus é o nome da família. Se tiver de investigar vossos feudos, ele o fará, pois possui uma carta assinada pelo papa Inocêncio III para agir em qualquer propriedade dentro deste reino. Negar permissão significará traição punível com excomunhão.

Os olhos de Sian brilharam por um ínfimo instante. William teve a sensação que, nesse momento, os cães se afastaram ao máximo do senhor do castelo.

– O que um homem tão prestigiado pelo papa vem fazer no meu condado? – inqueriu Henry, coçando a barba.

– A família Lazarus tem tradição em solucionar problemas de natureza demoníaca – limitou-se a responder o membro da Igreja. – Como o crime aconteceu no burgo, venho interceder pela cooperação dos admistradores.

– Apesar de Stanwell estar em meu condado, o burgo não se encontra sob minha jurisdição desde que assinei a carta de emancipação há dez anos. Soube que o prefeito contratou uma guilda de guerreiros para melhorar a segurança do burgo desde o infeliz incidente – disse o conde, levantando a taça para lhe darem mais vinho. – Fico descansado ao saber que um especialista virá resolver o dilema.

– A culpa é dos camponeses de Truman – comentou o mais velho barão presente. – A revolta atraiu a atenção do demônio!

– Truman nunca conduziu com pulso firme vossas terras – retrucou outro barão. – Culminou em revolta. Nos últimos tempos é só isso que esses miseráveis fazem: reclamar, protestar.

– Farei um sermão especial sobre a pobreza existir por vontade da Santíssima Trindade – gracejou o arcebispo. – Esses miseráveis deveriam saber do vosso lugar junto aos animais. Vivem protelando em pagar os dízimos que eu não me surpreenderia se fossem todos condenados ao Inferno.

William parecia ter tomado uma bofetada no rosto. Quem era aquele homem? Ele lembrou-se do sermão de Gamel durante a quaresma passada no burgo de Stanwell. "*Meus irmãos, como membro da Igreja, sinto na pele o vosso sofrimento, mas digo-vos: o reino dos céus os espera. Então erguam as cabeças e trabalhem com todas as vossas forças, pois vossa recompensa se encontra lá no alto. Se os poderosos cometem injustiça nesta terra, pagarão por isso diante do Senhor Vosso Deus.*"

"Que Lúcifer então carregue este mentiroso para o fogo eterno" – pensou William. Como pôde se enganar? Este impuro jamais poderia ajudá-lo.

Dois nobres sugeriram um torneio de cavaleiros para a primavera seguinte. O barão mais velho se comprometeu a capturar um urso antes do inverno para que os nobres pudessem colocar os bulldogs treinados contra a besta selvagem. O arcebispo falou sobre a obrigação de confissão dos pecados uma vez ao ano, recém-aprovada no último decreto papal. A orquestra voltou a tocar os instrumentos, quando Arctur levantou.

– Vossa Senhoria – disse ao conde. – Peço licença para me retirar. Ainda não me recuperei da longa viagem que fiz ao atravessar o reino.

Todos na mesa aquiesceram com a cabeça.

Arctur veio ao encontro de William dentro da capela.

– Perfeito, camponês – elogiou o lorde. – Ninguém vos confundirá com a ralé. A partir de hoje mudarei vosso nome.

– Por que...?

– Uma pequena tradição da nossa espécie. Cortar os laços do passado é o

primeiro batismo de um vampiro. Então, neste momento, vos nomeio: William Brennan!

– Não quero...

– Repita este nome, camponês.

– William Brennan, meu senhor.

– Temos uma missão a cumprir, lembrai-vos? – disse Arctur, indo para a escadaria da torre.

– Meu senhor, posso me atrever a fazer um pedido? – indagou William.

– Diga – respondeu Arctur.

– Podemos visitar as terras do falecido Lorde Truman?

– Quer rezar pelo corpo do nobre?

– Que ele queime no Inferno! Quero ver minha família.

– Esquecei! – cortou o lorde. – Mesmo que tenham sobrevivido, o que fareis? Sois um vampiro! Nada pode mudar isso. Faça um favor a vossa família, esquecei-vos deles.

Arctur retornou ao cômodo do pavimento superior, trazendo dois mantos negros. William vestiu um deles. Um novo trajeto e um lance de escadas conduziu-os à cozinha no primeiro pavimento.

– O passado fica para trás – finalizou Arctur, saindo pela porta dos fundos.

As brasas rubras queimando no fogão lembravam a William as chamas da revolta. Seria melhor esquecer sua origem? Ele pressentia que sua família precisava dele. Mesmo amaldiçoado ainda era o William Stow de antes. Judith, sua mãe, nunca o renegaria. Acharia um jeito de voltar para casa.

CAPÍTULO QUATRO

William, ainda caminhando ao lado do mestre, mirava o céu. A noite escura e fria envolta em nuvens pesadas refletia o atual estado de sua alma. Trovões anunciavam uma tempestade para breve. Dentro dos altos muros, o castelo de madeira maciça se erguia poderoso. Sob a luz fraca de lampiões, criados recolhiam ameixas no pomar. A cena trouxe-lhe a doce lembrança de Sarah, em cima da ameixeira perto de casa, pegando as frutas maduras para fazer compota. Inúmeras vezes chegava em casa cansado, e sua irmã o presenteava com uma ameixa, sem o restante da família saber. Queria apenas saber se todos estavam bem. Por que não conseguia se lembrar da revolta? William baixou a cabeça e respirou fundo. Os trovões pareciam agora repicar na cabeça dele. Rezou em silêncio pela segurança da família.

Logo que se afastaram da praça do castelo, para sua surpresa, Arctur lhe enfiou um saco na cabeça afirmando que, por ali, havia uma passagem secreta. Nem mesmo o juramento que William fizera seria suficiente para o nobre confiar em deixá-lo ver onde se escondia a entrada do túnel.

Quando a brisa fria trouxe de volta o cheiro de terra molhada, já haviam andado por certo tempo. Poucos passos depois, Arctur já lhe arrancava o saco da face, mas a escuridão permanecia, como se William não pudesse mais enxergar no escuro. Seus olhos logo formigaram, não tardando a lhe revelar os tons verde e cinza da floresta à sua frente de árvores secas. De súbito, uma ideia veio-lhe à cabeça. Pensou que se fosse útil na missão do nobre, poderia barganhar sua ida às terras do Lorde Truman.

Arctur agora seguia pela mata, pisando firme no espesso tapete de folhas secas.

– Percebi vossa tentativa de vos aproximar do bispo – disse Arctur de costas para William.

– Pensei que o arcebispo descobriria a verdade sobre vocês – comentou William. – Talvez ele pudesse me livrar desta maldição...

Arctur encarou William antes de explodir numa longa e debochada gargalhada.

– É impossível – disse o lorde, continuando seu caminho. – Já ouvi histórias de homens que vêem a essência do mal, mas vos digo: os padres não podem.

– O arcebispo, com certeza, não! – rebateu William. – Talvez outros possam...

– O tempo vos mostrará, tolo camponês. Identificar alguém da nossa espécie é difícil para a maioria.

– Alguém pode...?!

– Caçadores – respondeu Arctur. – Lazarus, por exemplo, é um nome conhecido. Cruzar com eles, meu caro, é morte quase certa.

Quando chegaram às margens do rio, Arctur disse:

– Ah, veja! – apontou. – Chegamos.

O rio lutava para arrancar um bote preso por amarras a estacas carcomidas. O lorde subiu ao barco, sinalizando para William o seguir. Quando os dois, já no barco, puxavam as amarras, gotas de chuvas e pequenos grãos de gelo começaram a cair.

– Perfeito – disse Arctur, entregando os remos a William. – Iremos rio acima!

– Impossível – respondeu William, encarando as águas revoltas.

– Apenas faça – rebateu o nobre.

William remou, temendo ser tragado pela águas turbulentas. Entretanto, o bote deslizava como se estivesse num lago calmo. A chuva e o vento pioravam. Arctur, sempre em silêncio, parecia ignorar tudo aquilo.

– Ainda podemos comer? – perguntou William, de repente, ao se lembrar, no meio da tempestade, da mesa farta da celebração.

– É claro, mas precisarias comer por doze homens para vos manter de pé.

– Então é possível?

– Não, camponês. A sede por sangue humano nunca será saciada. O resultado será um vampiro insano e incontrolável, um resquício de vós.

O tom dizia que a conversa terminara, mas William ainda precisava falar.

– Meu senhor, não gosto de ser inconveniente, mas insisto em visitar as terras do Lorde Truman.

Arctur fechou o cenho.

– Já resolvemos isso, não é mesmo?

– Como ficarei em paz sem saber se minha família está bem?

Arctur bufou e o encarou sério.

William, então, permaneceu calado o resto do tempo. Não adiantaria insistir por agora.

– Façamos o seguinte – disse Arctur, de repente. – Não prometerei nada, mas se fôreis útil nesta missão, poderei rever minha opinião.

– Farei qualquer coisa! – falou sem pensar, quase se permitindo sorrir.

Mas não o fez. Queria apenas acordar, descobrir que tudo não passara de um terrível pesadelo. Talvez a revolta nunca tivesse acontecido. Talvez essa criatura assassina, impiedosa e imortal chamada Arctur de Vernon não existisse. Talvez sua mãe estivesse cozinhando a janta, esperando pelo marido e filhos

voltarem cansados da colheita. Entretanto, William sabia que aquele pesadelo era tão real quanto a chuva molhando seu rosto.

Quando um clarão iluminou, ao longe, os muros do burgo de Stanwell, William ainda remava. A antiga torre do castelo do conde apontava para os céus, desafiando a tempestade.

William lembrou-se das vezes que fora à Stanwell acompanhando o pai e os irmãos mais velhos para trocar lã, ovos, manteiga e queijo por utensílios, e também das idas da família à famosa feira anual de São Jorge, onde artistas encenavam a luta entre o santo e o dragão. A última vez havia sido há semanas, mas parecia que anos se passaram. A longa e cansativa viagem em grandes grupos sempre valia a pena. Desde criança se assombrava com a cidade, o aglomerado de pessoas vivendo juntas, apertadas. O comércio fluindo, trazendo, levando viajantes aos confins do mundo. Bravos aventureiros exploradores de terras misteriosas em busca de riquezas em uma vida cheia de perigos e recompensas. William os invejava, sonhando também viajar livre pelo mundo. Contudo, camponeses não foram feitos para aventuras ou sonhos, mas para plantar, cuidar dos animais, colher, sempre presos a terra onde nasceram; uma reles ferramenta do senhor feudal, como sempre dizia seu pai.

Agora, próximos do burgo, era quase possível tocar o estreito arco de pedras no muro que atravessava o rio. No alto, os guardas resmungavam da chuva, clamando a Deus para que afastasse a Sua divina fúria do burgo.

– O que afinal vamos fazer? – sussurrou, por fim, William.

– Cala-te! – ganiu Arctur, olhando para o alto.

William levantou a cabeça. O que aqueles dois guardas apoiados na beirada estariam fazendo, olhando para baixo, na direção dele? Um calafrio percorreu-lhe as costas. Já ia levantando a mão para avisar Arctur do fracasso do plano quando um relâmpago caiu perto dali, afugentando os vigilantes. A princípio não entendeu como os guardas não deram o alarme da embarcação, depois percebeu, afinal, que a escuridão e a chuva os ocultavam dos homens.

Ao passarem pelo arco de pedras, pequenos pontos brilhantes salpicaram na escuridão. Provavelmente luz das tochas escapando pelas frestas das casas.

Arctur pigarreou ao passarem por baixo da única ponte do burgo.

– Em breve chegaremos ao porto. Com essa tempestade desabando, ninguém notará nossa presença. Não poderia ser mais perfeito.

– Meu senhor – disse William. – A curiosidade em saber porque estamos aqui ainda me inquieta.

– Buscamos um representante do brasão que vos mostrei. Vivo, morto, não importa. Vieram de uma família nobre desaparecida e a resposta pode estar aqui em Stanwell.

– Em Stanwell?! Mas, se eram nobres, a resposta não deveria estar nos latifúndios?

Arctur parecia entediado, nada respondeu. Não demoraram a alcançar o porto do burgo, onde barcos pesqueiros atracados em estacas margeavam do rio.

Arctur pulou na água e ordenou a William arrastar o bote para fora da água. Logo se esgueiravam pela zona portuária, longe do olhar de guardas, carregando tochas cujo fogo quase se extinguia com a chuva.

– Vamos visitar a igreja, camponês – falou Arctur, ajeitando o capuz sobre a cabeça e entrando ao lado da taberna perto do porto.

– Irá invadir a morada de Deus? É impossível para impuros como nós! – falou William logo atrás. – A Santíssima Trindade jamais permitirá!

– Ficarás surpreso em saber que nada nos deterá, meu caro. Deus até poderia me deter, mas Ele não vai. Nem Ele, nem o restante da Santíssima Trindade.

– Mas...

Arctur agarrou William pela gola.

– Essa conversa me irrita, camponês – ganiu o nobre, encarando-o. – Quer me impedir de invadir o vosso templo sagrado? Rezai a Deus! Veremos o que acontece.

Arctur o largou.

– O que pretende fazer? – perguntou William entredentes.

– No passado, a única igreja desta região ficava perto do castelo do conde. Os registros de batismo, casamento e óbito dos antigos nobres talvez ainda estejam guardados nessa igreja. Adivinha onde fica esse templo de adoração divina? Isso mesmo, meu caro. Bem aqui neste burgo.

Não havia ninguém à vista nas ruelas – a tempestade deveria ter espantado os homens de bem para suas casas. William imaginava o que Arctur faria se encontrasse alguém andando sozinho e a resposta ele logo saberia. Um mendigo dormia ao chão à frente, tão sujo que a chuva formava lama em volta da pele. Um dos braços apresentava uma ferida purulenta e fétida. Arctur caminhava em direção ao homem.

William não sabia se podia deter o nobre de matar este infortunado. Ainda assim, preparou-se para atacar Arctur pelas costas quando Arctur, a dois passos do mendigo, apenas cuspiu no rosto do infeliz.

– Que a morte o carregue para o Inferno – disse sorrindo, mas o humano ainda dormia.

Seguiram por outras ruelas até avistarem a torre do sino em destaque mais ao longe.

– Obrigado – disse William.

– Por que me agradeces?

– Por deixar o maltrapilho viver.

– Aquilo já estava morto – respondeu Arctur saindo na praça em frente à igreja. – Ficai aqui, aguardando meu retorno. Mantei-vos longe dos olhares humanos.

Para a surpresa de William, Arctur saltou, pousando na metade da torre – algo como a altura de três homens.

William rezou a Deus para que não permitisse a profanação da Igreja de São Pedro. Que um raio ou uma ventania derrubasse o nobre, mas Arctur escalava a parede, ágil como uma aranha, logo esgueirando-se para dentro da

torre. O nobre virou-se, sorrindo e gesticulando para William, como se perguntasse quem o impediria agora. Então desapareceu na escuridão.

William não podia acreditar. Por que a Santíssima Trindade permitia que criaturas malignas como Arctur caminhassem sobre a terra? Haveria um plano para seres como ele?

William agora esperava.

A chuva ainda caía sem dar sinais de trégua, lavando o cheiro pestilento do burgo. Ninguém nas ruas. Até os animais aquietaram-se. Nesse instante, William teve a sensação de ser seguido. Ele girou o corpo, observando cada canto obscuro, mas não encontrou nada ameaçador. Ainda assim a sensação o incomodava, martelando na cabeça. Uma sombra se moveu, de repente, entre as árvores da praça. Teria sido o vento? William foi em direção à praça. Mesmo na escuridão, teve certeza de ver o contorno de alguém no alto da árvore. O que era aquilo? Naquele momento, Arctur pousou no chão portando um olhar irritado.

– Vamos embora daqui! – exclamou, respirando alto.

– Tem alguém ali – disse William.

Arctur observou, então, as árvores.

– Nada vejo – respondeu o nobre.

– Vi alguém, tenho certeza!

– Ainda não estais acostumado a ver o mundo com os olhos de vampiro – falou o nobre. – Vamos nos divertir. Mereço, depois de todo este esforço. Como sois um cristão fervoroso, deixei um presente para os padres em vossa homenagem – avisou ele com seu sorriso rasgado, caminhando para a escuridão da ruela.

William virou-se de frente para a igreja, fazendo o sinal da cruz como de costume. Uma forte luminosidade escapando das entranhas do lugar sagrado irritou seus olhos. O cheiro irritante de fumaça preenchendo o ar. Alguém gritou.

William não podia acreditar.

“Meu Deus” – pensou aturdido. – “Quão insano era aquele vampiro? Até quando Arctur continuaria impune?” Será que Deus não se importava? William estapeou o próprio rosto como punição por tal sacrilégio. Pediu perdão em pensamento.

Súbito, William se viu sozinho. Talvez fosse o momento ideal para fugir. Bufou. Mesmo estando amaldiçoado agora, sua palavra sempre valeria. Virou-se, entrando na mesma ruela em que o nobre adentrara.

CAPÍTULO CINCO

William seguia, em silêncio, Arctur pelas ruelas do burgo. Música animada vinha da estalagem do Smith, uma construção isolada perto da estrada principal do burgo, onde os forasteiros encontravam cerveja barata, um prato quente de comida e descansavam depois de longas viagens. Prostitutas sempre rondavam, oferecendo diversão em troca de moedas, transformando a estalagem no templo sagrado da luxúria de Stanwell. Jeremy, seu pai, o levara a esta estalagem meses atrás para ensinar-lhe sobre a vida.

– Que viemos fazer aqui neste antro, meu senhor? – sussurrou William, depois de Arctur bater na porta, oferecendo uma moeda de prata ao porteiro.

Não houve mais obstáculos para a entrada dos dois.

– Diversão, camponês. Sinta o cheiro de bebidas e mulheres! Nada me alegra mais – respondeu o nobre, retirando a capa molhada e entregando-a para a loura de generoso decote.

Tochas presas em suportes nas toras iluminavam a imundice do lugar. William torceu o nariz frente ao cheiro forte de suor, ratos e álcool. Homens sentados em banquetas espalhadas pelo lugar riam, conversavam e bebiam. Mulheres louras e ruivas, altas e baixas, magras e corpulentas, serviam cerveja, acariciando o rosto dos homens, deixando-se serem tocadas e mostravam os seios por moedas. Ao fundo, atrás do balcão de madeira, um homem barbudo, gordo e suado os encarava como se perguntasse o que faziam ali. Arctur caminhou até lá, retirando mais três moedas de prata e depositando-as devagar na frente do barbudo.

– Um quarto – disse o nobre. – Mas antes desejo ser servido pela melhor

das jovens.

– Será uma honra – respondeu o barbudo com o olhar cravado nas moedas.

William e Arctur se sentaram na mesa próxima ao centro da estalagem onde três mulheres cantavam uma melodia alegre. O nobre pediu o melhor vinho da casa e, logo, uma jovem ruiva de vestido curto, deixando parte dos fartos seios à mostra, aproximou-se sorridente com dois canecos.

Diante de tamanha beleza, um calor repentino aqueceu as entranhas de William. Seus olhos permaneciam fixos no balançar dos seios dela. Imaginou como seria bom descansar nos braços desta mulher e esquecer a desgraça que a vida dele se tornara.

– Vossos olhos não escondem o desejo – disse Arctur. – Excelente, meu caro. Existe um modo de atenuar o frio eterno de nossas almas. Consumo carnal é outro alimento tão bom quando sangue.

– Não seguirei pelo caminho do pecado – respondeu William.

– Sois previsível demais, camponês. Isso nem será um desafio.

A ruiva deixou os canecos de vinho em cima de banquetas próximas. Arctur sorriu.

– Quando pedi pela melhor, não esperava ser agraciado com tamanha beleza. Qual o vosso nome?

– Mary, meu belo senhor – respondeu ela, retribuindo o sorriso.

Os lábios carnudos daquela boca esquentavam ainda mais as entranhas de William. Um bolo se alojou na garganta como se uma pedra estivesse ali entalada.

– Me concedeis uma dança? – perguntou o nobre, estendendo uma moeda.

Ela assentiu e os dois seguiram ao centro da casa. A forma como o lorde executava os passos da dança popular causava admiração e inveja nos outros

homens. No fundo da pocilga, três rameiras cochichavam com a mão na frente da boca, mas William ainda ouvia.

– Aquele homem tem o rosto de anjo – sussurrou uma delas.

– Olhem as roupas caras! Viram o anel de ouro?

– Com esse rosto, esses cabelos ondulados, eu não cobraria nada dele. Mary sempre foi mulher de sorte.

– Se tivesse sorte não estaria aqui.

William cerrou os dentes, mantendo o olhar centrado no casal. Talvez fosse melhor assim. Não precisava desgraçar ainda mais sua alma, caindo nas garras da luxúria.

William rezava quando Arctur sussurrou próximo do ouvido de Mary, algo que William não escutou, mas fez a ruiva rir com doçura. Ele desviou o olhar para o caneco de vinho.

Mal a música terminara, a ruiva caminhou para as escadas. Arctur voltou à mesa.

– Gostastes da ruiva, não? – perguntou sorrindo.

– Ela é uma prostituta... – rosnou William. – Isso é pecado mortal!

– Pecado é um conceito humano, camponês. Somente os mortais temem o julgamento de Deus. Regras de moralidade não se aplicam a nós. Estais morto! Não precisais mais cultivar a terra para sobreviver ou perder tempo ouvindo as baboseiras dos padres. É tempo de desfrutar dos prazeres da carne.

– Heresia – respondeu William.

Arctur alargou o sorriso.

– Já notastes como a Igreja condena tudo que é bom? Não toque, não prove, não deseje, não pense! Tais regras, é óbvio, não valem para os ricos, nem para o alto clero. Vistes o arcebispo no jantar? Ouvistes vossas palavras cruéis contra os pobres que ele jurou cuidar? Reparastes nas joias dele? Se ele vendesse

aquele ouro, bancava um jantar para todos os pobres deste burgo. O que me dizeis disso?

– O fato de o arcebispo ser um maldito pecador não significa que a Igreja seja corrompida.

– Por que nenhuma força superior me impediu de entrar e colocar fogo na casa de Deus? Um raio e eu já não estaria mais aqui. Agora venha, camponês! Vamos nos divertir um pouco.

– Se possível gostaria de ficar aqui, esperando pelo senhor – disse William com os punhos fechados.

– Nem pensar! – respondeu Arctur erguendo-se. – Levantai e suba!

Mesmo contrariado, William obedeceu.

As palavras venenosas de Arctur faziam seu efeito. Por que os céus não protegeram a igreja? Será que nenhum padre poderia deter Arctur? Haveria verdade nas palavras do vampiro? Se as amarras da sociedade não o prendiam mais, significava que ele não tinha mais senhores. Era livre! Ninguém para lhe dar ordens, ninguém a servir. Afastou tais pensamentos – não jogaria fora tudo que aprendera por causa das palavras peçonhentas de Arctur.

William foi atrás do lorde escada acima, seguindo-o pelo corredor estreito do segundo pavimento e entrando no quarto de porta entreaberta, de onde escapava o doce som de duas risadas femininas. Ao contrário do que esperava, entrava num quarto luxuoso com direito a uma cama de sacos de pano perfumados, iluminado por velas em castiçais de cobre. Muito diferente do alojamento comunitário dos fundos que cheirava a excremento de porcos, onde ele e o pai se enfiaram na primeira vez que fora lá. Panos encardidos caíam do teto, permitindo apenas a visão parcial do aposento. A tempestade soprava vento frio entre as frestas da parede com tamanha força, que a estrutura tremia como se fosse desabar a qualquer momento.

William pressentiu que a tentação seria forte o bastante para dobrar-lhe a vontade quando viu Mary sair detrás dos panos com um sorriso de derreter ferro. Lembrou-se das palavras do vampiro sobre o prazer carnal saciar a sede de sangue. Valia a pena testar.

– Meu belo senhor, minha amiga o espera – disse ela ao nobre.

– Excelente – respondeu Arctur, colocando duas moedas no decote da ruiva e sumindo do outro lado dos panos.

Mary andou devagar até William. Os olhos castanhos dela brilhavam, fitando-o de alto a baixo, deixando-o sem ação. A ruiva pegou a mão dele, beijando, mordiscando.

– Vou cuidar de você – disse ela, abraçando William por trás.

Seu peito foi invadido por um calor intenso como brasa, dissipando suas preocupações. Ele se virou, surpreso com os lábios de Mary junto aos seus.

– Você está gelado – comentou Mary sorrindo, enquanto acariciava-lhe o pescoço. – Mas não se preocupe, vou aquecer você a noite inteira.

Ela deitou-se na cama, sorrindo maliciosa, puxando o curto vestido para cima. William abraçou a mulher, ávido pelo calor dela. Beijou os lábios, o pescoço, o colo.

– Você é a mulher mais linda deste mundo! – elogiou ele, fazendo-a sorrir.

William puxou devagar o vestido, expondo os seios fartos de pequenos bicos róseos. O gosto, o cheiro, a maciez da pele – tudo nela era perfeito. Não podia mais aguentar. Ele retirou a blusa, os sapatos, a calça e deitou-se ao lado da ruiva, acariciando primeiro a cintura fina e, depois, as volumosas coxas. Ele, então, a segurou firme, abrindo-lhe as pernas.

– Você é forte – sussurrou ela.

William acariciou os seios dela. A outra mão subia pelo interior da coxa, devagar, o calor da virilha dela irradiando-se pelos seus dedos. Ele posicionou-se sobre ela e a penetrou como um animal no cio. Ambos gemiam, entregues ao prazer. O coração morto de William pulsou uma única vez, emitindo um calor agradável pelo corpo. Ele sentia-se vivo de novo. Não queria que essa sensação acabasse. Não era justo!

– **Nunca é justo!** – disse a mesma voz bestial que ouvira na masmorra

momentos antes de morder o pulso da criada de Arctur.

William se levantou. De onde vinha esta maldita voz?

– O que foi? – perguntou a moça.

– Escutou isso?

Neste momento o quarto mergulhou nas trevas.

Quando William voltou a si, sangue empapava sua língua, os caninos afiados fincados no pescoço da ruiva. Ele levantou da cama como se despertasse de um pesadelo. Sangue pingava das suas mãos trêmulas.

Mary mal respirava, lágrimas escorrendo pelo rosto, misturando-se com o sangue, que escapava do pescoço. Os olhos castanhos o encaravam, perdendo aos poucos o brilho da vida. Os lábios agora roxos se moviam, mas não emitiam som.

William se agachou ao chão, cobrindo a cabeça de vergonha. Não queria acreditar que tentara matar Mary. O que aconteceu? Deus, o que fizera!? Talvez o suicídio fosse a resposta para alcançar a paz que tanto almejava. Entretanto, o suicídio iria contra tudo que acreditava: sua alma seria condenada ao Inferno. Mas, no fim não seria isso que aconteceria? Como sua alma poderia ser perdoada após este ato? Como ele poderia encarar o pai nos olhos agora? Envergonhara o nome da família. Arctur tinha razão quando falava em deixar o passado para trás. Ele o faria depois de descobrir se sua família estava viva.

Ainda nu, Arctur entrou no quarto. Sorrindo, o vampiro aproximou-se da ruiva.

– Sabia! O sangue da serviçal não iria sustentar-vos. O sexo sacia o vício, ainda mais quando acompanhado de sangue.

– Podemos salvá-la...?

– Ela já está morta – cortou Arctur.

William queria garantir pelo menos um enterro digno à meretriz. Não esperava por perdão divino, mas pensava ser o certo a fazer. Nisso, uma

prostituta loura, enrolada num lençol, saía do mesmo lugar em que viera Arctur.

– Meu senhor, por que saiu...? – dizia ela graciosa antes de esbugalhar os olhos, recuando, levando as mãos à boca, ao se deparar com a ruiva estendida na cama com uma poça vermelha ao redor da cabeça.

Arctur gargalhou ante a face de terror da mulher. Um trovão estourou ao lado da estalaria como se o Altíssimo em Sua fúria desafiasse o nobre. Ele aproximou-se dela devagar.

A loura tropeçou e caiu ao chão. Nesse momento, o lorde apareceu na frente dela, tampando-lhe a boca com tanta força que o osso estalou. A outra mão deslizou para o pescoço. Lágrimas escorriam pelo rosto da rameira.

– Não, minha cara – sussurrou ele, próximo do ouvido dela. – Assim serei obrigado a matar-vos. Não queremos isso, não é mesmo?

Ela lutava para se livrar do estrangulamento. Arctur ria com gosto: um diabo no seu Inferno particular. O barulho não parecia importar para ele, afinal, quem iria ouvir com a tempestade desabando lá fora? Os caninos brotaram, o brilho esmeralda demoníaco surgia.

– Observe, camponês – disse Arctur. – Nesse momento singular diante da morte, todos os humanos são iguais. Veja o brilho apagando nos olhos dela. A morte é uma verdadeira obra de arte – finalizou Arctur, cravando os caninos no pescoço da loura.

William não conseguiu impedir mais essa matança. A palavra *assassino* ecoando incessante em seus pensamentos. Ele caiu de joelhos, as mãos cobrindo a cabeça. Queria desaparecer, ser punido, morrer. Um vazio engolia as entranhas como se a alma não existisse mais. Por que Deus permitia aquilo?

– Levantai-vos, parvo! – ordenou Arctur, limpando a boca suja de sangue nos lençóis.

William não se mexeu.

– O Altíssimo não se importa com vosso remorso – sibilou Arctur. – Agora, levantai-vos e pegai o cadáver desta mulher!

William permanecia parado.

Arctur levantou o corpo da loura sobre os ombros, sujando o peito nu de sangue.

– LEVANTAI-VOS, CAMPONÊS! – vociferou ele.

William obedeceu sem mais convicção para discordar. Foi até a cama e carregou a ruiva. Queria apenas levá-la à Igreja de São Pedro, encomendar a alma dela a Deus.

– Vamos! – ordenou Arctur, saindo do quarto com a loura e descendo as escadas.

No pavimento debaixo, homens ainda bebiam, jogavam dados ou apenas conversavam, mas não demorou para que cada um deles se voltasse para o nobre nu descendo com a loura ensanguentada. O tempo congelou. Canecas no meio do caminho para a boca, a música cessara, casais boquiabertos não se mexiam.

O lorde de Vernon abriu espaço entre os homens, depositando a loura em cima da primeira mesa. William fez o mesmo com a ruiva.

– Estão mortas – disse Arctur cabisbaixo, quebrando o silêncio.

O homem do bar se aproximou, o semblante preocupado.

– Como...? – perguntou horrorizado.

Arctur o fitou de alto a baixo. Depois encarou cada mortal ali presente. Já não eram tantos, apenas quinze pessoas, talvez por causa da madrugada, talvez por causa da tempestade.

– Um monstro fez isso – disse Arctur.

– O mesmo demônio que matou o sapateiro? – indagou o barbudo.

– Tenho certeza de que foi o mesmo – respondeu o nobre.

– Como ele é?

– **Parecido comigo** – respondeu Arctur gargalhando alto, deixando as

presas afiadas à mostra.

Arctur levantou, então, dois homens pelo pescoço como se fossem bonecas de pano. A seguir, puxou-lhes a moela para fora, deixando-os agonizando ao chão. Arctur lambeu as mãos sujas de sangue sem pressa, sorrindo diante do grito das mulheres. Os homens se levantavam, partindo para cima do vampiro com facas e banquetas em punho. Que chances teriam, se já estavam bêbados, mal se aguentando em pé?

– Morra, cria do inferno! – ganiu um homem, correndo na direção do lorde com uma banqueta nas mãos.

No momento do golpe, Arctur segurou a cadeira com apenas uma das mãos, puxando o homem.

– **Não hoje, inseto. Muito menos por vossas mãos** – disse ele, atravessando o peito do mortal com a outra mão e arrancando o coração ainda pulsante.

O sangue escorrendo pelo antebraço do vampiro dava-lhe um aspecto ainda mais diabólico. Arctur arremessou o cadáver contra outros três homens armados com facas, derrubando-os. Arctur gargalhou.

– **É somente isso que podeis me oferecer? Hoje, a morte chega para vos arrastar ao inferno. Todos, sem exceção** – disse o nobre, encarando as mulheres e passando a língua nos lábios.

Arctur, então, em um movimento rápido, se esquivou dos socos desferidos por dois homens. Derrubou, a seguir, os oponentes, bastando um murro na barriga de cada um para fazê-los vomitar sangue. Antes que pudessem levantar, Arctur afundou-lhes o crânio no chão com um estalo seco. Da cabeça esmagada, jatos de sangue jorravam.

Uma meretriz correu em direção à porta dos fundos, mas Arctur arremessou a banqueta mais próxima, acertando-a no pescoço. A mulher não mais se levantou. Pavor se estampava no rosto dos homens restantes. Talvez tivessem notado que não venceriam o monstro. Alguns clamavam em nome de Deus a expulsão do vampiro do prostíbulo, outros choraram ante o derradeiro momento.

William recuou. A carnificina, o som de ossos quebrados junto ao choro das mulheres martelavam na cabeça. A sanidade beirava o abismo.

Encolhida no canto, a última sobrevivente chorava, abraçando os joelhos, rezando por um milagre. Arctur caminhou até ela a passos lentos, estalando o pescoço. A meretriz apenas fechou os olhos. O nobre fincou os dedos no pescoço dela, puxando a moela para fora. Mais sangue banhou a pele nua do nobre. Arctur levantou a moribunda e cravou-lhe a mandíbula na barriga, sorvendo o sangue em grandes goles ruidosos.

Sem que Arctur percebesse, um dos homens levantou devagar do chão, retirando uma espada curta da bainha. O rosto empapado de sangue carregava duas cicatrizes novas e recentes, mas William ainda o reconhecia: Sir Eric Trowler – um dos cavaleiros do falecido nobre Truman. Um acontecimento em particular ficara gravado na mente de William, quando dois invernos atrás Trowler apareceu, de repente, na casa da família e fincou uma faca na mão de Nathan, o irmão mais velho. Queria lembrar a família Stow da dívida com o barão. O cavaleiro levou dois leitões como pagamento e uma semana se passou para que seu irmão mais velho pegasse na foice de novo.

Matá-lo seria fácil agora.

Sim! – sibilou uma voz gutural no ouvido dele.

William recuou. Agora tinha certeza de ter ouvido a voz animalesca, mas onde? Não havia ninguém vivo perto dele. As pernas perderam o equilíbrio e ele caiu por cima da mesa, derrubando pratos e canecos.

– **Sois uma desgraça para a nossa raça, camponês** – disse Lorde Vernon, virando o corpo e percebendo tarde demais a lâmina afiada de Trowler vindo a ele.

O corpo da prostituta tombou ao chão com o antebraço decepado de Arctur ainda agarrado ao pescoço. Nenhum sangue vertia da ferida do nobre.

Os olhos de Arctur brilharam ao encarar o cavaleiro. O vampiro parecia um animal acuado, mas ainda perigoso. Um grito bestial escapou da garganta como uma fera prestes a atacar. Antes que pudesse fazê-lo, teve a barriga perfurada. Um filete de sangue negro escorreu pela lâmina do Sir.

– Parece que até o lendário arauto do Demônio pode ser vencido – falou Trowler.

Talvez pensasse que as lendas sobre tais cadáveres ambulantes fossem exageradas. Talvez pensasse que o vampiro fora mortalmente ferido. Talvez já se visse como o novo herói do burgo.

Se Arctur tombasse, William estaria livre para voltar à sua terra. Antes que a esperança inundasse a alma de William, Arctur acertou o queixo do cavaleiro, produzindo um estalo como um graveto sendo quebrado e arremessando Trowler de encontro à parede. O humano tossiu, cuspindo sangue e dentes.

– **Como um verme insignificante ousa me humilhar?** – sibilou Arctur, puxando devagar a espada cravada na própria barriga.

Trowler puxou uma faca do cinto, mas antes que arremessasse, Arctur apareceu à frente dele, quebrando-lhe o pulso com outro estalo seco. O humano berrou, largando a arma.

– **Onde está vossa valentia agora, inseto?** – questionou Arctur. – **Não se mata o que já está morto.**

Lorde Vernon catou a faca no chão e a cravou no olho esquerdo de Trowler. Girou a lâmina devagar, saboreando o sofrimento do humano até que a vida se apagasse por completo.

– **Deixei a raiva me cegar** – disse Arctur desapontado. – **Não sobrou ninguém para nos divertirmos.**

William ignorou o lorde e pegou o corpo de Mary no colo. Já Arctur, ainda agachado, perfurou o peito do cadáver com a mão, trazendo o coração ensanguentado para fora. Ele, então, caminhou para a última prostituta morta, pegando de volta sua mão decepada. Arctur esfregou o coração na ferida do braço e encaixou a mão no lugar como se quisesse a pregar de volta. Ficou parado por alguns instantes e soltou.

William não conseguia acreditar. A mão antes decepada do nobre se encontrava com a pele macilenta e envelhecida, mas presa ao braço como se o corte não tivesse acontecido. Arctur levantou a mão. Os movimentos dos dedos

eram mínimos, pareciam dolorosos.

– Maldição! Levará dias para voltar ao normal! – disse o nobre, cerrando os dentes. – William, larga este maldito cadáver!

– É isso que somos?! Assassinos?! – desafiou William.

– É a nossa natureza, camponês! – respondeu Arctur. – Responde-me: choravas quando matava porcos ou galinhas?

– Olhe à volta, meu senhor! – sibilou William. – Não são porcos nem galinhas! São homens, feitos à semelhança de Deus, e você não os matou para se alimentar.

– Eles morreram por vossa causa – disse Arctur sorrindo. – A morte da prostituta obrigou-me a eliminar testemunhas.

– Você mata por prazer. Não me culpe pelo seu pecado.

Arctur franziu o cenho, encarando-o e um ganido baixo escapou dos lábios. A sensação de que atacaria William a qualquer momento. Mas não o fez, talvez por causa da mão decepada.

– A vida me tornou o monstro que sou – falou o lorde, virando as costas e pegando um barril de cerveja. – Se queres culpar alguém, culpe a Deus!

– Como ousa falar...?

– CHEGA, CAMPONÊS! – berrou Arctur. – Aqui é a casa da lúxuria. Pecado condenado pela Bíblia desde o início dos tempos, mas quando me aproximo, todas as minhas vítimas se arrependem dos pecados. O paraíso deve estar mais cheio por minha causa. Agora, vá pegar nossas vestes! Alguém deve ter ouvido os gritos e, caso não queira novas mortes, é melhor desaparecermos.

Dito isto, virou o tonel de cerveja sobre si, lavando o sangue que impregnava o corpo.

William deixou Mary sobre o balcão, subiu as escadas e vestiu-se. Quando desceu, as mesas e o chão do prostíbulo ardiam em chamas. O cheiro de madeira e carne queimada empestavam o ambiente. No meio daquele inferno,

Arctur admirava as chamas. William se aproximou e entregou as vestes ao lorde. O fogo, agora, alcançava as paredes. A madeira estalava.

– Levarei Mary à igreja. O padre encomendará sua alma a Deus – teimou William.

O nobre sorriu e gesticulou para William ir até a prostituta. Haveria afinal bondade no coração do vampiro? Contudo, assim que deu o primeiro passo, Arctur lhe esmurrou a barriga. O ar escapou-lhe, enquanto uma dor lacerante se espalhava pelo corpo, imobilizando-o.

– Vamos embora – sussurrou o nobre, enquanto William suprimia um gemido de dor. – Ou deixarei vosso corpo queimar junto a esses pecadores.

William caminhou em direção à porta, dando uma última olhada em Mary. Então, rezou em pensamento, pedindo perdão pelo sacrilégio de deixar aqueles corpos inocentes no fogo. Até quando suportaria isso? Se lutasse contra Arctur, a possibilidade de morrer era alta, mas com sorte os dois morreriam mergulhados ali, naquele inferno. Se matasse aquele maldito assassino, os céus o perdoriam? Um ódio crescente queimava-lhe a alma, mas ele nada podia fazer agora. Ainda precisava encontrar seus familiares.

As pessoas do burgo gritavam no meio da tempestade. Galope de cavalos se aproximavam. Entretanto, os vampiros não estariam mais na taverna quando os primeiros humanos chegassem.

William permanecia calado, seguindo Arctur pelas ruelas. Os olhos sem vida de Mary não lhe saíam da cabeça. Procurava esquecer as cenas do massacre, buscando na solidão da noite o conforto para sua alma atormentada. O culpado estava ali, andando à sua frente como se nada tivesse acontecido.

A chuva perdia força, dando lugar a uma garoa fina. O céu nublado ainda escondia a lua, embora alguns fachos de luz furassem o manto negro, iluminando o vilarejo. Acompanhou então uma coruja mergulhar e capturar um rato com as garras. Mesmo de tão longe, o grunhido incessante de pavor do roedor continuava até que a ave, no alto de uma árvore, com um rápido baixar da cabeça, silenciou a presa. A morte era a senhora deste mundo.

– Por vossa causa, camponês, perdemos um dia de descanso tranquilo na estalagem. Agora, dormiremos aqui, junto aos mortos – disse o nobre, quando

eles chegaram ao muro baixo que circundava o cemitério do burgo.

William seguiu Arctur. Só queria esquecer o banho de sangue, as lámurias, os gritos dos assassinados. Jamais perdoaria o nobre por derramar sangue inocente.

O caminho tortuoso entre os túmulos de pedra enfeitados com estátuas de anjos e santos até simples cruzes carcomidas cobertas de cogumelos os levou até as criptas, onde Arctur parou na entrada da maior delas. O vampiro pegou uma pedra no chão e esmurrou a tranca da porta até ela ceder. Uma nuvem de poeira saiu do mausoléu, trazendo o cheiro nauseante de mofo, o que não impediu Arctur de entrar. A falta de fendas ou janelas mergulhava o interior na escuridão, ainda assim, William reconheceu quatro lápides de pedra ordenadas na forma de cruz.

– Venha, William – disse Arctur, parecendo cansado pela primeira vez. – Aqui o sol não nos incomodará.

– O que tem o sol?

– Não tenho paciência para explicar-vos agora – respondeu Arctur, levantando uma das tampas de pedra maciça. – Deitai em qualquer lugar e calai essa boca.

O nobre apoiou a tampa na porta, deitou em um dos cantos e logo adormeceu.

William sentou-se no chão, apoiando as costas em uma das lápides.

Envolto pelo silêncio sepulcral, sentiu-se mais sozinho do que nunca. A agonia de Mary à beira da morte vinha-lhe à mente toda vez que fechava os olhos, a culpa corroendo-lhe as vísceras. Sentia-se responsável pela morte de todos na estalagem. Quanto mais sua alma se degradaria? Quanto tempo até ele se transformar em um monstro como Arctur? Se Deus permitisse, William domaria essa vontade assassina de tomar sangue humano, se livraria desta maldição.

CAPÍTULO SEIS

O nobre ainda dormia quando William se levantou na cripta. Os olhos de William formigavam, permitindo a ele enxergar na escuridão absoluta. O cheiro de sangue impregnado nas roupas, no corpo, nas mãos, lembrava-o da morte dos humanos na noite passada. O verdadeiro culpado pelo massacre dormia indefeso à sua frente. O que faria agora? Se matassse este vampiro, Deus o livraria da danação eterna? Valia a pena tentar.

Havia um problema: como mataria um monstro que se dizia imortal? Enforcá-lo não seria uma opção, já que ele próprio não sofrerá nada com a falta de ar. Arctur também sobrevivera a uma espada cravada na barriga. O ferimento nem mais existia. Somente o rasgo na blusa indicava que uma lâmina estivera alojada ali. William vasculhou todos os cantos. Seria possível não haver algo na cripta que pudesse ser usado como arma? Deu duas voltas pelo lugar e a arma que precisava encontrar, sem dúvida, não se encontrava ali.

William fechou os punhos com força. Não sabia o que fazer, nem se teria outra oportunidade. Precisava de uma arma. Precisava agora! Contudo, ele recuou. O que acontecia com ele? Depois de matar Mary, iria mesmo assassinar alguém, mesmo que fosse um vampiro? Assustou-se com esses pensamentos. Talvez Deus estivesse oferecendo a chance dele sumir dali, se livrando de vez da influência daquele monstro. “Sim, só podia ser isso” – pensava ele com a esperança renovada.

Logo estava de frente para a tampa de pedra que lacrava a entrada, ponderando se seria capaz de movê-la sozinho. Não importava. Precisava fugir de Arctur o quanto antes.

Encaixou as mãos nos vãos na rocha e sentiu, de repente, uma pressão no

pescoço como se um dedo lhe apertasse a base da nuca. Olhou para trás, mas não havia ninguém. A sensação logo se dissipou e ele procurou não se importar no momento. Esforçou-se ao máximo para mover a pedra, mas ela nem sequer balançou. William bufou, inclinando a cabeça para o alto, fechando os olhos. Sabia que tinha agora uma força oculta e maldita dentro dele. Se tivesse acesso a ela, moveria a pedra. Como despertar essa força? Logo forçava a tampa novamente com o mesmo resultado frustrante de antes.

Não iria desistir tão fácil. Ele rezou, desejou que a força vampírica viesse à tona e o coração bateu uma vez. Desta vez, o calor apenas se espalhou pela carne, tornando o corpo mais leve. Os ossos da face se deslocavam à medida que os caninos cresciam. A dor veio como ferroada de abelha e se foi antes que pudesse reclamar.

Ao forçar a tampa, ela tremeu e voltou ao lugar. William não desistiu e continuou a forçar a pedra. A tampa se movia devagar. Ele temia que o barulho irritante acordasse Arctur. William lembrava-se do grande esforço necessário, mês passado, para levantar o leitão gordo da família, não acreditando que levantava agora uma pedra três vezes mais pesada.

Ele, afinal, deslocou a tampa o suficiente para ter acesso à porta da cripta. William estendia a mão para abri-la, quando a pressão na nuca voltou ainda mais dolorosa. Ele ignorou, abrindo a porta e contemplando a fraca luz do sol. Os braços logo coçaram e um urtigamento se espalhou pelo corpo. Antes que pudesse entender o que se passava, o formigamento deu lugar a uma dor intensa como se agulhas quentes fossem fincadas na carne. Bolhas negras cresciam e desgrudavam a pele dos braços. Ele gritou, sem saber o que fazer, quando uma mão, de repente, o puxou para dentro da cripta.

– Ora, ora – disse Arctur sorrindo. – Existe uma razão para sairmos apenas sob a proteção da noite, camponês.

– O que aconteceu? – questionou William, encolhendo-se de tanta dor. A pele parecia em chamas.

– A exposição ao sol vos queimará.

William apoiou-se na parede. Bolhas grandes e vermelhas se espalhavam pelos braços. As que estouravam doíam mais.

Arctur colocou o manto, cobrindo a cabeça com o capuz.

– Vamos – ordenou.

– Disse que não podemos nos aventurar...

– O sol só nos afeta se a pele estiver exposta. Cubrai-vos com atenção – falou o nobre saindo da cripta. – Mesmo o mais fraco raio do sol ao anoitecer ainda vos queimará.

William vestiu o manto. O tecido roçando, ardendo na pele machucada.

“Então haviam fraquezas” – pensou. Podiam ser mortos afinal. Uma vez, há três ou quatro invernos, um monge andarilho falou sobre vampiros, dizendo sobre o retorno das almas dos impuros aos seus corpos podres, tornando-os mortos-vivos. Era difícil lembrar os detalhes. O monge falou sobre o uso do alho e da estaca na barriga para exterminar o vampiro. Mas, não tinha certeza. Precisava falar com Arctur sobre essas possíveis fraquezas. Era somente uma questão de tempo até que soubesse dessas informações. A prioridade ainda permanecia livrar-se de Arctur.

Agora, William caminhava cabisbaixo entre as lápides. Mantinha-se dentro do manto com receio de ser queimado pelo sol, que ainda se punha no horizonte.

– Ouça com atenção, meu caro – disse Arctur já perto do muro. – A família Damsell desapareceu há seculos. Então, a ossada dos mortos tampouco se encontra nessas cercanias.

– A missão falhou?

– Ainda desconheço a localização da antiga propriedade dos Damsells, mas descobri, naquela igreja, onde mora uma das famílias dos serviçais.

O nobre primeiro olhou ao redor e logo depois apontou para a saída do cemitério, ordenando que William o seguisse. A noite avançava depressa e a escuridão crescente espantava os burgueses para seus lares.

Andaram até chegar a um córrego de água imunda dos banhos públicos. Perto dali uma casa abandonada se destacava pelas paredes tomadas por heras

secas e o telhado afundado. O lorde se aproximou sem fazer barulho e parou perto da porta.

– Perfeito – sussurrou Arctur, apontando para um maltrapilho dormindo ao chão.

Não passava de um velho magro de barba branca e longos cabelos. A pele encardida recoberta por feridas e arranhões, talvez de tanto coçar, tentando se livrar dos carrapatos que se proliferavam neste homem. William previa mais uma morte. Desta vez, não permitiria.

Arctur se aproximou rápido, o rosto transformando-se e os olhos brilhando como duas chamas verdes.

– **Os assassinatos de ontem macularam vossa consciência, mas não vos atreva a tentar me impedir, camponês!** – advertiu Arctur, sem se dar o trabalho de encará-lo. – **Preciso de sangue para curar a minha mão. Se não quiserdes voltar para a masmorra, ficai quieto.**

William estancou sem ação. Seria possível que falharia de novo?

O velho levantou a cabeça. Os olhos quase totalmente esbranquiçados. Ele se encolheu quando Arctur chegou mais perto.

– Quem está aí? – perguntou o mendigo, levantando-se.

– Melhor correr – disse William, sem se importar com as consequências.

As pernas do velho fraquejaram e ele se estatelou de rosto no chão. Arctur gargalhou, suspendendo o mendigo pela gola da camisa remendada.

– Piedade, meu senhor. Tenha compaixão deste pobre miserável. Nada mais tenho na vida – suplicava o velho chorando.

– **Se nada mais tem, então só vos resta a morte** – disse Arctur.

– F-fa-faço... o que quiser em troca de minha vida.

Arctur largou o velhote de joelhos no chão.

– **Sois um Nolan?** – perguntou o nobre.

– O último deles – respondeu o velho, erguendo-se trêmulo.

– **Vossa família serviu aos Damsells?**

– Meu bisavô serviu.

– Ainda conseguis enxergar?

William se aproximou sem saber se deveria interferir. Por via das dúvidas, esperaria para ver até onde ia aquilo.

– Deus, nosso Senhor, levou embora a minha visão há muitos invernos.

– **O que sabeis sobre a família Damsell?**

– Não diga este nome, meu senhor, pois é maldito – respondeu o mendigo de repente. – Essa família criou a Flo-floresta das T-tre-trevas – disse o velho.

William encolheu os ombros. Quando criança, seu pai lhe contara a história sobre os viajantes que nunca mais saíram da Floresta Amaldiçoada. Ele contou que uma expedição de mais de cem homens entrou na floresta, a fim de queimá-la, e apenas um saiu vivo, com demônios a possuir-lhe o corpo. Uma neblina sobrenatural ocultava os perigos e os troncos, negros como carvão, eram tão antigos quanto o tempo. Nenhum animal vivia naquele lugar, nem a luz do sol adentrava na Floresta das Trevas. Ninguém do vilarejo gostava de mencioná-la. Dizia a lenda que, ao pronunciar este nome maldito, um demônio despertava e vinha atormentar você.

– **Floresta das Trevas...** – disse Arctur devagar, os olhos brilhavam. – **Isso mesmo, velho. Dizei-me mais!**

– Não diga este nome, pelo amor de Deus... – suplicou o velho, fazendo o sinal da cruz. – Tu não és daqui. Essa é uma história antiga, mais velha do que este burgo. Existia um homem chamado... Gy-gymberlim Damsell...

O velho fez de novo o sinal da cruz.

– Um dia, seus servos se revoltaram. Ele perdeu a batalha, mas fugiu para onde hoje é o lugar maldito. Coisas terríveis aconteciam naquela floresta: pessoas desapareciam, as árvores atacavam quem se atrevia a entrar, uma névoa escondia monstros. O rei mobilizou mais de trezentos homens e, após uma batalha que durou dez anos, deram cabo no bastardo. Mesmo hoje, viajantes ainda dizem sobre a neblina dos infernos naquele lugar.

– **Onde está o restante da família Damsell?**

– Todos morreram. Esses desgraçados estão enterrados na Floresta!

– **Onde fica a antiga propriedade dos Damsells?** – questionou Arctur num tom mais elevado.

O mendigo tropeçou, caindo ao chão. Ele gemeu de dor, causando pena em William.

– É tudo que sei, senhor... Juro... – balbuciava o velho.

William tinha que evitar mais uma desgraça. Tentou se mover, mas o corpo permanecia imóvel. Precisava impedir o nobre, que acabara de levantar o velho pelo pescoço com uma das mãos. William tentou se movimentar de novo. Entretanto, os músculos pareciam petrificados. O que estava acontecendo?

Arctur arrancou o saco de moedas amarrada da cintura.

– **Toma, velhote** – disse, entregando o saco ao mendigo. – **Fazei dele o que bem entender...** – e largou o velho.

William não acreditava: Arctur fizera um ato genuíno de bondade. Haveria ainda esperança para o nobre? Seria esta afinal a missão que Deus lhe confiara? Trazer Arctur de volta ao caminho da luz? Ele agradeceu aos céus em pensamento, fazendo um sinal da cruz.

William caminhou atrás do nobre, atravessando o burgo até a região mais escura ao pé do muro sul. Arctur escalou a parede com facilidade, encaixando as mãos em reentrâncias nas pedras. Desapareceu por completo do outro lado. Após um tempo, William imitou o feito do lorde, e, do alto da muralha, impressionou-se com a vista dos campos, o que lembrava sua família. Nessa altura da noite estariam os nove sentados, ao redor da fogueira, no interior do casebre, jantando

um bom caldo de ervilhas reforçado com legumes frescos, cogumelos e raízes. Precisava saber se estavam bem.

Ele se deixou cair. A altura de quatro homens seria suficiente para quebrar-lhe o pé. Contudo, pousou no chão, sem sofrer nada. Arctur o encarava.

– Vamos embora – anunciou o nobre. – Terei que esperar ao menos sete noites para curar a minha mão.

– E a missão? Achei que tinha pressa...

Arctur sorriu.

– *Tempo*, camponês? Já não conversamos sobre o significado da palavra "imortalidade"?

– E minha família? Prometestes que eu poderia voltar às terras de Truman.

– Sempre cumpro minha palavra – disse Arctur com a voz mansa. – Mas há um preço...

– Diga, meu senhor, e o farei!

– Não vos preocupei, meu caro. Direi o preço no tempo certo.

William não se importava. Procurava a verdade.

A família estaria bem? Teriam sobrevivido à revolta? O que diria a eles? Temia que fosse agora o último Stow. Rezou a Deus, esperando que seu temor não fosse real.

Arctur se pôs a correr rápido como um cavalo. William disparou atrás dele, entretanto perdeu o nobre de vista. Como alcançaria o vampiro? Nesse instante, o coração bateu e as pernas aqueceram. Custava a acreditar na velocidade que alcançava agora. O vento batendo no rosto transmitia-lhe liberdade. Os feixes luminosos da lua penetravam nas frestas das copas, tingindo a paisagem com sua serenidade e paz. Estava indo ao encontro da sua família – nada mais importava.

CAPÍTULO SETE

William corria pela estrada atrás do mestre. Percorrera milhas sem nem ao menos cansar ou diminuir a velocidade. A ansiedade de voltar ao lar aumentava a cada passo. O cheiro de terra molhada lembrava as manhãs que saía para o campo, quando o orvalho ainda cobria o centeio. Quanto mais ainda demoraria para chegar? Logo, os restos da torre do castelo de Truman despontavam no alto da colina, como uma sinistra e distorcida mão negra desafiando-o a avançar. Estava perto agora. Saberia, afinal, se seus familiares estavam vivos e bem.

Arctur o encarou, sorrindo.

– Não deveis alimentar esperança, camponês – disse naquele tom de voz malicioso. – O que vais dizer à vossa família? Deixa-me adivinhar... *Olá, senhor meu pai. Olá, senhora minha mãe. Como estais? Trago más notícias: virei um servo do demônio*. Eles vos aceitarão? Ou ireis mentir para eles? Isso seria abominável!

William não respondeu. Até pouco tempo, preso na masmorra, sem saber se voltaria para casa, ele nunca pensara no que diria aos pais. Parou de correr ao alcançar a fronteira das terras do falecido lorde Truman, temendo o que encontraria. A brisa leve que trazia o forte odor de carne podre dos campos o congelou, piorando seus temores. Uma vez, quando criança, entrara no bosque e se deparou com a carcaça fedorenta de um cervo sendo devorada por vermes. O cheiro de agora era muitas vezes pior. Seria dos aldeões? Seus irmãos estariam entre as pilhas dos mortos?

– Quando visitei essas terras o cenário aqui beirava a perfeição – comentou o nobre quando William aproximou-se. – As pilhas de cadáveres, o

sangue tingindo o chão.

William ignorou o nobre. Caminhou direto para casa. Ao passar pelos restos queimados do moinho, avistou sangue seco tingindo as pedras e o cheiro de morte impregnava a terra. As árvores exibiam inúmeras flechas cravejadas como recordações da guerra. Uma dor de cabeça afligiu William quando ele passou por cima da ponte. As cenas da batalha vinham rápido demais, sem que ele entendesse o que se passava. Lembrou-se do aumento abusivo dos tributos sobre a utilização do forno, do celeiro e da ponte. Três camponeses foram tratar com o nobre, mas deles só voltaram as cabeças. A revolta estourou. Os aldeões pegaram foices, tridentes e forcados, além de tochas, pedaços de pau e pedras e se dirigiram para a fortaleza do nobre. William não conseguiu se lembrar de mais detalhes.

William avistou os restos do celeiro também destruído pelo fogo. O lar se aproximava. Mas seria sensato continuar? O medo de descobrir a verdade se enraizava na alma como erva daninha. Rezava pela vida dos familiares. Tinha que descobrir se estavam bem. O silêncio imperava absoluto. Talvez o frio tivesse afastado a todos, pois não havia ninguém à vista.

Sua casa surgiu ainda intacta no manso servil. Um casebre camponês como outro qualquer, contruído pelas mãos do falecido avô. Contudo, uma inquietude na alma o deixava desconfortável. Talvez fosse apenas o frio e o silêncio mórbido. Percebeu, então, a presença de grandes corvos negros repousados no teto. Seria sangue as manchas vermelhas nos bicos? A porta de casa entreaberta convidava-o a entrar. Era estranho. Na iminência da chegada do inverno, a família sempre mantinha a porta fechada e se aquecia na fogueira no meio da casa. Entretanto, não havia claridade, nem fumaça. Apenas o silêncio imperava. Será que não estavam em casa?

William vacilou no andar. Estancou de frente à porta.

O que estava acontecendo? O desconforto piorava, como se não pertencesse mais a este lugar. Queria entrar, mas seus pés não andavam. Seria medo de descobrir a verdade? Era possível que sua família tivesse apenas se refugiando na igreja, receosos de voltar. Sim, essa parecia uma atitude plausível. Não tinha necessidade de entrar na casa. Seria melhor ir embora.

Arctur, então, pigarreou ao lado de William.

– É esta a casa, camponês? Por que estais aí parado?

William respirou fundo. Este era momento da verdade.

– PAI! MÃE! Sou eu... William! – disse, empurrando a porta.

Uma nuvem de moscas levantou voo, assustadas com o barulho. O que esses insetos faziam ali? O enxame batia no rosto, entrava na boca e olhos, cegando-o. Contudo, as moscas logo se dissiparam, permitindo que ele enxergasse o interior da casa. O que testemunhou marcaria para sempre suas lembranças: os corpos da mãe, Judith, e de três dos cinco irmãos, Alan, Gilbert e Peter, jaziam no chão cobertos de abundante sangue seco. A mãe fora decapitada, enquanto Alan teve as mãos decepadas e a barriga aberta. Gilbert, de bruços no chão, os ossos da coluna expostos. Peter, o valente Peter, tinha o pescoço virado; os olhos esbranquiçados miravam William como se o acusasse pela tragédia.

William permaneceu ali por um tempo infinito, sem se mexer, pensar, gritar, chorar. As pernas, de repente, fraquejaram e ele caiu de joelhos. Depois de tudo que passou, era isso que merecia?

– Essa é a vossa família, camponês? – perguntou Arctur, entrando na casa. –Agora entendeis quando vos digo: deixa o passado para trás.

Nesse instante, um urro longo emergiu das entranhas de William, tão forte, tão desesperado, que fez o nobre recuar.

– CALE-SE, MALDITO! – berrou, esmurrando o peito de Arctur, que voou contra a parede, afundando-a.

Arctur se levantou, gargalhando. Um brilho insano surgia no olhar.

– Não hesite! Mostrai-me do que sois capaz! – zombou.

William não pensava. O ódio destroçava a alma, silenciava a sanidade, corroía os últimos pilares da fé. O que havia a perder? Sua vida, sua família, seu lar, tudo estava perdido. A risada demoníaca do nobre o enfurecia. Ele se imaginou saltando e acertando uma joelhada no rosto do nobre, afundando aquele nariz esnobe dentro do crânio. Contudo, não atacou. Um lampejo em sua mente devolveu-lhe uma centelha de sanidade: sua irmã Sarah não estava ali. Os

corpos do seu pai Jeremy e dos dois irmãos mais velhos, Nathan e Ralph, também não se encontravam no casebre. Lembrava deles no combate contra os cavaleiros de Truman. Havia a possibilidade de, pelo menos, um deles ter sobrevivido e carregado Sarah a um lugar seguro. Procurar seus familiares era algo pelo qual valia a pena viver.

– Sois um covarde, camponês! – disse Arctur. – Achei que me divertiria um pouco convosco. De qualquer modo, já cumpri minha promessa. Regressemos ao castelo.

– Ainda não – respondeu William.

– Como é? – perguntou Arctur, já na porta.

– Sinto um cheiro diferente aqui; o cheiro se parece com o seu.

– É comum membros da nossa espécie visitarem campos de batalha para beber dos sobreviventes. Admiro-me em saber que reconheceis a presença de outros vampiros.

– Lembro-me de estar aqui quando um demônio atacou a minha irmã. Não me recordo dos detalhes ou do rosto do maldito, mas sei que ele assassinou a minha família! Transformou-me num monstro!

– Se não lembrais, como podeis saber? – questionou o nobre.

– Apenas sei – falou William, observando cabisbaixo os corpos dos irmãos. – Gostaria de pedir, meu senhor, permissão para enterrá-los.

Arctur deu de ombros e saiu. William, então, sussurrou, pedindo a Deus que recebesse a alma dos entes queridos. Finalizou com o pai-nosso e fechou os olhos. Ouvia a mãe reclamando das dores nas mãos. Ralph sempre pendurava a pá atrás da pilastra central depois de passar a manhã capinando o quintal e a pendurava. Alan trazia peixes frescos pescados no rio. Já Gilbert e Peter ajudavam o pai a espalhar as sementes de centeio na terra da família. Ficou ali, reunindo coragem para enterrar os familiares.

William, então, pegou a pá do irmão atrás da pilastra e saiu de casa. Sob o grasnar irritante dos corvos, abriu com as mãos trêmulas cinco covas rasas. Voltou para a casa e encarou a mãe. O colar de corda com a cruz de latão que a

mãe sempre usava, herança da avó, desaparecera. Olhou ao redor, tentando localizar o valioso objeto. Não importava agora. Saiu de casa, a mãe nos braços, e a acomodou na cova, ajeitando a cabeça com respeito, antes de usar a pá para enterrá-la. Repetiu o ritual com os irmãos.

Ali parado em frente aos túmulos, William não conseguia chorar pela perda. Então era isso que merecia? Ficar solitário pelo resto da eternidade? Por que sua família teve que pagar com a própria vida? Uma morte causada pelo capricho de um assassino cruel, que o condenara a passar a eternidade tomando a vida de outros inocentes. Que a mãe e irmãos descansassem em paz. Ele se encarregaria de encontrar o assassino e vingaria suas mortes. Desespero, desonra e tristeza assolavam-lhe a alma. Ele não merecia carregar o nome da família. Enquanto não vingasse a sua família, ele adotaria o sobrenome Brennan, batizado por Arctur.

Virou-se, neste momento, para o lorde.

– Meu senhor, preciso de ajuda. Tenho que achar o assassino!

O nobre sorriu.

– Isso é uma afirmação, camponês? Não tenho mais nada a fazer aqui.

– Eu imploro!

– Seria impossível, meu caro. O cheiro podre da batalha se confunde ao cheiro do assassino. Acabastes de enterrar vossa família; fazei o mesmo com o passado. Vamos – finalizou Arctur.

William olhou sua casa pela última vez.

Não terminaria assim, pensou. Não precisava do cheiro. Bastava se lembrar dos detalhes da revolta. O assassino não sairia impune. Se houvesse justiça neste mundo, ele iria restaurar a honra perdida. O juramento que fizera seria cumprido, não importava o quanto custasse.

CAPÍTULO OITO

William caminhava pela estrada, pensando na família. O lorde, ao lado, falava sobre a morte, mas William não prestava atenção. Queria ficar quieto. Lembrava-se das conversas alegres dos irmãos ao redor da fogueira, dos jantares preparados pela mãe, das brincadeiras de Sarah e do casamento de Nathan, que seria realizado agora na próxima primavera.

Logo ele e Arctur pararam em frente à igreja queimada durante a revolta. O fogo, agora extinto, derrubara boa parte de uma das paredes e, as outras, apesar de se manterem de pé, não inspiravam confiança.

– Descansaremos aqui – avisou o nobre.

William pensou em falar sobre o sacrilégio de impuros entrarem no lugar sagrado, mas pareceu-lhe inútil argumentar com o lorde.

Arctur entrou na igreja através do buraco aberto pelo fogo.

– Ninguém entrará neste templo destruído. Vinde, camponês, é tempo de repousar.

William caminhou ao lado do nobre até o cômodo ao fundo da igreja, atrás do altar, onde o padre Lion guardava as hóstias sagradas. Ali não havia janelas, nem rachaduras nas paredes: estariam seguros da luz do sol.

Arctur fechou a porta e se acomodou junto a ela. Seria para impedir que fugisse? O lorde cruzou os braços, fechou os olhos e nada mais disse.

William deitou-se no chão.

Quieto ali, o ódio despedaçava-lhe a alma. Uma vontade crescente de chorar a perda dos entes perdidos, mas o orgulho jamais deixaria. A família não precisava de lágrimas, nem lamentos, essa era a verdade. Precisava, isto sim, de vingança. Honraria o nome da família Stow, nem que para isso, se tornasse tão monstruoso quanto Arctur, pensou, encarando o nobre antes de apagar.

† ‡ † ‡ †

Na noite seguinte, o lorde estalou o pescoço.

– Levantai-vos, camponês – ordenou. – É tempo de seguir em frente.

William logo caminhava ao lado de Arctur pelas terras do falecido lorde Truman.

– Está uma bela noite para caçar – disse o nobre de repente.

William não gostou do rumo da conversa. Não permitiria mortes de inocentes.

– Não iremos atrás da família do brasão? – perguntou.

– Não temos para onde ir. Talvez o castelo de Truman tivesse um mapa ou documento, mas o fogo destruiu tudo.

Ao deixarem as terras do lorde Truman, Arctur se dirigiu ao norte, ao contrário do que William esperava, uma vez que as terras do barão Malthus ficavam ao sul.

– Onde iremos?

– Na estalagem, três forasteiros falaram a respeito de estranhos desaparecimentos ocorridos nas cercanias ao norte, a vinte milhas daqui.

– Isso nos diz respeito?

– Diversão, meu caro. Suponho ser apenas um bando de ladrões silenciando as vítimas. Eles dariam uma ótima refeição.

William pressentiu que Arctur mataria novamente e tentaria fazer dele

um cúmplice.

– Fareja o ar, camponês! – ordenou Arctur, de repente, parando de caminhar.

William obedeceu. Logo, um cheiro azedo incomodou-lhe as narinas.

– Estão vindo! Acompanhai-me – disse Arctur, saltando para os galhos da árvore mais próxima. Novamente um salto impossível a humanos, com o qual até agora, William ainda não se acostumou.

O nobre se agarrou a um galho que parecia frágil demais para aguentar o peso dele, mas não quebrou. Arctur balançou o corpo e se pôs de pé na copa da árvore. Do alto, gesticulou para que William fizesse o mesmo.

“Se o nobre consegue, por que não eu?” – pensou William. Afastou-se, então, cinco passos da árvore e saltou. Bateu a cabeça no galho mais baixo, caiu e arrastou a testa no chão pedroso.

A dor se foi em um mísero instante. Enquanto se levantava, sons de galope ressoavam da floresta. Logo identificou o gavalgar de sete cavalos, por isso, não se surpreendeu quando o bando saiu da mata. Dez cavaleiros lhe apontavam arcos. Um garoto no lombo de um dos cavalos iluminava o ambiente com uma tocha. William levantou as mãos em sinal de rendição.

– Olhe o que temos aqui – debochou um dos homens com forte bafo de vinho. – É apenas um frangote rico!

– Um nobre burro por vir aqui sozinho – riu outro, mostrando dentes podres.

O bando fedia a carne podre. Barbas longas e sujas se misturavam a cabelos desgrenhados e ensebados. Roupas cheias de remendos e pulgas.

– Ei, frangote, nos entregue suas moedas e talvez você possa viver – disse o homem mais velho do bando.

William encarou o velho.

– Não carrego dinheiro. Pelo que ouvi, ninguém sobreviveu a um

encontro com vocês.

O bando arregalou os olhos.

– Não tenho medo de vocês – falou William, sem acreditar que desafiava a morte desta maneira. Queria tanto assim morrer?

– Matem-no! – ordenou o líder, atirando a primeira flecha.

A flecha serpenteou por breves momentos, como William nunca vira antes, depois firmou-se e cortou o ar na direção dele. Lenta o suficiente para ele enxergar, mas rápida o bastante para penetrar-lhe a barriga antes que pudesse desviar. William gemeu, as entranhas queimavam. Logo, outras pontas rasgaram-lhe o corpo, penetrando fundo nas vísceras, derrubando-o.

O líder desceu do cavalo e se aproximou.

– Agora nem a roupa presta – reclamou, cuspindo em William.

William queria esmurrar a face do velho, mas a dor se irradiava pela carne, prendendo-o ao chão. O bando devia pensar que ele agora estava morrendo, pois logo os homens viraram as costas e partiram para o interior da floresta.

William tentou firmar os braços, mas os pontos cravejados pelas flechas fisgavam a carne e o impediam.

Então acabaria assim? Agonizando desse jeito vergonhoso? Mas por que reclamava; não fora ele quem desafiara os ladrões? Não importava. Arctur teve a barriga perfurada, a mão decepada e ainda assim sobrevivera. Ele também iria sobreviver. Firmou as mãos, virou o corpo, apoiando uma das pernas no chão e afinal se levantou.

Arctur agora o encarava.

– Nunca presenciei algo tão desprezível. Tens a força de três homens e sequer derrubastes um deles.

O nobre, então, acertou-lhe com o pé no joelho, derrubando William de novo. Antes que William pudesse protestar, Arctur arrancou-lhe uma flecha da

barriga, trazendo junto um naco de carne e um urro de dor.

– O QUE ESTÁ FAZENDO? – berrou William.

Arctur sorrindo arrancou a segunda flecha.

– Será mais divertido assim.

– Assim como?

– Com sede – respondeu Arctur, retirando mais uma seta.

William suprimiu um urro. Ele notou que logo após a remoção da seta do corpo, a dor se apagava por completo. O ritual de retirada das flechas não demorou. Ao final, o corpo de William se encontrava curado.

– Vamos – disse o nobre. – É tempo de caçar.

– Não temos como achá-los – respondeu William, na esperança de ir embora. A garganta secava, deixando-o apreensivo.

– Posso segui-los pelo cheiro, mas deixarei essa tarefa convosco.

William concordou. Enganaria Arctur pelo máximo de tempo que pudesse.

O nobre pôs a mão no ombro de William.

– Irei farejá-los também – avisou ele como se visse pensamentos.

William fungou o ar à procura do rastro dos bandidos. Uma miscelânea de cheiros o desnorteou. Identificou folhas em decomposição, terra molhada, madeira e vários odores malcheirosos, como urina e fezes.

– Não consigo...

– Lembrai-vos do cheiro deles. Uma vez que memorizais um cheiro, nunca mais ireis esquecer – disse o nobre atrás dele.

A intensidade dos odores deixou-o tonto de novo. Na terceira tentativa, pensou ter farejado o azedume dos cavalos. Não era impressão. Quando aspirou

o ar desta vez, farejou o cheiro de excremento das montarias. Não seria difícil se guiar pelo cheiro desagradável do bando. A escuridão da floresta não lhe atrapalhava a visão. Tentou desviar quatro vezes do rastro para prolongar a caçada, mas o nobre sempre o parava e apontava a direção a seguir. Chegavam ao topo de um monte quando os ruídos da conversa dos homens chegou aos seus ouvidos. O nobre sorriu, apontando à frente.

William, então, levou a mão à garganta – a secura piorava.

Seria sempre assim? Sabia que somente beber sangue aplacaria a sede, mas ele não mataria de novo. Pela honra da família, a única morte que desejava era a do assassino. Precisava se controlar ou uma tragédia aconteceria quando encontrasse o bando.

No alto do monte, William avistava uma clareira, cuja fogueira ao meio iluminava cinco choupanas feitas de toras cobertas de palha iluminadas. Os ladrões conversavam, enquanto se aqueciam e bebiam cerveja.

– Vejo apenas galinhas prontas para o abate – falou Arctur.

– Não precisamos de mais mortes.

– Ireis poupá-los mesmo depois que tentaram vos matar? – perguntou o nobre sorrindo.

– O perdão é a maior virtude dos homens.

– Somente dos estúpidos – rebateu Arctur, alargando o sorriso de modo insano. – Não somos humanos, meu caro. A sede por sangue aflora em vós, não é mesmo?

– Consigo me controlar o suficiente para não atacar aqueles homens.

– É mesmo? – disse o lorde, avançando rápido para cima dele.

Uma dor lacerante se espalhou pela barriga de William, que cambeleou. Na mão de Arctur, uma adaga pingava de sangue. Desta vez, a dor não se foi. Ao contrário, suas entranhas se contraíam, obrigando-o a abraçar a barriga. Parecia que engolira brasas.

Arctur limpou o sangue da lâmina na sola da bota.

– Tenho uma nova lição para vos ensinar – disse, guardando a adaga.

William arqueou, vomitando sangue enegrecido nos próprios pés. Um gosto amargo de ovo podre empapava a língua. As entranhas se contorceram de novo e sua boca expeliu uma nova golfada de sangue.

– Alho é uma desgraça – falou o nobre. – Se ingerirdes essa raiz, a vossa reserva de sangue será vomitada. Sempre esfrego quatro dentes na lâmina da minha adaga para o caso de encontrar com outro da nossa espécie. Nunca sabemos o que pode acontecer, não é mesmo?

– Isso arde demais! – reclamou William.

– A dor passará. Descansai nesta árvore, enquanto converso com nossos amigos – aconselhou o nobre, empurrando William de costas contra o tronco.

William tentou andar, mas uma fisgada na barriga, o obrigou a arquear de novo. Ele sentou-se no chão coberto de folhas, tossindo em seco. Parecia que um pedaço de pão seco tinha se alojado na garganta.

Primeiro, os homens riram e zombaram do nobre. Depois, vieram os xingamentos e os berros de dor junto com o som de ossos sendo quebrados e algo parecido com o esmagar de melões, mas que William imaginava serem os crânios dos homens. Em pouco tempo, só restaram lamúrias e choros. Tudo isso acompanhado pela risada diabólica de Arctur.

A dor nas vísceras amenizara o bastante para William se levantar. Evitou olhar para a clareira. Não queria testemunhar outro massacre. De repente, um dos homens veio correndo, mancando na direção dele. Na escuridão, o ladrão não via que se aproximava dele. Cheiro de sangue fresco invadiu as narinas de William, que salivou. Contra a sua vontade, os caninos rasgaram a gengiva. Os sentidos se confundiam como na vez com a criada. Ele não se deixaria levar pela tentação. Contudo, quando o ladrão aproximou-se, William, tomado por uma força maior, avançou, derrubando-o sem dó. Os caninos rasgaram a carne do pescoço do homem, sugando voraz o sangue que inundava a boca e descia quente pela garganta. O calor da vida agora abraçava e confortava William. A sensação logo se foi, deixando para trás um corpo sem vida, enquanto William se sentia sereno e saciado.

– Quem diria, não? – zombou Arctur atrás dele.

Com a mão trêmula, William limpou a boca suja de sangue.

Então era assim que se tornaria um monstro? Mais uma morte a carregar nos ombros. Mas deveria se sentir culpado? Afinal, quantos homens de bem aquele ladrão matou? Não importava. Tinha matado e sabia que seria assim pelo resto da vida.

William se deixou, então, conduzir pelo lorde para a clareira, onde os corpos dos ladrões queimavam nas chamas.

– O sol chegará em breve – disse Arctur ao deixar William dentro de uma das choupanas.

William ficou encarando o nada, até que se deu conta que estava sozinho na cabana. Bastava sair e tudo estaria terminado. Ele abriu uma fresta na porta, mas logo a fechou. Não podia desistir ainda. Antes, sua família seria vingada.

CAPÍTULO NOVE

De volta à estrada, William tinha os pensamentos assombrados pelos olhos sem vida de Mary e do ladrão. Quando deu por si, ele e o nobre chegavam na colina com acesso ao castelo do Barão de Karten, onde um forte cheiro de podridão logo enchia as narinas de William.

No alto, ainda ao longe, a um quarto de milha, três homens estancados de frente aos muros encaravam os arqueiros do castelo, que apontavam os arcos para os estranhos. O que estava acontecendo? Como esses três não se intimidavam com dez arqueiros prontos a lhes cravejar os corpos com as setas? William teve uma vontade súbita de se afastar, mesmo sem saber o porquê.

Arctur parou, como se indeciso sobre o que fazer, depois gesticulou para que o seguisse. William obedeceu.

– Quem são estes? – perguntou quando se afastaram.

– Nunca os vi, mas estaremos em desvantagem aqui fora. Não tenho como enfrentá-los com esta mão inútil. Nossa sorte é que o vento sopra contra nós.

William achava estranho o comportamento do lorde. O que estaria acovardando o nobre? Súbito, um pensamento ocorreu-lhe: seriam aqueles três vampiros também? Isso explicaria a hesitação do lorde. Mas, o que significava a presença deles ali, no castelo do barão? Quantos vampiros mais existiam nas redondezas? Acaso algum deles seria o assassino de sua família? Precisava descobrir e punir o desgraçado.

William queria voltar para encarar os invasores. Mas, conseguiria

enfrentar três vampiros? Antes que pensasse na resposta, ele e o mestre estavam de volta ao túnel secreto escavado sob a terra por onde saíram na noite passada. Desta vez, o nobre não o impedira de ver o caminho, o que aumentou a desconfiança de William. Seriam os intrusos poderosos o bastante para intimidar o tão valente Arctur?

O lorde, de repente, abriu o alçapão de madeira no teto ao final do túnel e subiu por ele. William fez o mesmo e se deparou dentro do celeiro do castelo, atrás de uma pilha de feno. Arctur pegou o cadeado caído ao chão e selou a entrada secreta.

Pouco depois, indo para a mansão de Sian Malthus, William reparou num rapaz franzino, mais jovem do que ele, caminhando com passadas firmes na sua direção. Havia algo estranho e sinistro no jovem, algo que fez as pernas de William tremerem. O capuz cinzento mantinha o rosto do rapaz escondido nas trevas. Nem mesmo os olhos de William, acostumados a enxergar agora, no mais profundo negrume, desvendavam a escuridão envolvendo este rapaz. Apesar disso, William sentia o olhar daquele jovem sobre ele. Uma pontada na base do crânio, igual a que o afligira mais cedo na cripta, arrepiou-lhe os pelos do braço.

– Quem sois vós? – perguntou Arctur hesitando.

O rapaz continuou andando.

– Respondei a minha pergunta! – exigiu Arctur, colocando a mão no ombro do estranho, obrigando-o a parar.

Nesse momento, um vento mais forte jogou o capuz do jovem franzino para trás, revelando um rosto fino e liso adornado com cabelos pretos repartidos ao meio, escorrendo abaixo do pescoço; não devia ter mais do que catorze anos. De repente, o rapaz espalmou a caixa peitoral de Arctur, arremessando o lorde contra a parede de madeira do estábulo. O nobre não se levantou. Ao ver que Arctur fora derrotado com um único golpe, William recuou ao se deparar com os olhos negros do estranho. Uma força invisível o empurrava para trás, afugentando-o e imobilizado-o ao mesmo tempo. Morreria ali, neste instante? O jovem, então, sumiu e William foi arremessado ao alto. Antes de atingir o chão, o jovem o acertou nas costas produzindo um estalo alto, jogando-o contra o muro. Ondas de dor se irradiavam do peito. O mundo passou a girar quando se levantou.

Caiu no chão.

Morreria ali? Não mesmo. Firmou os braços, mas, antes que se levantasse, um martelar no rosto o apagou.

† ‡ † ‡ †

A dor no peito de William dilacerava a carne como se uma pedra estivesse sendo esmigalhada ali. Quando despertou, encontrava-se outra vez no chão rochoso da masmorra. Agora, os pulsos se encontravam livres das correntes. Ele se levantou do chão devagar, apoiando-se nas grades. O que acontecera? Por que voltara para a masmorra do castelo? Lembrava-se do jovem franzino derrubando Arctur e nada mais. Teria aquele bando de vampiros invadido e dominado o castelo? Não poderia ser verdade, se não ele já estaria morto. Ou não?

Quando afiou os ouvidos, o guinchar dos ratos e o pingar da água voltaram a lhe incomodar. Havia algo mais sinistro no ar. Seriam gritos? Teve certeza de que era Arctur quem gritava. Por quê? Os gritos, então, pararam, substituído pelo silêncio incômodo.

Fechou os olhos, mas de imediato a imagem dos membros da família mortos espalhados pela casa veio-lhe à mente. Ali, sozinho, ele gritou até perder as forças. O que fizera de tão ruim? A lembrança da última festividade no vilarejo, então, surgiu nos pensamentos. A dança com a filha do vizinho que ele brincava desde menino, o irmão mais velho conversando com o pai sobre o imposto absurdo cobrado por lorde Truman, a mãe chamando a pequena Sarah para ajudar a servir o cordeiro assado. William socou a parede da masmorra até cansar e sentou-se no chão. Onde estava a irmã? Talvez a resposta estivesse enterrada junto às lembranças perdidas da batalha. Precisava recordar, descobrir de uma vez por todas o assassino da família.

– CORPO MALDITO DOS INFERNOS! POR QUE NÃO ME LEMBRO?!

– **Porque você é um novilho medroso** – disse a voz bestial atrás dele; a mesma voz que ele não conseguira identificar na estalagem pouco antes de assassinar Mary.

William se levantou. Não deixaria a voz escapar novamente.

– Apareça, desgraçado! Como ousa me chamar de medroso, se é você quem se esconde?!

– **Sempre estive aqui, Will** – respondeu a voz num tom debochado.

– APAREÇA, COVARDE!

– **Não estou a me esconder, ignóbil.**

Nesse momento, dois olhos vermelhos como brasas brilharam na escuridão, encarando-o, desafiando-o. De repente, William notou que, apesar de enxergar através das trevas da masmorra, não enxergava o desconhecido. Um calafrio percorreu-lhe a base da nuca. Sentia como se estivesse diante do próprio rei do Inferno.

– **Não queria me encontrar, Will?**

– Quem é você? – perguntou William, agarrando as grades da cela.

Uma risada animalesca soou na masmorra.

– **Nunca pensei em um nome** – respondeu a voz. – **Não importa quem sou, mas, sim, o que quero.**

– Quer a minha alma?

A besta sufocou o riso.

– **Guarde sua alma suja, Will** – respondeu o desconhecido.

– VOCÊ MACULOU A MINHA ALMA, DEMÔNIO! LEVOU-ME A FERIR A CRIADA DO LORDE E DERRAMAR O SANGUE INOCENTE DE MARY! SAIA DO MEU CORPO! DEIXE-ME EM PAZ!

– **Não sou um demônio**. **E acredite, não matei Mary. Não tente me culpar pelos seus pecados, Will. Você sempre pareceu um rato assustado. Nunca faz o que tem que ser feito.**

William fechou os punhos.

– O que quer?!

– **Ora, Will. A pergunta aqui é: o que você quer?**

– Quero achar o assassino da minha família!

– **Só isso?**

– Quero matá-lo e recuperar o nome “Stow”!

– **O que está esperando?** – debochou o demônio, irritando William.

– Você sabe quem é o desgraçado?! EXIJO QUE ME DIGA QUEM É!

– **Ah, Will, Will. Você não me exige nada** – desta vez o tom mudara. Seria raiva?

– Diga o que sabe!

– **Não será assim tão fácil, Will. Você é covarde demais para o trabalho. Como vai matar o assassino, se chora como bebê quando mata prostitutas ou ladrões! Enquanto você se preocupa em enterrar pecadores imundos, o assassino gargalha da sua ignorância.**

– O que você quer? Não me parece que veio me ajudar.

– **Hoje vim apenas conversar. Você roubou algo que me pertence e em breve vou exigir o que é meu por direito!**

– Você não vai...

– **Vou sim, imbecil! Sei o que se passou naquela batalha. Sei quem é o assassino, sei por que ele transformou você em um monstro e sei por que ele matou seus familiares.**

William calou-se.

– **Você também sabe** – ganiu o desconhecido. – **Mas é covarde demais para se lembrar. Sabe por quê? Porque você não aceita o que lhe foi oferecido! Como espera vencer o vampiro a quem jurou vingança? Se ele tiver a força de Arctur, você não duraria um piscar de olhos. Você caiu com apenas um golpe daquele jovem franzino. Ah Will, Will. Em vez de se**

concentrar em descobrir o assassino, você lamenta em quem se tornou, buscando formas de voltar a ser humano.

– Não sou um monstro – respondeu William, andando de um lado a outro da cela. – Vou cuidar do assassino e depois me livrar desta maldição.

Apesar de não enxergar o vulto oculto nas sombras, William tinha certeza que o desconhecido lhe sorria.

– **Nossas próximas conversas não serão tão cordiais, Will. Lembre-se do brasão que Arctur mostrou! Negocie a quebra do juramento pela localização da família Damsell.**

– Não sei do que você fala.

– **É claro que não. Quando se lembrar do brasão, você saberá.**

– Se quer me ajudar, tire-me daqui!

Os olhos vermelhos na escuridão, assim, se apagaram. William chamou o desconhecido duas vezes, mas ninguém respondeu.

William, então, sentou-se no chão.

Teria sido um sonho? Estaria perdendo a sanidade, vendo coisas que não existiam? Ou talvez, um demônio estivesse alojado em seu corpo. Mas, o que este demônio iria querer dele? Sua alma já estava condenada ao inferno pelas mortes que causara. Ou matar pecadores não seria um pecado mortal? Ele já ouvira falar que os cruzados mataram pagãos em terras distantes para recuperar a terra santa; tudo em nome do Filho sagrado de Deus. Ele fechou os olhos e vislumbrou o olhar sem vida de Mary. Não sabia mais o que pensar. As palavras profanas daquele desconhecido o enchiam de ódio. Rezar poderia ajudar, mas ele não se sentia próximo de Deus. A cabeça voltou a incomodar. Ele se deitou no chão e olhou para o teto imundo e bolorento da cela.

CAPÍTULO DEZ

Há quanto tempo estaria ali? Dias, semanas? William não aguentava mais o som do gotejar e o guincho dos ratos. Aquela solidão forçada era uma tortura. Mas agora que se tornara um monstro, não seria melhor assim? Ao menos, preso não podia ferir ninguém. Desejava paz para a alma, mas bastava fechar os olhos para enxergar os parentes jogados no casebre, mortos de modo tão impiedoso. Junto à mãe e aos irmãos estendiam-se os corpos pálidos de Mary e o ladrão, encarando-o com olhos frios. Quantos mais filhos de Deus precisariam morrer para ele continuar vivo? A culpa o abandonaria algum dia?

Sentado no chão, levou a mão ao pescoço. A garganta voltara a secar. Não mais enxergava através da escuridão e agora não conseguia mais segurar o tremor nas mãos. Haveria algo ali para lhe saciar a sede? A cela não tinha nada além de ossos espalhados e tapetes de musgo crescendo nas paredes rochosas.

Assim permaneceu imóvel por longo tempo. Súbito um rato asqueroso subiu em sua mão esquerda. Fechou o punho ao redor do bicho, que guinchou, e levou a mão à boca. Ao morder o rato, um jorro de sangue esguichou. Ele bebeu voraz, espremendo o corpo do bicho. O sangue não passou a sensação quente da vida que tanto precisava. Ao se dar conta do que fazia, jogou longe o rato.

A goela de William dava sinais de melhora, mas a secura ainda incomodava. “Por que cometera tão hediondo ato?” – pensou a princípio. Pelo menos o sangue do rato saciou-lhe a sede.

Logo capturou outro animal. Já o terceiro não pareceu asqueroso e o sangue do sétimo e oitavo umedeceram-lhe a garganta de modo prazeroso. Aos poucos a visão de William se acostumou novamente com a escuridão.

Encostou, por fim, a cabeça na parede.

Lembrou-se do corpo pecaminoso e quente de Mary. Não queria mais o frio doloroso que lhe tomava as vísceras. Mataria se fosse preciso? Por que não? “Meu Deus, o que estou pensando? Não sou eu.” Não podia ser. Como se livraria desta maldição horrenda? Com certeza as respostas não estavam ali.

Andava de um lado a outro, esforçando-se para se lembrar da revolta. Contudo, apenas o banho de sangue e os gritos dos aldeões vinham-lhe à mente. Olhou para as grades da cela. Quanto tempo ainda continuaria ali?

Socou a parede. Nesse instante, as palavras do demônio de olhos vermelhos, “**lembre-se do brasão!**”, soaram com tamanha intensidade que William duvidou se era mesmo apenas um pensamento.

William, então, suspirou e deitou-se. Procurou ignorar o barulho irritante ao redor, esforçando-se para lembrar onde já havia visto o brasão.

– DEUS, SEI QUE NÃO MEREÇO, MAS PERMITA QUE ME LEMBRE DESSE MALDITO BRASÃO!

Ainda assim, os guinchos dos ratos não o deixavam se concentrar. William levantou e voltou a andar em círculos.

Neste momento, lembrou ter visto o brasão ainda na infância. Sabia agora onde encontrar a família Dansell. Tinha um trunfo afinal.

O tempo passava, mas já havia perdido a noção da noite, da tarde, da manhã. A pilha de ratos mortos passava das dúzias. Recostou a cabeça no chão. Seria bom um pouco de calor para espantar o frio que congelava-lhe as entranhas. De repente, a pesada porta da masmorra se abriu. O cheiro asqueroso indicava quem vinha. O momento de negociar sua liberdade se aproximava.

Arctur logo se postou diante da cela sorrindo.

– Sabia que voltaria – disse William. – Esperava por este momento.

Arctur franziu o cenho.

– Aqui estou.

– Sua mão se curou – comentou William.

Arctur sorriu.

– A decapitação é o único ferimento a se temer, camponês. Segundo as lendas, apenas os mais antigos sobrevivem a essa fatalidade.

– Não éramos imortais? – provocou William, afastando-se da grade.

– Em noventa anos, o flagelo da velhice nunca me atormentou e, pode ter certeza, jamais me atingirá. Vosso mestre Malthus já vive por dois séculos. Sabemos da existência de vampiros com mais de mil anos. Não queira encontrar um monstro desses.

– Quem diria que você tem medo – continuou a provocar William.

– O cárcere deixou vossa língua mais solta, camponês – sibilou Arctur sorrindo. – Enxergais um monstro, mas já fui tão ingênuo quanto sois agora. Hoje, me alimento de sangue e dor. Deleito-me nos gritos de agonia, no choro dos inocentes, na desonra das virgens. Quanto tempo teremos até que vos transformeis num demônio como eu?

– O apóstolo Paulo matava cristãos, mas se arrependeu dos pecados e se tornou santo. Vi você doar moedas ao velho que nos revelou sobre o Lugar Maldito. Por que não o matou?

Arctur gargalhou.

– Farejei a morte rondando aquele trapo velho. As moedas vão levá-lo ao pecado, talvez em bebidas ou mulheres. Não havia razões para matá-lo. O diabo se encarregará daquela alma.

William encarou o nobre.

– O que aconteceu com aquele bando de vampiros?

– Já foram embora há dias. Eles vieram nos dar as boas-vindas locais. Aquele garoto tem quatrocentos anos.

“Um monstro que vive a quatrocentos anos” – pensou William abismado.

Contudo, tinha questões mais importantes a resolver no momento.

– Afinal, a quanto tempo estou preso aqui?

– Não vejo porque isto é importante.

– Não é você quem está tomando do sangue de ratos...

– Gostaríeis de estar aqui fora se alimentando de sangue humano? Vossas entranhas clamam para saciar o vício maldito?

– Por que estou preso? – insistiu William.

– Fui caçar documentos importantes. Não confio em vós solto pela propriedade.

William virou de costas no canto mais afastado da cela.

– Se está aqui é porque não achou nada. Então, posso ajudar.

– Não estou com humor para mentiras – sibilou Arctur.

– Posso levar você até as ruínas da casa da família Damsell.

– Onde?

– Não tão rápido, meu senhor. Tenho duas condições. Quero sua palavra de que me ajudará a achar o assassino da minha família. Também exijo a quebra do juramento que fiz a você.

Por alguns instantes, o silêncio reinou entre eles. Ao fim, o nobre repuxou o canto da boca.

– Colocai-vos em vosso lugar, camponês!

– Não sou mais camponês. Você disse: “as regras da sociedade não se aplicam a nós”. Se é verdade, não devo lealdade a ninguém, sou livre.

– Estais afinal enxergando a verdade sobre o mundo. Entretanto, ainda deve a existência a mim.

– Nada tenho a perder.

Arctur sorriu.

– Se ficardes preso aqui, sereis obrigado a vos alimentar do sangue desses peludinhos. No início, pensareis que nunca mais precisareis matar humanos. Contudo, os animais não transmitem o calor da vida. Com o passar do tempo, a falta dessa sensação vos corroerá aos poucos até acabar com vossa sanidade.

William hesitou. Os olhos de Arctur brilhavam.

– Entretanto, uma criança pode ser capturada pela guarda do castelo. Imagine uma franguinha aqui convosco. Quanto tempo levareis para cair em tentação, camponês? Um mês, uma estação, um ano? Desta vez não seria uma prostituta ou um ladrão...

William odiou o nobre, mas o encarou e disse:

– Ainda assim mantenho as condições. Irá mesmo esperar meses ou anos para condenar a minha alma, enquanto hoje mesmo poderia levar você até lá? – argumentou.

Arctur silenciou.

– Exijo ver o lugar antes – falou por fim.

– Um acordo entre iguais ou nada feito – disse William, estendendo a mão direita.

– Abaixai isso – respondeu o nobre. – Quando eu pisar na casa dos Damsell, vosso juramento estará desfeito e, assim, não estareis mais sob a minha proteção. Quando no futuro confrontareis o assassino, eu vos ajudarei.

William concordou.

Ainda mantinha as dúvidas sobre Arctur. Afinal, se a moralidade nada significava aos vampiros, por que o nobre manteria a palavra? Que escolha tinha? No momento queria apenas sair daquele buraco e essa era a sua única chance.

† ‡ † ‡ †

Na mesma noite, Arctur decidiu sair a caça das ruínas dos Damsell. William devia estar um trapo, pois os poucos empregados que cruzaram com ele dentro do castelo, o olharam com pena. Não importava. Com a liberdade em jogo, ele não a deixaria escapar.

Logo caminhavam pela neve cobrindo o pátio central do castelo. O inverno deixou o lugar deserto, exceto por um ou outro guarda nos muros. Já próximos do estábulo se depararam com o barão Malthus vindo sozinho. O que ele fazia do lado de fora? Teria usado a passagem secreta? O olhar cinzento do barão o envolvia; a mesma frieza do dia da visita do conde Henry de Bohum. De repente, a cabeça de William doeu ao sentir os olhos sendo arrancados. O mundo, então, escureceu.

– **ONDE ESTÃO AS RUÍNAS?** – perguntou uma voz bestial atrás dele, mais cruel do que o demônio com quem conversou na masmorra.

William nunca iria revelar.

Algo puxou-lhe os braços para trás até quebrarem como gravetos secos.

– **ONDE ESTÃO?**

Nesse momento, ferrões de insetos desconhecidos estocavam-lhe a barriga, os braços, as pernas, atravessavam o cabelo e perfuravam-lhe a cabeça.

– **ONDE ESTÃO?** – perguntou a voz com mais força.

– **VAI PARA O INFERNO!** – respondeu o demônio dentro de si.

William abriu os olhos e encontrou Arctur encarando-o, com um espeto de madeira longo e pontiagudo, que encaixou na argola do cinto.

– Vamos logo, camponês.

William olhou para trás.

Não havia nenhum sinal da presença do barão, nem mesmo pegadas no chão. Que magia demoníaca fora aquela? Como sentira tamanha dor e agora não

tinha nenhum ferimento? “Estou mesmo enlouquecendo” – pensava. Entretanto, nada ficaria entre ele e sua sonhada liberdade.

Pouco depois, ele e Arctur partiram em direção à estrada e, após um longo percurso, chegaram ao território de Truman. Uma chuva de gelo caía agora, trazendo um vento de gelar os ossos. William pegou o trajeto mais longo até a fortaleza destruída do lorde. Assim evitaria a passagem pela aldeia e sua casa. Esforçava-se em lembrar, não das coisas ruins ocorridas ali, mas da rota até as ruínas.

Arctur bufou.

– Dizei-me, camponês, quando chegaremos?

– Estão no bosque. Fui naquele lugar apenas uma vez quando garoto. Lorde Truman proibiu os aldeões de caçar no bosque, pois temia que abatêssemos cervos e javalis. Minha mãe caiu doente e o velho Silas disse que ensopado de coelho bem temperado a ajudaria. Quando fui caçar no bosque atrás da fortaleza do barão achei uma antiga estrada que me levou à fortaleza em ruínas.

– Preciso de mais detalhes, camponês. A noite já está longe do auge. Chegaremos ainda hoje ou seremos obrigados a dormir na floresta?

– Faltam poucas milhas – respondeu William ainda incerto.

Logo alcançou a mata. O nobre ordenou-lhe que parasse e farejou o ar. Então, gesticulou para William continuar. De tempos em tempos, Arctur parava e repetia o ritual. O semblante do lorde não escondia a preocupação de estar na floresta. O que se escondia na mata poderoso o bastante para assustar um imortal?

O chão encoberto de folhas mortas e gelo afundava sob os pés e o chuvisco piorava. Ainda assim, andaram mais três milhas e William ainda não havia localizado a estrada abandonada. Arctur bufava atrás dele com frequência cada vez maior. Diante disso, perguntou:

– Não estais perdido, como penso... Estais?

William apenas negou. Conseguiria percorrer o percurso feito uma única

vez há anos?

O nobre parou de novo e aspirou. Por que ele sempre fazia isso? William repetiu o gesto. Identificou apenas o cheiro de terra molhada, folhas secas e madeira podre.

De repente, saiu nas margens de um riacho. Avistou, então, do outro lado, um pedregulho em formato de ovo, onde, no alto, uma árvore nascera, esparramando as raízes sobre a rocha.

– Vê aquela pedra? – apontou William. – Falta pouco agora.

De fato, ele achou a antiga estrada. Depois disso, não demorou a alcançar um monte íngreme.

– É aqui – falou William, subindo a colina.

No alto, encontrou as ruínas; a maior parte recoberta por um manto verde de heras resistentes ao frio. Da paliçada rodeando o castelo restaram apenas estacas quebradas, apodrecidas pelo tempo.

Arctur sorriu.

– Uma antiga casa da nobreza. Esse tipo de construção já não existe mais.

O lorde se aproximou, então, da casa e afastou a vegetação. Encravado na madeira podre da parede, o brasão entalhado em cobre da família Damsell se destacava. William não achava sensato entrar, tudo poderia ruir a qualquer momento. Rodeou a construção e reparou nas lápides na parte detrás das ruínas.

Ali perto, descobriu uma pequena capela ainda de pé. Rezou pelo descanso da família e agradeceu aos céus por chegar às ruínas. Nesse instante, algo o levantou por trás e o arremessou contra uma das árvores. O estômago bateu com força no tronco, antes de cair e arrastar o rosto no chão. Tentou se reerguer, mas algo pesado como pedra atingiu-lhe as costas e, desta vez, um grito de dor e raiva escapou da garganta dele. Logo uma pontada de dor se irradiava do lado esquerdo das costas à medida que perfuravam a carne, lascavam as costelas, violavam as entranhas. Concentrou-se para ignorar a dor lacerante. Queria se defender, mas o corpo não respondia com a rapidez necessária.

Ergueu-se devagar e se virou.

Arctur o encarava.

– Conforme os termos acertados – disse sorrindo – assim que eu colocasse os pés aqui, vosso juramento estaria terminado. Deste modo, vós não mais vos encontrais sob a minha proteção...

– Desgraçado! – disse William com a voz arrastada. As pernas e braços dormentes.

Arctur se acocorou do lado de William. Os olhos escondidos na penumbra num rosto sereno.

– Ah, camponês. Deu tudo errado – lamentou Arctur, olhando o céu. – Sabe, no fim das contas, não vos ensinei quase nada. Uma pena, não é mesmo? Fica então mais uma última lição de suma importância: estaca no coração é um ponto fraco. Quanto mais velho, mais rápida será a paralisação. Difícil se mover? Mas não ireis morrer por causa do coração empalado.

Em pouco tempo, William parou de sentir os braços e pernas. Tentou se mexer, mas o corpo não lhe obedecia direito. Ainda assim, usando todas as forças, ele conseguiu se levantar para espanto de Arctur.

– Você vai... me pagar... por essa... traição... – disse William.

– Admiro vossa força de vontade – respondeu o nobre, acertou o pé no joelho de William, derrubando-o. – Entretanto, é inútil resistir.

William tentou falar, mas os músculos da boca paralisaram. Arctur o encarava, depois voltou a admirar o céu. Havia culpa no olhar dele?

– Sinto muito. Eu, Arctur de Vernon, sou o demônio com rosto de anjo; um devorador de esperanças! Quando vos encontrei, William... quando vos acolhi como meu pupilo, desejava transformar-vos num assassino perfeito. Impiedoso como eu, implacável como uma besta selvagem, invencível como uma tempestade. Eu desejava me alimentar por mais tempo da vossa dor. Queria saber até onde vossa história de vingança chegaria, até onde vossa sanidade resistiria.

Arctur sentou-se ao lado de William.

– Nem sempre fui este monstro. A justiça de Deus matou os bons sentimentos que um dia tive. Tenho repulsa em ver tal inocência em vós. Seria magnífico ver a vossa queda. Todavia, aprecio vosso lado negro; tão podre quanto essas ruínas.

William encarou o nobre.

– **MALDITO SEJA**! – berrou o demônio dentro de William, dando-lhe forças para saltar e esmurrar a boca do lorde, que cambaleou.

Arctur o fulminou com o olhar, passando os dedos nos lábios.

– Impressionante, mas é tarde demais – disse, desferindo-lhe um soco forte como uma marreta, derrubando-o ao chão.

A força de William se esvaiu. O nobre, então, retirou um saco de pano do bolso e cobriu-lhe a cabeça, que latejava como nunca.

O que aconteceria agora com ele? Terminaria tudo assim, desse modo vergonhoso, depois de tanto lutar por sua liberdade? Deus não permitira que isso acontecesse. Não depois de tudo que passara. Fizera uma promessa e, enquanto estivesse vivo neste mundo, ele a cumpriria. Só então se permitiria morrer em paz.

Estava difícil ficar acordado. Logo, o corpo inteiro se encontrava dormente. A escuridão não tardou a vir e a dominá-lo.

CAPÍTULO ONZE

Um rangido alto chamou a atenção de William para a porta se abrindo devagar. A seguir, arrancaram-lhe o capuz e a luz de tochas perfurou os olhos dele com tamanha intensidade que ele precisou se controlar para não transparecer a dor. Da porta saiu o jovem franzino que invadira o castelo do barão Malthus e o surrara com facilidade. Os trajes verde-escuros limpos e luxuosos combinavam com o porte majestoso do jovem que poderia se passar por filho de um conde. Os presentes se levantaram em silêncio enquanto o garoto erguia o queixo e afrontava-lhe de alto a baixo. A força daquele olhar transmitia respeito, arrogância, medo.

– Diga-me quem é você – falou William, sem ter certeza se deveria ter falado.

William havia despertado momentos antes por causa da dor cortante no peito que libertava o coração dele do empalamento. Tentava se mexer, mas o corpo ainda dormente, não o obedecia. Por sorte ainda estava vivo. Se é que podia chamar de sorte estar imobilizado em um lugar desconhecido. Onde estaria afinal?

O jovem aproximou-se de William, sorrindo cordial como o padre da vila antes de pedir o dízimo.

– Meu nome é Lamert Risley Sahur. Chamam-me apenas de Lam Sahur. O burgo e as terras do condado fazem parte do meu domínio. Aqui minha vontade é lei.

As tochas ao redor do salão ainda incomodavam a vista, mas William reparou nos vultos ao alto, nas arquibancadas; alguns apontavam para ele,

deixando-o desconfortável como se fosse uma atração de festival. Encontrava-se em uma espécie de salão circular de paredes rochosas e chão arenoso. Aqueles que o observavam estavam de pé a frente dele, atrás da mureta de madeira no alto do piso superior. As roupas coloridas variavam desde vestimentas refinadas até panos velhos e apodrecidos. Contou dezoito indivíduos pálidos como cadáveres. Não havia dúvidas de que estava diante de vampiros. Apenas duas mulheres estavam ali: uma moça de cabelos negros, ao lado de um ruivo, e uma loura afastada dos demais.

Sahur virou-se aos vampiros e ergueu as mãos. Neste momento, todos se sentaram ainda em silêncio.

– Hoje, meus irmãos – disse Sahur em tom solene. – Estamos aqui reunidos, como há cinquenta anos não ocorria. Durante décadas mantive a paz neste burgo, nos mantendo ocultos dos olhares mortais. Algozes e vítimas convivendo em perfeita comunhão. Então o que acontece?

Sahur silenciou, encarando os vampiros, como se esperasse alguém desafiá-lo, mas ninguém o fez.

William tentou farejar o ar, mas ainda não conseguia se mover. Nesse instante, a dormência dos membros diminuía. As correntes pesavam no pulso, prendendo-o a argolas de ferro no chão. Um calafrio percorreu-lhe a nuca ao farejar o cheiro forte de carne pútrefa, vômito, sangue, mofo e algo pior que não conseguia identificar.

O jovem, então, voltou a encarar William.

– Acuso-te, William Brennan, de quebrar esse equilíbrio – falou Sahur, apontando-lhe o dedo – Acuso-te de marcar com símbolos demoníacos e expor o corpo do sapateiro. Acuso-te de incendiar a igreja e a estalagem. Por tuas ações inconsequentes um caçador se encaminha para cá. Não um caçador qualquer, mas Lazarus em pessoa.

– Como ousa...? – antes que William continuasse, um vampiro de pele escura, alto e careca encostou a ponta da espada no queixo de William.

– És um pária no nosso meio, William Brennan! – continuou Sahur. – Onde se encontra aquele que te deu o dom da imortalidade para defender-te?

De repente, os murmúrios aumentaram de intensidade. William se levantou em um impulso, mas um par de mãos o empurrou de volta ao chão. O vampiro de pele escura ainda lhe apontava a espada. William girou a cabeça e atrás dele, dois outros vampiros mantinham a guarda. Um louro de rosto quadrado, nariz grande e achatado girava o bastão de uma maça nas mãos; o outro portava cabelos negros como a noite, uma cicatriz profunda no pescoço que chegava perto da orelha esquerda e apontava-lhe uma besta carregada.

A espada no queixo forçava William a encarar o líder dos vampiros, que sorriu desdenhoso.

– Foste um camponês inútil em vida, és um infausto na morte.

Risadas se espalharam como fogo em palha. William cerrou os dentes. Quem eram eles para julgá-lo?

– Isto não significa que podias criar problemas em meu burgo – continuou Sahur com olhar de cão raivoso prestes a atacar.

O jovem continuava a falar, mas William não escutava; as mãos tremiam, enquanto o ódio pulsava dentro das vísceras. “**Deixe-me tratar dele**” – ouviu o demônio bradar.

– Não! – sussurrou William.

“**Dê-me o controle ou morrerá aqui.**”

William hesitou. O coração martelou dentro do peito e a dor da transformação se espalhou pelas entranhas.

– MALDITO! NÃO ACEITO ESTE JULGAMENTO! – respondeu sem saber se era ele quem falava, dando um tapa na espada e calando os vampiros. – QUEM VOCÊ PENSA QUE É PARA ME JULGAR? QUEM TE NOMEOU REI, GAROTO? NÃO PEDI PARA SER UM DE VOCÊS!

Quando se levantou, forçando as correntes que o prendiam, o vampiro louro golpeou-lhe as costas com a maça, derrubando-o. O vampiro de pele escura, então, acertou-lhe as costelas com o pé, obrigando-o a se virar. A seguir, o vampiro cravou a espada na barriga de William, pregando-o ao chão. William arfava de dor quando a lâmina escorregou para fora de sua carne.

– Tens coragem, inseto – disse Sahur.

Com um sorriso na face, o líder continuou:

– Tuas palavras soam como zunido incômodo de uma mosca – disse, estalando os ossos da mão. – És uma besta mesmo. Isto não é um julgamento. Estás aqui apenas para ouvir a tua sentença.

– BASTARDO! EU REJEITO SEU JULGAMENTO, **REJEITO SUA SENTENÇA, REJEITO SUA EXISTÊNCIA**! – berrou William.

A sala caiu outra vez em silêncio quando um urro escapou da boca de William. Sentiu-se leve como nunca e o ódio lhe dava mais forças. Levantou-se e rompeu as correntes. Encarou o vampiro de pele escura, que recuou por breve momento. O coração, desta vez, bateu, não só uma vez, mas duas vezes e William podia jurar que o demônio gargalhava ao lado. A força transbordava; cada músculo agora pronto para lutar.

– Mas que olhos são esses...? – perguntou o vampiro com a maça momentos antes de William lhe acertar um murro na boca.

Nesse instante, William olhou de esguelha para a porta – sua melhor chance de escapar, mas o corpo virou-se para o outro lado como se tivesse vontade própria e partiu para cima de Sahur. Armou um murro, mas o líder dos vampiros se moveu mais rápido e golpeou o olho direito de William, lançando-o ao outro lado do salão. Antes que se levantasse, Sahur já o erguia pela gola.

– Ainda não terminamos, inseto.

O braço de Sahur moveu-se tão rápido, que William só viu um borrão cruzar o ar, antes do outro olho ser golpeado. Os murros do líder mais pareciam marretas acertando-lhe o rosto. Um manto de dor envolveu-lhe o corpo, imobilizando-o, sufocando-o. Cada tentativa de se mover acompanhada de mais dor. O demônio se fora, deixando-o cego e seus ouvidos zuniam como se dezenas de abelhas tivessem ali se alojado. “Deus, não permita que tudo termine assim” – suplicou William.

– Sinto teu medo, inseto – disse Sahur sobrepujando as abelhas. – Mas não vais morrer assim. Vais sofrer lentamente, refletindo sobre a besteira que acabaste de fazer... Ah, novato, achaste mesmo que poderias me enfrentar? Por

teu atrevimento, condeno-te a uma estação na floresta de Haye. Se sobreviveres durante o inverno, nem um dia a menos, estarás perdoado.

William não conseguia mover a mandíbula para responder.

– Nem penses em trapacear. Não te refugie em estradas ou em aglomerados humanos. Meus servos estarão de olho em ti. Levem este inseto daqui. Marquem o braço dele com o meu símbolo para que nunca mais se esqueça deste dia.

William nada entendeu.

Seria aquela a terrível sentença? Ser exilado na floresta? Devia ser uma piada. Não importava. Deus lhe concedera mais uma chance. Sua vingança não seria impedida por ninguém.

Parte II

Danação

CAPÍTULO DOZE

William, agachado às margens do rio, fitava na água o rosto sujo de terra ainda machucado da briga contra Sahur. No olho esquerdo inchado ainda havia a mancha negra deixada pelo murro do garoto. Se ele se movia, o corpo reclamava de dor. A garganta secava de novo e o gosto amargo na boca havia voltado. Passou a mão no rosto agora barbado. Sangue fresco agora seria bem-vindo.

Por quanto tempo esteve nesta floresta, desde que os lacaios de Sahur o enterraram em uma cova rasa perto do rio? Estaria na temível Floresta das Trevas? Não duvidava que o maldito Sahur fosse capaz de tal atrocidade. Olhou para as árvores sem saber se devia se aproximar. Apesar disso, não podia permanecer ali plantado para sempre. Diziam que os troncos da floresta maldita, negros como carvão, tinham sangue correndo dentro deles e que se moviam para atacar os homens de bem. William, ainda hesitante, aproximou-se de uma delas. Sua visão do mundo em tons de verde e cinza, graças aos olhos vampíricos, não permitia dizer a cor do tronco. O que faria? Quebrou a ponta de um galho, preparado para o ataque da árvore que não veio. Nenhum sangue saiu dali. Quebrou mais três galhos para ter certeza. Agradeceu aos céus por não estar na Floresta Maldita.

Deitado agora no chão coberto por um palmo de neve, ainda cego do olho esquerdo, esperava o corpo melhorar. O frio do ambiente não lhe incomodava, era como se o gelo da alma o abraçasse e o protegesse da baixa temperatura. Nesse momento ouvia o voo das aves de rapina à procura de presas, guinchos de roedores, o bater das asas de couro dos morcegos, o incessante lamuriar dos insetos.

William só ousou se levantar quando as dores que o afligiam permitiram. Observou, a seguir, letras negras marcadas no braço direito, mas não sabia ler.

Tocou na marca e cerrou os dentes de dor. Que raio de ferimento seria este?

As entranhas agora queimavam de sede. Olhou em volta, procurando por estradas ou qualquer outra indicação de presença humana. Não havia nem cheiro. Pelo menos não cairia em tentação.

Bufou.

O gosto ralo do sangue dos animais não o agradava, mas por que não usar o exílio na floresta para aprender a conviver com esse sangue? Se conseguisse, não mais precisaria matar seres humanos. Não valia a pena tentar? Talvez pudesse até mesmo purificar a alma, tão maculada agora com o peso de dois assassinatos.

Uma rajada fria de vento o açoitou no braço como um dedo gélido apertando a marca deixada por Sahur. Suprimiu um gemido e amaldiçoou o frio, a floresta, Sahur, a corja de vampiros. A quem queria enganar? O exílio na floresta não seria nada bom. Como ele descobriria o assassino da família preso ali? E Arctur? Nunca o deixaria escapar impune pela traição. Vingança, vingança, vingança. Essa palavra ecoava nos pensamentos. Deus guiaria sua mão contra os inimigos. Contudo, precisava primeiro resolver o que fazer. Se tentasse sair dali, quem o impediria? Fugiria para o vilarejo mais próximo e se estabeleceria até poder voltar. A marca no braço, então, ardeu como se estivesse em chamas. Tamanha a dor, que William caiu de joelho, abraçando o braço.

– JÁ ENTENDI A MENSAGEM! – berrou com os dentes cerrados.

Nesse instante, a dor cessou. Ele ainda ficou ajoelhado até se recuperar. A secura na garganta voltava a incomodar. Não tinha experiência em caçar animais maiores do que lebres por causa da proibição de lorde Truman em deixar os aldeões caçarem cervos e javalis em sua floresta particular. Mesmo para capturar lebres, precisava de armadilhas que ele não dispunha no momento. Como faria então para encontrar as presas? Se subisse nas árvores, veria melhor o campo.

Escolheu um pinheiro com a altura superior a dez homens, e subiu sem dificuldades como se o corpo nada pesasse. Logo, no alto, apoiando os pés em um tronco firme, avistou animais movendo-se mais ao sul, perto da formação rochosa. Não pôde identificá-los daquela distância e a neve caindo mascarava o cheiro. Seriam cervos? Não importava. Precisava de sangue agora. Pulou da

árvore e pousou sem produzir nenhum ruído.

Caminhou para onde avistara os animais e, logo, chegou a uma caverna encravada nas rochas. Havia pegadas na terra e William não gostou de reconhecê-las. O cheiro de urina e carne podre emanando da gruta e o rosnado baixo não deixavam dúvidas: lobos. Já presenciara a morte de um deles frente a um bando de aldeões para evitar que as ovelhas do lorde Truman fossem devoradas.

William hesitou.

Daquela vez era um lobo solitário, magro e doente, contra seis aldeões armados com foices. Agora, seria apenas ele contra um bando de lobos. Mesmo sendo vampiro, poderia sobreviver a esse confronto? Sentiu, a seguir, uma pressão na base do crânio. A sensação indicava o nascer iminente do sol. Não tinha escolha. Pegou um pedaço de pau para servir de porrete e entrou na caverna.

William cerrou os punhos ao redor do porrete improvisado, aventurando-se devagar caverna adentro. Era mais profunda do que imaginava e os ganidos se tornavam mais altos. Ao espreitar na curva, viu afinal os animais. O coração martelou e, logo, os caninos brotaram. Esgueirou-se até o fundo, onde cinco lobos adultos perceberam sua presença, eriçaram os pelos e grunhiram com os dentes à mostra. Tarde demais para reconsiderar – precisava do lugar.

Os dois animais maiores, à frente, avançaram com as bocas escancaradas e William recuou, evitando as mordidas. Ele girou e afundou o porrete na carne macia da barriga de um dos bichos, que uivou antes de tombar. O outro lobo mordeu-lhe a coxa, mas William não perdeu tempo e acertou o focinho do animal, produzindo um estalo seco. O animal se afastou gemendo.

Um lupino veio sorrateiro, por trás, e cravou as mandíbulas no tornozelo direito, esmigalhando o talo e desequilibrando-o. Os dois animais restantes pularam nele. O primeiro mordeu o ombro com fúria e, o outro, o braço que segurava o porrete, derrubando a arma improvisada. No instante seguinte, William caiu e o corpo conheceu a dor de inúmeras mordidas. Não conseguia se levantar, nem pensar ou reagir.

“**Cuidarei disso**” – avisou o demônio que habitava seu corpo.

William urrou, então, um grito saído dos reinos infernais ecoando pela caverna e afastando os animais. Não sabia se odiava mais os lobos ou o demônio açoitando-lhe a alma.

Havia algo errado. Mas o quê? A dor desaparecera. A vista obscureceu e, de alguma forma, ele se movia sem vontade própria, atacando os animais com as mãos. Levantava os animais, dilacerava a carne deles e quebrava os ossos. Logo, os lobos agonizavam. Quando William se ajoelhou e fincou os caninos na barriga de um dos lobos, não sabia mais dizer se era ele ou o demônio que comandava o corpo. O gosto amargo e ralo de sangue animal empapava a língua e ele continuava a sugar na esperança de que, agora, o cadáver da caça lhe fornecesse a sensação quente da vida, mas em vão.

William socou o chão e gritou.

“No que ele diferia das bestas agora?” – pensou. Era um maldito monstro que despedaçava tudo com as mãos sob o comando de um demônio. Quanto tempo mais até perder o restante de sua humanidade? Neste instante, lembrou-se do seu objetivo, da sua desonra, da sua vingança. Precisava agora do sangue ainda fresco daqueles cadáveres. No fim, o traiçoeiro lorde Arctur não deixava de ter razão: o sangue de animais era horrível.

CAPÍTULO TREZE

Quanto tempo havia se passado desde que fora exilado nesta parte da floresta de Haye? Vinte, trinta dias... talvez mais. Do lado de fora da caverna, a camada de neve crescera e endurecera, indicando que o inverno chegava ao auge. No interior da caverna, a pilha de lobos mortos, com os pelos ensanguentados e as vísceras expostas, petrificara devido ao frio. Os olhos esbranquiçados dos cadáveres fitavam William como se zombassem da desgraça dele. Ainda assim, William continuava a caçar animais. O gosto ralo desse sangue frio silenciava a sede do corpo, mas não deleitava o vício maldito da alma.

Deitado agora nos seixos, William fitava o teto rochoso, pensando no que fizera para merecer tantos tormentos. A mãe e três irmãos, Alan, Gilbert e Peter, estavam mortos, enquanto o pai, os dois irmãos mais velhos e a pequena Sarah desapareceram. Ele próprio transformou-se numa criatura amaldiçoada. Agora, um demônio tentava se apossar aos poucos do seu corpo, obrigando-o a se tornar um assassino. Traído pelo nobre que o acolheu, julgado por uma horda de vampiros por crimes que não cometera e exilado na floresta. O que mais podia dar errado?

No momento, a garganta voltava a secar. Queria apenas esquecer a dor que lhe afligia a alma e agradecia, ao mesmo tempo, a Deus por não haver nem rastros de pessoas por ali. O único que merecia morrer pelas suas mãos era o assassino da sua família.

William, então, saiu da caverna, munido com o porrete manchado de sangue. Logo farejava a catinga repulsiva de javali. Ele esgueirou-se atrás de uma árvore, espreitando a caça revolver a terra perto de uma moita. O suíno impunha respeito pelo tamanho avantajado e presas enormes como adagas.

William não se preocupava; aprendera nesse exílio que bastava golpear com bastante força a base do pescoço do animal para matar.

No momento que William saltou, segurando o porrete acima da cabeça, o javali correu moita adentro. William descobriu, tarde demais, que saltara em direção a um barranco. Rolou ladeira abaixo até bater o nariz no chão. Ao se levantar, cuspiu terra e neve. Ignorando a dor, ele pegou o porrete caído ali perto e procurou pelo javali, mas nada achou. Nem pegadas, nem cheiro.

"Maldição" – pensou com raiva, acertando o porrete na neve. Seria possível o animal sumir sem deixar rastros na neve? Não desistiria assim tão fácil.

De repente, alguém soluçou atrás dele. Uma criança? O soluço logo transformou-se num pedido de ajuda. William virava a cabeça de um lado a outro, buscando o paradeiro da criança. A nevasca engrossava, dificultando a visão.

"Deus não permitirá que eu mate novamente."

O choro vinha do descampado à frente. Quando William entrou na clareira, não encontrou ninguém, mas ainda assim o pranto continuava. Avistou, então, a criança na borda oposta da clareira, encolhida perto de uma árvore, quase oculta entre os flocos de neve. O rosto escondido pelos pequeninos braços deixavam os cachos castanhos caírem sobre os ombros. Aos poucos, a criança levantou a cabeça. Os olhos azuis, inchados e avermelhados, passaram a encará-lo.

William estancou. Seria mesmo verdade ou alguma cilada do demônio?

– Sarah? É você, minha irmã?

– Will, onde você estava? – perguntou ela, levantando.

Ele agachou, abrindo os braços para abraçá-la, mas a menina recuou com um olhar de ódio tomando conta das feições angelicais.

– O que foi, Sarah?

– VOCÊ É UM MONSTRO, WILL! VOCÊ ME ABANDONOU NAS

MÃOS DOS HOMENS MAUS! POR SUA CULPA PAPAI E MAMÃE NOS DEIXARAM! – berrava ela. Lágrimas escorriam pelas bochechas.

William se aproximava devagar. Precisava acalmá-la, afinal, talvez ele fosse o único membro ainda vivo da família. Afagou, então, os cabelos despenteados de Sarah e a abraçou.

– Quem os matou, Sarah?

– Você... nos abandonou, Will... – soluçava ela. – Você é... o culpado...

– Nada de ruim vai acontecer – disse, sorrindo.

A menina limpou o nariz com as mãos, parando aos poucos de fungar e voltou a encará-lo.

– Mentira! – acusou ela. O corpo se tornando translúcido.

Ao tentar segurá-la, William atravessou através dela.

– Você é o mal – disse Sarah. – Nossa família morreu e nada mais importa!

– SARAH, VOLTE AQUI! – berrou ele. – NÃO ME DEIXE!

Ninguém respondeu.

William não sabia o que pensar. A irmã morrera e viera assombrá-lo? Por que o acusou de ser o mal? As palavras dela machucaram-lhe mais do que os golpes de Sahur. O que significava “nada mais importa”? Será que deveria abandonar a vingança e buscar a redenção da alma? Berrou mais uma vez pela irmã.

Nesse momento, uma risada gutural soou atrás dele. William virou e avistou um homem esguio espreitando atrás das árvores, o corpo envolto pela nevasca. O cheiro de podridão indicava ser um vampiro. Seria um lacaio de Sahur?

– Quem é você? – perguntou, cerrando os punhos.

O sujeito se aproximou, revelando o corpo de ombros caídos e costas arqueadas coberto por uma manta fedendo a urina. Dúzias de moscas o rodeavam. O andar do sujeito, com os braços soltos ao lado do corpo, lembrava um animal.

– Não irei perguntar de novo – avisou William.

Nesse intante, o sujeito levantou as mãos imundas de unhas sujas que mais pareciam garras e parou.

– **Ah, Will**… – a voz do estranho soava arrastada, rouca como um grunhido animalesco. – **Quanta tristeza perder a querida irmã de novo** – zombou.

– Afinal quem é você?!

O estranho riu. William cerrou os punhos.

– Você é o monstro que a perseguia! O demônio que matou a minha família!

O vampiro parou de gargalhar e o encarou.

– **Incrível que não me reconheça, Will**.

– O QUE FEZ À MINHA IRMÃ?!

William mirou um soco no rosto do inimigo, que pulou para trás. William, então, avançou, mas o inimigo se esquivou dos murros e ainda lhe acertou um soco na face esquerda, derrubando-o.

William levantou rápido, saltou e acertou o ombro no peito do adversário, que recuou. Golpeou-lhe o peito mais três vezes, derrubando afinal o estranho.

– DESGRAÇADO! VOCÊ ME AMALDIÇOOU! – acusou William, acertando as costelas do inimigo com o pé e lançando-o contra as árvores.

O estranho levantou e passou a mão na boca.

– **Nada mal, Will**. **Aprecio ver você tentar me deter**.

Os dois, então, trocaram socos ao mesmo tempo. Tudo que importava a William era esmurrar e permanecer de pé. De repente, compreendeu que só atingia o adversário porque ele assim o permitia. O estranho, então, lhe acertou o pé na cabeça, derrubando-o. Achava que perderia a luta, mas o estranho apenas recuou.

– Por quê? – perguntou William, levantando.

– **Vou explicar**.

Ao levar um tapa no rosto, com as costas da mão do estranho, William tombou. A cabeça dele pesava como pedra, enquanto o inimigo o levantava pela gola.

– **Eu**... – deu outro tapa no rosto de William – ...**faço**... – as garras rasgaram-lhe o peito – ...**porque**... – um soco direto no queixo – ..**eu**... – um murro bem nas costelas – ...**posso**!

A dor o impedia de pensar direito. O peito ofegava, as costelas espetavam as entranhas.

O inimigo agachou ao lado dele.

– **Não sou seu criador nojento**! **Sou mais do que isso, *William Brennan***! – disse, deixando a manta cair.

O rosto que se revelou se encontrava imundo de terra com sangue seco ao redor da boca e no cabelo castanho ensebado. Os olhos carregavam ódio.

– **Não me reconhece**? – grunhiu o estranho.

William se levantou. Não acreditava. Este jovem animalesco, na verdade, era... Não podia ser. O mesmo rosto que ele via no reflexo d’água. O que acontecia ali?

– **Surpreso, Will**? – perguntou o estranho sorrindo.

– Quem é você?

Os olhos do inimigo queimaram rubros como brasas em um fundo negro. William recuou.

– Você é o demônio que me atormenta!

– **Não estou a serviço de Lúcifer. Desejo apenas honrar minha família! Sou o monstro que você precisa se transformar se quiser obter a vingança. Chama-me de William das Trevas**.

– Eu sou você?!

– **Você é apenas um gentio de baixo escalão, fraco e desprezível. Logo tomarei conta deste corpo e irei atrás do maldito assassino, de Arctur e Sahur**.

A visão de William embaçava.

– Que história é essa?! – ganiu.

William das trevas gargalhou deixando à mostra os longos caninos afiados.

– **Você me libertou no dia da revolta e, depois me aprisionou porque teve medo do que eu podia fazer. Mas, não tenho pressa; cedo ou tarde, você perceberá o quão é inútil lutar contra o destino**.

– O que...?

– **Quando se libertar dessas frágeis correntes da moralidade, sua humanidade se perderá e esse corpo será meu**.

– VÁ EMBORA! – berrou William.

– **Ainda não entende, Will? –** perguntou William das Trevas sorrindo. – **Quem salvou sua pele dos lobos naquela caverna? Quem falou para se lembrar da casa dos Damsell e tirou você da masmorra? Quem se impôs naquele julgamento ridículo do Sahur? Eu*, o verdadeiro William*.**

– Por que veio aqui?

– **Esqueceu da promessa feita diante do túmulo de minha mãe? Lamentar-se não vai levar você a nada**.

– Você sabe quem ele é? – perguntou William.

– **Lembro-me da revolta, mas não consigo relembrar o rosto do maldito. Algo bloqueia meus pensamentos**.

– O que aconteceu com o pai?

– **Descubra você mesmo**!

– CONTE-ME! – bradou William, armando um soco.

Contudo o demônio se moveu mais rápido e esmurrou o peito de William, derrubando-o de novo.

– **Não pode me derrotar** – disse o lado sombrio. – **Quer saber o que aconteceu**? **Olhe dentro das trevas e encontrará as respostas**.

– Desapareça!

O lado negro, porém, cravou-lhe as garras no pescoço e o levantou.

– **As coisas não serão como antes, Will. Sei que o pensa, sonha, teme. Pode me odiar, pode me temer, mas precisa de mim**.

William das Trevas, então, estendeu uma das mãos e atravessou-lhe a barriga como se fosse um fantasma. Onde a mão entrou, surgiu uma fenda na carne que logo sugou o lado sombrio para dentro de William. A fenda agora aumentava de tamanho, despedaçando-lhe o corpo.

Neste momento, despertou no chão rochoso da caverna.

O encontro com William das Trevas foi real? O demônio tentaria mesmo tomar-lhe o corpo? A irmã queria redenção, William das Trevas, vingança. Qual rumo escolher? “Que estupidez” – pensou. Tudo não passara de um sonho. Ainda assim, as dores que sentia pelo corpo teimavam em lhe dizer o contrário.

O voo barulhento dos morcegos devolveu-lhe à razão. Não se lembrava

de morcegos por ali quando abateu os lobos. Como podiam se movimentar frente a tamanho frio?

Saiu da caverna. O ar fresco lhe acalmaria. Do lado de fora, montes de neve rígida passavam da altura das pernas, dificultando a caminhada. William fitou a lua, cujo brilho iluminava o céu, ofuscando as estrelas. Pensava se o natal já teria passado. No ano passado, a mãe fizera ganso assado com cebola e maçã amassada para a festividade.

Agora, observava a própria imagem refletida no rio. Não queria pensar em tragédias ou vingança, nem em pecados ou arrependimentos. De repente, o estalar de um galho interrompeu os pensamentos. Atrás de si, o zunido de uma flecha cortava o ar direto para ele. Willam saltou sobre o rio e pousou ileso na margem oposta. O instinto havia lhe salvado mais uma vez.

William virou-se e encontrou na outra margem um homem coberto da cabeça aos pés por um manto esverdeado, portando uma espada longa de lâmina cor de chumbo.

– Por que me atacou?!

O homem, então, fincou a espada na areia e removeu o capuz, revelando o rosto de boca fina circundada por um cavanhaque, um nariz torto e uma cicatriz longa indo debaixo do olho direito até perto da boca.

– William Brennan, eu suponho. Sou John Lazarus. É bom que saiba quem sou antes de morrer.

William cuspiu ao chão.

– Por que está aqui? – perguntou.

Os sentidos de William voltaram a se confundir. Quanto tempo fazia que não se deliciava com sangue humano? A garganta seca, em resposta, arranhava como se atravessada por uma espinha de peixe. Ainda assim, hesitou.

“**O que está esperando**?” – perguntou William das Trevas.

“Não irei matá-lo” – rebateu.

“**Mas eu irei.**”

O coração de William martelou no peito. Já a mandíbula se extendia e os caninos alongavam. Desta vez, ao contrário dos tons verdes e cinzas, um mundo de cores se abriu diante dele. As pernas agora não lhe obedeciam e o fizeram saltar ao outro lado da margem.

“**Venha, Will**. **Vamos nos divertir.**”

William tentou falar, mas a boca não se moveu.

A paralisia o angustiava, tornava-o um reles fantoche. “Deus” – clamou – “Quanto isso terá fim?” Sabia que William das Trevas mataria por prazer e só pararia quando se saciasse com o sangue daquele humano. A William, só cabia rezar e esperar que os céus tivessem piedade.

Os lábios de William se repuxavam para o demônio sorrir malicioso.

– **Vai atacar um oponente desarmado**? – perguntou William das Trevas.

Lazarus o encarava, os olhos crispados.

– Vossa laia não merece compaixão – proclamou Lazarus, pegando uma besta carregada das costas.

A seguir, Lazarus disparou a arma e a flecha atingiu o joelho esquerdo de William com a força de uma marretada. William das Trevas arqueou, urrando de dor. Arrancou, então, o cabo da flecha, urrando mais uma vez. William Brennan admirava a coragem do caçador.

Não havia traço de sangue no corte e o joelho já se curava. Quando o demônio levantou a cabeça e encarou Lazarus, outra besta carregada apontava ao peito de William. Se o disparo o atingisse no coração, a luta terminaria. Desta vez, no exato instante que Lazarus apertou o gatilho, William desviou para o lado. Ainda assim, a seta atravessou a barriga de William e um filete de líquido negro e fétido vazou da ferida.

O caçador largou a besta e empunhou a espada.

– Com esse joelho destroçado não podereis fugir da minha sagrada Heland.

– **A espada tem nome; lindo isso. Você trepa com ela também?** – respondeu William, se apoiando no pé direito, enquanto arrancava a seta da barriga.

Ficaram frente a frente, a neve cobrindo-os pouco acima do joelho, encarando-se. Mesmo sendo mais forte, como William lutaria desarmado e com o joelho latejando?

Sendo assim, o caçador girou Heland para lhe atingir no pescoço. Foi por pouco, mas William das Trevas se esquivou ao pular para trás. Lazarus atacou de novo. Desta vez, William jogou-se para o lado. Levantou-se o mais rápido que pôde com aquele joelho danificado. Precisava ficar fora do alcance da Heland até Lazarus abrir uma brecha. Acabou acuado contra uma árvore.

– Deus, tende piedade dessa alma imunda – disse o caçador, avançando com a espada como se fosse uma lança na direção da barriga de William.

No último instante, William saltou, agarrou-se a um galho e acertou o pé esquerdo no rosto de Lazarus. O caçador rolou de volta para a margem do rio. Heland ficara cravada na árvore.

William das Trevas pousou, afundando os pés na neve, e suprimiu um gemido de dor por causa do joelho. Já o caçador, levantava-se e limpava o sangue do canto da boca. O rosto sujo de terra, marcado com a ponta da bota de William na face direita, sorriu.

– Nunca vi vampiro com tal brilho demoníaco nos olhos – disse, cuspindo sangue no chão e retirando uma adaga das botas. – Entretanto, Deus está sempre ao meu lado.

– **E daí? Eu irei**...

“Fazer nada” – disse William Brennan, disposto a retomar o controle. Aquilo já tinha ido longe demais. Lutava agora para romper a paralisia imposta pelo demônio.

– **Não permitirei**! – ganiu William das Trevas sem controle sobre a

tremedeira das mãos.

Assim que a imobilização cessou, o mundo voltou a se tornar cinza e verde perante seus olhos e William Brennan voltava a ser dono das suas vontades. Mesmo com as entranhas clamando pelo sangue de Lazarus, não mataria aquele homem. Recusava-se a passar o resto das noites matando inocentes para o deleite do demônio. No entanto, o vício maldito precisava ser saciado. Não seria, então, melhor morrer agora? Deus teria mandado esse homem para acabar com seu sofrimento? Se morresse agora, ele poderia encontrar a paz. William silenciou esses pensamentos. Lutaria mais tarde para se livrar da maldição, mas, antes, precisava vingar sua família.

Fitava agora o caçador, que abria caminho na neve, aproximando-se devagar. William ofegava, a força se esvaía. Como Arctur dissera, talvez o sangue ralo dos animais não o sustentasse por mais tempo; talvez o demônio estivesse bloqueando as forças como forma de vingança. Não importava. Queria apenas ir embora.

– Diga-me, Brennan, como pode sustentar uma meia transformação? – perguntou o caçador. – Como pode esconder o brilho demoníaco dos olhos? Afinal quem sois vós?

– Sou apenas um camponês amaldiçoado – respondeu William. – Um gentio que perdeu a família e que busca vingança contra o maldito assassino.

William retirou a espada da árvore e a brandiu na direção do humano.

– Como vai atacar desarmado? – perguntou William.

– Vos matarei usando a Heland.

Tinha que reconhecer: o caçador era audacioso e estúpido.

De repente, uma dor dilacerante se apossou da mão empunhando a espada. Parecia que mil agulhas tinham sido fincadas na mão, obrigando-o a largar a arma, que afundou na neve. Que feitiço seria esse? O símbolo do peixe pascal, adornado no cabo da espada, se encontrava também na própria carne como se gravado a ferro em brasa. Linhas negras, então, se ramificavam e rastejavam sob a pele da mão em direção ao pulso, causando dor intensa e o aterrorizando.

– Não podes tocar neste santo artefato – disse Lazarus. – Esta espada foi forjada com os pregos da cruz de Cristo. Entendeis a plenitude disto? O sangue de Cristo, o Filho de Deus, faz parte dela.

– Não acredito! – respondeu William entredentes. Os veios negros já chegavam ao antebraço e engrossavam.

– Vosso sofrimento acabará em breve – disse o caçador mais próximo.

William apertava o antebraço, tentando impedir o avanço do negrume. Lazarus lançou a adaga, mas William desviou a tempo, jogando o corpo para o lado e rolando sobre a neve. Assim Lazarus chutou-lhe o joelho lesado, impedindo-o de levantar. A bota do caçador acertou-lhe as costelas três vezes.

O caçador, então, se afastou e pegou Heland.

William, ofegante, tentou se levantar, mas acabou se ajoelhando, apoiando uma das mãos no chão. Precisava sair dali. Se alcançasse a outra margem, poderia fugir. Não sabia se teria forças.

Lazarus levantou a espada acima da cabeça. Nesse ínfimo instante, William deu uma cabeçada na barriga do caçador, que largou a espada, emitindo um gemido baixo.

– Não escaparás – sussurrou o caçador.

Mesmo com o antebraço tomado pelo negrume e dor como se estivesse dentro de um ninho de vespas enfurecidas, mesmo com o joelho destroçado e as costelas arranhando os pulmões, William se levantou e acertou a cabeça no rosto do caçador, derrubando-o. Em seguida, William se abaixou, acertando dois socos no nariz torto do mortal. Sangue sujou-lhe o punho. Lambeu, então, a mão e o gosto do sangue inebriou o paladar. Precisava de mais. Porém, o caçador ergueu um crucifixo metálico. De imediato, o reflexo feriu-lhe os olhos e repeliu William para trás. Por instantes, uma luz branca cobriu o corpo do caçador. O antebraço de William, tomado pelos veios negros, latejou como se fosse esmigalhado entre duas pedras.

Lazarus se ajoelhou, respirando com sofreguidão. Fincou Heland no chão, murmurando em latim, enquanto a força invisível repelia William para longe. Era o momento certo para fugir. Cambaleando e segurando a mão

machucada junto ao peito, William se aproximou da margem. Antes que tentasse pular, o caçador girou a espada em arco, pronto para lhe retalhar a carne. William girou o corpo no último instante, apoiando o peso no joelho machucado, que estalou, e golpeou as costelas do humano, lançando-o no meio do rio.

– MALDITO! – disse Lazarus arrastado pela correnteza.

William não esperaria o caçador sair do rio e correu floresta adentro até quase amanhecer. Só então respirou aliviado. Deitou-se e fitou o céu negro apinhado de morcegos. Quando criança, matou vários deles a pedradas por achá-los demoníacos, mas agora não pareciam monstros. Assim como ele, eram apenas predadores lutando pela sobrevivência.

A mão tomada pelos veios negros ainda latejava, impedindo-o de mexer os dedos. Logo, os veios negros se abriram em fendas profundas na carne, exalando um cheiro pútrefo. Um grito de terror escapou-lhe da garganta.

Até onde iria aquele feitiço? Perderia a mão? Fechou os olhos e rezou. Por um momento imaginou se a espada seria mesmo santa. Se fosse verdade, poderia livrá-lo da maldição. “Bobagem” – pensou. O assassino ainda se encontrava impune e ele só se permitiria descansar quando a justiça fosse feita. Agora precisava banhar a goela com mais sangue.

† ‡ † ‡ †

Três noites se passaram desde a luta contra Lazarus. O joelho destroçado pela flecha do caçador ainda não se recuperara. Os veios negros quase desapareceram, e, embora, mexer os dedos ainda doesse, já não doía como antes. William habitava agora uma nova caverna. Esperava assim evitar que Lazarus o encontrasse.

Nesta noite, caçou quatro ratos silvestres. Um a um, arrancava as cabeças e tomava do sangue. Não tomou do último roedor, aquilo estava intragável. De repente as mãos tremeram sem controle. A cabeça doeu como se uma pedra o atingisse na testa e as pernas fraquejaram, derrubando-o. No momento em que tentou se levantar, o corpo paralisou por completo.

Perdeu a noção do tempo. A ventania batia no peito desnudo e penetrava nos rasgos da calça, mas o frio não incomodava, e, sim, os ratos que se aninhavam agora dentro das vestes. Queria esmagar os pequenos desgraçados

que lhe mordiscavam a carne.

Então, um pensamento sombrio causou-lhe calafrios na espinha.

Até quando ficaria neste estado? E se aparecesse um urso ou um bando de lobos? Estaria paralisado assim por beber do sangue ralo e frio de animais? Seria esse o significado do exílio? Enfraquecer o corpo com esse maldito sangue até ficar indefeso. Maldito Sahur, maldito Arctur!

A ventania agora varria o ar, por vezes em rajadas frias e violentas, açoitando as rochas e mostrando a força da nevasca. A goela arranhava de sede e as entranhas se contraíam, clamando por sangue. Notou sem saber o porquê, o sumiço dos morcegos. Como as bestas voadoras saíram sem ele ver? Por que se aventurariam no frio? Por que pensava sobre isso? Precisava recuperar o controle do corpo.

“**Por que não me pede ajuda**?” – sibilou William das Trevas.

“Não confio em demônios.”

“**Ora, Will, apenas desejo ajudar.**”

“Então saia do meu corpo” – rebateu William.

“**Não é uma questão de escolha. Também gostaria que deixasse meu corpo.**”

“Por que me ajudaria?”

“**Sinto sede.**”

Ao dizer isto, os pés de William enrijeceram. A seguir, como se presas por mandíbulas de lobo, uma dor dilacerante tomou conta das pernas. A sensação subiu-lhe a cintura e atingiu braços, mãos, peito, pescoço. Já com a garganta fechando, um grito lhe subiu das entranhas, escapando e ecoando pelas rochas.

De repente, seu corpo, parecendo possuído por uma força que não a sua, sacudiu e a dor, assim como veio, se foi. William, por fim, se levantou, pegou um rato de dentro da roupa e dele bebeu o sangue.

Maldito demônio! Até quando seria obrigado a conviver com ele? Rezar não adiantava. Por que Deus escutaria seres impuros? Precisava se livrar de William das Trevas antes que perdesse o controle sobre o corpo.

Esta noite, metade da entrada da caverna se encontrava soterrada pela neve. Isso não impediu William de sair e subir a colina. Utilizando as árvores como apoio venceu até mesmo os trechos mais íngremes. Logo alcançou o topo.

Os uivos lamuriosos de lobos preenchiam a noite cinzenta, enquanto a neve caía em flocos suaves. O vento açoitava-lhe a pele, mas ele permaneceu ali até a neve parar de cair. Mirou, então, o tapete branco de neve cobrindo a floresta até onde a vista alcançava. Daquela altura, o rio parecia um filete d'água. Ao longe, belos lobos cinzentos se locomoviam sobre a neve. Conseguiria ver o burgo de Stanwell dali?

Lembrou-se dos conselhos do pai. "*Nunca saia quando o clima estiver assim. O vento é tão frio*" – dizia – "*que quebra seus ossos antes que você possa se arrepender dos pecados*." Nestas noites a família dormia abraçada na palha seca, rodeada pelos cordeiros para se manter aquecida. A fogueira, no centro da casa, também ajudava, embora a fumaça irritasse os olhos. Antes de voltar às terras de Truman, na companhia de Arctur, temia que sua família o rejeitasse pelo monstro que se tornara, mas, agora, daria tudo para vê-los uma última vez.

Fechou os olhos, e, desta vez, lembrou-se de que no dia da revolta preparava a terra junto aos irmãos e o pai para a semeadura da cevada. Quando voltou para casa ao entardecer daquele dia nublado, encontrou as cabeças dos três irmãos Rocks, seus amigos de infância, empaladas no meio da vila. O capataz, protegido por dois cavaleiros, falava:

"*Lorde Truman lamenta profundamente as mortes desses jovens, mas seus desejos não podem ser contrariados por gentio de baixo escalão*" – disse, antes de ser apedrejado na cabeça.

Os aldeões gritavam, levantando paus, pedras, foices na direção dos cavaleiros. Enquanto um deles fugia para o castelo, os camponeses cercaram o outro, que acuado, fincou a espada no velho Silas. Cego pela raiva, William atirou uma pedra no rosto do patife. A multidão enfurecida atacou o cavaleiro. O capataz correu, mas os camponeses o derrubaram e ele apanhou até o rosto virar uma massa sanguinolenta de carne.

O pai dele, Jeremy, ordenou que William, Nathan e Ralph o acompanhassem. Quando alcançaram a turba, o moinho já queimava e o padre Lion corria até eles, dizendo que Deus os condenaria ao inferno por se rebelarem contra o nobre. Sob uma chuva de pedras, o sacerdote se trancou na igreja, enquanto o pai dos irmãos Rocks jogava sua tocha no telhado. Seria esse ato a causa da maldição de William?

Não lembrava de mais nada. Abriu os olhos e se deparou com o abismo. Poderia ele sobreviver a uma queda desta altura? Se Deus estivesse ao lado dele, ele sobreviveria. William se jogou no precipício. O corpo agora girava no ar, quando, de repente, bateu em algo duro como uma pedra. Os ossos pareciam ter se quebrado. Logo a correnteza gélida do rio o arrastava. As águas lamacentas o impediam de ver e não sabia mais onde era a superfície ou o fundo. De repente, a cabeça bateu em algo, o pescoço estalou. Ao gritar, água desceu, queimando-lhe a goela.

Não sentia mais as pernas. O que estava acontecendo? Ficava cada vez mais difícil pensar. Precisava sair do rio, mas não tinha forças. Só lhe restava deixar-se arrastar pelo rio. Seu destino estava, mais uma vez, nas mãos de Deus.

CAPÍTULO CATORZE

Ao sentar, William se descobriu em uma clareira; as costas aquecidas por uma fogueira, cujas chamas davam uma tonalidade alaranjada ao ambiente. Vestia roupas limpas, uma tala agora cobria a perna direita e uma faixa de pano encardido protegia as costelas ainda doloridas. A sensação de fome era pior do que a dor, parecia ter gelo alojado nas entranhas e temia paralisar de novo como na caverna. Ao se levantar, a base da nuca latejou como se uma pedra o tivesse atingido, indicando haver perigo ali.

– Boa noite, rapaz – disse uma voz vinda de trás. – Conseguiste descansar? Os ossos quebrados irão demorar mais tempo para sarar, mas pelo menos o ombro já coloquei no lugar.

Ao virar-se, William encontrou, sentado numa pedra, um homem corpulento de ombros largos e roupas azuis caras. O rosto quadrado sustentava o nariz grande, a barba bem aparada e longos cabelos grisalhos. O tom pálido da pele e o cheiro pútrefo revelava ser um vampiro. O que esse aí queria? Para a nuca de William latejar deste maneira, boa coisa não viria.

– Não lhe farei mal – disse o desconhecido, levantando.

– Quem é você?

– Reinald Ferrer Gall.

Nesse momento, um cheiro inebriante fez William salivar. De onde vinha tão saboroso odor?

– Onde... estamos? – perguntou sem saber o porquê, talvez para disfarçar,

enquanto reparava na carruagem parada ao fundo da clareira, onde um velho dormia no banco do cocheiro.

– Aquele é Nigel Hiker, meu criado.

William, então, saltou em direção ao cocheiro; o coração bateu uma vez, os caninos se alongavam. Depois de tanto tempo no exílio, merecia tomar sangue humano. Os braços esticados, prontos para quebrar o pescoço do cocheiro. Ainda no ar, Reinald apareceu na frente dele e o golpeou no peito, arremessando-o contra uma árvore.

– Afaste-te – disse Gall.

William partiu para cima do vampiro, levantando os punhos para golpear o adversário no rosto, mas Reinald apenas se desviou. William girou e voltou com o cotovelo pronto para acertar-lhe o nariz. O adversário foi mais rápido e deu-lhe apenas um tapa no braço, desequilibrando-o. Antes que pudesse se firmar, o pé do novo inimigo golpeou-lhe a parte detrás do joelho, derrubando-o.

– Desista. Nunca ireis me vencer – disse Reilnald Gall, afastando-se.

William bufou, levantando sem tirar os olhos do inimigo. Era apenas impressão ou havia uma sombra de sorriso no rosto de Reinald?

A nuca latejava, mas ele ignorou.

Desistir? Jamais. Nada era mais importante do que provar o sangue daquele velho.

Armou, então, mais um soco. De novo o desgraçado sorrindo apenas se desviava. Como o vampiro ousava zombar dele?

– O que está acontecendo? – perguntou, de repente, o velho.

– Cale-se, serviçal! Logo, logo seu sangue será meu – William apontou, então, para Reinald. – Pare de sorrir!

– Vem cá silenciar este sorriso.

Num piscar de olhos, Reinald esmurrou-lhe as costelas, forte o suficiente

para fazê-lo expelir o ar do peito. William não conseguia mais firmar as pernas e se ajoelhou na neve, tentando recuperar o fôlego.

Partiu de novo para a briga. Se fosse preciso, transformaria a dor em ódio para lutar pelo sangue que, por direito, era seu. Usando a velocidade sobrenatural que ele ainda não havia se acostumado, tentou uma nova sequência de socos. Por pouco não acertou o rosto de Reinald.

– Melhorou – disse Reinald, acertando-lhe um murro no rosto.

O rosto latejava agora como se tivesse sido apedrejado.

– Entregue o criado ou você será estraçalhado aqui mesmo pelo demônio que habita meu corpo – disse, cuspindo ao chão.

– Demônio?! – perguntou Reinald ao desviar de mais um soco de William. – Um récem-criado como tu jamais intimidarias um vampiro com mais de três séculos de existência.

– Não me importa se você tem cem, trezentos ou quinhentos anos! Desejo apenas que fique parado para que eu possa socá-lo! – esbravejou William.

– Minha paciência está se esgotando, rapaz – respondeu Reinald depois de desviar com as mãos os dois golpes de William em direção ao seu rosto.

– E daí? – devolveu William.

Ao tentar acertar Reinald, o vampiro apenas lhe segurou o punho com uma das mãos. Em seguida, o inimigo girou, arremessando-o de encontro ao chão. As costelas queimavam, mas de novo, William levantou, mal controlando o tremor nas pernas. O maldito aristocrata desapareceu.

– Perdeste algo? – perguntou Reinald, atrás dele.

William virou-se com o cotovelo pronto para afundar na barriga do nobre, mas Reinald de novo absorveu o golpe com a palma da mão. Com a outra mão, golpeou-lhe as costas, derrubando-o mais uma vez.

– Basta – disse o vampiro, afastando-se. – Nigel, é tempo de irmos.

Ao se apoiar nos braços para levantar, as costelas de William lhe arranhavam a carne. William das Trevas passou a exigir liberdade. Ele apenas ignorou o demônio.

– Aonde pensa que vai? – perguntou William, esforçando-se para continuar de pé.

Reinald continuou caminhando para a carruagem, onde Nigel com as rédeas nas mãos já se posicionara no banco do cocheiro. Quando William das Trevas bradou que derrotaria este inimigo, William vacilou.

Quem aquele aristocrata arrogante achava que era para tratá-lo assim? Será que não entendia o quanto precisava do sangue? Agora, Reinald entenderia da pior forma possível. Afinal percebeu que queria tomar o sangue de um velho inocente, um filho de Deus. Pensava em matar sem mais nenhum pudor ou culpa. O que ele se tornara? Entretanto, era tarde demais para se arrepender de libertar William das Trevas.

William, então, jogou a cabeça para trás e gargalhou uma risada animalesca. Ficou satisfeito em ver Reinald parar de andar, enquanto Nigel se encolhia no banco do cocheiro.

A vista de William falhava à medida que perdia o controle do próprio corpo. A cabeça pendeu com o queixo indo de encontro ao peito. A risada perdia força à medida que o ódio de William das Trevas queimava em seu interior como uma fornalha.

William se descobriu agora em um lugar escuro e silencioso. Onde estava? De repente, um pensamento o assustou: se perdesse o corpo para William das Trevas, ficaria ali para sempre? Tinha que se livrar logo daquele demônio.

William das Trevas levantou o rosto devagar, afastando para trás a parte do cabelo que lhe cobria os olhos e encarando Reinald. Os lábios repuxando-se em um sorriso rasgado.

– Todos me trataram como excremento. Primeiro o parvo do Lorde Truman. Depois descobri que o bispo é uma erva daninha pior do que os nobres. A seguir, veio a traição dos seres da minha espécie. Agora, você me impede de tomar o sangue humano. Não é engraçado?

– Que brilho estranho no olhar tu carregas – disse Reinald.

– **Não importa! Colocarei seu nobre traseiro no devido lugar**.

– Então, és o demônio mencionado a pouco?

– **Nunca conheci o inferno** – disse William das Trevas disparando para cima do nobre.

Desta vez, o murro quase acertou o rosto do inimigo. O segundo soco também não acertou, por pouco, o peito de Reinald. O demônio avançava com golpes rápidos, obrigando o adversário a recuar.

– **Cadê seu sorriso desdenhoso, nobre?** – zombou William.

Reinald, de repente, acertou um murro no rosto de William, que apenas virou a cabeça para o lado.

– **Só isso?** – disse William das Trevas sorrindo.

Reinald arregalou os olhos, antes de o demônio acertar-lhe uma joelhada no estômago e esmurrar, a seguir, seu rosto, lançando-o de costas ao chão. Antes de cair, Reinald se impulsionou com os braços e caiu de cócoras no chão.

– **Estou apenas começando** – disse William, avançando.

Entretanto, desta vez, Reinald se esquivou de todos os socos.

– Nunca vi um novato lutando como um vampiro de cem anos.

O nobre, então, esmurrou-lhe o peito, afundando as costelas. Agarrou-o, a seguir, pela garganta e o jogou no chão com força suficiente para afundar-lhe o corpo na terra. Mais golpes vieram. William se encolheu, mais parecia que um touro pisoteava-lhe o corpo. Antes que pudesse se defender, fugir ou pensar, apagou.

† ‡ † ‡ †

Ao despertar pelo trotar dos cavalos, William descobriu-se sentado dentro de uma carruagem. Um feixe de ervas circundava o peito, cujos ossos

ainda latejavam.

– Enfim acordaste – disse Reinald sentado à frente. – Posso saber teu nome?

– William Brennan – respondeu, fitando a janela. Achou estranho a forma como a paisagem se movia rápida do lado de fora, o que o desnorteava. – Por que estou aqui?

– Não julguei certo abandonar-te na floresta.

– Sinto ter atacado o velho, mas agora devo ir.

– Não é uma boa ideia ficar na floresta.

– Espero que não se ofenda, mas não quero ouvir. Pare a carruagem.

Reinald bateu com o punho três vezes na parede atrás dele. Logo a carruagem parou. William abriu a porta e desceu.

– O que o prende a esta floresta? – perguntou o nobre.

William caminhou em direção às árvores.

– Por que quer morrer? – perguntou Reinald.

William, de repente, parou e se virou.

– O que quer dizer?

– Tomar apenas do sangue de animais paralisaria teu corpo em pouco tempo. Seria como ter uma estaca no coração.

William cravou as unhas na palma das mãos, se lembrando da paralisia que se apossou dele na caverna.

– O que quer?

– Só desejo saber sobre a marca de Sahur gravada em teu braço.

William hesitou.

– Conhece Sahur? – perguntou.

– Tivemos uma desavença no passado – respondeu Reinald, levantando a manga da camisa e revelando o braço cheio de cicatrizes de queimadura. – Volto agora para o ajuste de contas.

– Então você busca vingança?

– Justiça seria a palavra mais apropriada, mas não desejo a morte dele. Quero apenas reparar os erros do passado.

William deu os ombros.

– O que é esta marca no meu braço?

– Uma maldição. Aí está escrito “Besta” em grego.

– Vou perder o braço? – disse, colocando a mão sobre a marca. – Como me livro dela?

– Penso que se Sahur quisesse, tu perderias o braço. Não sei como poderia se livrar disso. Sei apenas que Sahur pode te localizar onde quer que estejas. O que fizeste para enfurecê-lo?

William hesitou no começo, mas, afinal, contou sobre a traição de Arctur de Vernon e o julgamento de Sahur. Reinald perguntou porque William não fugia dali e disse ainda que Sahur não arriscaria sair de Stanwell para caçá-lo. William deu de ombros.

– Vingarei minha família!

Ficaram em silêncio até William perguntar como alguém se transformava em vampiro.

– O que teu criador falou à respeito? – perguntou o nobre.

– É contra ele que busco vingança. Não sei quem é, mas acredito que seja ele o assassino de minha família.

– Para transformar alguém em vampiro basta sugar o sangue até deixar a

vítima nos braços da morte. Neste momento, é só fazer a vítima tomar um gole do sangue do vampiro.

– Como a maldição pode ser desfeita?

Reinald coçou a barba, dizendo que existiam lendas. Então, o nobre perguntou se William não se lembrava mesmo do criador.

William negou.

– Talvez eu possa ajudar – disse Reinald.

– Como?

– Através do teu cheiro posso identificar teu criador. Se eu cruzar com ele em Stanwell, saberei no mesmo instante.

– O que isso vai me custar? – perguntou William desconfiado.

– Nada. A questão é que, no momento, não me encaminho ao burgo. Tenho que resgatar um prisioneiro da minha guerra contra Sahur. Se quiseres, podes me acompanhar.

William encarou o vampiro por um tempo. Então, concordou.

Temia, na verdade, vender a alma de novo para outro monstro. Que garantia teria que Reinald o ajudaria? Odiava sentir-se manipulado. Se esse ancião se mostrasse um traidor, fugiria dali e continuaria sozinho a busca pelo assassino.

Nesse momento, William percebeu que não tinha sede. O frio que assolava as entranhas se fora por completo. Um pensamento lhe assombrou e ele perguntou se matara o criado. Reinald respondeu que não. Quando William insistiu em saber que sangue o nobre lhe dera para saciar o vício maldito, Reinald desconversou, dizendo que já amanhecia.

CAPÍTULO QUINZE

William despertou em um sobressalto, verificando os pulsos. Quando teve certeza de que não fora preso, permitiu-se, então, respirar.

Uma luminosidade amarela vinha de fora e lhe ofuscava a vista. Ao se levantar, uma onda de dor percorreu o peito, bem onde fora acertado por Reinald. A seguir, ao sair da carruagem, encontrou Reinald Gall agachado perto do fogo, jogando lenha na fogueira, cujas chamas trepidavam com o vento. Conversava com o criado que comia carne assada.

William pigarreou.

Reinald virou a cabeça, enquanto o criado encolheu os ombros sem esconder o medo.

– Por que paramos? – perguntou William, se aproximando dos dois.

– Nigel precisava descansar. A partir daqui assumirei as rédeas.

William sentava agora ao lado do nobre no banco do cocheiro. Já Nigel, descansava a roncos altos no interior da carruagem.

– Ainda não me disse como parou a minha sede. Preciso saber como parar de tomar sangue humano.

– Não estais preparado para saber.

William insistiu. Reinald negou mais uma vez. William, contrariado, pediu ao nobre para falar sobre as lendas de redenção.

– Alguns diriam para matares teu criador e do sangue dele tomar no momento que alcançares cem anos de idade. Outros falariam em relíquias santas, como tocar o crânio de Pedro, o apóstolo. Talvez, o papa tenha o poder da cura.

– Qual é a verdadeira?

– Acredito que nenhuma. Já testemunhei muitos vampiros tentarem se livrar da maldição. Nenhum conseguiu.

William bufou. Não tinha porque acreditar nas palavras do nobre.

– Como faço para me livrar do demônio que habita meu corpo?

– Fale-me dele.

William bufou de novo. Estava cansado. Talvez fosse todo esse tempo sozinho na floresta. Precisava falar. O que tinha a perder? Quando se jogou do penhasco, deixou seu destino nas mãos de Deus. Talvez a presença de Reinald fosse um sinal. Decidiu falar sobre o maldito William das Trevas.

A noite se encontrava no auge quando William terminava de falar.

– O maldito se fortalece diante da minha fraqueza. Força-me a ver tudo. Quando vai embora, um vazio se alastra nas minhas entranhas. Preciso me livrar de William das Trevas! Por que essa desgraça paira sobre mim? Por que Deus permite a existência de monstros como nós?

– Não somos demônios, nem filhos ou servos deles – disse Reinald. – O diabo não é responsável pela nossa existência. Mesmo que fosse, ainda seríamos filhos de Deus.

– Os vampiros não são filhos do Altíssimo!

– Lúcifer não é um anjo caído? Como anjo, não é uma criação de Deus? Por que também não seríamos? Posso afirmar-te que durante a minha existência nunca encontrei anjos ou demônios.

– Não acredita nas manifestações dos demônios na forma de doenças e mortes? O que me diz das curas milagrosas feitas pelos santos?

– A morte é natural, assim como as doenças – respondeu Reinald. – Os vampiros deturpam esse fenômeno. Já vi animais doentes. Fazer mal a esses animais não interessa a anjos ou demônios.

William repudiou tais palavras. Ninguém colocaria, de novo, sua fé em dúvida. Sendo ou não crias do demônio, os vampiros eram criaturas malignas.

– Então, o que é William das Trevas? – perguntou.

– Os vampiros possuem um lado obscuro que se acentua com o tempo. Amargura, tédio, ganância, frieza, crueldade passam a fazer parte de nós à medida que deixamos de ser humanos. Esse outro lado, que chamas de William das Trevas, é nosso instinto de sobrevivência. É dele que muitas vezes tiramos forças para prosseguir.

“**Quanta bobagem**” **–** disse William das Trevas rindo em sua mente. **–** “**Deixe-me sair que mostro a ele.**”

William balançou a cabeça.

– Rejeito minha natureza! Encarei os olhos dele; me vi sendo ele. Isso nunca irá acontecer!

– Acalma-te. Só viste teu lado negro em sonhos, como no floresta, ou delírios, como na masmorra.

– Você não acredita? Ele clama agora para ser libertado.

– Reprimes tua verdadeira natureza na vã esperança de controlá-la, rapaz. Tens que aceitar que és um vampiro!

– Nunca!

– Se este é o caminho escolhido, irás fracassar. Quanto mais tentares reprimi-lo, mais forte ele ficará. Sentes um vazio na alma?

William aquiesceu.

Reinald puxou, então, as rédeas para diminuir a velocidade dos animais e desviar de um tronco.

– Isso aumentará – disse o nobre. – O vício pelo sangue é maior do que qualquer culpa que irás sentir.

– Existe um Reinald das Trevas em você?

– Nunca vi nada igual. Já que tu não aceitas tua natureza, existe um caminho alternativo. Entretanto, pelo que vi, haverá um preço a pagar.

– Qual?

– William das Trevas é, pelo menos, duas vezes mais forte e veloz do que você. Reprimi-lo será o mesmo que descartar essa força.

– Não me importo. Como posso controlar minha raiva?

– Se aprenderes a controlar a raiva, o instinto assassino inerente a nós, talvez possa dominar William das Trevas. Se falhar...

– Não me tornarei um assassino frio; não serei condenado ao Inferno!

– Para ir ao Inferno tens que morrer, rapaz. Não queres ser um assassino, não é mesmo? Quantas pessoas já mataste?

William virou o rosto, mirando as árvores. Não haveria mesmo esperanças? Mataria por prazer? Nunca aceitaria tal condição.

– Existe uma possibilidade – disse Reinald, puxando as rédeas diante de uma curva mais acentuada.

William o encarou ansioso.

– Diga!

Nesse tempo, a carruagem deslizou para o lado, os cavalos relinchavam assustados. Um barranco despontava na direção deles, mas Reinald, no último instante, controlou os animais, evitando a queda.

– Ao contrário dos outros vampiros, escolho apenas a escória como alimento – disse o nobre como se nada tivesse acontecido.

William coçou a cabeça.

– Você já amaldiçoou alguém? – perguntou a seguir.

– Dei a três mortais a escolha de viver pela eternidade. Todos negaram. Contudo, não me considero amaldiçoado. Na Bíblia, Deus expulsou Adão e Eva do Paraíso e criou a morte como um flagelo, mas nunca iremos envelhecer ou adoecer.

William fitou o céu e disse:

– Gosto de poder levantar pedras ou matar um animal com apenas um golpe. Meu nariz fareja cheiros a grande distância. Às vezes, quando salto, tenho a sensação de poder voar. Enxergo na escuridão como se fosse dia; ouço também muito melhor. Entendo o que Arctur disse sobre a liberdade das amarras dos nobres. Mas...

Ficou em silêncio por um tempo.

– Perdi tudo: meus pais, irmãos, meu lar, minha vida. Duvido agora da minha fé, pois matei inocentes e ainda este maldito William das Trevas me atormenta a razão. Não consigo me lembrar quem é o assassino da minha família.

– O começo é sempre difícil de aceitar, mas seria melhor parar de sentir pena de ti! – disse Reinald. – Todos os vampiros perdem a família. O fato de mortais serem escolhidos por nós para ter a vida eterna, muitas vezes, é motivado pela solidão.

William fechou os punhos.

– Minha família foi assassinada pelo meu criador – ganiu. – Só terei paz quando matar o desgraçado e descobrir porque essa desgraça se abateu sobre mim!

Quando três batidas soaram no interior da carruagem, Reinald puxou as rédeas e os cavalos pararam. Nigel desceu da carruagem, cumprimentou seu senhor e andou para trás de uma árvore para aliviar-se.

– Nigel assumirá daqui – disse Reinald, descendo do banco. – Deixarei os cavalos descansarem até a nossa partida.

William conhecia a paisagem. Nesse instante, o vento trouxe o cheiro de urina, excrementos e suor conhecido do burgo de Stanwell.

– O que estamos...

– ... fazendo perto de Stanwell? – completou Reinald. – Espero um bando de mercenários para resgatar meu aliado.

– Não posso permanecer aqui. Sahur proibiu-me...

– Se estivesse te vigiando, eu notaria a presença dele. Também não sinto o faro de espiões. É estranho, mas Sahur não parece interessado em você.

– Que espião?

– O cheiro dele estava em ti; deve ter perdido teu rastro quando caiste no rio.

William virou-se para Stanwell. Uma ideia surgindo...

– Meu criador se encontra no burgo agora?

– Farejo uns vinte vampiros no burgo, mas não posso ainda dizer se algum deles é quem procuras.

William bufou.

Nigel voltava com galhos. Logo armou a fogueira, que acendeu batendo duas pedras.

– Por que este homem acompanha você, mesmo sabendo o que você é?

– Ele era um maltrapilho quando o encontrei. Nigel sabia que eu o mataria, mas não se importava, pois também perdera tudo. Ele fora um próspero comerciante e um hábil ferreiro. Há quarenta invernos ele me acompanha.

William, então, comentou que Nigel não parecia tão velho. O nobre respondeu que beber sangue vampírico prolongava a vida humana.

– Um mortal pode ter a vida eterna sem ser um vampiro?

– Talvez Nigel viva mais sessenta invernos, mas ainda pode ser morto com uma espada. Nosso sangue retarda a velhice, fortalece o espírito contra doenças, mas em compensação, se o mortal não beber mais do sangue, a morte virá de imediato. Os vampiros mais antigos podem fazer um mortal viver mais de duzentos anos.

– Isso soa como heresia – disse William. – Seria errado interferir na ordem natural da vida. Prolongar a vida humana é tentar se igualar a Deus.

– Então também não deveríamos cuidar dos doentes com ervas. Afinal, a doença é natural da vida.

– A doença é o castigo de Deus para punir os pecadores e seus descendentes.

– Admiro a tua fé. Diz-me: há quanto tempo foste transformado?

– Meados de outono, quando as folhas começaram a cair.

Reinald arregalou os olhos por um instante.

– Está transformado há menos de três meses?

William apenas o encarou.

– As crias de um vampiro despertarão os verdadeiros dons vampíricos apenas quando tiverem em torno de cem anos de idade – disse o nobre. – Mas tu, rapaz, és diferente. Nunca presenciei uma meia-transformação.

– Sou fraco?

– A primeira vista, sim. Contudo, nunca vi esse brilho âmbar-sangue no olhar de um vampiro. Teu lado sombrio é bastante poderoso para um recém-criado; um poder equivalente de cem anos. Talvez teu criador tenha um poder imenso. Desejo saber quem ele é.

William ficou boquiaberto. Ele, um reles camponês, se tornara um poderoso vampiro?

“Poderoso?” – pensou. Taí algo que nunca sonhara em ser na vida.

– Se não somos demônios ou cria deles, por que não podemos olhar para objetos santos?

– Por que não poderíamos olhar? – respondeu Reinald, retirando um pequeno crucifixo de madeira do bolso. – Ele pertencia à minha falecida esposa.

William tampou de imediato o rosto com as mãos.

– Para de besteiras, rapaz – falou Reinald sorrindo. – Se não me faz mal, por que faria a ti?

William, relutante, olhou para o crucifixo. Nada aconteceu.

– Somos impuros – continuou Reinald. – Os objetos religiosos funcionam como canalizador de fé. Todavia, é raro encontrar humanos iluminados com poder para nos repelir – respondeu Reinald, guardando o crucifixo no bolso.

O nobre se levantou diante do som do galopar de cavalos.

– Cuidado com o que ireis dizer, rapaz. Os mercenários não sabem da nossa verdadeira condição e ganham para não fazer perguntas.

William apenas concordou.

Não demorou muito até que sete homens adentrassem a clareira. Pararam de frente à carruagem do aristocrata. Dois vinham sentados em uma pesada carroça puxada por quatro belos corcéis; os demais montavam seus próprios cavalos. Vestiam uma cota de malha de ferro que protegia o tronco e os braços.

Um deles retirou o elmo em forma de cone e cumprimentou Reinald, enquanto os demais amarravam as montarias em árvores próximas.

– O que descobriste, Samuell? – perguntou o nobre.

O mercenário relatou sobre o enforcamento do assassino que decapitou o sapateiro do burgo e também responsável pelo incêndio de um prostíbulo que matou doze pessoas.

William se afastou.

Como mataram o culpado, se ele, William, fora o acusado e sua condenação foi o exílio? Quem teria sido a pobre vítima que os malditos vampiros incriminaram para sepultar as suspeitas sobre um deles?

CAPÍTULO DEZESSEIS

Durante as três noites viajando na companhia dos mercenários, William atravessou rios em pontes, que pela aparência, não aguentariam nem um cavalo. Desbravou milhas de floresta de Haye que pareciam não ter fim, enquanto um tapete branco de neve se extendia pela paisagem.

William pretendia buscar o aliado de Reinald e, com a ajuda do nobre, descobrir enfim o assassino da família. Reinald era quem falava esta noite.

– Nasci e cresci no vilarejo de Bodmin, ao sul da ilha. Meu pai me ensinou cedo a carpintaria. Quando fui transformado, meu mestre, um antigo cavaleiro, ensinou-me esgrima e cavalaria.

– Onde...

– ...está meu mestre? – completou Reinald. – Ele partiu em peregrinação à Terra Santa. Nunca mais voltou. Ele desejava saber sobre a origem da nossa espécie. Fico pensando se ele alcançou seu objetivo ou apenas esteja morto...

– Como...

– ...conheço Sahur?

Reinald, então, contou que durante cinco décadas viajou aos lugares mais distantes, juntou riquezas, adquiriu terras. Quando chegou, Stanwell ainda era um reles vilarejo ao redor do castelo do conde. Ele foi o primeiro vampiro a se estabelecer nas redondezas e se tornou o barão de Bluerocky.

– Por...

– ... que parti? – disse o nobre. – Não me olhe assim. É fácil saber o que irás perguntar. Percebo mudanças sutis no tom de voz e pequenas alterações nos rostos ou na respiração. Consigo, assim, deduzir teus próximos movimentos.

– Pare de...

– ... me completar? – assentiu Reinald.

O nobre relatou sobre a chegada de outros vampiros nas redondezas e como as brigas por territórios se tornaram frequentes, aumentando o risco dos mortais descobrirem a existência deles. Nessa ocasião, Sahur chegou, domou os vampiros mais violentos e se tornou líder.

Nigel, então, berrou, anunciando que chegariam logo.

– Décadas atrás, este lugar era propriedade do lorde Carl Sahur, pai de Lamert Risley Sahur – disse Reinald.

Apesar da área estar tomada pela floresta, William logo identificou resquícios de estrada. Se não fossem as ruínas da igreja mais à frente, jamais acreditaria que esta região já fora um dia habitada. Mais distante, logo depois do rio, havia uma colina, onde estranhas formas se destacavam no topo. Quando William indagou o que aconteceu por ali, Reinald apenas respondeu que Deus amaldiçoara o lugar.

William encostou a cabeça no banco.

O agora conhecido piar de coruja acalmava-lhe os pensamentos. Voltaria um dia a ouvir o belo canto dos passarinhos anunciando a manhã? Pelo menos não estava mais sozinho. Sentia-se mais perto agora de descobrir o assassino.

Nesse momento, o ruído estridente de um choro de criança preencheu a noite. Atrás de uma moita, um menino pelado, não mais do que sete anos, escondia o rosto entre as mãos. O que essa criança fazia ali? Não apenas uma, mas várias choravam. As vozes brotavam de vários lugares, pedindo para ver as mães ou perguntando porque foram abandonadas.

– O que é isso? – perguntou William, fazendo o sinal da cruz.

– Os guardiões destas terras – respondeu Reinald. – Vamos, Nigel,

apressa os cavalos! VAMOS, NIGEL!

William pressentia o pavor de Nigel, que chicoteando os cavalos, acelerou a carruagem. O menino olhou para William e estendeu-lhe os braços, os olhos cheios de lágrimas.

– Não vamos ajudar? – perguntou William.

Reinald apontou para fora da estrada.

Logo ali, atrás das moitas, despontava um amontoado de esqueletos humanos junto a escudos quebrados e espadas enferrujadas. Uma criança dormia sobre a carne pútrefa cheia de larvas gordas.

William abaixou a cabeça. Que criaturas eram essas? Talvez fosse melhor não saber.

O relinchar repentino de um cavalo, o fez virar o rosto e contemplar um cavaleiro ser derrubado pelas crianças. O homem caído debatia-se, mas os monstrinhos o rodearam, bateram nele com paus e pedras até ele parar de se mexer. Duas crianças, então, abocanharam o pescoço do cavaleiro. O restante mordia peito, pernas, barriga.

Uma criatura virou a cabeça com a boca lambuzada de sangue e fitou William. Parecia um menino como outro qualquer, mas quando sorriu, deixando os dentes afiados à mostra, as dúvidas de William se dissiparam. Portava o rostinho inocente de anjo, mas era o demônio. William queria desaparecer dali.

– Alguns chamam de espíritos malignos da floresta, outros de duendes – disse o nobre. – Essas criaturas são atraídas pela morte. Adoram carne fresca, principalmente a humana, mas não dispensariam a nossa.

A carruagem atravessou uma ponte de pedra, aproximando-se da colina. A lua iluminava as ruínas tomadas pela neve e heras ressecadas, guiava os mercenários ladeira acima. Do outrora maciço portão, sobraram apenas pedaços de madeira velha espalhados pelo pátio, onde a comitiva afinal parou.

Quando Nigel perguntou se estavam seguros, Reinald apontou símbolos negros gravados no tronco da maior árvore do pátio.

– São símbolos célticos – falou o nobre. – Afastam os duendes.

Reinald deixou os cavaleiros de guarda, subiu a escadaria de pedra mais à frente, acompanhado de William e Nigel, que carregava uma tocha. Alcançaram, então, o portão de ferro maciço enferrujado, cujo tempo se encarregara de empenar.

Reinald lhe perguntou se podia derrubar o portão. William aquiesceu. Não sabia se, sozinho, conseguiria derrubá-lo. Concentrou-se, então, fazendo o coração bater. Após a transformação acertou um murro na porta que apenas estremeceu. William berrou quando os ossos da mão quase quebraram. O nobre se aproximou e martelou um soco no meio do portão. O metal rangeu como se furioso com a força do golpe. A cada golpe o portão cedia. Por fim, a pesada tora, que trancava a entrada pelo outro lado, partiu-se com um estalo alto.

William bufou, dizendo que o nobre era mais velho e, portanto, mais forte. Reinald respondeu que William também poderia derrubar, se aprendesse a controlar o fluxo sanguíneo.

– É um pouco difícil no começo, mas, depois da transformação, podes direcionar o fluxo de sangue por meio de outras batidas do coração – revelou o nobre. – Se queres esmurrar, direciona o sangue para os braços. Se precisas correr ou saltar, direciona para as pernas.

– Como? – inqueriu William.

– Da mesma maneira que te transformas. Se der certo, o local para onde direcionou o sangue se aquecerá.

William, pensativo, concordou.

Por que aquele vampiro ensinava tais coisas a ele? Teria alguma intenção oculta? Queria apenas chegar logo em Stanwell, descobrir se o assassino estaria por lá, se vingar e seguir adiante na busca pela cura da maldição.

Caminharam até os escombros da fortaleza: um castelo de pedra e madeira de dois andares. Parte da parede à frente desabara. Nigel, ainda com uma tocha na mão, entrou primeiro. Móveis e outros objetos de decoração se espalhavam pelos aposentos, indicando que o lugar fora abandonado às pressas. O andar do grupo levantava nuvens de poeira fina e a construção tremia a cada

passo, como se fosse desabar a qualquer momento.

Quando acharam uma escada no meio do salão principal, Reinald disse que o caminho era por ali. Os degraus pareciam envolvidos em uma escuridão densa que nem a tocha de Nigel conseguia dispersar por completo. Por alguns instantes, William teve a impressão de que as sombras avançavam devagar na direção deles.

O ambiente se tornava úmido à medida que desciam. Quando chegaram ao fundo, seguiram pelo corredor, atravessaram o que restou da porta corroída e alcançaram celas vazias. No fim do calabouço, apoiada na parede, havia uma pedra em forma de roda com o tamanho de um homem. A espessura de três palmos intimidava.

Reinald sorriu.

– Afinal te encontrei, meu amigo Richard Blane. William, precisamos derrubar esta pedra.

William firmou, então, as mãos no estreito vão da rocha, pouco antes da transformação se completar. Forçou. Instantes que pareciam eternos. Os dedos dele se feriam com o atrito da pedra áspera. O coração bateu de repente, lançando um fluxo de sangue a queimar-lhe o peito, direto aos braços, que incharam.

A pedra cedia devagar no início e depois cada vez mais rápido, até tombar afinal, estremecendo as paredes da masmorra e levantando uma nuvem densa de poeira. William temeu que o castelo ruísse. Nigel tremia, enquanto Reinald permanecia sereno. Uma porta de madeira podre se revelou quando a poeira abaixou. O nobre a quebrou e entrou no cômodo. William veio atrás, curioso para ver Blane.

O novo cômodo exalava um cheiro acentuado de podridão e mofo, que impediu Nigel de entrar. Havia velhas prateleiras de madeira pregadas na parede, além de restos de pergaminhos embolorados e cacos de vidro ao chão.

Mais à frente, suspenso por correntes ao pulso, jazia um esqueleto recoberto por pele amarelada. Em várias partes do corpo, a pele rompeu-se como folha seca, deixando os ossos visíveis. Uma estaca de madeira encontrava-se encravada na altura do peito. Das roupas só sobraram fiapos. A cabeça do

prisioneiro exibia uma máscara de ferro enferrujada, com aberturas para a boca de lábios tão repuxados que nem mais existiam. Todos os dentes eram visíveis, inclusive os dois caninos superiores, pontiagudos e alongados.

Reinald não teve dificuldade em arrancar as correntes enferrujadas do teto e acomodar o corpo ao chão. Depois de retirar a estaca com um puxão rápido, ordenou que Nigel entrasse; o que o criado fez resmungando. O servo esticou o braço esquerdo sobre o corpo de Blane, retirou uma faca do cinto e fez um talho na palma da mão. O sangue caiu na boca de Blane, que tremeu para o espanto de William. Carne brotava como por encanto dos ossos, avançava aos poucos sobre o esqueleto.

William recuou. Nigel saiu do cômodo, fazendo o sinal da cruz. Agora, a pele de Blane já recobria os lugares onde antes os ossos eram visíveis. Os ossos estalavam alto à medida que voltavam ao lugar. As mãos ainda feridas do cadáver abriam e fechavam lentamente. O prisioneiro, então, escancarou a boca, soltando um grito que ecoou pela câmara. Apenas um nome sendo pronunciado: Sahur, antes de o corpo ficar imóvel.

As estruturas tremeram com força, fazendo poeira se desprender do teto. O desabamento era iminente. Reinald jogou o corpo de Blane sobre os ombros e disparou para fora dali. Os degraus da escada afundavam à medida que William subia. O chão tinha agora a consistência de lama. De repente, uma viga desabou sobre o braço direito de William, derrubando-o. O teto caiu em cima dele. Sem mais tempo para levantar, ele pressentiu o fim. Foi quando algo agarrou-lhe o tornolezo e o puxou.

– Essa foi por pouco – disse-lhe Reinald sorrindo ao soltar o tornozelo.

William não queria acreditar.

Pela primeira vez nos últimos meses, alguém se dispusera a salvá-lo. Por que? Qual a intenção por detrás deste gesto? Talvez cobrar um favor em troca da vida salva como Arctur fizera. Malditos nobres; sempre tentando subjugá-lo.

O corpo de Blane agora se encontrava quase todo regenerado. Até mesmo a pele já tinha adquirido a cor pálida mórbida, embora em alguns lugares a carne continuasse à mostra como se esfolada.

“O que acontece agora?” – pensou William.

Blane cravou os dedos na abertura lateral da máscara e quebrou o trinco. A máscara de ferro afundou na neve, revelando um rosto sisudo de cabelos castanhos claros na altura do pescoço. Não parecia se importar com a própria nudez. Olhava para as mãos e as mexia devagar, gemendo baixo. Então, levantou os olhos cor de mel para encarar seus libertadores.

– Reinald? – murmurou Blane. – Em que ano estamos?

– Em 1214 – respondeu o nobre.

– AQUELE FILHO DE UMA RAMEIRA BASTARDA ME DEIXOU PRESO POR MAIS DE MEIO SÉCULO?! – berrou Blane, os olhos brilhando de ódio. – E TU, REINALD?! POR QUE ME DEIXASTE APODRECENDO NESTE LUGAR?!

– Conversaremos depois. Temos que ir agora – disse Reinald, estendendo a capa para Richard.

Blane encobriu o corpo e fitou Nigel como se olhasse para um suculento pedaço de carne, mas nada fez. A partir de então deixou-se guiar por Reinald.

Os cavaleiros comentaram surpresos ao verem o grupo descer com um quarto integrante. Contudo, nada perguntaram. O nobre instruiu para seguir pelo sul, por uma rota que os permitiria evitar os duendes.

“Que noite” – pensou William.

O que esse tal de Richard Blane teria feito para acabar enclausurado nestas ruínas por décadas? Quase perguntou, mas pressentiu não ser o momento. O importante mesmo é que agora se dirigiam para Stanwell, onde Reinald deveria cumprir a promessa de localizar o assassino. Ele fitou o céu livre de nuvens e rezou para que não se deparassem de novo com aquelas criaturinhas.

CAPÍTULO DEZESSETE

William não queria mais esperar. Oito noites se passaram desde a partida de Reinald para Stanwell, junto com os mercenários. O nobre alegou que negociaria com Sahur a permissão para a volta dele, de Richard e William ao burgo. William, então, foi deixado com Richard em uma casa de dois andares abandonada no leste da floresta de Haye, que ele descobriu ser a antiga casa de Reinald Gall, onde se planejou a rebelião contra Sahur. William ainda não se sentia à vontade com Richard Blane, que permanecia a maior parte do tempo sentado no chão com o olhar distante ou saía sozinho para caçar.

A madeira quebrada de uma das janelas permitia ao luar iluminar o chão terroso do salão principal. Era possível ouvir dali o córrego fluindo pela mata atrás da casa. William, ignorando a poeira e o mofo, sentou-se sobre a antiga mesa de carvalho no meio do lugar. Precisava lembrar os detalhes da revolta.

Fechou os olhos. Desta vez visualizou cinquenta camponeses gritando, balançando foices e paus, aproximando-se do castelo de Truman. A trombeta da fortaleza soava, anunciando a saída das três dúzias de guardas armados com maças e espadas, liderados pelo lorde em pessoa e seu filho mais velho, montados em seus alazões de batalha.

Os dois grupos logo tingiram os campos de sangue. O subir e descer das armas decepava ambos os lados. Homens xingavam, gritavam de dor e agonia. A morte de cinco guardas fez William acreditar que ganhariam a batalha, mas, de súbito, a cabeça de Nathan, seu irmão mais velho, tombou frente à espada do inimigo. O pai Jeremy escapou por pouco do mesmo destino, uma vez que William acertou uma pedra na cabeça do maldito cavaleiro.

William abriu os olhos. Queria socar, xingar, gritar, quebrar a mesa para

aplacar o ódio crescente que queimava-lhe a alma. Seria tudo aquilo mesmo verdade ou apenas um pesadelo? Ele balançou a cabeça não querendo acreditar, mas uma parte dele sabia que era tudo real, que seu irmão mais velho estava morto!

Um zunido, seguido pelo grito de Richard Blane no cômodo ao lado o despertou. Ao ir até lá para afugentar as dolorosas lembranças, encontrou John Lazarus pronto para dar o golpe de misericórdia em Blane, que se encontrava tombado com uma flecha cravada no peito, no coração talvez.

William avançou para o caçador no mesmo instante que Lazarus apontou-lhe a besta. William pulou, o coração reverberando no peito; ainda assim a flecha transpassou-lhe a perna esquerda, raspando-lhe o osso. Ele recuou, arrancando a seta com um puxão, cerrando os dentes para não gritar.

– Meus cumprimentos, Brennan – disse Lazarus, empunhando Heland.

– Ainda pretende atacar um oponente desarmado? – perguntou William, com uma serenidade que não julgava ter.

– Tuas vítimas puderam se defender?

– Somente Deus julgará meus pecados! – rebateu William, avançando rápido e esmurrando o nariz torto do caçador, que voou de costas na madeira podre da janela central, atravessando-a para fora da casa.

Nesse momento, uma pontada dolorosa na barriga o fez arquear. A mesma dor de quando empunhou Heland no primeiro confronto se espalhava em ondas pelo corpo. Perdeu o controle das pernas, ajoelhando, enquanto tampava com as mãos o ferimento que expelia um sangue pútrido. O maldito caçador o acertara com Heland, antes de ser arremessado para fora da casa.

William deixou o coração bater duas vezes, retomando o controle das pernas. Os veios negros se ramificavam a partir do ferimento. Levantou e caminhou até a janela. Do lado de fora, o caçador se apoiava na espada, balançando a cabeça.

Encararam-se em silêncio até que William, usando sua velocidade sobrenatural, pulou e acertou um murro no peito do caçador, jogando-o contra uma árvore perto do riacho. O impacto fez soar um barulho metálico. O bastardo

usava uma malha metálica para se proteger. Lazarus respirou fundo e se levantou.

Por causa do salto, o osso de William atingido pela flecha latejava. Os veios negros se aproximavam agora do peito e a dor cruciante fez escapar da garganta um grito de agonia. Levantou a cabeça e o caçador vinha cambaleando, arrastando a espada.

William perdeu o equilíbrio de novo, se ajoelhou. “Maldição!” – pensou. Se continuasse assim, morreria. Com a mão esquerda pegou uma pedra e a atirou na direção do caçador, esperançoso de acertar-lhe a testa, mas a pedra só raspou na orelha direita, estourando uma veia.

– Boa tentativa, demônio – ganiu o caçador entredentes, chutando-lhe a barriga machucada.

William caiu de costas e, nesse instante, Lazarus levantou Heland sobre a cabeça. Quando abaixou, William, em um ato desesperado, prensou a lâmina entre as mãos, evitando que a espada o atingisse no pescoço. Logo, berrou diante da onda de dor percorrendo as mãos como se ferroado por abelhas.

– Não devias tocar na Heland – disse Lazarus, pisando-lhe no peito, prensando-o ao chão e levantando a espada.

Veios negros surgiram nas mãos em carne viva de William, logo se espalhando pelos antebraços, sugando-lhe as forças. A situação se deteriorava, mas enquanto estivesse vivo, ele lutaria. Assim que Lazarus girou a espada direto para o seu pescoço, William rolou para o lado, chutando o joelho do caçador, que urrou, largando a espada.

As feridas de William ardiam em brasas e os veios avançavam, paralisando os músculos. Precisava se levantar, mas, antes que o fizesse, Lazarus se aproximou, Heland em punho, fulminando-o com o olhar. Não havia mais forças para evitar o pior. Um clarão repentino iluminou a noite, ardendo-lhe a vista. Quando recuperou-se, viu Lazarus, em chamas, gritando e pulando no rio. Ele não emergiu mais. Se o caçador sobreviveria, William não sabia, mas esperava nunca mais encontrá-lo.

William, lutando contra a dor, se apoiou num tronco e se levantou. Ao longe, um vulto encapuzado do outro lado do rio correu floresta adentro. Quem

seria? De qualquer forma, agradeceu em pensamentos ao misterioso salvador e voltou mancando para a casa abandonada.

A garganta agora queimava em brasas, sedenta por sangue. A janela parecia um obstáculo intransponível. Ignorando a dor, ele se levantou devagar, apoiou o corpo na beirada e, depois de um tempo infinito, William se jogou para dentro da casa. O corpo, ao bater no chão, se contraiu de dor e ele gritou. Precisou de um tempo para se recuperar. Rastejou arfando, então, para perto de Richard. A vista turvando à medida que avançava. Talvez não conseguisse. Ainda assim, em um último esforço, se levantou, agarrou a flecha e a arrancou do peito de Richard antes de tombar.

Quando abriu os olhos, William encontrou, ao lado dele, uma pilha de raposas e lebres dilaceradas. Suas roupas sujas de vermelho indicava que bebera daquele sangue, mas a garganta ainda exigia mais. Neste momento, Richard entrou no salão principal carregando duas lebres ainda vivas.

– Impressionante tua luta contra o caçador – disse Richard, quebrando o pescoço de uma das lebres e arremessando-lhe.

O sangue desceu insosso, mas saciou-lhe a sede. Os veios negros ainda pulsavam dolorosos na barriga e nas mãos. Richard, então, apontou para a marca feita por Sahur no braço de William, dizendo também ter uma igual. Ele contou como meia dúzia de vampiros se reuniram sob o comando de Reinald Gall para expulsar Lam Sahur de Stanwell. Contudo, um traidor, Bruce Polsted, levou Sahur e seus seguidores até essa casa na floresta em um ataque surpresa. Enquanto os revoltosos fugiam, Reinald Gall e Lamert Sahur lutaram. Richard teve o coração empalado pelo traidor. Reinald perdeu a luta quando lhe atearam fogo. Entretanto, o nobre escapou ao cair no rio.

– Essa luta ainda não acabou – disse Reinald, surgindo atrás deles. – Que aconteceu com tua mão, rapaz?

– Apenas um desgraçado que não vai mais me incomodar – respondeu William. – Quando voltamos para Stanwell?

– Agora – disse Reinald, apontando para a carruagem do lado de fora.

Não demoraram a partir. William, então, fechou os olhos e só acordou na noite seguinte com o falatório dos dois vampiros.

– Como ficam Sahur e seus asseclas? – perguntou Richard.

– Não vais acreditar – respondeu Reinald. – Charles Trevor veio me procurar.

– O que o desgraçado queria? – questionou Richard em tom mais alto.

– Quem é esse? – perguntou William.

– Uma das crias malditas de Sahur – respondeu Richard, retorcendo os lábios.

– Como Trevor sabia da tua ida à Stanwell? – perguntou Richard.

– Fui ao encontro dele intermediado por Miller Robert – respondeu Reinald.

– Perdeste a razão? Robert é outro traidor! – ganiu Richard.

– Acalmai-vos – pediu Reinald.

– POR CAUSA DELE FUI PRESO POR MEIO SÉCULO! – esbravejou Richard, pegando, de repente, o punho de Reinald e quebrando-o como se fosse um graveto.

Os olhos de Richard se arregalaram e ele soltou Reinald.

– Não foi nada – respondeu o nobre, observando o pulso amolecido numa posição estranha em relação ao braço.

Em seguida, Reinald puxou o pulso quebrado e, para espanto de William, um estalo depois, voltou ao normal.

– Não sabemos se, no passado, Miller ajudou Sahur – disse Reinald. – Já Charles... O olhar dele transmitia desespero e resolvi apenas ouvi-lo; descobri que Sahur enlouqueceu.

Richard sorriu.

– Ele tem se vestido como rei, com direito à coroa, cetro e capa vermelha – continuou Reinald. – O olhar é vago a maior parte do tempo, mas ele pode

entrar em estado de fúria extrema sem motivo. Por isso, nem seus aliados tem coragem de se aproximar.

– Se Sahur está possuído, melhor para nós – retrucou Richard.

William concordou.

– Sahur talvez esteja sendo manipulado – disse Reinald. – Uma vez que é o vampiro mais poderoso das redondezas, o controlador tem nas mãos uma arma perigosa.

– Muitos vampiros enlouquecem com o passar do tempo. Por que seria diferente com Sahur? – questionou Richard.

– O tirano arranjou um conselheiro – respondeu o nobre. – Um sujeito mirrado que ninguém tinha visto antes em Stanwell. Trevor me disse o nome... Victor Malster.

– Então um forasteiro controla Sahur... – disse Richard pensativo.

– Malster é o único a se aproximar de Sahur sem ser atacado. É o único que o tirano ouve. Seus três cães de guarda estão preocupados.

– Polsted também te procurou? – perguntou Richard.

– Ele não seria idiota o suficiente – respondeu Reinald.

– Sahur não é problema nosso – bufou Richard. – Os aliados dele que resolvam.

– Não temos nada a ver com o problema – continuou Reinald. – Entretanto...

– Lá vem... – gemeu Richard, de expressão mal-humorada e braços cruzados.

– Vamos ajudá-los.

– Deixe os três lambe-botas do Sahur resolverem! – sibilou Richard, revirando os olhos.

– Quando tentaram matar Malster, Sahur os expulsou da mansão. Malster agora não sai da sombra de Lam. Só o fato de Trevor pedir ajuda, já mostra o quanto estão desesperados.

– Sei... – disse Richard com desprezo. – O que ganhamos?

– Bruce Polsted, o traidor. Também negociei que o exílio de William fosse retirado, assim como imunidade para permanecermos no burgo, sem sermos incomodados.

Richard se calou.

– Nada disso me interessa – disse William. – No que isso ajudaria a minha vingança?

– Estamos chegando! – avisou Nigel, de repente.

William reconheceu os cinco grandes pinheiros alinhados demarcando a bifurcação da estrada. O caminho da direita levava à Stanwell, o outro levava aos latifúndios.

– Ainda não me respondeu – disse William a Reinald.

Naquele momento, o barulho de cascos e homens falando alto preencheu a noite. Nigel parou a carruagem de maneira brusca. William acompanhou Reinald e Richard e desceu da carruagem. Encontrou uma caravana de cinco carruagens protegidas por mais de trinta homens armados.

– Meu lorde ordena saber quem são vocês – disse o cocheiro da carruagem mais luxuosa.

– Ninguém que te interesses – respondeu Richard.

Ao farejar dois vampiros naquela caravana, William esperava não ter que lutar; as mãos ainda se encontravam inutilizadas pelos veios negros.

– Quem nos incomoda? – perguntou uma voz de dentro da carruagem.

O cocheiro se encolheu quando a portinhola da carruagem se abriu.

Um vampiro alto, de cabelo castanho bem aparado, aparentando trinta anos e vestindo uma roupa folgada cor verde, saiu de dentro da carruagem, pisando com os finos sapatos de couro em uma poça de neve derretida. Ele fitou William de alto a baixo. Uma pontada na parte detrás da nuca de William avisava que esse vampiro era perigoso.

– Quem sois vós? – perguntou o desconhecido.

– Sou Reinald Gall. Estes são Richard Blane e William Brennan.

O olhar de Clack voltou a encarar William. A pontada piorou e William se encolheu. Nunca vira este vampiro, então o que estava acontecendo? William cerrou os punhos, pronto para atacar se fosse preciso, mas o estranho virou-se para Reinald.

– Meu nome, caro Gall... – disse ele cheio de orgulho – ...é Adrian Balthazar Clack, mais conhecido como o barão de Coubertyn e inimigo mortal de Sian Malthus.

William não acreditava estar diante de um inimigo do barão Malthus. Seria uma dádiva divina?

– Nunca ouvi falar – respondeu Reinald.

– O que esperar dessas longíguas terras interioranas? – desdenhou Clack. – Este... – continuou ele, apontando para o outro vampiro saindo da carruagem – é minha cria, Julian Kalmir.

Kalmir aparentava ter uns vinte e cinco anos, portando o mesmo ar arrogante de Clack. O cabelo curto bem claro, quase branco como trigo. Os olhos azuis limitaram-se a observar o grupo de Reinald.

– Conheceis Lorde Sian Malthus? – perguntou, então, Clack a William.

– Fui traído pela cria dele, Lorde Arctur de Vernon. Por quê?

– Interessante – respondeu o barão com uma sombra de sorriso no rosto. – Poderias dizer-me onde ele se encontra?

– No latifúndio do falecido barão Allot – respondeu William.

– Agradeço – disse Clack, ordenando ao cocheiro a rota dos latifúndios. – Creio que nos encontraremos outras vezes, William Brennan.

O barão entrou na carruagem e a comitiva partiu. Quando se distanciaram Nigel retomou o caminho para Stanwell.

William acomodou-se no banco.

Será que Adrian Clack poderia arruinar os planos de Malthus? Nunca pensara antes porque Arctur tinha interesse nas terras dos Damsells, os criadores da Floresta das Trevas. Pelo menos, arranjar problemas para Malthus e Arctur já o deixava feliz.

Não demorou para William avistar pontos avermelhados brilhantes flutuando na escuridão ao redor e no alto das cercanias de Stanwell.

– Nem adianta Clack procurar nos latifúndios – disse Reinald, de repente.

– Por quê? – perguntou William.

Agora, mais próximos do burgo, os pontos luminosos se tornaram tochas nas mãos dos guardas.

– Ouvi dizer que eles partiram há semanas – respondeu Reinald. – Talvez tenham fugido de Sahur.

Quando chegaram aos portões, os homens iluminaram-lhe a face perguntando quem eram, o que queriam, de onde vinham. Reinald respondeu com cordialidade e ofereceu uma moeda de prata a cada guarda. Assim, eles passaram sem mais problemas.

– Nada mudou por aqui – comentou Richard olhando o burgo.

William fitou Reinald.

– Ainda não me disse o que ganho por ajudar.

– Desejais humilhar Sahur?

William concordou.

A carruagem passava agora pela praça central de frente à igreja. O antigo castelo do conde despontava ao longe, ofuscado em parte pelas escuras ruelas do burgo com suas casas de madeira de dois andares exalando um cheiro azedo e podre.

– Se ajudar a salvar Sahur... – disse Reinald. – Ele vos deverá a própria vida. Seria a maior das humilhações. Pense nisso.

William queria apenas sua vingança contra o assassino. Nada mais, nada menos.

– Já farejou meu criador?

A carruagem sacolejou ao atravessar uma ponte. Saíram na parte mais nobre da cidade com casas maiores delimitadas por muros de blocos de pedra de uma braçada de altura.

– Não é simples – respondeu Reinald. – Quando estive aqui, farejei um traço do cheiro dele. Será mais fácil quando estivermos inseridos na sociedade vampírica.

– Só isso a me dizer?

– Paciência, rapaz.

William franziu as sobrancelhas.

Não gostara nem um pouco desta resposta vaga. Estaria sendo enganado mais uma vez?

"**Claro que está**" – sibilou William das Trevas, em seus pensamentos.

William o ignorou, percebendo o clarear do dia. Ele agora desejava apenas um descanso para o corpo.

Quando a carruagem parou em frente a uma das propriedades, dois criados vieram ao portão de entrada para recebê-los. William logo caminhava pela neve derretida e entrou na casa em um salão iluminado por uma lareira ao canto.

– Venham – convidou Nigel.

Entraram em um corredor sem janelas, iluminado por tochas. Nigel parou em frente à primeira das três portas.

– Aqui será teu canto, rapaz – disse Reinald. – Acomoda-te como achares melhor.

William entrou e se viu sozinho num lugar quase tão grande quanto o casebre da família. Logo identificou uma caixa de madeira, de tamanho suficiente para abrigar um homem, ocupando a parede do lado oposto à porta. Abriu a porta no fronte da caixa e se deparou com um saco de veludo, cobrindo a parte baixa da caixa. Ali deveria ser o novo local de descanso.

Tirou as botas, entrou, deitou-se e fechou a porta.

O saco de dormir era um luxo que nunca pensaria ter. Na vida passada, só dormia em cima de montes de palha seca. Pensou se Reinald o enganaria como Arctur fizera. Pelo menos Reinald parecia certo em um aspecto: se conseguisse salvar Sahur, aquele arrogante maldito lhe deveria à vida. William faria Sahur ajudá-lo na sua vingança quando o momento chegasse.

CAPÍTULO DEZOITO

A primavera chegou sem grandes mudanças para William. Ele aprendera o básico da esgrima e equitação, e aprimorou as habilidades no tiro com arco, sob orientação de Reinald. Esta noite, agachado, no telhado da sapataria mais antiga do burgo, William esperava junto ao nobre pela passagem de um bêbado ou uma rameira solitária. Precisava mais uma vez saciar o maldito vício por calor humano.

Primeiro, guardas passaram fazendo a ronda. Depois avistou três rapazes comemorando o nascimento do primogênito. Se esperasse mais tempo para beber sangue, seria capaz de atacar até uma cavalaria armada. William das Trevas urrava em seu interior, clamando, exigindo por sangue. Então, de repente, avistou um velho mancando pela ruela. O cheiro de peixe impregnado nas roupas revelava o que fazia para viver.

William andou sorrateiro na escuridão atrás do velho. A cada passo ficava mais nítido o som da pulsação do sangue humano; apertou as unhas contra a palma para conter a ânsia de matar.

No instante que uma pedrinha estalou sob sua bota, o velho parou. Quando o humano se virou, William o esmurrou na cabeça e arrastou o corpo da vítima agora amolecido para dentro do beco mais próximo.

– Por pouco – disse Reinald atrás dele.

William cravou, então, os caninos no pulso do velho, engolindo o sangue em grandes goles. Suas entranhas, afinal, se aqueciam, saciando o vício. Por um instante, esqueceu onde estava, quem era ou o que fazia. O calor o abraçava e nada mais importava. Contudo, o cheiro de peixe lhe trouxe as lembranças da

pescaria com os irmãos, no começo da primavera, para pegarem trutas frecas que a mãe cozinhava com cenouras e cebola. Onde estava sua família agora? Logo lembrou-se dos corpos caídos, mutilados, do juramento de vingança diante do túmulo da mãe, da traição de Arctur, do julgamento de Sahur, do exílio e de Reinald. Abriu os olhos, viu o que fazia e largou o velhote.

– Te controlaste afinal – disse Reinald sorrindo.

– Está morto? – perguntou William recuando, enquanto limpava o sangue da boca na blusa.

– Ele vai acordar fraco, tonto e dolorido. Talvez se pergunte de onde veio o sangue no braço, mas não haverá nenhum machucado.

– Quase o matei – disse William.

– Mas não o fizeste, rapaz – disse Reinald, dando-lhe um tapinha no ombro. – É preciso seis meses para controlar o instinto. Não precisamos matar, pois se matassémos um humano por semana, em um ano Stanwell estaria dizimada. Quanto mais velho, menos sangue precisarás. Eu, por exemplo, me alimento uma vez ao mês. Já um novato, nos primeiros anos, precisa de dois humanos por semana.

William aquiesceu, acomodando o velhote na parede.

O humano viveria porque ele, enfim, se controlou. Seria mesmo possível não matar? Talvez não fosse mesmo uma maldição ser um vampiro, mas a oportunidade que Deus lhe dera para fazer justiça frente à morte dos seus familiares.

Agora, saciado, William seguia Reinald de volta para casa.

– Quando agiremos contra Sahur? – perguntou William.

– A melhor forma de executar uma vingança é planejar os detalhes.

– Richard diz que você sempre esconde o que sabe.

Reinald parou em frente ao portão de casa e se virou.

– Que poder terei se disser tudo que sei? Contudo, digo-te que sem Sahur a domar esses vampiros, a situação, em breve, escapará do controle – sussurrou.

– O que acontece se salvarmos Sahur e ele ignorar nosso gesto? – questionou William ao entrar no salão principal.

– Sabe o que tem valor real para os vampiros?

William negou.

– Encabeçar uma rede de favores – respondeu o nobre. – Quanto mais vampiros te deverem favores ou a vida, mais poderoso serás. Sahur nunca correria o risco de desmoralizar-se perante a sociedade negando o pagamento de um favor.

– Então, devo a vida a você por me retirar do rio?

– Não me deves nada.

– Por que me ajuda?

O nobre o encarou.

– Não seria glorioso prender um novato na rede de favores – respondeu Reinald naquele tom calmo de voz. – Após três séculos de existência, encontrar um vampiro com uma meia-transformação e olhos âmbar-sangue como os vossos me intrigam. Vejo a ti como um passatempo interessante nessa minha eternidade tediosa.

O nobre se dirigiu ao escritório. William trocou a blusa ensanguentada no seu cômodo da casa. Não sabia o que pensar. Talvez fosse melhor assim. Por enquanto, pelo menos.

Agora, William estudava latim no escritório sob tutela de Reinald. Já entendia melhor a bíblia, o que o enchia de orgulho. A letra ainda era um garrancho, quase ilegível, mas melhorava a cada dia. Neste instante, Richard interrompia a aula:

– Miller Robert – disse Blane ríspido. – No salão principal.

Gall apenas franziu o cenho e saiu do escritório.

Miller esperava em pé, olhando para uma estátua de cisne no salão principal. Era um vampiro mediano, de cabelos castanhos e olhos verdes. O rosto jovial devia garantir o suspiro de donzelas e senhoras. Vestia roupas caras e assim que os viu, abriu um largo sorriso.

– Meus cumprimentos, Lorde Gall – disse ele simpático, depois que Reinald mandou que os criados fechassem as portas do salão. – Olá, Blane. Não esperava mais vê-lo neste mundo. Olá, William. Visto de perto é mais alto do que eu lembrava.

Para William, a fala mansa de Miller lembrava a cordialidade traiçoeira de Arctur. Ele se escorou na parede mais afastada para ouvir o vampiro.

– Que notícias trazes? – perguntou Reinald.

O sorriso, então, desapareceu do rosto de Miller.

– O problema não é mestre Sahur, mas o maldito conselheiro, Victor Malster. Agora, ele convenceu que Sahur é um Deus e nos exige duas vítimas em noites específicas para aplacar sua ira. Sahur diverte-te torturando os criados; se deleita dizendo que, se eles fugirem, vai matar seus familiares arrancando-lhe olhos, narizes e orelhas.

– Estais fugindo do assunto principal – disse Reinald.

– Perdão. O desgraçado do Malster aconselhou Sahur a matar a todos os vampiros do burgo! Só você pode impedir!

– Preciso dos detalhes – pediu Reinald ainda mantendo o tom calmo. – Se a situação piorar, tu sereis o primeiro a fugir.

Miller calou-se. A contrariedade no rosto deixava claro que se ofendera.

– Vi Malster recebendo uma mensagem de um pombo – disse ele mais seco. –Depois de ler, ele a queimou e começou aquela conversa de que Sahur deveria matar os vampiros. Talvez até matar os humanos de Stanwell para demonstrar o poder de um Deus.

– Quando? – perguntou Reinald.

– Não sei.

– Os outros já sabem que estamos aqui?

– Apenas as duas crias de Sahur. Mas, pelo que sei, eles decretaram essa zona como território deles...

– ...o que garante que ninguém nos incomodará – completou Reinald. – Como sempre coletar informações pertinentes é o seu forte. Nigel, traz o dinheiro.

Os olhos de Miller brilharam quando abriu o saco de couro trazido pelo criado.

– É suficiente – disse, por fim, com um sorriso.

William sentou-se ao chão.

Quando, na sua vida, poderia imaginar um dia participar de uma reunião que planejava uma vingança contra o vampiro mais poderoso da região? Pela primeira vez sentia-se confiante em ser dono do próprio destino.

Reinald agora acenava no meio do salão para que William se aproximasse. Ele obedeceu a contragosto. Por que sempre pressentia que o nobre tinha intenções ocultas?

– Existe alguém por trás de Malster – disse Reinald. – Talvez ele deseje forçar um conflito entre Sahur e os vampiros do burgo; uma situação onde todos se unirão para matar o tirano.

– Quem poderia ser? – perguntou Miller. – Uma das crias? Erika, talvez... Aquela vampira é uma cobra venenosa.

– Não sei quem é, mas nenhum dos três cães de Sahur parece envolvido – respondeu Reinald. – Erika nunca teve poder para tanto.

Todos ficaram em silêncio até que Reinald perguntou:

– O que ainda escondes, Miller?

O informante recuou um passo, antes de sorrir de novo.

– Nada escapa a ti, Lorde Gall. Não achei revelante, mas Malster é um novato; foi transformado a menos de três invernos.

– Como pode saber? – perguntou William, quase sem querer.

Miller virou-se para ele.

– Malster tem se alimentado quase duas vezes por semana – disse o informante.

– Espere um instante! – falou Richard em tom exaltado, pondo-se à frente de Miller. – Como pode saber dessas coisas?

– Lorde Gall me deu um mapa com as passagens secretas da fortaleza do mestre Sahur.

Richard Blane olhou com tamanha fúria para Reinald, que William achou que o ex-prisioneiro de Sahur atacaria o nobre.

– Como obtiveste tal mapa? – rosnou Richard.

– Trevor me forneceu; um gesto de boa vontade – respondeu Reinald, sem alterar a voz.

Miller Robert abriu os braços e sorriu.

– Adoraria continuar esta conversa tão alegre, mas tenho de ir.

– Um momento, Robert – disse Reinald. – Ainda preciso de vós.

– O que tenho a fazer? – perguntou ele, sem mais sorrir.

– Leva esses dois da próxima vez. Seis olhos veem melhor do que dois.

William não esperava por aquilo.

Entrar na fortaleza de Sahur? Por que faria uma loucura dessas?

Miller, enfim, foi embora, o que ele fez depois de se despedir com aquela voz macia que William odiava. Richard ainda contrariado e sem dizer uma só palavra, se retirou para o seu aposento.

Nesse momento, William encarou o nobre.

– Por que você não se ofereceu para ir à casa de Sahur?

– Sabe a pontada que sempre sentes atrás do pescoço quando há perigo, como o nascer do sol ou a presença de um vampiro perigoso? – perguntou Reinald. – Aconteceria com Sahur no mesmo instante que eu me aproximasse.

– Sahur nem sabe que estamos no burgo. Se ele vai matar outros vampiros, quem se importa? – questionou William.

– Sahur também pode matar os habitantes de Stanwell...

– Tudo o que me importa é vingar a morte da minha família! – respondeu William, exaltado. – Farei Sahur pagar pelo que fez comigo, mas não me arriscarei!

– Nunca se perguntou por que Sahur não matou Richard? Teria sido mais fácil do que encarcerá-lo naquela masmorra.

William não respondeu.

– Pelo mesmo motivo que não vos matou naquele julgamento, rapaz – revelou Reinald.

– Acho que o bastardo queria que eu tivesse uma morte lenta na floresta. Paralisia por falta de sangue humano.

– Entretanto, te matar seria mais fácil. Afinal estás aqui agora vivo e planejando se vingar dele.

– Então...?

– ... Por quê? – completou Reinald. – Matar um outro vampiro é crime.

– Quem puniria o vampiro mais poderoso das redondezas?

– Há rumores sobre vampiros de mil anos que, ao violar a lei, desapareceram. Meu criador falou uma vez sobre um grupo antigo que zela pela lei vampírica, uma ordem secreta de imortais. Tu vais te arriscar a descobrir a verdade? Até mesmo um ancião como Sahur, com quatrocentos anos de idade, tem medo.

– Do quê?

– De encontrar alguém mais poderoso. Medo da verdade que pode estar por trás das lendas. Sahur não mata vampiros. Portanto, peço-te para ir até a mansão dele descobrir o que está acontecendo.

William se calou.

Pensou primeiro em negar, mas o instinto dizia para ir até lá. Não sabia explicar o porquê, apenas que deveria ver Sahur. No mais, quem o obrigaria a ir se não quisesse? Com esse pensamento, despediu-se de Reinald e caminhou até seu aposento.

CAPÍTULO DEZENOVE

William estava, em parte, aliviado em sair de casa. A última semana fora marcada pelas ferrenhas discussões entre Richard e Reinald por causa do mapa entregue a Robert sem que Richard soubesse. Agora, depois de atravessar as ruelas, a ponte, a praça central e passar pelo armazém, pela taverna, pela igreja do burgo, William se encontrava na zona oeste em frente a uma enorme casa de blocos de pedra de dois pavimentos que Miller Robert dizia pertencer a Sahur. Cercado por árvores, se não fosse, ao longe, o muro cercando o burgo, juraria que estavam na floresta de Haye. Sua nuca se arrepiou ao pensar no que aconteceria se Sahur os farejasse ali. Rezava para que não demorassem.

Miller contornou a casa, se embrenhou nas árvores e caminhou até, por fim, alcançar às margens de um riacho em uma clareira iluminada pelo luar. Miller virou-se para eles, sorrindo, e avisou para não falarem alto.

Richard resmungou algo inaudível, mas concordou com a cabeça.

– Sahur poderia nos farejar? – sussurrou William.

– Posso enganá-lo – disse Miller, andando até um montinho de terra, no meio da clareira, perto de um arbusto espinhento.

Miller afastou a terra com as botas, revelando uma tampa de madeira sob o chão. Ao levantá-la, revelou um túnel rochoso, escuro e estreito de onde saía ar quente e úmido. William entrou logo depois de Mack e Richard, afundando as pernas até a altura dos joelhos em água fria. Seus olhos logo se acostumaram à escuridão, revelando um sinistro e longo corredor de pedras ásperas.

William saiu em uma câmara de seis entradas diferentes. Talvez fosse

uma troça da sua cabeça, mas tinha a sensação de que a escuridão entre as rochas se movimentava, ondulando de maneira lenta. Miller apontou para a entrada da direita e seguiu.

Durante o caminho se defrontaram cinco vezes em câmaras com três, quatro ou cinco opções de túneis. Quando William perguntou o que teria nas outras entradas, Miller respondeu que não sabia. Algo na voz de Miller, medo talvez, denunciava que também não gostava de estar ali.

A escuridão agora parecia mais densa; quase podia jurar que ela o envolvia, o observava, o chamava. Vento quente sibilava no corredor, sussurrando um nome, mas que William não entendia. Balançou a cabeça incomodado.

Se Sahur mantinha aqueles duendes em forma de crianças como cães de guarda na antiga propriedade, que forças sinistras protegiam este lugar? Com certeza não seria ele a descobrir. Talvez, o nome que achava ouvir fosse apenas fruto da imaginação; nada a se preocupar.

Miller, então, virou-se para ele antes de se espremer entre duas rochas no corredor.

– Falta pouco agora – sussurrou sorrindo.

William queria ir embora. Ainda assim continuou em frente. Ao virar a próxima curva, avistou uma porta de madeira carcomida e mofada de pregos enferrujados. Miller se virou de repente, mostrando três pequenos sacos de couro, onde enfiou a mão e tirou um punhado de cinzas.

– Esfreguem na pele – sussurrou ele. – Isso confundirá o olfato de Sahur.

William pegou um saco e fez o que Miller pediu. Depois que Richard também o fez, Miller puxou a argola, abriu a porta e entrou. Um vento soprou na nuca de William e ele quase ouviu o nome que a brisa trazia. “Besteira” – pensou.

Estava agora em um novo corredor rochoso, largo o suficiente para não mais raspar a pele na rocha. Andou em silêncio até chegar na escada escavada na rocha, por onde desceu até uma porta de madeira negra. A mão de Miller tremeu ao abrir a porta. Novamente William pensou no que aconteceria se Sahur os

descobrisse ali.

William se descobriu prensado entre uma parede de blocos de pedra e uma parede formada por vários caixotes grandes empilhados. A vista ardeu com a fraca iluminação que vinha das frestas das caixas. O cheiro de sangue fresco logo encheu-lhe as narinas e lhe confundiu os sentidos. Havia pessoas, com certeza, do outro lado das caixas. Algumas ofegavam, outras sussurravam e choravam.

Miller logo escalou os caixotes. O espaço tão estreito no topo não impediu que Miller se arrastasse para o outro lado. William olhou para Richard, que em silêncio também iniciou a escalada.

Ao descer em um corredor abafado e úmido, a luminosidade das tochas cegou de novo seus olhos. Quando, afinal, a visão retornou, se viu em uma masmorra. À frente, do outro lado das grades, se encontravam dúzias de pessoas amontoadas. Dez homens presos de cócoras em gaiolas suspensas. O sofrimento estampado no rosto sujo de sangue e terra.

William, então, percebeu que os presos tiveram os olhos arrancados, incluindo mulheres e crianças. Seis levaram uma surra tão violenta que nem se levantavam. Ratos se aproximavam sorrateiros e arrancavam nacos de carne dos prisioneiros, que só gritavam e agitavam os braços na tentativa de afastar os roedores.

William se apoiou na parede, perplexo diante de tamanho horror.

Esses inocentes seriam as oferendas ao “deus” Sahur? Como o desgraçado pôde fazer aquilo? Por que Deus permitia que tais monstruosidades pudessem ocorrer? Iria libertá-los agora.

Andou em direção à porta da cela, sem mais se preocupar com o barulho que fazia. Os mortais, aos tropeços e empurrões, se encolheram no canto mais afastado, emitindo grunhidos roucos; talvez, pensassem que Sahur se aproximava. William encheu-se de ódio ao perceber que arrancaram também a língua daqueles inocentes.

– Se chamarmos a atenção de Sahur, será o fim – sussurrou Miller, colocando a mão sobre o ombro de William, forçando-o a parar.

William abaixou a cabeça, pensando o que fazer.

“**Você nada fará porque é fraco**” – sibilou William das Trevas.

Era verdade. William se amaldiçoou e, a contra-gosto, caminhou atrás dos outros vampiros. Subiu as escadas ao final do corredor e, logo à frente, se deparou com uma porta de ferro. Miller tirou uma chave do bolso e destrancou a porta.

Um novo cômodo circular abrigava cinco opções de corredores para seguirem. Miller explicou que se encontravam em um labirinto. Qualquer erro poderia significar a captura deles ou até mesmo a morte. Mas o espião conhecia o caminho e os conduziu até uma porta negra, que se não fossem pelos seus olhos acostumados com a escuridão, não enxergaria.

Com a pequena ferramenta que pegou do bolso, Miller a enfiou na fechadura da porta. Em instantes, um estalido suave indicava que a porta se abrira.

William entrou em um corredor curto e subiu a escada escavada na rocha. Perto do topo, os degraus passaram a ser de madeira e as paredes eram agora de blocos de pedra. Estariam fora do subterrâneo? A escada foi se estreitando até obrigá-lo a andar de lado. Ao final, se espremeu entre uma fenda e saiu em um espaço igualmente apertado, escuro e empoeirado. Miller, então, o encarou sem sorrir e William sabia que a partir de agora tudo iria piorar.

William logo se descobriu nas entranhas da casa de Sahur, atrás da parede de madeira. Farpas entravam pela roupa e esfolavam a pele, enquanto os ratos guinchavam furiosos quando ele pisava, sem querer nos ninhos, obrigando o grupo a parar até os roedores se acalmarem. Nesse momento, William voltava a pensar no que aconteceria se fossem descobertos.

Ao ouvir vozes, Miller parou em frente a dois buracos na altura dos olhos e ali ficou. William se ajeitou e, através de um buraco diminuto na parede, testemunhou o que se passava no salão.

– Os preparativos estão quase no fim, Lam – dizia, sorrindo, um vampiro esguio e baixo, de cabelos castanhos e um cavanhaque a enfeitar o rosto, que William logo deduziu ser Victor Malster.

Só, então, William percebeu a presença de Lamert Sahur. Não o Sahur imponente e monstruoso de antes. O vampiro mais poderoso das redondezas sentava-se ao chão perto de uma mesa retangular de carvalho, brincando com dados feitos de ossos com um olhar apático, infantil. Sahur dizia um número e lançava os dados. Quando acertava, batia palmas para si mesmo. Nem parecia notar a presença de Victor.

– Já sabes o que tem de fazer, pequeno Lam? – perguntou Malster.

Dúzias de velas acesas em cima de candelabros pendentes do teto iluminavam as tapeçarias com o brasão da família Sahur em destaque. No canto sul, uma cadeira coberta de pele de urso negro se destacava. Acima dela, dois grandes machados de guerra cruzados.

Sahur parou de lançar dados e encarou Malster. William reparou nas roupas imundas do garoto e seus cabelos desarrumados.

– Matar?! – respondeu Sahur. – Papai do céu não deixa.

– Queres perguntar para teu papai? – perguntou Malster, sorrindo.

Malster retirou, a seguir, de dentro da blusa um colar de pingente dourado em forma de estrela, cuja gema azul ao centro emitia uma luz pulsante.

– Devo chamar teu pai? – tornou a perguntar com a voz mais fria.

– NÃO! – respondeu Sahur, de súbito. – Ele é mau. Não quero voltar para a escuridão... Eu faço!

Malster sorridente, guardou a estrela dentro da blusa.

– Quando os fantasmas irão embora? – perguntou Sahur choroso.

– Se continuares a te comportar direito, eles logo irão embora.

– Eles não me deixam dormir... – choramingou Lam. – O fantasma de Hades disse que vem me buscar...

– Enquanto usares a medalhinha que te dei, os fantasmas não te machucarão – respondeu Malster amável. – Estás com ela?

Sahur sorriu maroto, tirando de dentro da blusa amarrotada um medalhão igual ao de Malster, exceto pela cor verde da gema.

Neste momento, Sahur fechou o semblante.

– Tem algo errado – disse.

William tinha certeza de que morreria agora.

Uma batida na porta e Malster guardou o medalhão.

– É ela – disse o conselheiro.

William respirou aliviado.

Por um instante, achou que Sahur os descobrira. Pela expressão de Miller e Richard, eles também pensaram o mesmo. Sahur parecia inofensivo; se atacassem agora talvez vencessem.

Os olhos de Sahur logo brilharam, como se a sanidade, afinal, retornasse. Ele logo se sentou na cadeira.

– Pode entrar – ordenou ele.

Uma bela vampira loura entrou no salão. O rosto angelical e inocente, coberto em parte pelo cabelo ondulado, escorrendo sobre os ombros. Olhos azuis tão profundos que iluminavam o rosto. William achava impossível não ficar fascinado frente à tão perfeita criatura.

Ela segurou as mãos de Sahur e as levantou até o rosto dela.

– O que te preocupas, minha querida Erika? – perguntou Sahur.

– Tu, é claro! – disse ela.

Ela olhou para Malster com desprezo.

– Victor, queira nos dar licença – ordenou Lam.

O conselheiro hesitou, mas logo se retirou.

– O que está acontecendo, Lam? Quem, afinal, é Victor Malster? – questionou ela.

– Uma guerra vai começar, meu amor – disse ele.

– Quem iria guerrear contra ti? – perguntou Erika assustada.

– Meus inimigos acham que estou fraco. É tempo de mostrar meu verdadeiro poder!

Erika tremeu.

– Não, minha querida – disse Sahur, abraçando-a. – Prometo que nada de mal acontecerá a ti. Partirás ainda hoje para uma casa que comprei em Hereford.

– Não! – disse a vampira, afastando-se. – Eu não...

– É preciso! – interrompeu Sahur. – Tudo acabará bem, meu amor, prometo. Não há outros vampiros naquele burgo, de modo que serás como uma rainha naquele lugar.

– E a minha criança? – perguntou Erika.

– Tua cria é uma pária – disse Sahur.

– Prometa que nenhum mal vai acontecer a ela.

Lam hesitou.

– Sem essa promessa, não saio daqui – insistiu Érika, afastando-se dele.

– Tua criança ficará bem – disse Sahur sorrindo. – Dou minha palavra!

Neste momento, Erika o abraçou forte, sorrindo como uma menina. A vampira logo se retirou e Victor não tardou a retornar.

– Então está resolvido – disse o conselheiro.

– Foi melhor assim – respondeu Sahur, sem esconder a tristeza.

– Temos assuntos mais importantes a tratar – disse Victor, gentil,

mostrando o medalhão.

Foi então que o olhar de Sahur se perdeu.

– Já está quase tudo pronto para a festa – disse Malster. – Sinto até o cheiro das tortas.

– Eu também – disse Sahur com um sorriso de felicidade infantil e cheirando o ar. De repente, fez uma careta. – **Algo está errado!**

William foi puxado por Richard. Desta vez, tinham sido descobertos. Sahur berrou ao longe, mas não pareceu segui-los. Pelo menos, não por este caminho. O grupo andava apressado, ao mesmo tempo que tentavam não fazer barulho. Ao alcançar a escada, William saltou de cinco em cinco degraus e, ao final dela, Miller já abria a porta. Quanto tempo até Sahur os alcançar?

Passos vindos no alto da escada amendrontaram ainda mais William. Ou seria apenas a sua imaginação? Não importa. Agora só podia rezar para que as cinzas cobrindo-lhe o corpo enganassem o faro de Sahur.

Em seguida, ao se infiltrar no labirinto, o chão sob seus pés afundou, levando-o junto. Segurou-se, por sorte, na borda. O buraco abaixo dele, tão profundo, que nem mesmo sua visão aprimorada enxergava o fundo. Logo, Richard o puxou dali e William correu pelo labirinto sob a orientação de Miller. Até este momento nenhum ruído vinha de trás dele, mas, em se tratando de Sahur, só estaria seguro quando estivessem longe dali.

William alcançou à masmorra e o pensamento de ajudar os pobres azarados encarcerados por Sahur voltou a lhe incomodar os pensamentos. Ele parou. Fugir ou enfrentar Sahur e libertar essas pessoas?

– Não se preocupe – sussurrou Miller. – Durante a festa poderá libertá-los.

– Por que não agora? – questionou William.

Os mortais choravam e pediam por misericórdia, tateando as paredes, vindo em direção às grades da cela. Um menino estendeu a mão e pediu ao santo salvador que Deus enviara que, por clemência, os tirasse dali. William arrebentaria as grades se fosse preciso, mas Richard se colocou à sua frente.

– Como guiaremos esses cegos pela caverna? Acha que Sahur não irá farejá-los quando pisarmos lá fora?

William hesitou, mas não podia ir embora.

– Meu anjo da guarda... – disse uma menina aos soluços. – Por favor, não nos abandone...

William afagou os cabelos longos e ensanguentados da menina. Ela lembrava sua irmã Sarah. Não prestava mais atenção nas outras vozes suplicantes ou nos argumentos de Richard. Sahur poderia aparecer a qualquer instante e, se isso acontecesse, sua vingança nunca se realizaria. Odiou-se pela decisão que tomaria.

– É preciso... Tenho que ir... – disse, por fim, cabisbaixo.

– NÃO! – berrou a menina. – Por favor... Não...

– Prometo voltar – disse William envergonhado.

Ele, então, caminhou até os caixotes e os escalou. Só queria ir embora antes que enlouquecesse de vez. Ao se infiltrar na caverna, a escuridão voltou a envolvê-lo e uma voz sussurrava-lhe o nome que ele ainda não compreendia, pedindo por liberdade. William apenas ignorou.

Robert não demorou a anunciar que estavam próximos da entrada da caverna. O espião foi o primeiro a sair. Depois, foi a vez de Richard e, por fim, a dele. Assim que subiu, notou o desaparecimento de Miller. Olhou para Richard, que mantinha o rosto sereno, como se nada tivesse acontecido.

– Onde...? – ia perguntando quando, de repente, uma flecha atravessou a garganta de Richard.

Um vampiro alto surgiu entre eles com uma besta descarregada nas mãos e deu um murro no peito de William, lançando-o longe. William logo o reconheceu: era o lacaio de Sahur de cabelos negros portando a cicatriz no pescoço que lhe apontara uma besta no julgamento.

Richard arrancou a flecha, berrando o nome do inimigo:

– BRUCE POLSTED!

O traidor sorriu, largou a besta, afastou a capa negra e sacou a espada da bainha.

– Olá Richard – cumprimentou Polsted. Virou-se então e encarou William. – És o tal Brennan, não? O que fazeis, aqui, nas terras de meu mestre?

– Busco minha vingança contra ti, traidor – disse Richard.

– Lam ficará satisfeito ao ver que capturei dois inimigos. Desta vez, Richard, terás a companhia deste bastardo e de Gall na prisão. Trevor já me contou onde ele está.

William se amaldiçoou em pensamentos; sabia que as crias sarnentas de Sahur não mereciam confiança. Teria Miller avistado o inimigo e fugido? Ou estaria ele também junto nesta traição? Descobriria mais tarde. Agora, só lhe restava lutar.

Richard partiu para cima de Polsted, mas um tronco maciço desceu como um pêndulo das árvores, amarrado por uma grossa corda, e colidiu em Richard, arremessando-o longe.

William tinha que intervir, mas, nesse instante, perdia o controle sobre o corpo.

“**Aonde vai?**” – perguntou Willias das Trevas. – “**Este não é nosso objetivo.**”

“Quer que eu fuja como o Miller Robert?” questionou William.

William das Trevas não respondeu, mas ainda lhe paralisava o corpo.

Richard, por outro lado, correu na direção de Polsted com uma das mãos às costas. Quando chegou perto o suficiente, atirou uma pedra no inimigo, que ao desviar levou um murro de Blane no peito e voou para trás. Richard avançou, mas Polsted, com um movimento rápido da espada, quase decepou-lhe o braço esquerdo.

“Se Richard perder, o desgraçado do Polsted virá atrás de mim” – pensou

William, mas o demônio permanecia calado.

William se odiava pela sua fraqueza. Não sabia até quando teria que carregar aquele demônio, mas não se entregaria. Ninguém nunca mais determinaria o que ele podia ou não fazer. Para começar, recuperaria o corpo.

O coração, então, bateu; o fluxo de sangue direcionado para os braços. Os caninos rasgavam a gengiva e a mandíbula se deslocava, William fez o coração bater uma vez mais e, desta vez, o fluxo chegou nas pernas. No momento, lutava como nunca para dar um passo à frente e quando o fez, num tempo que pareceu infinito, as amarras invisíveis que o prendiam desapareceram.

Richard, do outro lado da margem, utilizava um pedaço de tronco para se proteger da espada de Bruce. William ajudaria, mas assim que se mexeu, morcegos voaram ao seu redor e se embrenharam, a seguir, no meio da moita mais próxima. Algo brilhou ali. William remexeu a moita e descobriu duas espadas.

Não teve tempo para descobrir porque as armas estavam jogadas ali; Richard teve, neste instante, a barriga dilacerada. William pegou as espadas e jogou uma delas para Blane. Contudo, Polsted foi mais rápido e, com um soco, jogou a espada no rio, enquanto cravava a própria lâmina na barriga de Richard. Um líquido negro, viscoso escorreu da ferida. A seguir, o lacaio de Sahur, acertou um murro no rosto de Richard, lançando-o floresta adentro. William, então, golpeou Polsted com a espada, mas o inimigo se defendeu e contra-atacou.

– Se Blane caiu, o que um novato pode fazer? – perguntou Bruce Polsted. – Ainda mais com essa meia-transformação.

– Não serei derrotado – disse William.

Ele tentava manter a calma, mas como derrotaria um vampiro mais forte e com experiência no manejo de espada? Se fosse seu destino vencer essa luta, então Deus o ajudaria.

Polsted aumentava a velocidade do ataque, mas William ainda o acompanhava e, mesmo sendo inexperiente na esgrima, a luta prosseguia com esquivas, golpes e contra-golpes. Talvez pudesse vencer.

Ao sentir uma pontada de dor se espalhar pela sua perna direita, William se surpreendeu com o corte que ali encontrou. William não vira o movimento de Polsted. Outra pontada; desta vez no braço esquerdo. Recuava agora. Defendeu um golpe na sorte. Mais um corte na barriga, outro no peito. Em pouco tempo, seu corpo tinha mais cortes do que podia curar. O último na perna quase o derrubou, mas William persistia; girou a espada, pronto para atingir o pescoço do adversário, mas o parvo desviou o golpe.

– Se não pode ver meus ataques, irás perder – disse Polsted, rindo.

William revidou dando uma cabeçada na boca do adversário. O lacaio de Sahur recuou – os olhos brilhando raivosos antes de desaparecer e reaparecer, cravando a espada no ombro esquerdo de William. O inimigo sorriu ao vê-lo berrar de agonia. Polsted, então, girou a espada devagar dentro do machucado, raspando o osso e dilacerando ainda mais a carne, produzindo uma dor lacerante que logo se espalhou pelo braço e peito, fazendo-o temer a perda do braço. Quando deu por si, se encontrava ajoelhado e, deste modo, a espada de Polsted atravessou-lhe o estômago, cravando-lhe ao chão.

– Acabou – disse o adversário.

William fitou o céu, lembrando o choro da garotinha prisioneira, a mão do menino estendida para ele, o remorso de tê-los abandonado à própria sorte. Era a última esperança daquelas pessoas e fracassaria. Não! Recusava-se a aceitar mais essa derrota, mais essa humilhação. Ele prometera resgatar os prisioneiros e ainda acharia o assassino de sua família.

O coração de William, então, bateu uma terceira vez. Um calor repentino surgiu no peito e se espalhou rápido pelo corpo. O rosto queimava como se exposto ao sol do verão, fazendo-o se sentir mais leve, mais forte.

“**Pegue um pouco da minha força e vença!**” – disse William das Trevas.

Ao ouvir isso, William cerrou o punho no cabo da espada e dilacerou o joelho do adversário, derrubando-o. A espada de Polsted caiu ao lado de William que, então, arrancou a espada que o prendia ao chão e se levantou, encarando Polsted, agora, com as duas espadas em mãos.

– **Essa luta já se prolongou demais, novato** – rosnou Polsted já de pé. –

Pagarás caro pela afronta.

– **Discordo** – respondeu William, avançando rápido e cravando as duas espadas na barriga do inimigo. – **NADA ME IMPEDIRIRÁ DE CUMPRIR AS PROMESSAS QUE FIZ!** – e socou-lhe o rosto, derrubando Polsted.

Enquanto o adversário se levantava, William socou-lhe várias vezes o rosto. A cada murro desferido, o orgulho de William crescia em saber que surrava um dos lacaios de Sahur.

O inimigo, de repente, lhe segurou o punho, mas William respondeu, cabeceando-lhe o nariz. A seguir, Polsted acertou o joelho no queixo de William, lançando-o contra uma árvore. O lacaio arrancou as espadas da barriga e avançou com elas para cima de William.

Nesse instante, Richard apareceu por detrás de Polsted com a espada que o lacaio lançara ao rio e decepou-lhe uma das pernas. Antes que caísse, Richard arrancou-lhe a mão direita.

– **Esquecer de mim foi teu maior erro, traidor** – disse Richard.

– **Maldito** – ganiu Polsted, antes de Richard decepar-lhe a outra mão.

– O que fará com ele? – perguntou William ao desfazer a transformação.

– É, Richard, o que acha que pode fazer comigo, um aliado de Sahur? – zombou Polsted ao chão.

Richard pegou um galho no chão, cortou a ponta de modo a torná-la pontiaguda e transpassou o peito do lacaio. Então, virou-se para William.

– Vou enterrá-lo. Depois, quanto tudo isso acabar, penso em fazê-lo sofrer pela traição. Então, vou enterrá-lo com uma estaca no peito e garantir que ninguém saiba onde está.

CAPÍTULO VINTE

Depois desta noite tão exaustiva com direito a um passeio nas entranhas da casa de Sahur e a luta contra o lacaio, Bruce Polster, William chegava em casa quando o dia amanhecia. As explicações, por mais que as quisesse, ficariam para amanhã. William despertava na noite seguinte com um gotejar que lembrava a masmorra do barão de Karten, Sian Malthus. A escuridão tão densa, que nem mesmo seus olhos vampíricos desbravavam. Onde estava?

– **Seja bem-vindo ao meu lar** – disse, de repente, William das Trevas.

– Onde estou?

– **No canto mais obscuro da sua alma, Will.**

– Vai tentar me aprisionar e pegar o meu corpo?

– **Agora só desejo mostrar algo a você**.

William se viu, de repente, no meio da batalha dos camponeses contra o barão Truman. Seu irmão Ralph, ferido na barriga, acabara de morrer pisoteado pelo cavalo do filho do nobre. Ao fitar os olhos sem vida do irmão, e sem saber o porquê, se lembrou da vez que Ralph o salvara de lobos quando ele, aos cinco anos, voltava sozinho da plantação. Cercado por três lobos, achou que morreria, ainda mais depois de um deles lhe abocanhar o tornozelo. Contudo, o irmão apareceu com uma tocha e, aos berros, afugentou os predadores.

Naquele momento, se deu conta: jamais retribuiria o que o irmão fizera por ele. Isso não ficaria impune! Ele, então, se abaixou, pegou uma pedra, mirou e a atirou no elmo de Adam, filho de Truman, assassino de Ralph, que se

desequilibrou e caiu do cavalo. Aldeões cercaram o nobre e bateram nele até não poder mais.

“Que sua alma queime no inferno!” – desejou William, pegando outra pedra.

Quando Lorde Truman virou o cavalo para ajudar o filho, William lhe acertou uma pedra no nariz, que jorrou sangue. O senhor feudal o encarou, empunhou a espada e veio para cima dele, atropelando uma criança no caminho. Não havia tempo de fugir. Entretanto, o patriarca dos Rocks, cuja morte dos filhos fez estourar a revolta, acertou a tocha no focinho do cavalo. O animal relinchou, empinando o corpo, derrubando o nobre.

Lorde Truman se levantou ileso, decepou o braço do patriaca Rock e veio na direção de William, que empunhando sua foice, correu para cima do nobre. Se matasse o senhor feudal, a luta cessaria.

William hesitou.

Teria coragem suficiente para matar e ser condenado ao inferno? Não importava. Aquele bastardo ferira de morte o irmão e aniquilaria sua família se assim quisesse. Faria um bem a todos se matasse o nobre.

Antes que descobrisse o que acontecera, William despertou dentro da caixa na casa de Reinald. Orou em silêncio pela alma de Ralph. Teria o pai escapado? Mas a esperança era cada vez menor.

Ao sair do cômodo, notou a casa silenciosa. Não encontrou ninguém no salão principal, nem no escritório ou na cozinha do lado de fora. Onde teriam ido?

De repente, passos ecoaram no cômodo de Reinald, cuja porta se encontrava entreaberta. William entrou e encontrou o nobre imerso na escuridão, encarando um vestido amarelo corroído pendurado na parede. Ao lado, uma tapeçaria representava dois unicórnios brancos com chifres dourados na testa.

– Bela arte – comentou William.

Reinald virou-se e sorriu.

– Comprei de um mercador em Londres.

– Onde estão...?

– Os criados foram ao festival da primavera na praça central. Richard foi se alimentar.

– Richard já falou sobre a traição de Trevor?

– Trevor enviou Polsted para ser capturado como parte do trato.

– O Miller sabia?

– Todos sabiam. Por isso Richard quis ir. Já Miller não se envolve em brigas.

– Espere aí! – disse William, sem esconder a raiva. – Como Trevor sabia o dia da nossa invasão?

– Contei a ele.

– Como pôde?! Por que não fui avisado?

– A vida é assim – disse Reinald, na mesma calma de sempre. – Teus inimigos sempre tentarão pegá-lo despreparado. Os vampiros antigos mantêm a honra de avisar o combate, mas a nova geração não respeita regras.

– Não me dê lições – respondeu William. – Pouco importa se o assassino da minha família segue regras de combate ou não. Nunca mais me manipule!

– Talvez não entendas agora o valor dessas lições, mas ainda me agradecerás. Jamais colocaria a ti ou Richard em situações de extremo risco.

– Enfrentar Polsted desarmado não é uma situação de extremo risco?!

Reinald sorriu como seu pai fazia ao dizer o óbvio.

– Havia duas espadas e pedi para Miller as deixasse antes de ir. Dentro de ti habita a força de um vampiro de cem anos ou mais. A desvantagem sempre esteve com Polsted, estando ele armado ou não.

– Isso significa que sou mais forte que Richard e Arctur?

– Só saberemos quando tiveres domínio sobre tua força.

– O que faremos agora que Sahur descobriu que está sendo espionado?

– Trevor lhe contará que Bruce Polsted foi o culpado pela invasão. Por outro lado, Miller me avisou que Sahur promoverá a festa dentro de cinco noites. Será a oportunidade perfeita para detectar a presença do vampiro que o amaldiçoou.

William concordou. Procurou disfarçar as mãos tremendo ante tamanha ansiedade. Pensou o que faria ao assassino. Talvez fizesse como Richard que desmembrou Bruce Polsted ou apenas queimasse o desgraçado até sobrar as cinzas. O padre falava que a cremação mandaria a alma do morto para o inferno. Essa seria a vingança perfeita.

† ‡ † ‡ †

Após cinco noites, afinal, chegou o dia que William libertaria os prisioneiros de Sahur. Ouvia agora, junto a Richard, o plano de Reinald pela quinta ou sexta vez antes de pegarem as armas e partirem.

– Os outros vampiros já sabem que vão morrer? – perguntou William, enquanto atravessavam a ponte.

– Ainda não. Contudo, a presença desse conselheiro misterioso, o enlouquecimento de Lam, a aparição de Adrian Clack e o desaparecimento de Polsted geram por si só medo e desconfiança. Ainda temos os rumores do ressurgimento da Floresta das Trevas.

O gentio da aldeia de William quando se reuniam ao redor da fogueira, contavam causos de viajantes que se encontraram com espíritos, mortos que se levantavam, árvores que tinham sangue correndo em seus troncos, fadas malignas e seitas de adoradores do Demônio. Toda vez que fazia pirraça, seu pai o ameaçava de deixá-lo por lá como castigo. Mesmo sendo imortal, não gostaria de ir para a Floresta.

– A quem Malster serve? – perguntou Richard.

– Seja quem for, logo, logo vai se revelar – respondeu Reinald.

Quando chegaram à mansão, Reinald, junto a William e Richard, contornou a propriedade por fora, mantendo-se oculto nas árvores.

– O cheiro indica que a maioria dos vampiros já se encontra aí dentro. Não precisaremos nos preocupar em sussurrar ou disfarçar nosso cheiro – disse Reinald na parte detrás da casa onde se encontrava uma cozinha abandonada com o imenso fogão à lenha perto do estábulo. – É aqui.

Ao dizer isso, removeu a tampa do forno e revelou um grande espaço interno, suficiente para caber um homem. William entrou primeiro e se viu diante de uma passagem estreita. Entrou sem hesitar. Andou arqueado por um corredor comprido e baixo até alcançar uma tapeçaria que cobria a passagem. Entrou, desse modo, no covil de Sahur. William que, desta casa, só conhecera o subterrâneo e as entranhas, agora se deparava com pinturas retratando os antepassados de Sahur cujos nomes se destacavam em diminutas placas de metal abaixo de cada pintura. O chão empoeirado, forrado por restos de palhas, e as paredes acumulando sujeira e teias, indicavam que ninguém mais cuidava do lugar.

Guiados pela música, William, Richard e Reinald chegaram à imensa porta dupla do salão principal. William e o nobre seguiram em frente. Já Richard se separou deles, entrando em outro corredor. Na adega de vinhos, o terceiro tonel ocultava um buraco na parede. Reinald lhe deu um par de luvas de couro com placas metálicas costuradas no exterior. *Para melhorar o dano do soco*, disse o nobre, antes de saírem de casa. Após vesti-las, William se abaixou e se espremeu para entrar. Voltou a caminhar nas entranhas da casa com aqueles ratos irritantes.

Estava fácil demais. Seria uma armadilha? Lembrou-se da masmorra de Sahur guardando os inocentes e da promessa de que voltaria para resgatá-los. Faltava pouco, bastaria cumprir sua parte no plano.

Esgueirando-se entre as paredes, William logo alcançou as entranhas do salão principal onde Malster e Sahur tramaram as mortes e que agora abrigava todos os vampiros de Stanwell. Esperava que o plano desse certo, pois arriscava sua vingança nisso.

Espiou por um buraco, procurando por Sahur, mas, para seu alívio, o

líder dos vampiros ainda não estava presente. O salão, desta vez, fora limpo. Até as tapeçarias pareciam novas. Uma orquestra de dez serviçais animava a noite sob a pálida luz de meia dúzia de velas. Apenas dois vampiros dançavam. O restante se aglomerava em duplas ou trios. Era possível ver um vampiro de roupas finas conversando com um maltrapilho sem o menor sinal de constrangimento. Reinald explicou na semana anterior como era difícil avaliar a idade dos vampiros. Somente quando William atingisse os duzentos anos desenvolveria o dom de estimar a idade dos membros da espécie. Também não avistou nenhuma criança ou idoso.

Após um som metálico ressoar pelo salão, a orquestra cessou de tocar. Victor Malster chamava a atenção dos presentes, batendo uma faca num copo metálico. Os burburinhos paravam. Os olhares se voltaram para o conselheiro, que sorriu.

– Vivemos tempos sombrios, onde é cada um por si e Deus contra todos – disse. – Às vezes é bom nos reunirmos, esquecendo as diferenças. Unidos como agora, quem poderá contra nós? Por isso, nosso líder, o grande e justo Sahur, nos convocou esta noite. Vamos recebê-lo sob uma calorosa salva de palmas – apontou Malster para a entrada do salão.

Ali estava Sahur vestindo uma roupa luxuosa em tons dourados, com uma espada ornamentada de prata e pedras preciosas presa à cintura: mais parecia um bobo da corte.

A orquestra, então, voltou a tocar. Os vampiros batiam palmas, mas os olhares mostravam não terem engolido o discurso de Malster. Sahur agradeceu as palmas e se dirigiu para perto do conselheiro.

William ficou intrigado. Sahur não aparentava ser a criança que vira havia cinco noites; parecia o velho Sahur, mas sem o ar orgulhoso.

– Desejo uma boa noite aos presentes por prestigiar nossa modesta confraternização – disse Sahur. – Desejo aproveitar este momento tão agradável e pedir desculpas por eventuais erros do passado.

William avistou as duas crias de Sahur mais ao longe: Charles Trevor, o mouro careca, e Peter Hosch, o louro, ambos presentes no julgamento. Por acaso, os lacaios olhavam para ele?

– Gostaria de anunciar que ninguém mais precisa trazer oferendas a mim – continuou Sahur, sorridente – A loucura passou. Graças a isso, meus amigos, tenho uma nova visão de mundo.

Os vampiros, puxados por Malster, bateram palmas, com exceção da única vampira presente: uma mulher magra de cabelos negros e brilhosos que vira no julgamento. O rosto fino e jovial se destacava e usava um vestido preto, como se estivesse de luto, deixando parte dos seios brancos à mostra. Sentava-se numa das poltronas na companhia de um ruivo. Não chegava a ser bela, mas algo nela atraía os olhares.

– Vejo um mundo melhor, livre de crimes, perseguições ou injustiças – continuou Sahur. – Onde todos serão tratados como iguais. As riquezas distribuídas e todos convertidos à santa religião de Deus. Para que este sonho se torne realidade, antes de tudo, será preciso vivenciá-lo de corpo e alma.

Os vampiros se entreolharam.

– Mudanças se fazem necessárias. A começar por nós, assassinos frios e covardes. Quantas crianças já deixamos órfãs? Quantas famílias já dizimamos? Somos avatares do sofrimento; mortos-vivos que matam para roubar a vida. SOMOS MONSTROS!

Sahur abaixou a cabeça.

– A primeira providência será livrar este mundo de todos os seres malignos. Começarei por aqui – e gargalhou, os olhos adquiriando o sinistro brilho vampírico.

William percebeu Malster saindo do salão. Sem janelas no cômodo e com as portas provavelmente lacradas, estavam presos com Sahur.

Sahur sacou a espada ornamentada e avançou. William via apenas um borrão se movendo a grande velocidade. Cinco vampiros puxaram facas de botas e cintos. Em vão. Sahur avançava, surrando, cortando os convidados.

William e Reinald se entreolharam. Quando o nobre acenou, William se transformou e destroçou a parede com um único soco. Era agora ou nunca.

Sahur atacava o trio de vampiros próximos da porta. Decepou a perna de

um, arrancou o braço do outro, afundou o peito do terceiro com um soco.

William precisava distrair Sahur; só não sabia como faria sem se ferir com seriedade. Nesse momento, Sahur apareceu, fincando-lhe a espada na barriga.

– Veja quem voltou – disse o garoto com deboche, antes de acertar um murro no peito de William, lançando-o contra a parede do outro lado do salão em um impacto tão violento que as entranhas pareciam despedaçadas.

Sahur lambeu o sangue na lâmina.

– Quem vai ser o próximo? – provocou o líder.

Os vampiros recuaram, mantendo as armas em riste.

Ao se mexer, uma dor aguda percorreu a espinha de William. Sangue escuro vazava em grandes quantidades do ferimento da barriga. Usou a parede como apoio e se levantou. Sahur desapareceu de perto da porta e reapareceu atrás do vampiro vestido como um maltrapilho, decepando-lhe as duas pernas com um só golpe.

Agora, Sahur aparecia na frente da única vampira do burgo. O ruivo que a acompanhava ainda armou um soco, mas teve o punho quebrado por Sahur. A vampira recuou, enquanto Sahur levantava o ruivo pelo pescoço e o arremessava contra os demais vampiros.

– Não bato em mulheres, Elisabeth – disse Sahur. – Pelo menos por enquanto...

Dois vampiros avançaram contra o líder e tiveram as mãos cortadas. Em pouco tempo, apenas seis vampiros continuavam de pé.

Neste instante, uma revoada de morcegos envolveu Sahur. Era a chance que William esperava. O coração bateu mais uma vez, direcionando o fluxo para as pernas. Respirou fundo, ignorando a dor, flexionou os joelhos e saltou com a espada como se fosse uma lança na direção de Sahur, perfurando-o pelas costas.

Sahur berrou, virou-se e socou-lhe o rosto, afundando o nariz e lançando-o longe. William, ao se levantar, avistou Reinald sair do covil e lançar o

machado na direção de Sahur. O impacto arremessou o garoto como se ele fosse um boneco de pano e o cravou pela barriga na parede.

Sahur arregalou os olhos por um momento, antes de berrar em fúria e arrancar o machado. Ao ver o sangue negro se esvaindo junto com as tripas, um brilho se acendeu no olhar.

– **Quem ousa derramar meu sangue?** – ganiu o garoto.

– **Eu ouso** – disse Reinald aparecendo na frente de Sahur e dando-lhe um soco tão forte no peito, que o pirralho afundou na parede.

– **NINGUÉM VAI ME IMPEDIR DE COMPLETAR MINHA SAGRADA MISSÃO!** – berrou Sahur, golpeando o rosto de Reinald, que voou para trás.

Foi quando Charles Trevor e Peter Hosch apareceram e bateram o corpo ferido do mestre contra a parede. Reinald, então, arrancou o colar de prata do pescoço de Sahur.

– **NÃO!** – berrou Sahur, arremessando suas crias longe. – **DEVOLVE-ME AGORA!**

Reinald jogou o colar no chão e pisou no pingente, despedaçando-o.

Sahur arregalou os olhos.

– **NÃO!** – berrou, dando três murros no chão, antes de rasgar a camisa, revelando uma queimadura com o formato do medalhão sobre o peito afundado pelo soco de Reinald.

Sahur, então, se levantou devagar, arfando como se tivesse acabado de correr por milhas. Os cabelos escorridos e desarrumados encobrindo o rosto jovem; os olhos, que fitavam o chão, se levantaram, encarando os presentes.

– **O QUE ESTAIS ESPERANDO?!** – berrou Sahur. – **TRAZEI-ME VICTOR MALSTER!**

Os poucos vampiros ainda de pé hesitaram por um momento e correram em direção à porta, esmurrando-a para que abrisse.

William, afinal, se levantou – as feridas enfim curadas. Cumprira sua parte no plano. Aproveitou o momento e se esgueirou para a passagem secreta. Reinald o encarava ao longe e com um aceno de cabeça o encarajou a ir.

“Que estejam bem” – rezou William, pensando nos prisioneiros. Não sabia ainda o que faria com eles depois que saíssem das masmorras. Hesitou. Talvez Reinald já soubesse quem era o vampiro que o amaldiçoou. Como poderia ir, sabendo que o mistério poderia ser resolvido agora? Foi quando imaginou o sorriso daquela garotinha, chamando-o de anjo. Iria salvá-los como prometera. Tinha certeza que sua irmã se orgulharia dessa escolha.

William, depois de percorrer as entranhas da casa, farejou afinal os prisioneiros. Logo descia as escadas por uma via diferente do que Miller Robert fizera tempos atrás, entrou na primeira porta aberta e se deparou em uma sacada. Ali estava a cadeira feita de pele e ossos de urso pardo, que acomodou Sahur no dia do julgamento. Dali de cima, enxergava todo o salão de uma altura suficiente para matar um homem se ele dali caísse. Ele pulou e pousou sem problemas. Entrou na única porta no pavimento inferior, adentrando de novo no labirinto.

O cheiro fétido da masmorra seria seu guia. O cheiro ficava mais forte à medida que andava. De repente, um nome voltou a ser sussurrado: um tal de Hades exigia sair dali. William apenas ignorou, pois o momento aguardado chegara. Adentrou afinal na masmorra. Contudo, a visão que teve estava além de qualquer pesadelo.

Todos estavam mortos.

Sangue pegajoso recobria as paredes, o chão e o teto. Duas moças tiveram os corpos cravados na parede. Grossos e longos espinhos de ferro transpassaram os corpos na altura do estômago, braços, mãos, coxas e pés. Imaginou se Sahur as pregou ali enquanto ainda viviam.

Os idosos estavam amarrados com tiras de couro em mesas de madeira de peito aberto; as costelas expostas mais pareciam duas mãos demoníacas. Talvez Sahur tivesse arrancado os órgãos, um a um até os humanos morrerem. Sem contar os queimados e os esfolados com os dedos das mãos e dos pés arrancados, assim como as orelhas e o nariz. Em dois casos, o esfolamento do rosto expôs os ossos do crânio.

Entrou na cela aberta, caminhou até uma pilha de cadáveres amontoados

num canto. Removeu os corpos um a um e, afinal, descobriu o corpo miúdo e nu, coberto de feridas profundas e purulentas da menina que tanto o cativara.

Ele se ajoelhou e abraçou o corpo.

“Por que não os ajudei antes?” – perguntava-se, sentindo-se miserável pela morte dos prisioneiros. Por que Deus permitiu uma atrocidade dessas? Deixou, enfim, todo o ódio escapar de dentro de si através de um longo grito.

† ‡ † ‡ †

O pingar de água irritava William. Neste momento, descobria-se na área escura habitada por William das Trevas, mas não se importava; queria apenas esquecer o fracasso com os prisioneiros.

– **Então, desistiu da vingança por que pessoas insignificantes morreram?** – perguntou o demônio.

– Deixe-me em paz.

– **Reinald Gall está certo: o poder completo pertence a mim** – disse William das Trevas. – **O que mais você tem a perder?**

William hesitou.

“Por que não aceitar? Tentei redimir minha alma resgatando os prisioneiros, mas falhei” – pensou. Talvez assim tivesse maiores chances de realizar a vingança. Já ia dizer que aceitava quando o chamaram.

Chamaram seu nome mais uma vez e outra. William, então, despertou com Reinald à sua frente. Ao lado, jogados ao chão, um casal morto.

– Afinal te achei – disse Reinald.

William olhou para as mãos sujas de sangue.

– Eu os matei, não é?

O nobre confirmou. William bufou e se levantou.

– Procurei a ti por dez noites – disse Reinald. – O fedor desses corpos

atrairá os guardas em breve.

– Descobriu, afinal, quem é meu criador?

Reinald negou.

– É como se ele estivesse perto, mas ainda não consigo descobrir quem é.

William não respondeu; apenas se deixou conduzir por Reinald para fora dali.

CAPÍTULO VINTE E UM

Após três noites, desde sua volta para a casa de Reinald, William descobriu que os vampiros agora caçavam Malster, inclusive Richard Blane. Esta noite, Reinald convencera William a participar da busca; isso talvez o ajudasse a esquecer o fracasso com os prisioneiros. No momento, acompanhava Richard na carruagem para fora de Stanwell. Richard disse que Malster escapou porque talvez Robert ou Trevor tenham revelado o plano ao conselheiro. Trinta mercenários a cavalo os acompanhavam, contratados para escoltar Nigel e seus acompanhantes.

– Malster é um novato – respondeu Richard. – Quando o encurralei, ele bebeu o que acredito ser o sangue do criador dele, e me atacou com uma força digna das crias de Sahur.

– É possível tomar sangue de outros vampiros? – perguntou William.

– “Roubar” o sangue de vampiros mais velhos é complicado, mas alguns vampiros fornecem sangue para as crias, para emergências.

William questionou por que Richard caçava Malster, o vampiro respondeu que Reinald quer saber quem estava controlando as cordinhas. Capturar Malster antes dos outros também significava que Sahur iria dever mais um favor a eles.

Ficaram em silêncio até que William perguntou:

– Por que você se alia a Reinald?

– Reinald não tinha obrigação de me tirar da masmorra e ainda assim o

fez. Também já me salvou a vida, sem nunca cobrar por isso – respondeu Richard fitando a lua. – Ao contrário do meu criador, Reinald tem honra.

Neste instante, a carruagem passou por um buraco, sacolejando o interior. William perguntou, então, por que não procuravam por Malster em Stanwell. Richard bufou incomodado. Respondeu que se Malster ainda estivesse no burgo, o próprio Sahur o farejaria.

– Por onde tu andaste nas últimas noites? – perguntou Richard.

Das cinco carruagens, três transportavam vampiros e duas carregavam o estoque de alimentos, incluindo barris de cerveja rala para felicidade dos mercenários.

– Precisava ficar sozinho – lamentou William.

– Ajudar os aldeões estava além do teu alcance, garoto – disse Richard.

– Podíamos ter ajudado naquela noite – insistiu William ao encarar Richard. –Deveria ter libertado eles quando pude.

– Ainda não percebeste que a morte foi o melhor para aliviar o sofrimento deles?

William fitou Richard com um olhar de profundo desprezo.

– Você não tem respeito pela vida?

– Os humanos morrem – disse Richard. – Se não por nós, por outras causas, como as doenças trazidas por miasma, por lobos ou outros predadores, velhice ou as guerras que eles próprios criam. A humanidade é podre, garoto. Eles se agarram à esperança de um salvador que vai lhes tirar da lama na qual eles próprios afundaram por livre vontade.

– Como pode dizer isso? – perguntou William. – Acaso você nunca foi um mortal? Esqueceu como era ser fraco e estar à mercê da morte?

William jurou ter visto uma sombra de amargura no olhar de Richard.

– Minha outra vida terminou há muito tempo – disse Richard. – A vida se

prontificou em secar e petrificar meu coração. Não foste tu que ficaste enclausurado numa masmorra por décadas, garoto. Não sabes o que é estar suspenso pelos pulsos, sentindo a dor do peso do teu próprio corpo te puxando para baixo.

William ia responder, mas Richard continuou:

– Não sabes o que é estar com uma estaca no coração te paralisando, te impedindo de lutar ou até mesmo de falar. A sede te consumindo noite após noite, clamando pelo sangue da vida, te enlouquecendo aos poucos. Cada instante, uma eternidade. Imaginas como foi passar meio século nessa condição?

William não respondeu.

– Sabes como é sentir teu corpo se degenerar pouco a pouco, dia após dia durante uma eternidade? A dor da tua pele sendo repuxada aos poucos e dos teus olhos se desfazendo? Eu era um cadáver, mas estava vivo e lúcido. Todos os dias eu suplicava a Deus pela minha morte. Cada vez que rezava, parte da minha alma apodrecia.

William continuava calado.

– Então, garoto, quem és tu para me julgar? Vais dizer que não mataste ninguém? – finalizou Richard, voltando a atenção para a janela.

William fitou a paisagem. Aconteceria a ele também? Ficaria tão amargurado, tão desesperançoso que mataria humanos como se matasse galinhas? Não desistiria! Depois de realizar sua vingança, viveria para se livrar da maldição.

Atravessavam agora o portão de Stanwell e logo alcançavam as planícies. William, mesmo não querendo, neste momento, se lembrava da revolta com lorde Truman avançando para ele. Contudo, os gritos dos camponeses da aldeia sul vindo para ajudar fez o nobre hesitar. Uma chuva fina caía, trovões despencavam do céu.

– SOIS COMO PORCOS IMUNDOS, CAMPONESES TRAIDORES! – berrou o lorde. – O ALTÍSSIMO DEMONSTRA COM TROVÕES TODA A FÚRIA CONTRA VOSSA REBELDIA! MATASTEIS MEU FILHO E AGORA SENTIREIS O FIO DE MINHA ESPADA!

Tombou, então, do cavalo com uma flecha atravessada na garganta. Seriam os trovões um sinal de Deus apoiando a revolta? Os aldeões gritaram de euforia, os cavaleiros recuaram. William observou seu pai abaixando o arco da família com um sorriso no rosto.

Nesse momento um solavanco mais forte da carruagem o trouxe de volta sem que ele se lembrasse de mais nada. A noite chegava ao auge quando Nigel deu ordens de pararem. As labaredas de fogo dançavam ao sabor da brisa de verão enquanto assavam carne de coelho.

William sentou-se à grama junto a Richard, observando a movimentação dos homens ao longe. A lua se escondia atrás das nuvens, mas isso não impedia os raios de iluminarem a campina. Outros três vampiros, dois homens e uma mulher, estavam sentados do outro lado num canto mais obscuro.

– Quem são esses e o que fazem aqui? – perguntou William, reconhecendo a tal da Elisabeth, de imediato. O outro era o ruivo que tentou defendê-la da fúria de Sahur. Lembrava-se dos três presentes no julgamento.

– Estão aqui para ajudar – respondeu Richard. – A moça se chama Elisabeth Brook. Vincent Lock, o ruivo, é criado da vampira. O barbudo se chama James Turner.

– Você disse criado?!

– Lisa repudia as tradições. Diz que as mulheres devem ser mais ativas. Esse tal Lock também parece acreditar nessa baboseira.

“Um vampiro servindo aos caprichos de uma fêmea só podia ser um fracote digno de pena” – pensou William.

– Durante minha caçada ao conselheiro, James Turner me disse onde achar a cripta da família Malster. Lisa e o lambe-botas dela me guiaram até o lugar certo.

Nesse instante, Nigel anunciou a partida. Não demoraram a pegar a estrada de novo.

– Por que eles mesmos não capturaram Malster?

– São fracos. Ao seu modo, eles querem que os demais vampiros os respeitem. Na cripta, achei roupas e moedas de prata. O mais importante é que Malster esteve lá.

– Não entendi.

Richard, então, apontou para fora da carruagem.

– O maldito se esconde ali.

William se surpreendeu ao olhar pela janela e avistar, logo depois do rio, as ruínas da antiga fortaleza de Sahur.

– Na festa de Sahur, Malster esfregou alho nas roupas para disfarçar o próprio cheiro – disse Richard – Entretanto, naquela cripta, farejei o fedor dele e me lembrei que já sentira o mesmo cheiro na noite que fui libertado. Por alguma razão Malster esteve nessas ruínas.

William respirou fundo. Afinal, quem era Victor Malster? Que outros segredos de Sahur ele saberia? Pelo menos agora sabia que a resposta estava bem ali a duas milhas de distância.

Contudo, William não carregava boas recordações do feudo abandonado de Lam Sahur. Não desejava um novo encontro com as pequenas criaturas comedores de gente. Um calafrio arrepiou-lhe a espinha quando os choros e soluços das crianças malditas rompiam o silêncio da noite ao mesmo tempo que uma garoa fina caía dos céus.

– Acho melhor acelerarmos – avisou William quando a carruagem passou pelas ruínas da igreja.

As criaturas choramingavam, pedindo para ver suas mães. O choro sinistro se tornava mais lamurioso e mais forte à medida que avançavam. Um galho, então, estalou ao lado da carruagem.

– Não te preocupes – tranquilizou Richard, dando uns tapinhas em um baú, debaixo do banco, após uma pedra atingir a janela. – Reinald me falou a respeito dessas Crianças da Noite.

De repente Nigel berrou:

– NÃO SE DEIXEM LEVAR POR ESSES PEQUENOS DEMÔNIOS! DEUS ESTARÁ AO NOSSO LADO!

Nesse instante, dúzias de crianças saíram aos prantos de trás dos arbustos, vestindo roupas imundas e rasgadas. Quando perceberam que a caravana não ia parar, os rostos angelicais se contorceram em caretas, emitindo um grunhido raivoso, que agitou os cavalos. As criaturas dispararam contra a expedição com os dentinhos afiados à mostra, prontos para rasgarem a carne das presas.

Os cavaleiros apressaram o passo. Ainda assim, as crianças se aproximavam.

– Abra a porta – disse Richard a William, que obedeceu sem questionar.

As criaturas já se encontravam a poucos passos do primeiro cavaleiro, quando Richard abriu o baú. Uma das crianças esticava a mão em direção ao humano. O vampiro tirava um embrulho sangrento. Quando a criatura saltou no ar com a boca escancarada, Richard a derrubou junto com o pacote. As demais atacaram o embrulho de imediato, enquanto outras ainda avançavam. Richard atirou um segundo fardo e o restante das pestinhas parou de persegui-los.

– O que era? – perguntou William.

– Porcos – respondeu Richard.

– E se desse errado?

– Um humano certamente morreria.

William olhou agora ao longe para as criaturas dilacerando os porcos.

O que aconteceria se elas os alcançassem? Talvez vencesse duas ou três, talvez fosse desmembrado e devorado vivo. Mas isso não aconteceria naquela noite.

Depois disso, atravessaram a ponte de pedra e subiram a colina. William já imaginava a captura de Malster. Pararam, enfim, no primeiro nível do castelo. As árvores gravadas com os símbolos célticos continuavam ali para alívio de William.

Ele desceu da carruagem e se juntou aos demais vampiros. Richard instruiu Nigel a permanecer de guarda e evitar uma eventual tentativa de fuga. Se Victor fosse fugir, o único lugar por onde poderia sair era por ali, uma vez que a parte de trás do castelo dava para um penhasco íngreme.

William e os vampiros subiram a imensa escadaria de pedra e atravessaram o portão duplo de ferro quebrado por Reinald, meses atrás. No topo, estava o castelo de três andares feito de blocos de pedra e madeira maciça, cuja frente da fortaleza estava tomada por arbustos após o desabamento. Videiras se encontravam carregadas de uvas, enquanto heras cobriam a parede frontal da casa.

Richard, então, ordenou que Lisa e Vincent tomassem conta da frente da fortaleza. Se Malster escapasse, eles teriam que interceptá-lo. William acompanharia Richard ao interior do castelo, entrando por uma janela. Turner armou a besta e entrou também. O cheiro de podridão característico dos vampiros infestava o lugar, indicando que Victor Malster esteve ou ainda estava por ali.

William esperava que a caçada terminasse logo. Afinal, o que Malster poderia fazer, cercado do jeito que estava? Quanto mais cedo o capturassem e saíssem dali, mais rápido obrigaria Sahur a ajudá-lo em sua vingança.

Ao observar pegadas no chão, quase se permitiu sorrir – a caçada logo terminaria.

– Sabemos que estás aqui – anunciou Richard, de repente. Sua voz ecoando pelos corredores.

Os ratos guincharam em resposta, inquietos com a presença deles. James, então, gesticulou, avisando que aguardaria no salão principal. William e Richard seguiram pelo corredor, vasculhando cada canto.

– Queremos respostas e vamos consegui-las, podes acreditar – disse Richard.

Neste momento o grito de James ecoou pelo castelo, obrigando William e Richard a voltarem para o salão principal. Encontraram o vampiro caído com o punho esquerdo em um ângulo estranho e uma flecha cravada no peito. Passos apressados ecoavam pelos corredores, mas logo pararam. Do lado de fora, Lisa

gritou “fogo” e William avistou uma fumaça negra se alastrando pelo teto.

– Estou perdendo a paciência, conselheiro – ganiu Richard. – Um grupo de vampiros te aguarda na frente do castelo. NÃO TENS ESCAPATÓRIA!

As chamas obrigaram William e Richard a entrar no cômodo ao lado, mas o fogo já tomara o ambiente. A luz forte emanada pelas chamas queimava-lhe a vista. Um barulho metálico. Ao olhar para trás, William viu um cálice rolando no meio de uma poça de óleo, perto da entrada. Malster apareceu e, com uma tocha, acendeu o óleo, que logo se transformou em um muro de fogo tão alto que alcançava o teto. William precisava cerrar os olhos para enxergar.

– Olá – cumprimentou Malster com a voz macia. – É um prazer afinal conhecê-lo, William Brennan.

– Maldito – ganiu William, fechando os punhos.

– O castelo vai desabar em breve – disse Victor sorridente. – É o vosso fim.

O conselheiro retirou, então, um frasco de dentro das vestes e tomou daquilo; o cheiro indicava que era sangue.

– Não escaparás – disse Richard, saltando, de repente, através do fogo e derrubando Malster para a surpresa de William.

Os dois rolaram pelo chão, se insultando e trocando socos. Richard parecia ignorar que a roupa pegava fogo, enquanto imobilizava Malster contra o chão e lhe socava o rosto. Foi quando o conselheiro lhe acertou uma cabeçada no peito, sacou uma adaga do cinto e avançou para cima de Richard.

William respirou fundo e se afastou da entrada em chamas. Ficaria mesmo ali até o castelo desabar ou capturaria Malster? Ele, então, saltou através do muro de fogo.

Ao se levantar no corredor, William testemunhou Richard segurar o pulso do adversário para impedir o punhal de perfurar-lhe o ombro. Richard berrou de dor, talvez por causa das chamas envolvendo a blusa. A seguir, Malster cravou os dedos na garganta de Richard, o levantou com facilidade e o arremessou na direção de William, que trombou contra a parede e caiu.

William precisava se levantar rápido e, quando o fez, Victor fugia corredor adentro, envolto por fumaça negra. Richard, já de pé, arrancava a blusa, os braços em carne viva e corria atrás do conselheiro. No instante seguinte, as costas de William queimavam e, por instinto, arrancou a blusa em chamas antes de correr atrás dos dois.

Ao entrar no último cômodo do corredor, William encontrou o conselheiro encurralado por Richard. Pelo menos ali uma janela lacrada por tábuas serviria para fugirem deste Inferno.

– Deixa-me em paz! – disse Malster demonstrando medo pela primeira vez.

– Diga-me então quem é teu mestre – exigiu Richard.

– Nunca!

Ao dizer isso, Richard o acertou no queixo e lhe deu mais três socos no rosto.

– Não é esta a resposta que procuro – ganiu Richard, acertando uma joelhada na barriga de Malster.

O conselheiro revidou, cravando o punhal no braço queimado de Richard.

– É só isso que podes fazer? – perguntou Richard, acertando uma cabeçada no nariz de Victor Malster e arrancando o punhal do braço.

– **Não deves me subestimar** – respondeu o conselheiro, socando o peito de Blane, que voou de encontro à parede, perto da porta.

Quando Victor avançou, Richard lhe chutou o joelho, derrubando o conselheiro ao chão. Então acertou o pé no rosto de Victor, que berrou.

– Quem é teu mestre? – insistiu Richard, guardando o punhal na cintura.

– Nunca! – respondeu Victor.

Richard, então, socou Victor até o rosto se deformar. A seguir, ele

levantou o conselheiro e o atirou contra a janela, cuja madeira se partiu em um estalo alto. Quando William saiu, encontrou Malster, ofegante, arrastando-se pelo mato.

– Diga-nos o que queremos saber – disse Richard. – e o deixaremos em paz.

Malster se apoiou no tronco da árvore mais próxima e se levantou devagar. Não havia mais saída para o conselheiro. Nesse momento, Vince e Elizabeth alcançavam o grupo.

– Por que matar os vampiros da cidade? – perguntou Richard.

Os lábios de Victor tremiam sem parar, mas enfim a resposta saiu:

– A... morte dos... vampiros seria uma consequência. O alvo era... Sahur. Uma... vingança. *Ele*... foi humilhado por Sahur.

– Quem está por trás disso? – perguntou Richard.

Malster escondeu a cabeça entre os braços e se ajoelhou no momento em que James chegava.

– M...morrerei se ... ousar tocar... em seu n...nome.

– Mato a ti agora se não falar! – sibilou Richard, fazendo Malster se encolher no chão.

Nesse instante, uma revoada de morcegos saiu da árvore mais alta, guinchando e rodeando o grupo. Quando os animais se afastaram, Malster levantou a cabeça e arregalou os olhos.

– Não... – gemeu Victor Malster, abaixando a cabeça – Por favor, NÃO!

Começou com um zunido incômodo e, logo, uma bola de fogo desceu do céu e atingiu Malster, que berrou e correu com o corpo envolto em chamas. Os vampiros olharam para o alto, mas William não o fez.

Se levantasse os olhos, sabia que encontraria um vampiro capaz de desafiar Sahur. Talvez o criador de Victor Malster fosse louco em se revelar na

frente de cinco vampiros; talvez fosse poderoso o bastante para não se importar. William levantou, então, a cabeça devagar e encontrou, flutuando no ar, ninguém menos do que o barão de Karten, Sian Malthus.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

William avistava o barão Malthus, vestido de negro, parado no ar apontando-lhe um longo cajado de metal. Uma gema vermelho sangue do tamanho de um pêssego na forma de gota emitia um brilho pulsante na ponta do cajado. Parecia haver uma sombra de sorriso no rosto do nobre. O que Malthus queria era a pergunta que a mente de William não conseguia calar. Arctur também estaria por ali?

Sian Malthus fitou o grupo com seu olhar cinzento e vazio. Então, desceu devagar à medida que o comprimento da haste do cajado diminuía como por magia, até que o vampiro pôde guardá-lo nas costas.

– Afinal, a cobra deu as caras – disse Richard, encarando o vampiro louro de alto a baixo.

– Esperava que as crias de Sahur encontrassem Malster primeiro – disse Malthus, com a voz fria, fitando Richard. – Sofrereis as consequências no lugar deles.

Uma dor intensa na nuca, como se ali enfiassem uma agulha, fez William recuar. A expressão tensa no rosto de James, Lisa e Vincent demonstrava que também pressentiam o perigo iminente.

– Diga-me: por que se esconder atrás do conselheiro? – perguntou Richard.

– Neste mundo só há lugar para os que têm poder ou conhecimento – respondeu Malthus. – Os fracos, como Victor, existem apenas para servir.

William se deu conta de que algo estava errado e não era, neste momento, o desabar da antiga fortaleza sob um estrondo. A luminosidade excessiva do incêndio incomodou-lhe os olhos, mas ainda assim, viu Malster largado ao chão. Tudo o que restou dele foram ossos enegrecidos cobertos por restos de carne queimada. William percebia os fracos movimentos dos dedos dele, indicando que ainda vivia.

“Quanta crueldade” – pensou. – “Ninguém merece tão trágico final.”

“**Nem mesmo o assassino da nossa família?**” – questionou William das Trevas. – “**Vir aqui foi estupidez. Dê-me o controle ou morreremos aqui.**”

William nunca mais cederia o poder ao demônio. Em resposta, seus dedos endureceram como pedra. Logo os braços sofriam da mesma paralisia e correntes invisíveis agora envolviam o corpo, impedindo-o de se mover.

Caiu de joelhos ao chão.

Como o desgraçado do William das Trevas ousava fazer isso a ele? Neste momento, rezava a Deus para se livrar destas amarras invisíveis. Ainda encontraria um jeito de expulsar o demônio.

Elisabeth olhava para William, sem entender o que acontecia a ele, enquanto os demais, com receio, encaravam Malthus, que acabava de pousar. William ainda tentou falar, mas o queixo não lhe obedecia.

James deu um passo à frente, colocando-se ao lado de Richard. Malthus os analisava como se estivesse na frente de vermes asquerosos.

– Estás encurralado – disse Richard. – O que pretendes fazer?

– Vos ensinarei sobre a hierarquia da vida – respondeu Malthus, afastando os braços do corpo.

– Enfrentareis cinco vampiros?! – exclamou Richard com um sorriso de desdém.

Malthus apareceu, de repente, na frente de Vincent, acertando-lhe um soco no peito. O criado de Lisa bateu na parede do castelo em chamas, que logo desabou em cima do vampiro. Quando a poeira baixou, William avistou o corpo

inerte de Vincent com as pernas soterradas sob escombros. Lisa correu até o ruivo.

James Turner apontou a besta para Malthus e atirou, mas o barão apenas se moveu para o lado, desviando da flecha. No instante seguinte, o nobre colocou a mão sobre o rosto de James e o arrastou em alta velocidade contra uma árvore. O impacto afundou Turner no tronco. Quando Malthus o largou, James apenas desabou.

William engoliu em seco.

“Como vencer?” – se perguntou. Malthus derrubara dois vampiros com apenas dois golpes e se movia tão rápido que seus olhos não acompanhavam. Precisava, mais do que nunca, recuperar o controle do corpo e recuar.

Richard, então, avançou pelas costas de Malthus e saltou na direção do inimigo. O rosto de Richard assumiu as feições vampíricas, os punhos prontos para golpear. Mesmo William torcendo pelo sucesso do ataque, o barão desviou no último momento e Richard atingiu, sem querer, James no rosto, afundando-o ainda mais no tronco.

Malthus apareceu ao lado de Richard, perfurou-lhe o peito com os dedos e arrancou uma costela.

– **DESGRAÇADO!** – berrou Richard, arqueando e pondo as mãos sobre a ferida.

– Tua prisão era aqui, não é mesmo? – perguntou Malthus, surgindo atrás de Richard. – Que tal eu vos aprisionar aqui de novo?

– **NÃO!** – berrou Richard, avançando para cima do nobre com a adaga que pegara de Malster.

Ainda assim, o inimigo se desviava com facilidade. William ainda ajoelhado e preso por William das Trevas, percebeu que a luta estava perdida.

– Sois fraco – disse Malthus, segurando e quebrando o pulso de Richard, que berrou de dor.

Ao largar a adaga e abraçar o pulso, Richard deixou o rosto vulnerável

aos socos rápidos do barão. Blane logo tombou; o rosto, uma massa desfigurada.

Sian Malthus, então, virou-se e encarou William.

– Sobrastes vós.

William tentou levantar a mão direita, mas ela apenas tremeu. Teve medo de pensar no que aconteceria se não recuperasse o controle do corpo. Já William das Trevas se debatia, gritava, exigia o controle.

– Não vais atacar? – perguntou Malthus, aproximando-se devagar. – Mostrai-me vossa transformação incomum.

William não se mexia.

– Então esta mulher pagará pela vossa covardia – disse Malthus, aparecendo, de repente, na frente de Lisa, que ainda retirava Vincent dos escombros.

Ao perceber que o barão se aproximava, ela recuou até se descobrir encurralada contra uma árvore. William, afinal, mexeu a boca.

– Deixe-a em paz! – disse. – Ela não tem nada a ver com isso!

– Como não? – retrucou Malthus. – Ela está convosco.

Lisa sacou uma faca da manga, mas antes que atacasse, Malthus lhe estapeou a mão, fazendo-a largar a arma e socou-lhe a barriga, arremessando-a longe. Ela se levantou cambaleando. Ainda assim, sacou uma outra faca da manga e a atirou contra Malthus, que aparou a lâmina entre os dedos e arremessou de volta, cravando-a na perna da vampira.

O barão apareceu na frente da vampira, segurou a cabeça dela e deu-lhe uma joelhada no rosto. Ele a ergueu pela túnica com uma das mãos e, com a outra, estapeava o rosto dela. No quinto tapa, a vampira gritou, lutando em vão para se soltar. Malthus, então, com um dedo, perfurou o olho dela.

William lutava contra o demônio pelo controle do corpo.

Os gritos de Lisa o faziam se odiar por deixar isso acontecer. Odiava-se

por não conseguir se mexer. Odiava-se por ser covarde. Rezava para Lisa aguentar. Iria recuperar o corpo, mesmo que isso lhe custasse a alma.

Enquanto isso, após arremessar a vampira ao chão, Malthus caminhou devagar até Lisa e pisou na cabeça dela, pressionando o crânio contra o chão.

"**Dê-me o controle ou você será o próximo**" – avisou William das Trevas. – "**Se morrer, nossa família nunca será vingada!**"

"Prefiro morrer a entregar meu corpo a você. Entenda de uma vez: eu, e somente eu, irei vingar a minha família. Desapareça!"

Ao dizer isso, o demônio silenciou e, como por milagre, William recuperou os movimentos. De imediato, ele pegou a adaga de Malster no chão e arremessou na direção do barão. No último instante, Malthus desviou e a arma cortou apenas uma parte da manga.

– Deixe-a em paz – ganiu William.

– Vem, Brennan! – disse Malthus, caminhado até ele. – Permitirei que ataqueis primeiro.

William se transformou e, usando sua velocidade sobre-humana, atacou Malthus. Infelizmente, o barão se esquivava dos socos com facilidade. William, então, direcionou o fluxo de sangue para a perna direita e acertou um chute na barriga do nobre, que voou para trás. Sian virou ainda no ar e caiu em pé, o encarando; algo ruim se formava naquele olhar, ódio talvez. Nesse instante, Malthus desapareceu.

Ao virar para trás, William tomou um murro no rosto. Ele firmou as pernas para não cair, girou o corpo e, fechou a mão para socar Malthus. Mas, antes que tentasse, o barão sumira de novo. O inimigo apareceu ao lado de William e lhe acertou um soco na outra face. De novo, William absorveu o golpe sem esmorecer.

– Vês, Brennan? – perguntou Malthus em algum lugar. – Pertencemos a estirpes diferentes. Não importa o quanto mudeis, sempre sereis um reles camponês.

William levou um soco na barriga. Outro nas costas e no pescoço.

– Um servo ignorante servindo aos caprichos de um nobre; um fraco que aceitou ser manipulado por Arctur, Sahur e Reinald. Como vós, já fui um camponês, já fui um fraco desprezível. Hoje, tenho o poder sobre a vida e a morte; e isso inclui as vossas almas.

– Apenas Deus tem o poder sobre a vida e a morte! Quem, por acaso, você pensa que é?

Ao dizer isso, o barão acertou William três vezes no peito, arremessando-o longe. William se levantou, cambaleando.

– Sou o novo Senhor da Floresta das Trevas! O vampiro mais poderoso deste reinado!

Era a primeira vez que via Malthus sorrir e era como se a própria morte lhe sorrisse agora. Frio, mortal e assustador. O nobre, então, desferiu inúmeros socos em um ataque tão rápido que William via apenas traços do movimento dos braços do inimigo.

William tombou de costas ao chão. Uma dor dilacerante na barriga e nas costas o imobilizava. Os braços não mais lhe obedeciam e a necessidade de beber sangue doía nas entranhas.

– Esse sois todo vosso potencial? – questionou Malthus, afastando-se dele. – Decepcionante.

William virou a cabeça para ver Lisa, mas tudo à sua frente estava nublado.

Ele pediu perdão em pensamentos por ter falhado. Talvez, se deixasse William das Trevas assumir... Tarde demais para se arrepender. Sian Malthus estava certo afinal: viver ou morrer dependia dele agora.

Uma pontada de dor, então, se alastrou na mão esquerda de William como se alguém ali pisasse.

– Sois tão dignos de pena – disse Malthus. – Não vale a pena vos matar ainda. Dizeis a Sahur para me encontrar na Floresta das Trevas. Se quiserdes morrer, vem também. No nosso próximo encontro verei se ainda acreditais nas baboseiras de Deus ou se, enfim, abraçareis vosso verdadeiro poder para vos

tornar digno de me enfrentar.

Nesse momento, a visão de William melhorou e ele avistou Malthus flutuando, olhando fixo na sua direção.

– A propósito, agradeço a ajuda com o cajado – disse Malthus, antes de partir e sumir na calada da noite.

William, então, apagou.

† ‡ † ‡ †

A chuva batendo no teto da carruagem acordou William. O sacolejar incômodo do transporte fazia o corpo, ainda não recuperado da luta contra Sian Malthus, doer mais. A viagem fora cansativa, mas agora retornava ao belo, sombrio e sujo burgo de Stanwell. Só pensava em descansar.

Richard Blane, com as vestes sujas e rasgadas, se encontrava ao seu lado. O pulso quebrado por Malthus enfaixado por panos.

– Você também é um pária, não é? – perguntou William.

Após pagar o pedágio aos guardas do muro, James, Lisa e Vincent desceram na praça central. Na taverna, perto do cais, Nigel pagou e dispensou os mercenários.

– A maioria de nós é um pária, garoto – respondeu Richard.

– Preciso achar meu criador. Ele destruiu a minha vida.

Ao chegar em casa, os criados descarregaram a carruagem.

– Quando virei vampiro e fui dado como morto, minha noiva se matou – disse Richard.

– Sinto muito.

– Não me importo com meu criador. Desejo apenas reencontrar meu lugar neste mundo e farei isso mesmo que tenha que destruir todos os Sahur ou Malthus ao longo do caminho.

William olhou para baixo.

Seria essa a verdadeira danação dos vampiros? Ter os entes queridos mortos em troca da vida eterna? Podia nunca quebrar essa maldição, mas ainda assim vingaria a morte da sua família.

Quando uma criada entrou no salão principal, Richard perguntou:

– Onde está mestre Gall?

– Nosso senhor não se encontra – respondeu a criada submissa.

Blane apenas mexeu os ombros, indo para o cômodo dele.

William, então, foi ao seu aposento, abriu a porta da caixa de madeira e ali se deitou. Descansaria afinal. Logo lembrou-se que após o pai ter matado o barão Truman, alvejando-o no pescoço, as duas dúzias de guardas restantes ainda lutavam contra os camponeses. O massacre seria certo se os homens da aldeia sul não tivessem chegado. As espadas dos cavaleiros encontraram a resistência das foices de quase quarenta camponeses.

A chuva se transformara em tempestade, lavando o sangue dos homens derramado em pedras e plantas. Trovões ressoavam. O Altíssimo estava ao lado deles, os mais fracos. A luta continuava. Homens de ambos os lados morriam decepados ou degolados. Um cavaleiro cravou a adaga no braço direito de William, que cravou sua foice na barriga do inimigo.

De repente, ali perto, os olhos de seu pai se arregalaram. Jeremy, em seguida, tossiu sangue, antes de ter o pescoço cortado por uma espada. Um vazio na alma assolou William quando avistou o homem que matara seu pai. O elmo na forma de lobo ocultava o rosto e o desgraçado limpou o sangue da lâmina, passando-a sobre a luva de couro cobrindo a mão esquerda. Ao contrário dos demais cavaleiros, ele não vestia nenhum metal sobre o peito, braços e pernas. Seja ele quem fosse, William o mataria. Neste momento, o assassino levantou a cabeça e, da fresta da viseira, um par de luzes esbranquiçadas escaparam.

William sentou-se ofegante dentro da caixa de madeira.

“Quem era aquele maldito cavaleiro?” – pensou com uma súbita vontade de xingar, berrar, socar, chorar. Procurou se acalmar e só então se entristeceu

pelo destino do pai. Rezou por sua alma. Na atual situação, só restaram ele e a irmã. “Onde está você, minha irmã?”

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

William, dentro da caixa de madeira que usava para dormir, tentava relembrar o restante da batalha; entretanto, a lembrança dolorosa da morte do pai não permitia. Passos agora se aproximavam do lado de fora. Alguém falou, mas não identificou quem era. Quando ele abriu a porta da caixa, se deparou com Richard Blane.

– Estás enclausurado aí há duas noites – disse o vampiro. – Reinald ainda não retornou; então, vamos caçar.

William precisava mesmo saciar a sede maldita. Logo espreitava as ruelas de Stanwell e não demorou a avistar um velho bêbado ao longe. Ele apenas olhou para Richard, que se afastou.

William mantinha o olhar fixo na presa. À medida que se aproximava, oculto pelas sombras, a garganta secava ainda mais. Não tardou a aparecer por trás do bêbado, golpeá-lo na cabeça e o arrastar para o beco mais próximo. Ali, William se deliciou com o sangue da presa, esquecendo-se de novo quem era, onde estava ou o que fazia.

Alguém se aproximou, falando sobre a Floresta das Trevas. Já lhe falaram deste lugar. De repente, lembrou-se de Malthus desafiando Sahur e lhe agradecendo pelo cajado. Abriu, então, os olhos, largou o bêbado e saltou para o telhado, no exato momento que quatro monges fedendo a incenso e vinho passaram pelo beco. Foi por pouco desta vez.

Olhou para a lua.

Malthus desafiou William e sua fé em Deus. Como William poderia

duvidar do divino? Quem mais faria a chuva cair do céu ou as árvores darem frutos? Acreditava também que Deus ainda o livraria desta maldição.

Neste instante, ali no telhado, Richard apareceu. Os dois desceram e caminharam de volta pelas ruelas escuras.

– Richard, você acredita em Deus? – perguntou, de repente, perto de casa.

– Não tenho rezado para Ele.

– Isso não é uma resposta – disse William ao atravessarem o portão.

– É a única que tenho.

Foi quando se deparou com James esperando no corredor.

– O que faz aqui? – perguntou Richard.

– Fui chamado aqui por mestre Gall.

Uma criada, então, os chamou e os conduziu até o salão principal. Foi quando William encontrou Reinald sentado em um banco na companhia de Lam Sahur!

– Olá – cumprimentou o líder dos vampiros.

– O QUE FAZES AQUI?! – questionou Blane, desembainhando a espada da cintura. – QUERO QUE SAIAS DAQUI AGORA MESMO, BASTARDO!

Peter Hosch apareceu atrás de Blane, apontando-lhe uma espada para o pescoço.

– Mais um passo, Blane, e será teu último.

– Calma, rapazes – disse Reinald, estendendo as mãos. – Não iremos iniciar um banho de sangue agora que estamos nos entendendo.

– Sou obrigado a concordar – disse Sahur.

Peter abaixou a espada. William nada entendeu. O que Sahur fazia ali?

Reinald o tinha convidado? Olhou para o nobre, esperando uma resposta.

Reinald, então, indicou os bancos para William e Richard se sentarem. Em seguida, a criada trouxe Lisa e seu servo Vincent de rosto carrancudo. Os dois também hesitaram ao encontrar Sahur. William queria entender o que se passava.

– O que este sujeito faz na minha casa? – perguntou Richard, apontando o dedo para Sahur, que fechou o semblante. Lisa, Vincent e James deram um passo para trás.

– Falávamos sobre o conspirador que tenta destruir a todos – respondeu Reinald. – Isso, Richard, está acima das nossas inimizades.

Nesse momento, Reinald pediu a Richard que contasse os detalhes da viagem. Blane olhou de esguelha para Sahur, hesitou, mas, contrariado, contou sobre a busca por Malster, a participação de cada vampiro, o encontro com o conselheiro.

– Malster sempre evitava o confronto direto, mas encurralamos...

– Diga logo o que ele revelou! – disse Sahur. – Estou farto de ouvir essa ladainha inútil!

– Ele morreu antes de revelar – respondeu Richard.

– Inseto incompetente! Como podes matar o indivíduo antes de extrair as respostas?! – bradou Sahur, levantando-se.

– Cuidado com as palavras, párvulo prepotente! – disse Richard.

– Ou o quê? Como devo tratar os párias? – perguntou Sahur sorrindo.

– Ora, seu... – disse Richard, partindo para cima de Sahur.

Contudo, Reinald apareceu e lhe socou a barriga, obrigando Richard a recuar arqueado.

– Rei...nald... Tu...? Por... quê? – gaguejou Richard com os olhos arregalados.

– É tempo de esquecermos nossas diferenças! – disse Reinald com um olhar frio como William nunca vira antes.

– Ouça o que ele diz – disse Sahur. – É o melhor para tua segurança. Agora diga: quem afinal está por trás disso tudo?

A seguir, uma revoada de morcegos escancarou a janela, entrando no salão e voando ao redor dos vampiros. William cobriu o rosto. Os morcegos, então, se fundiram num aglomerado disforme, que logo deu lugar ao servo de Sahur: o mouro Charles Trevor.

– Meus cumprimentos – disse ele, cambaleando. As roupas em frangalhos.

William agora entendia.

Durante o exílio, era frequente encontrar morcegos o acompanhando. Os morcegos na luta contra Polsted, a revoada de morcegos momentos antes de Malthus lançar a bola de fogo em Malster. Seria ele também? Significaria que o tempo todo fora seguido pelo maldito Trevor. William fechou os punhos com força. Queria golpear Trevor, mas o servo se aproximou de Sahur e abaixou a cabeça.

– É verdade.

– Então, Malster morreu antes de revelar o nome do desgraçado por trás da conspiração? – perguntou Sahur, encarando Richard.

– Sian Malthus o matou – disse Trevor – O barão é o criador de Malster. Ele me encontrou e, por pouco, não escapei.

– O QUÊ?! – berrou Sahur, arregalando os olhos. – COMO AQUELE DESGRAÇADO OUSOU?!

– Nosso aliado, afinal, estava certo – comentou Reinald.

– Claro – disse Adrian Clack ao adentrar o salão acompanhado de sua cria Kalmir. Ambos vestiam roupas de luxo e portavam um olhar prepotente, comparável a Sahur.

– Malthus não é sequer um adversário digno – disse Sahur sorridente. – Eu o surrei meses atrás nos feudos. Cuidarei dele sozinho.

– É o que Malthus deseja – disse Adrian. – Meu inimigo planejou o assassinato dos vampiros para os sobreviventes se unirem contra ti. Quando todos estivessem debilitados, ele daria o golpe de misericórdia. Separados, sereis derrotados. Por isso, faremos o que ele não espera: *nos unir*.

– Não me faças rir, forasteiro. Sou o vampiro mais antigo das redondezas. Não preciso da ajuda de ninguém! Vamos embora, Peter e Charles! Nossa presença aqui não se faz mais necessária.

Houve silêncio no recinto.

Até William entendia que Lam seria um grande aliado nessa guerra. Como fazer Lam cooperar? Havia algo que um ninguém como ele podia fazer? William agora hesitava. Devia mesmo fazer o que pensava? Sahur já se encontrava na saída. Não tinha tempo a perder.

– Um instante, por favor, Sahur! – disse William. – Atrevo-me a dizer que você se engana em pensar ser assim tão fácil vencê-lo!

– O que disseste, inseto? – sibilou Sahur.

– Malthus derrotou cinco vampiros e saiu sem nenhum arranhão – disse William. – Ao que parece também quase matou sua cria.

– Não esperava menos de um vampiro de dois séculos de idade – respondeu Sahur com um meio-sorriso. – Posso derrotar todos aqui com a mão nas costas.

– Todos testemunharam tua luta na festa... Tu quase foste partido em dois, não é? – provocou Blane.

Sahur estreitou os olhos. A batalha ali era iminente. Então, William se colocou na frente do garoto.

– Responde-me, por favor, você que é o vampiro mais antigo das redondezas: como o mago Gymberlim Damsell controlava a Floresta das Trevas?

Sahur não desviou os olhos de Blane; a mão sobre o cabo da espada, respondeu:

– Damsell usava um cajado místico.

– O barão também tem um cajado – disse James. – Isso significa...

– ...Malthus tem o controle da Floresta das Trevas – completou William.

Todos ficaram em silêncio, se fazendo talvez a mesma pergunta: como derrotar um vampiro que detinha o poder lendário da Floresta Maldita?

Sahur voltou-se para Reinald.

– Uma trégua – disse ele, estendendo a mão.

Reinald apertou a mão do rival. Havia um ar de desconforto de ambas as partes.

– Que assim seja – anunciou Reinald.

Pelo resto da noite Reinald, Sahur e Adrian debateram o plano.

– Invadir a Floresta das Trevas parece ser a melhor opção – disse Adrian. – Não acredito que ele tenha cavaleiros para defendê-lo.

– Precisamos reunir um exército. Ainda não sabemos a extensão da Floresta das Trevas e nem onde Malthus se abriga – disse Reinald.

– Se conseguirmos o apoio do conde Henry de Bohum, os nobres do condado cederão seus cavaleiros – sugeriu Adrian. – Serão uns quinhentos homens à nossa disposição.

– Influenciarei a Associação Comercial do burgo para fazê-los ceder pelo menos parte do contingente da guarda para a batalha. Fora os aqui presentes, temos mais dezessete vampiros no burgo.

– Ótimo – disse Reinald. – Para localizar Malthus, organizarei uma expedição para a Floresta das Trevas.

– Os mortais que enviar não sobreviverão – disse Sahur.

– Enviarei um grupo de vampiros para coordenar – disse Reinald. – Os vampiros aqui presentes poderão fazê-lo.

William olhou para o chão.

Quando criança ouvira histórias escabrosas da Floresta, com as árvores que capturavam e esfolavam um homem vivo. O pai falava sobre uma porta no meio da Floresta que levava você, ainda vivo, direto ao Inferno. Por que ele iria se oferecer para ir lá? Apesar de Malthus e Arctur o terem traído, não buscava vingança contra eles.

Richard, então, deu um passo à frente e falou:

– Eu irei.

– Eu também – disse Kalmir, falando pela primeira vez.

– Com sua permissão, mestre Gall, também gostaria de ir – disse Lisa.

– Se uma mulher tola se voluntaria para ir, não me resta outra alternativa a não ser ir também – disse James.

– Posso contar contigo, William? – perguntou Reinald.

William respirou alto e encarou Sahur.

– Irei desde que Sahur me ajude a saber quem é meu criador.

– Sei quem te criou, inseto – disse Sahur sorrindo.

William ficou sem ação por um momento, sem acreditar ao certo no que ouvira. Então, abaixou a cabeça.

– Se ainda houver algum traço de bondade em você, imploro que me conte.

– Traga-me a localização de Malthus e prometo diante de ti e de todos aqui presentes contar o que sei – disse Sahur, sem esconder que se divertia diante da situação.

Reinald concordou.

– Tudo estará pronto em seis semanas – disse.

– Então estamos acertados – finalizou Sahur levantando-se. – Marquemos um encontro para daqui a vinte noites.

Reinald e Adrian concordaram. Assim, terminada a reunião, todos se retiraram e William foi se deitar.

Agradeceu a Deus em pensamentos. Sahur sabia a resposta que o inquietava a alma. Afinal, descobriria a identidade do assassino. Ponderou por um instante o risco que correria ao entrar na Floresta. Havia a real possibilidade de nunca mais retornar. Ainda assim, trocaria de bom grado sua vida se pudesse matar o assassino.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

William alimentava, desde a reunião há duas noites, uma vontade crescente de ir à Floresta das Trevas para descobrir a localização de Malthus e assim fazer Sahur lhe dizer a identidade do assassino de sua família. Ao mesmo tempo, temia o que poderia encontrar na Floresta Maldita. Além disso, uma nova culpa o atormentava: foi ele quem mostrou a Arctur a antiga casa dos Damsell. Pressentia que isso tinha relação com Malthus, nessa ocasião, ter a posse do cajado.

Reinald, no salão principal, encarregava, neste momento, os criados Nigel e Samuell dos preparativos da viagem. Deu-lhes permissão para contratarem trinta homens bem dispostos. Então, voltou-se para William.

– Precisamos treinar-te para a Floresta das Trevas. A matemática e o latim não servirão de nada naquele lugar.

– Eu lutaria melhor se o demônio não paralisasse meu corpo durante as lutas e me deixasse usar todo o meu poder.

– Ainda assim, foste forte o bastante em não deixá-lo te dominar. Acredito que esse seja o caminho.

Quando William entrou no cômodo mais ao sul da casa, se deparou com espadas de tamanhos variados, machados, escudos, punhais, tridentes, maças e lanças decorando as paredes. Num canto, se destacavam bonecos de palha, prováveis alvos para prática de tiro com arco e flecha.

– Isso não igual aos outros treinamentos – disse Reinald, pegando duas espadas da parede e atirando uma para William. – Sou mais velho do que

Malthus, então se me vencer, poderás derrotar o barão.

William empunhou a espada na direção do nobre.

– Tenta me acompanhar – instruiu Reinald, aparecendo, de repente, na frente dele e cravando-lhe a espada no ombro.

Quando o nobre girou a lâmina no ombro ferido, a dor lacerante fez William urrar.

– Se não defenderes, vais morrer – disse Reinald, arrancando a espada.

William, então, abaixou-se um instante antes de a espada de Reinald cortar-lhe o pescoço. Recuou, a seguir, para o canto mais afastado e deixou o coração bater, transformando-se. Aparou, por pouco, um golpe da espada do nobre. Ainda assim, levou um murro no rosto e quase caiu. Foi então que sentiu uma fisgada na perna direita. Havia agora um corte profundo ali.

Reinald apareceu do outro lado do cômodo.

– Não vais lutar? – perguntou ele, com um olhar sombrio.

“Demônio maldito, me dê poder!” – disse William, em pensamentos.

Não esperava nada com isso, mas o coração bateu mais duas vezes e ele pôde aparar com facilidade a espada de Reinald. Aproveitou o momento e levantou a mão para socar o nobre, que, como esperado, se desviou. William direcionou o fluxo de sangue para o pé direito e o acertou no joelho do nobre, desequilibrando-o. William, então, girou a espada, pronto para cravá-la na barriga do nobre. Nesse instante, os olhos de Reinald emitiram um brilho demoníaco azulado e ele desapareceu. William sentiu uma nova fisgada na barriga, nas costas e no braço esquerdo.

– **Vamos, rapaz! É assim que vais derrotar o barão?** – perguntou Reinald aparecendo, de repente, e atravessando-lhe, com a lâmina, as entranhas.

Logo, filetes de sangue enegrecido escorriam pelo metal. Gall, então, lhe socou o rosto, lançando-o de encontro à parede. William, cambaleando, deixou a espada cair e se levantou. As entranhas queimavam como se tivesse comido brasas e ele levou as mãos à boca para deter o vômito que subia rápido pela

garganta. Uma golfada de sangue escapou-lhe da boca. William caiu e vomitou mais sangue.

– **Passei alho na lâmina** – disse Reinald.

William se desesperava. Como derrotar um vampiro mais velho? Deixou o ódio sair na forma de um grito e avançou. Depois de algum tempo, suas roupas viraram frangalhos e o corpo tinha vários cortes profundos na altura dos braços e pernas.

– **Enxerga meus movimentos!** – disse Reinald.

– **NÃO CONSIGO!** – respondeu.

– **Gritar como uma moça não vai ajudar!** – disse Reinald, fazendo um talho mais profundo na coxa esquerda de William, que, sem querer, se ajoelhou.

– **Aguentas a dor! Nunca deixes a guarda aberta!** – avisou Reinald, dando-lhe com o pé no rosto. – **Ergue-te!**

William se levantou. A cabeça latejava como se tivesse sido apedrejada. Desse jeito, perderia a luta. Ao ouvir a lâmina cortando o ar, rolou no chão e livrou o pescoço de ser decepado.

– **Quer me matar?!** – indagou ele, recuando.

– **Pareces mesmo uma moça** – disse Reinald, decepando a mão de William que segurava a espada.

William berrou diante da onda de dor se alastrando pelo braço como se centenas de abelhas furiosas o picassem ao mesmo tempo.

"**Vai morrer se continuar assim.**" – disse William das Trevas. "**É tempo de eu assumir.**"

William hesitou.

A quem queria enganar? Por mais que se esforçasse, o demônio não lhe permitia usar o poder que era seu por direito. Um vampiro de meia-transformação jamais iria vencer Reinald Gall. Por um instante, pensou se não

seria mais prudente fazer um acordo com aquele maldito William das Trevas. Se desistisse agora, talvez encontrasse um pouco de paz. O demônio gritava em seus pensamentos, lutando para assumir o corpo.

– **Vais desistir depois de chegar tão perto de descobrir o assassino?** – disse Reinald, levantando-o pelo pescoço.

– **Do que adianta se sou fraco?**

– **Para de sentir pena de ti mesmo. Lembra quando golpeei o peito de Sahur na festa?**

Antes que pudesse responder, Reinald lhe acertou o peito com tamanha força que as costelas afundaram e quebraram como graveto. O coração parecia que arrebentaria de tanta dor. Ele procurou recuperar o fôlego, mas o ar não entrava.

– **É chamado de esmaga-ossos** – disse Reinald ofegando. O brilho nos olhos desapareceu. – Ensinarei a ti como meu mestre me ensinou.

William desistiu de levantar. Ainda não conseguia respirar.

Se aprendesse esse golpe, teria chance de vencer o assassino? Talvez nem mais precisasse do poder do demônio.

Nas noites seguintes William passou por provas de resistência a dor, fome e privação de sono. Aprendeu que podia ficar acordado por três dias sem dormir e que durante o dia perdia grande parte do poder vampírico. Se encontrava agora pendurado, segurando em uma barra de ferro, preso por correntes ao teto, tendo pesadas bolas de ferro presas aos pés. Se falhasse, o corpo iria de encontro a lanças de ferro fincadas no chão logo abaixo, que emanavam cheiro forte de alho. Para continuar inteiro, deveria controlar o fluxo de sangue para os dedos.

– Não... aguento... mais... – disse entredentes.

– Besteira! – respondeu Reinald, sentando num banco. – Só conhecemos nossa verdadeira força em situações de risco.

Os dedos de William escorregavam. O peso excessivo arrancaria suas

pernas a qualquer momento. O coração bateu uma vez mais e direcionou o fluxo para a extremidade das mãos, mas não era fácil direcionar o sangue para um ponto tão específico. As costas das mãos se aqueciam, mas não os dedos como ele esperava. Sem alternativa, balançou as pernas e as pedras presas a elas, até que no momento certo, soltou a barra e caiu de mau-jeito no chão, sentindo uma fisgada nas pernas, mas longe das lanças.

– Não foi o ideal – disse Reinald, levantando-se. – Entretanto, não temos tempo. Devemos passar para o próximo estágio.

– Preciso descansar – respondeu William, depois de desamarrar as pedras. As mãos ardiam, os braços formigavam bastante. A mente exigia um descanso e desejava sangue fresco.

– Descansarás quando estiver a caminho da Floresta das Trevas – disse o nobre, aproximando-se.

– **PARE DE ME TRATAR COMO SE EU FOSSE CRIANÇA! NÃO PRECISO DE NINGUÉM PARA ME DIZER O QUE FAZER!**

– Estás certo – respondeu Reinald. – Como és homem feito, **lutarei com todas as minhas forças.**

O nobre, então, se moveu a grande velocidade. William só enxergava um borrão avançando para ele. Logo, recebia uma saraivada de socos no peito, mas endureceu as pernas e resistiu firme. William partiu, a seguir, para a ofensiva, mas o nobre se defendia dos socos com apenas uma das mãos.

– **É injusto lutar quando estou cansado** – disse William.

– **A vida não é justa, rapaz. Se não vires meus movimentos, perderás**.

Reinald, de repente, apareceu atrás dele e lhe acertou o pé nas costelas, derrubando-o. O peito agora ardia em brasas e, com muita dificuldade, se levantou. Ainda assim mantinha-se calmo. Não sabia explicar como, mas era como se tivesse o controle da luta nas mãos.

O borrão avançava e talvez William não sobrevivesse ao próximo golpe. Daria tudo de si neste último soco. O coração bateu e direcionou o fluxo para os dedos da mão direita, que pela primeira vez se aqueceram. Levantou o punho e

acertou o peito do nobre, ao mesmo tempo que um soco no rosto o lançou contra as lanças de ferro. Um urro de dor escapou-lhe da boca quando as lanças transpassaram-lhe o corpo. Levantou a cabeça e encarou Reinald, que levava a mão para o peito afundado com o soco de William.

– Muito bom – disse Reinald sorrindo. – Muito bom mesmo.

As entranhas de William clamavam por sangue e ele gemeu ao respirar.

Para o Inferno com a dor! Talvez nunca conseguisse derrotar Sahur, Malthus ou Reinald. Talvez não sobrevivesse na Floresta das Trevas. Mas hoje isso não importava, pois ele foi vitorioso ao aprender o esmaga-ossos. Sentia-se bem e isso bastava por agora.

† ‡ † ‡ †

Após uma semana, William aprendeu que só podia aplicar um soco esmaga-ossos. Ao fazê-lo, a transformação cessava e uma sede avassaladora consumia as entranhas. Agora, William se reunia nos fundos da casa com Reinald, Richard e James. Uma mesa à frente expunha uma dúzia de adagas, espadas de diversos tipos, lanças, maças, machados, bestas, arcos e flechas, além de proteções de couro para o tronco, coletes de anéis de ferro, elmos, luvas variadas e cintos com lugar para as armas.

William se aproximou da mesa. Olhar as armas o lembrava que em breve estaria na floresta amaldiçoada. Não gostaria de ir, mas pela promessa de Sahur em ajudá-lo, iria até o Inferno, se fosse preciso.

– Por que fomos excluídos da última reunião? – perguntou Richard a Reinald.

– É melhor vós não saberdes de nada – respondeu o nobre. – Existe sempre a possibilidade de cairdes nas mãos do inimigo. Caso sejam torturados, não revelarão nada.

– Fico feliz pela confiança – resmungou James.

– É uma prevenção – respondeu Reinald. – Nenhum mal lhes acontecerá.

James se afastou; não parecia convencido.

William admirava as seis carruagens arranjadas para a expedição e seus cavalos de raça. Nigel ordenava aos criados para que armazenassem sacas de aveia, arroz e cevada. Também traziam pães, carne salgada, toucinho defumado, queijos e manteiga. O cheiro de vinho e cerveja rala vindos dos barris despertaram em William as lembranças das refeições em família na Páscoa quando a mãe servia um vinho não tão ralo e mais caro, comprado com as sobras da colheita e guardado para a ocasião.

Reinald logo se aproximou e repousou a mão em seu ombro.

– Como estão as feridas?

– O pulso ainda dói, mas não parece quebrado. As costelas fisgam quando respiro.

– Excelente – disse Reinald, fitando o céu. – Com exceção de ti, nenhum vampiro com menos de cem anos aprenderia este golpe. Agora não precisas mais do teu lado negro para vencer as batalhas.

– Minha transformação não é completa e William das Trevas ainda rouba grande parte do meu poder. Minha vida ficaria mais fácil sem ele.

– Já tens tudo o que precisas sendo apenas William Brennan.

William encarou o nobre.

– Pergunto-me se serei capaz de derrotar meu criador. Afinal, que chances terei se meu criador for um vampiro poderoso como você, Sahur ou Malthus?

– Não adianta pensar nisso agora. Tenho um presente para ti – falou o nobre, dando um embrulho comprido de veludo azul para William.

William desenrolou o tecido. Na sua mão, agora, se encontrava uma bela adaga de cabo prateado, onde na ponta se destacava o brasão da família Gall. Fios de prata formavam o contorno da brasão e gemas verde e azul preenchiam o interior. Ainda na lâmina se encontrava o nome “William Brennan” gravado em baixo relevo.

William não sabia o que dizer.

Acaso seria mais uma manipulação? Por que ganhar uma arma ornamentada e cara de alguém que não era sequer seu parente? Então, disse:

– Não sei se devo aceitar.

– É uma arma como outra qualquer – disse Reinald, sorrindo. – Aceite como agradecimento pela ajuda contra Sahur no dia da festa. Agora, escolhe tua armadura e uma boa espada. A Floresta das Trevas será mortal para quem subestimar seus perigos.

William ainda ficou um tempo fitando a adaga, antes de guardá-la na bota. Talvez, pudesse confiar mesmo em Reinald Gall. Pegou, então, uma espada longa, que Richard disse ser escocesa, e encaixou a bainha nas costas. Escolheu, a seguir, um manto de couro com placas quadradas de ferro, afivelando as tiras de couro ao redor do tronco. Para finalizar, escolheu um par de grossas luvas de couro reforçadas e acolchoadas com algodão que lhe cobririam até o antebraço.

Lisa e seu vampiro-criado não demoraram a chegar para a expedição. Parecia estar feliz e, para estranheza de William, vestia-se com um vestido de celebrações como se fosse a uma festa de luxo. Kalmir foi o último a chegar numa carruagem própria; de todas, a mais luxuosa.

Não demorou para que William tomasse seu lugar na carruagem ao lado de Richard e a expedição afinal partiu. Após atravessar os portões do muro sul e seguir pela estrada de terra, William avistou um grupo de trinta homens a cavalo parados à margem da estrada. A maioria de barba mal feita e, pelo cheiro, não tomavam banho há tempos. Dois deviam ter a mesma idade de William, outros carregavam cicatrizes nos braços e rostos. Bastava encarar o grupo por alguns instantes para saber que esses homens não fugiriam da batalha.

Quando Nigel ordenou a partida, William sabia que não haveria mais volta.

Perguntava-se se sairia ileso da Floresta das Trevas mesmo sendo agora um vampiro. Concluiu que seria melhor não pensar sobre isso.

Parte III

Floresta das Trevas

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Desde a saída do burgo, dez noites se passaram. A expedição atravessou rios violentos em pontes precárias, cortou planícies repletas de lobos, cruzou o fétido e ardiloso pântano. Os cavaleiros repeliram, por duas vezes, ataques de bandidos e não se intimidavam com os perigos da floresta cujas árvores, cheias de musgos verdes e brancos, iam perdendo as folhas, anunciando a chegada do outono. William nunca se imaginou participando de uma expedição deste porte, fora da sua aldeia ou dos limites do burgo, nem havia pensado que estaria livre das suas obrigações de servo. O que o pai e os irmãos diriam sobre a ida à Floresta das Trevas? Nunca saberia. Entretanto, quando descobrisse o assassino, sua família seria, enfim, vingada.

No décimo segundo dia, os cavaleiros fizeram uma parada para caçar. William e os vampiros se deslocaram até a chamada Colina da Mão Pelada, onde se banquetearam com bandidos que nunca mais assaltariam ninguém.

No auge da vigésima noite, da elevação no meio da planície, William avistou o lugar maldito. Nuvens carregadas despontavam ao sul, até mesmo a lua parecia se esconder como se evitasse iluminar o lugar das trevas.

Lembrou-se mais uma vez das histórias escabrosas que os aldeões mais velhos contavam sobre a Floresta das Trevas. Uma delas falava do comerciante de tecidos capturado por criaturas, que teve pequenos pedaços do corpo arrancados e devorados até morrer, a começar pelos pés. Ainda tinha o relato do velho do burgo, quando na companhia de Arctur de Vernon meses atrás, falou que, dos trezentos homens que entraram da Floresta, somente um sobreviveu. Que chances teria essa expedição de trinta homens? William procurou afastar o medo. Não morreria tão facilmente.

Os cavaleiros, agora, olhavam para os lados, como se prontos para um eventual ataque. William compartilhava do mesmo receio. Quanto mais perto chegava da Floresta Maldita, mais pensava em desistir.

Depararam-se com um rio largo, que impedia a passagem da expedição. Dez cavaleiros logo derrubaram uma árvore robusta e alta o suficiente para servir de ponte. Os demais comiam e descansavam. Cada carruagem passou sozinha pela ponte improvisada e os cavaleiros caminharam aos pares.

Ao final da travessia, um vento gélido soprou das árvores. À frente grandes troncos negros guardavam a entrada da Floresta das Trevas; os galhos, garras prontas para atacar a expedição.

– *Saiam* – soou um coro de vozes de homens, mulheres, crianças e velhos trazidas pela brisa.

Os troncos, além de negros como fuligem, não tinham musgos. Um cheiro podre entranhava no ar. Ao contrário do que vira antes, as folhas dali se mantinham intactas nas árvores, como se a floresta repelisse o outono.

– *Saiam* – tornou a dizer a multidão em tom de ódio e desprezo.

Apesar dos cavaleiros não demonstrarem receio, William farejou medo, ouvindo os corações acelerados. Os cavalos, por outro lado, se encontravam arredios, relichando mais do que o normal.

A escuridão aumentava à medida que a expedição avançava. A copa das árvores se emaranhavam, formando uma trama densa, impedindo a passagem da luz do céu. Sem as tochas, William previa que os homens nada enxergariam. Ele amaldiçoou o fato de enxergar nesta escuridão ao observar, ao longe, um vulto parado entre as árvores o encarando de volta. Devia ser apenas uma sombra, mas nesse momento, outra criatura apareceu ao lado do vulto; os olhos brilhavam vermelhos.

Quando um trovão retumbou, um calafrio percorreu sua espinha.

– *Saiam agora* – disse a multidão de vozes fantasmas.

William virou-se para Richard.

– Está ouvindo?

– Sabíamos que ia ser assim – respondeu Richard.

William olhou na direção dos vultos, que desapareceram.

Por mais que soubesse, encarar a realidade daquele lugar era pior do que qualquer pesadelo que já tivera. Tinha dúvidas se tomara a decisão correta, mas agora precisava continuar: sua vingança dependia disso.

† ‡ † ‡ †

Quando a chuva veio, Nigel ordenou uma parada para descanso. Para alívio de William, as vozes fantasmagóricas haviam cessado. Queria não mais ouvi-los. Observava, sentado em um tronco caído junto aos demais vampiros, os cavaleiros juntando gravetos e toras secos pelo chão.

Um guerreiro ruivo se aproximou de uma das árvores negras e levantou o machado. O primeiro golpe soou seco, já o segundo, fez jorrar do tronco um líquido vermelho, como sangue, encharcando o rosto do ruivo, que largou o machado e cuspiu o que entrou na boca. De repente, ele caiu de joelhos ao chão, esbugalhando os olhos e tampando os ouvidos. A seguir, se levantou rápido e, com as mãos trêmulas, olhou para os outros cavaleiros, enquanto um cheiro de urina escapava das calças.

– Vocês ouviram? – perguntou, tateando o chão até pegar o machado de volta.

– Ouvimos o quê, Sir Joseph? – perguntou o cavaleiro mais velho da expedição, com mais de quarenta anos de idade, enquanto mantinha os olhos fixos no sangue jorrando do tronco.

– ELA GRITOU! – berrou Joseph apontando, com o machado, para a árvore. –OUVI COMO SE O PRÓPRIO DIABO ESTIVESSE AQUI! ELA DISSE QUE VAI ME MATAR!

– Acalma-te! – pediu o mais velho, aproximando-se. – Vem te limpar.

Joseph olhou em volta, ofegando bastante. Então, se deixou levar pelo outro para beber cerveja.

William teve um mau-pressentimento, mas nada comentou. Afinal, como Richard dissera: “Sabíamos que ia ser assim”. Ainda assim, ficou perplexo em ver que as lendas eram verdadeiras: as árvores expeliam sangue.

– Garoto? – chamou Richard, de repente. – Estás escutando?

Depois de um tempo, William negou.

– Exato. Não ouço o piar dos pássaros, nem mesmo insetos. É como se nada vivo ousasse entrar aqui.

William concordou.

Seria possível que esse lugar fosse tão abominável que nenhuma criatura criada por Deus pudesse entrar? Talvez derrotar o novo senhor da Floresta das Trevas fosse um feito tão grandioso que os céus poderiam livrá-lo da condição de vampiro. Isso era algo que também valia a pena lutar.

Nigel, então, perguntou a Richard que caminho tomariam. Como o fogo das tochas iluminava apenas quinze passos adiante, era como se o criado tivesse quase cego. Richard apenas apontou ao norte, para uma colina a milhas de distância, onde poderiam ter uma visão panorâmica do terreno. Para William, quanto mais rápido achassem Malthus, melhor.

Depois de muito caminhar, William estranhava o fato de ainda não chegarem na colina. Era como se ela se afastasse deles. Diante disso, pequenos pontos de luz no alto incomodaram seus olhos. A princípio pensou serem estrelas, mas logo percebeu ser o sol tentando penetrar no lugar maldito.

– A noite eterna da Floresta das Trevas – disse para si mesmo.

Foi quando teve a nítida impressão de ser observado do alto das imensas árvores. Então, pelo canto dos olhos, um vulto se movia rápido pelos galhos, mas ao se virar, nada encontrou. Talvez fosse apenas sua imaginação devido ao perturbador episódio do sangue da árvore.

Mais tarde, ainda sem alcançar a colina, Nigel permitiu um descanso mais prolongado. Logo, um panelão de sopa fumegava gostoso na fogueira. Um grupo entoava uma canção alegre, acalmando o espírito da expedição. Aos poucos, os homens dormiram sobre a grama. William também desejava um

descanso. Ouviu um grito abafado, mas como ninguém deu atenção, pensou que fosse apenas o vento lhe caçoando.

O soar da corneta levantou os homens. O caminho se encontrava tomado por uma tênue névoa que se dissipava com a brisa.

– Vamos gastar as solas dessas botas! – disse Nigel. – Quanto mais cedo chegarmos, mais cedo tomaremos desse vinho maravilhoso.

Os homens resmungaram, mas, talvez pensando no vinho, caminharam sem maiores reclamações. Bateram o pó das roupas e verificaram as espadas e os escudos. Quem tinha uma besta, tratou de armá-la. William testemunhava o desgaste nos rostos sujos dos homens. Será que eles também ouviam as vozes malditas? Ninguém falava a respeito, mas William ouvia homens rezando e até chorando quando sozinhos.

– Alguém viu Joseph? – perguntou, de repente, um baixinho desdentado.

– Sim – respondeu o cavaleiro mais velho que ajudara Joseph quando a árvore espirrou sangue. – Quando ele dormiu, vi que estava tudo bem e parei de vigiar.

– Será que foi mijar e se perdeu? – perguntou outro cavaleiro.

– Foi o demônio! Por que aceitei vir para este lugar?!

– VENHAM CÁ! – berrou um cavaleiro louro montado em seu cavalo ao longe, apontando para o alto de uma árvore. – ELE ESTÁ AQUI!

– Graças a Deus – disse Nigel, indo para onde o cavaleiro apontava.

William reparou a expressão de horror se formando no rosto de Nigel.

– Deus não tem nada a ver com isso – respondeu o cavaleiro, afastando-se.

Os mercenários se aproximaram. Nigel permanecia calado com o olhar pregado no alto. Quando olharam, alguns vomitaram.

Mesmo ao longe, William também via, no alto da árvore, o corpo

ensanguentado de Joseph, cujos olhos se encontravam petrificados. Os galhos, que mais pareciam espinhos, transpassavam mãos, braços e pernas. Da boca escancarada brotava um galho cheio de folhas negras. Outro galho, mais grosso, perfurara a barriga de Joseph, saindo pelas costas. Para William, era como se a árvore tivesse perfurado o corpo do infeliz. Só Deus saberia quanto tempo o cavaleiro levou para morrer. O sangue ainda fresco ensopava a roupa, escorria pelo tronco, entrando numa fenda estreita que a árvore tinha na base. William notou que as folhas da árvore estavam avermelhadas. A árvore teria capturado o pobre Joseph para dele beber o sangue?

William abaixou a cabeça e rezou.

"As histórias são verdadeiras" – pensou – "As árvores daqui podem mesmo caçar e matar!" Pressentia que metade dos homens já pensava em desistir. Mas quem seria o covarde a admitir isso? Com certeza, não seria ele.

Neste momento, uma brisa mais forte entrou na carruagem, trazendo de novo as vozes sinistras:

– *William Stow, nós sabemos quem assassinou sua família*!

William nada disse, olhando para Richard que não parecia ouvir. As vozes riram.

– *Ninguém nos ouve. Sabia que a noiva de sir Richard Blane se matou quando descobriu que ele era um vampiro? Podemos dizer a vós quem matou vosso irmão Nathan. Seria Reinald Gall?*

– Vocês pertencem ao Diabo – sussurrou William, esperando que Richard pensasse que ele estava apenas orando. – Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira.

– *Ele sabe recitar a bíblia* – disseram as vozes e riram novamente. – *Foi a mamãe dele que disse. Sim! Judith era o nome da pobre infeliz. Sabia que o assassino matou todos os seus irmãos na frente dela?*

William rezou aos céus para que silenciassem as vozes.

– *Sabia que sua mãe era pecadora?* – sussurrou a multidão. – *Uma vez*

ela permitiu que um homem, que não seu pai, tocasse os seios dela... Ela não merece arder no inferno?

– Vão embora – pediu William e elas, afinal, se calaram.

Ele afundou a cabeça entre as mãos. Era mesmo um lugar maldito. Seria mesmo possível que as vozes soubessem a verdade? Richard já lhe mencionara sobre a morte da noiva e as vozes sabiam o nome de sua mãe e da morte da família. Contudo, nada vindo do Diabo seria bom.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

A expedição, afinal, alcançou uma clareira de onde era possível subir a colina. William olhou para cima, ponderando quanto tempo levariam para alcançar o topo. Com exceção de Kalmir, todos os vampiros subiriam, enquando os homens acampariam à espera deles.

Richard gesticulou para Nigel se aproximar.

– Ninguém deve sair daqui – avisou Richard. – Libera dois ou três barris para os homens. Se quiserem dormir, deixa cinco homens de vigília. O mais importante: aconteça o que acontecer, não podeis dispersar. Fui claro?

– Sim, mestre Blane – respondeu Nigel. – Mas, desejo expressar minha preocupação. Quatro dos cinco vampiros subirão a colina, o que nos deixa vulneráveis.

William observou Samuell abrindo os barris para a alegria dos homens. Beber para esquecer onde estavam. Ele os invejava por isso. Logo, o cheiro de toucinho assado e carne defumada preencheu o ar junto ao aroma do vinho. William notou que a fogueira espantava os vultos e os olhares fantasmagóricos cheios de ódio, que ele via pelo canto dos olhos.

William puxou as rédeas do cavalo.

Agora, se preocupava. O que encontrariam lá em cima? Caso Malthus aparecesse, que chances teriam? Tarde demais para se acovardar com isso.

William já havia subido bastante, mas o topo da colina ainda parecia distante. O manto de ferro, que escolhera como proteção na casa de Reinald,

incomodava o corpo e atrapalhava a movimentação dos braços.

– *Ainda estamos aqui, William Stow* – disseram os demônios. – *Trouxemos alguém para falar contigo*.

Richard ia à frente, conduzindo o grupo. A seguir vinha James, Vincent e Lisa. Ele vinha por último.

– Will? Filho, é você?

– Pai?

– Ah, Will. Quanto orgulho sinto de você por vingar nosso nome. Cuidarei para que essas vozes demoníacas não mais incomodem você.

– Os meus irmãos...?

– Sarah ainda vive. Ela está com medo e chama por você – disse Jeremy Stow antes de silenciar.

– ONDE ELA ESTÁ? – gritou ele.

– Ei, garoto! – disse Richard, retornando e parando ao seu lado com o cavalo. – O que está acontecendo?

William balançou a cabeça. As palavras vieram-lhe a boca e por pouco não escaparam. Richard poderia interpretar que ele era um medroso.

– Não sou um garoto!

– É claro que não – respondeu Richard. – Mas, ainda assim, acabaste de berrar.

– Algo me incomoda. Por que Joseph não gritou quando foi apanhado?

– Talvez não tenhamos escutado – respondeu Richard. – Quem sabe que forças estão agindo contra nós? Vês o que este lugar faz aos homens?

William concordou.

“E quanto a nós? Será só a mim que a floresta aflige com essas vozes

demoníacas?” – perguntou-se. Não importava. Não fraquejaria agora.

Já próximo do topo, uma neblina densa quase o impedia de ver adiante. William também se preocupava com a sede crescente. Precisava saciá-la antes que isso fortalecesse William das Trevas. Um grito repentino doeu nos ouvidos, agitando seu cavalo, que empinou e o derrubou na terra úmida. O cavalo escorregou na beirada e rolou colina abaixo.

Richard perguntou se estava tudo bem. De novo, parecia que somente ele ouvira o grito. Ele assentiu e se levantou. Vincent e Lisa amarravam os cavalos nas árvores, enquanto William se aproximava da borda. Enxergava, lá embaixo, o contorno das árvores, mas a forte neblina ocultava quase toda a Floresta Maldita.

William, então, rodeou devagar a colina, procurando por indícios da presença do barão. Além da neblina, a escuridão da Floresta parecia mais densa, dificultando sua visão. Tinha a nítida impressão de ver as trevas pulsarem como se estivesse viva. Fez o sinal da cruz.

– Não devemos demorar – disse Richard, de repente. – Não me agrada a ideia de deixar os mortais sozinhos por tanto tempo.

– Então venha ver isto! – falou Lisa dentro da bruma.

William e os demais se aproximaram, guiando-se pelo cheiro. Sua visão logo venceu a escuridão e ele avistou outra colina à léguas de distância. Nesse momento, um facho de luz atravessou as pesadas nuvens que cobriam o céu e banhou o chão ao longe, perto de um lago. William não podia acreditar que presenciava novamente a luz do sol. O que não daria para poder se banhar de novo no sol como fazia ao amanhecer.

– As nuvens se fecham e bloqueiam a luz – disse Lisa. – Mas logo a luz volta a aparecer como se estivesse lutando contra a Floresta.

– Vamos até lá – avisou Richard.

– E se for um artifício do inimigo? – perguntou Lisa.

– Talvez a influência deste lugar maldito seja mais fraca naquele lago – respondeu Richard. – Quero saber por que.

Quando James trouxe os cavalos, Lisa cedeu o dela para William e desceu com Vince. William ainda deu uma última olhada na luz.

Um pensamento lhe assombrou: talvez nunca mais pudesse ver o sol. Então agradeceu a Deus por mais esta dádiva e desceu a colina. Logo uma garoa fina caía e a névoa se adensava, tornando difícil ver mais do que dez passos à frente.

– *Melhor se apressar* – disseram as vozes. – *Quem sabe o que a Floresta guarda para ti?*

Ele não queria saber.

Ao pé da colina, William notou que tudo estava silencioso demais. Onde estava a luz da fogueira? Acelerou o galopar e, ao chegar no acampamento encoberto pela neblina, avistou os guerreiros caídos no chão enlameado. Era como se a carne dos homens tivesse sido arrancada e a pele, então, costurada sobre os ossos. Para sua surpresa, três deles ainda respiravam.

Mais ao longe, avistou Nigel e correu até ele. O servo de Reinald respirava com dificuldade. O mesmo não podia se dizer de Samuell, pálido, esquelético e morto. O que acontecera ali durante a ausência deles?

Assim que desceu do cavalo, o animal disparou névoa adentro. William, então, arregaçou a manga, tirou uma adaga da bota, cortou o pulso e vazou gotas de sangue na boca de Nigel. Reinald lhe explicara que sangue de vampiro prolongava a vida humana. Esperava que isso salvasse Nigel.

Nesse instante, o som de espadas se chocando o preocupou. Avistou adiante três vultos se movendo, engolfados pela neblina. Uma luta de dois contra um se desenrolava. Reconheceu Kalmir, que atacava, mas parecia incapaz de acertar os oponentes, que se moviam de forma desengonçada. Avistou Richard e os outros vampiros galopando para lá.

William empunhou a espada e correu para a luta. Tropeçou, então, em um corpo decapitado de pele azulada. Ao lado, olhos esbranquiçados de uma cabeça de cabelos ralos, escuros e desgrenhados o fitavam. Do nariz, restavam dois buracos verticais. O mesmo acontecia com as orelhas. Tiras de pele e carne transpassavam os lábios, como linhas de costura, lacrando a boca. William fez o sinal da cruz diante de tamanha aberração.

Ao se aproximar afinal do grupo, testemunhou Kalmir decepar o braço da criatura azulada, esguia e do tamanho de um homem. Ela avançou como se nada lhe tivesse ocorrido. No instante seguinte, Richard acertou o pé na barriga do monstro, empurrando-o para trás. James afundou, então, a maça na cabeça da criatura, fazendo os olhos da criatura saltarem para fora. Ainda assim, não caiu. Do crânio agora estraçalhado, nenhum sangue vertia.

Kalmir caiu no chão ao mesmo tempo que Lisa e Vincent fincavam suas espadas na barriga da segunda criatura, que esticou o braço rápido o bastante para pegar a vampira pelo pescoço, girá-la no ar, arremessando-a em Vincent, que voou longe junto à sua senhora. William cravou a espada na parte posterior da perna do monstro, forçando-o a se ajoelhar. Em seguida, as pernas de William amolecaram e o monstro lhe acertou o cotovelo no rosto, derrubando-o. Quando se deu conta, a criatura estava em cima dele, apertando-lhe o pescoço e o fitando com olhos esbranquiçados. Um rasgo de sorriso surgiu nos lábios costurados.

William não sabia onde estava a espada e, ao tentar fechar o punho para socar o adversário, o braço amoleceu também. Frio súbito invadiu-lhe as entranhas como se estivesse imerso em águas gélidas. Logo depois, algo afiado como navalha retalhou-lhe a carne repetidamente e tudo escureceu.

Ao abrir os olhos, se descobriu caído ao chão. Levantou-se apenas na terceira tentativa e, mesmo assim, as pernas ainda não lhe obedeciam direito. A criatura sumira.

– Sabe... – disse Kalmir, com a voz arrastada a cinco passos de William, apoiado em uma árvore. O rosto definhado, esquelético como se tivesse perdido parte da carne que cobria a mandíbula. – Não precisava... de ajuda...

– Sua aparência me diz o contrário – disse William.

– Te afastei... ganhei tempo... – respondeu Kalmir num fio de voz, encarando-o. – V...vá... ajudá-los. A cabeça... Tem que... cortar a cabeça...

William, então, esperou recuperar o controle das pernas e voltou para a batalha. Encontrou os vampiros lutando contra uma das criaturas. James e Vincent estavam fora de combate, portando rostos esqueléticos iguais a Kalmir. William avistou, nesse instante, a criatura levantar Lisa pelo pescoço e colocar a mão sobre a boca dela. A pele do rosto dela definhou de imediato e esticou tanto que rasgaria a qualquer instante.

William não teve dúvidas; com a espada em punho, avançou por trás da criatura e a decapitou. Antes que o monstro tombasse ao chão, William amparou Lisa nos braços.

– Você está bem? – perguntou.

– Por um... instante... achei que... morreria... – respondeu ela num sussurro.

– Onde está Richard?

A névoa não permitia ver direito. Também não conseguia farejá-lo ou ouvi-lo. Andou sem rumo.

– Filho – disse a voz que dizia ser Jeremy. – Vire à esquerda.

William hesitou, mas olhou para onde a voz dizia. Avistou, enfim, um vulto azulado. Ao se aproximar, William presenciou a criatura segurar o soco de um Richard cadavérico e o lançar contra a árvore mais próxima, que se partiu em duas, encharcando o vampiro de sangue. Quando Richard se levantou, a criatura esmurrou-lhe a barriga. Ainda assim, o vampiro revidou com uma cabeçada na boca torta do monstro.

William correu, enquanto se transformava, e girou a espada na altura do pescoço do demônio azul, mas este apenas pulou para longe, afastando-se de Richard, que caiu de joelhos ao chão.

– Richard! – disse. – Não sei se conseguirei, sozinho, derrotar esse desgraçado!

O vampiro se apoiou no que restou da árvore e levantou cambaleando.

– Me... falta... forças.

A criatura encarava William agora, emitindo um grunhido rouco. Ela, então, correu até William, que, por sua vez, deixou o coração bater duas vezes. O fluxo de sangue fortaleceu-lhe os braços, enquanto a sede secava-lhe a garganta.

O primeiro golpe errou o alvo, com a criatura desviando para o lado. Os próximos golpes, mesmo sendo rápidos, falharam. O demônio azul era mais

rápido do que esperava. Maior foi sua surpresa ao ver o monstro, então, se abaixar e pegar a espada caída de Richard. Não acreditava que a criatura o confrontaria com a arma, mas essa dúvida se dissipou quando o demônio girou a espada na direção dele.

William aparou o golpe com a espada, o que fez a lâmina tremer. Em pouco tempo, William e a criatura ficaram cobertos de cortes. Embora o corpo de William não tardasse a curar as feridas, novos cortes logo surgiam.

De súbito, a criatura saltou para trás, ocultando-se na névoa. William se virava de um lado a outro, tentando evitar um ataque surpresa. Notou que a neblina o impedia de ver qualquer coisa dois passos à frente. Não conseguia farejar, nem ouvia nada além dos seus pés esmagando os cascalhos no chão. Viu-se sozinho contra um demônio que a qualquer instante poderia lhe cortar a cabeça.

Uma respiração pesada, às suas costas, o fez atacar com a espada, mas era apenas a Floresta zombando dele. Então, a criatura surgiu ao seu lado e lhe acertou uma pedrada no ouvido, derrubando-o ao chão. Outras pedradas vieram, e antes que pudesse se defender, os braços amoleceram, a pele ardia em chamas. Ainda tentou se levantar, mas a criatura o prensou contra o chão, pondo-lhe a mão purulenta sobre a boca.

A visão escurecia, enquanto um frio queimava o peito.

Era assim que a Floresta o mataria? Humilhado desta maneira? Não podia morrer sem antes vingar a morte da família. Seu lado negro oferecia ajuda, mas ele não permitiria que William das Trevas assumisse desta vez, nem nunca mais.

“**Prefere morrer a me libertar?**” – perguntou William das Trevas. – “**O orgulho é maior do que o desejo de vingança?**”

William não desistiria de lutar. Mesmo sem enxergar, esmurrou o que achava ser a criatura. A dor e o frio pioravam. Talvez, William das Trevas fosse mesmo a única solução.

De repente, a criatura saiu de cima dele e a visão de William retornava. Avistou Julian Kalmir se atracando com a criatura e rolando em direção ao rio. Assim que os dois caíram na água, mãos esqueléticas surgiram e os agarraram,

puxando-os para baixo. William ainda pensou em entrar no rio, mas seu instinto lhe dizia para ficar na margem. Kalmir afundou e não retornou mais.

Richard veio até ele e os dois voltaram ao acampamento. Vince, Lisa e James se alimentavam dos sobreviventes. Agora, além de Nigel, restaram apenas quatro homens esqueléticos, dizendo palavras sem sentido por causa do calor da febre. A chuva veio e dissipou a névoa, revelando os demais cavaleiros mortos naquela forma óssea horrenda. William esperava conseguir um enterro cristão para esses homens. Era o minímo que podia fazer.

Sem se deixar abater, Richard disse que ainda podiam alcançar o misterioso lago banhado pela luz do sol. O vampiro colocou os quatro homens numa só carruagem; a do Kalmir serviria de abrigo aos vampiros. Dois terços dos mantimentos seriam deixados para trás, assim como as demais carruagens. William ainda teve tempo de enterrar os cavaleiros. James e Vincent ajudaram.

Ao término do trabalho, ele se pôs diante dos túmulos.

“Que Deus tenha piedade de suas almas.” – rezou William. Esperava ele mesmo não ter esse fim. Mas agora devia continuar e achar Malthus. Só assim saberia de Lam Sahur quem era o seu criador. Por agora, se alimentaria de um cavalo para saciar a sede maldita.

CAPÍTULO VINTE E SETE

William alimentava Nigel do próprio sangue. Dois homens já tinham falecido e ele não se permitiria perder o criado de Reinald. Abriu, então, a porta e foi até o banco do cocheiro onde sentou-se ao lado de Richard.

– Está vendo, garoto? – perguntou Richard. – A Floresta dificulta nossa passagem.

William concordou. Parecia que as carruagens tinham menos espaço para se locomover. Para atrasar ainda mais o trajeto, córregos cortavam as trilhas. Por duas vezes, eles atravessavam sem problemas. Em outras quatro situações, eles seguiam pela margem até encontrar um trecho onde fosse possível a travessia. Mais dois homens morreram. Um após vomitar sangue, outro após beber da água do córrego que William lhe dera. Os vampiros, com exceção de William, beberam do sangue ainda fresco. As entranhas de William clamavam pelo sangue humano, mas ainda assim recusou.

Naquele momento, um temporal os obrigava a parar. As trovoadas assustavam os cavalos, tornando-os difíceis de controlar.

– Uma força oculta parece impedir nosso avanço – observou James.

– Essa força se chama Malthus – respondeu William.

– Fico a pensar: por que as criaturas só atacaram a expedição quando subimos a colina? Deve ter algo importante naquele lago.

A chuva caiu por um longo tempo, mas afinal cessou.

– Vamos! – ordenou Richard. – Já vejo a colina mais adiante.

Agora não demorou para William avistar o céu limpo no alto da colina ao longe. A luz do luar cobrindo a pequena elevação trazia esperança. Uma esperança que logo se desfez quando avistou um emaranhado de espinheiros se enroscando nos troncos floresta adentro até o último galho, bloqueando a passagem. O tamanho e a quantidade de espinhos intimidava. Seria impossível até para uma criança magra atravessar sem se machucar. Uma tênue névoa esverdeada envolvia o espinheiro, que devia se extender por uma milha, talvez mais.

– Podemos dar a volta e procurar uma abertura – sugeriu Lisa.

– Duvido que essa barreira de espinhos tenha uma abertura – resmungou Richard.

– Por cima, então – disse James.

Não era a pior das ideias. William, Richard e James vestiram luvas de couro reforçado. Resolveram não colocar as pesadas roupas de batalha para evitar o peso excessivo e assim partiram depois de beber do sangue de dois cavalos.

William escalou a primeira árvore e, lá do alto, saltou de galho em galho o mais longe que podia, sempre se mantendo no alto, onde tinha poucos espinhos. Ainda assim, os espinhos lhe perfuravam nos locais onde a carne permanecia desprotegida. Se Cristo suportou a coroa de espinhos com honra e dignidade, ele também o faria. Sofrer na carne para se redimir dos pecados. Não gemeu quando espinhos transpassaram braços e pernas ou quando, por duas vezes, as plantas cortaram-lhe a barriga, vazando seu precioso sangue antes de o ferimento se curar. Cobrindo o rosto para não feri-lo, rezava para atravessar logo e descobrir, enfim, o que Malthus tanto temia naquele lugar.

Quando menos esperava, a barreira de espinhos ficou para trás e William se viu, então, ao pé da colina. As roupas não passavam de trapos e as feridas ardiam como se suor tivesse ali se alojado. Mas não importava, pois neste momento, ele avistava um céu estrelado com a lua a iluminar as águas cristalinas do lago; uma visão que não tinha desde de que entrara na Floresta Maldita há sabe-se se lá quanto tempo.

William, afinal, relaxou.

Um pensamento veio-lhe súbito à mente: estariam fora dos domínios da Floresta das Trevas? A sensação era boa, como se um peso acabasse de sair das costas. A cabeça estava mais leve e pensar era mais fácil. Descobriria, por fim, o que Malthus escondia nesse lugar.

As feridas de William agora não mais ardiam, nem se fechavam. O mesmo acontecia aos outros dois vampiros.

– Perceberam isso? – perguntou.

– Não encontraremos nenhuma resposta ficando aqui parados – disse Richard, apontando para o alto do monte. – Parece haver uma casa lá.

Desta vez sem a influência amaldiçoada da Floresta, William e os demais não tardaram a alcançar o topo. Dali William admirou o grande lago de águas negras há umas dez milhas de distância por onde saíam cinco largos rios. No meio do lago, avistou uma ilha, onde um castelo se destacava. Com certeza era ali a fortaleza de Malthus.

William quase sorriu. Faltava pouco para Lam Sahur lhe revelar a identidade do assassino.

– Veremos se encontramos algo útil por aqui – disse Richard. – Quero saber porque a Floresta não tem influência aqui.

William concordou ao passar por um largo e carcomido poço de tijolos. Ali perto encontraram as ruínas de um casebre. Parecia que desabaria com um simples sopro. Nem a porta nem as janelas resistaram ao tempo. Não havia telhados e uma das paredes ruiu. Quando entrou, William se deparou com um único cômodo com uma fogueira ao meio e duas cadeiras e uma mesa de carvalho no canto, além de quatro baús espalhados pelo lugar. Como era possível os móveis ainda estarem limpos e intactos? Avistou, então, perto da fogueira, um esqueleto humano e o corpo de um homem de cabelo grisalho com as feições congeladas em uma careta de dor e uma adaga fincada ao peito.

– Quem serão estes? – perguntou James.

– Como vou saber? – respondeu William.

– Basta falar com um deles – respondeu alguém atrás do grupo.

Os vampiros saltaram para trás, virando na direção da voz e sacando suas armas, mas não havia ninguém ali. Uma brisa gélida entrou na casa e William temeu que as vozes malditas estivessem pregando uma troça nele.

– Quem está aí? – perguntou Richard. – Revela-te agora!

– Meu nome é Gymberlim Damsell, forasteiros. O que fazeis na minha casa?

William vasculhava o casebre com os olhos, mas nada encontrava.

– Os cavaleiros do rei mataram todos os Damsell – disse William.

– Mais respeito, vampiro! – ordenou a voz num tom mais sombrio. – Aqueles cavaleiros nem me arranharam.

– Por que não apareces? – perguntou Richard. – Nós...

Súbito, um homem alto, quase translúcido, rodeado por uma luz prateada apareceu na frente deles. William não podia acreditar. As feições e as roupas idênticas ao morto estirado ao chão. Até mesmo havia uma mancha de sangue cobrindo o peito na mesma posição da adaga. Richard estava de frente ao fantasma do lendário mago Gymberlim Damsell.

O susto fez Richard golpear o fantasma de pronto com a espada. No exato momento que a espada atravessou a barriga do estranho, Gymberlim desapareceu no ar.

– Não sou um inimigo – disse Damsell, aparecendo do outro lado. – Como três vampiros esperam derrotar o atual Senhor da Floresta das Trevas?

– Um exército está a caminho – respondeu Richard. – Malthus não está aqui há tanto tempo a ponto de preparar um castelo para uma batalha dessa grandeza. É dele aquela fortaleza no lago? – perguntou Richard.

O fantasma, então, gargalhou, fazendo os vampiros se entreolharem. Quando parou, disse:

– A Floresta é uma bolha de realidade. Aqui dentro a Floresta é três vezes maior do que aparenta. Quatro dias aqui equivale a apenas um do lado de fora. O vampiro dito Malthus reside nesta Floresta há quase quatro anos. Ele estará preparado. Acreditais mesmo que sobreviverão?

William fechou os punhos.

Morrer ali? Não morreria antes de achar sua irmã e completar sua vingança.

– Como esse lugar escapa da influência da Floresta? – perguntou William, encarando o fantasma.

– Este é o local de criação da Floresta. Na verdade quem a criou foi um mago ancestral há dois milênios; eu apenas ressuscitei este belo poder. Nas entranhas desta colina se encontra o santuário do antigo mago. Antes de morrer, utilizei o poder deste lugar para criar outra bolha de realidade. Meu pequeno oásis. Aqui minha alma não se corrompe.

– Como assim? – questionou Richard.

– Depois da queda do mago, a terra que alimenta estas árvores foi regada com sangue, e a essência dessas almas atormentadas absorvida pelo cajado gerou o que chamai hoje de Floresta das Trevas.

– Quem é este caído dentro da lareira? A alma dele também vaga aqui? – perguntou James.

Uma ventania soprou de repente, açoitando o rosto de William e levantando cinzas da fogueira ao redor do fantasma.

– É meu filho estúpido traidor – ganiu Damsell com os olhos enegrecendo.

O vento se intensificou, fazendo as próprias paredes do casebre gemerem. William temeu que desabassem, mas tão rápido quanto veio, o vento se foi. O fantasma permanecia impassível, flutuando no mesmo lugar.

– Os cavaleiros enviados pelo rei morreram frente ao meu exército. Contudo, no fim, meu filho se aliou a eles. O parvo me apunhalou aqui.

Enquanto eu agonizava, ele levou o cajado ao santuário, mas, quando voltou, o castiguei com a merecida morte e lancei a alma dele para a Floresta absorver.

– Sei... – disse Richard com cautela. Talvez não quisesse irritar de novo o fantasma – Ainda não entendo que este lugar seja uma bolha de realidade.

– Vampiros nunca entenderão. O tempo nesta colina corre dez vezes mais rápido do que o da Floresta. Isso significa que os Predadores de Almas enviados por Malthus estão próximos.

– O que são “Predadores de Almas”? – perguntou William.

– São antigos vampiros capturados pela Floresta. O cajado só age sobre os mortos e vós sois mortos-vivos. Primeiro a consciência se degenera até sobrar apenas uma inteligência quase bestial. Depois os dentes caem e as bocas são lacradas.

Ele sorriu.

– Eles agonizarão pela eternidade porque a falta de sangue ainda lhes rasga a alma. Os Predadores, então, se alimentam da essência dos vivos. São seres sem vida, criados para exterminar a vida. Quanto mais absorvem, mais fortes ficam. Adoro ver suas peles negras ficarem azul-escuro quando se fortalecem.

– Quantos estão vindo? – perguntou William.

– Os inimigos de meu inimigo são meus aliados. Enquanto conversávamos, criei casulos de êxtase ao redor dos vossos companheiros – disse Damsell com a voz mais cansada, quase ofegante. O corpo se tornava mais transparente. – Não me resta muito tempo. – Existe um mapa da Floresta nos báus. Levai convosco. O poço lá fora leva ao interior da colina, onde encontrareis o santuário antigo e um casulo de êxtase aprisionando uma fada chamada Azi-ol.

Ele fez uma pausa.

– Os anos de aprisionamento a enfraqueceram e hoje ela não será capaz de sobreviver nesta Floresta. Usem isso como moeda de troca – a voz de Damsell quase inaudível.

– Por que nos ajuda? – perguntou Richard.

– Não é por bondade – disse Damsell, os olhos enegrecendo de novo. – Na primeira vez que Malthus aqui apareceu, zombei dele dizendo que uma proteção mística o impediria de tocar no cajado. Como ele não acreditou, quase perdeu a mão.

De imediato veio à mente de William a lembrança da noite em que conheceu Sian Malthus, da mão enfaixada do barão quando o conde perguntara o que acontecera. Agora William sabia.

– Como ele consegue segurar o cajado? – perguntou William.

– O miserável substituiu o osso do braço esquerdo pelo osso do meu falecido pai – respondeu Damsell com ódio na voz e os olhos negros como carvão. – Foi muita ousadia daquele traste se passar por um Damsell! – a ventania veio com tanta força que um báu foi arremessado contra a parede. – IMPERDOÁVEL!

O acesso de raiva pareceu esgotar o restante das forças de Damsell. O fantasma agora não passava de um contorno transparente.

– Irdes agora, arrancai o braço do vampiro Malthus e libertai minha alma deste martírio! Cometi atos imperdoáveis e tenho plena ciência de que irei para o inferno, mas desejo paz.

– Se me permite... – disse James. – Qual o nome do antigo mago?

Damsell olhou para o vampiro, e sorriu.

– Um nome proibido. Esses magos estão além do alcance da morte, vampiro ambicioso. Não tenteis dar um passo maior do que podeis.

James recuou quando o fantasma gargalhou até desaparecer por completo. Richard já revirava os báus e logo encontrou um rolo de pergaminho amarelado.

William olhou para os corpos no chão, ainda pensando na revelação de Damsell sobre os ossos. Foi William quem mostrou para Arctur onde ficava a antiga casa dos Damsell, foi ele que permitiu a Malthus ter acesso ao cemitério

dos antepassados do mago e se apossar do poder da Floresta. Por isso, Malthus lhe agradeceu quando se revelou diante da morte do conselheiro Victor Malster. Usado mais uma vez por um nobre. Como aquele desgraçado pôde? Pagaria caro por mais essa afronta.

CAPÍTULO VINTE E OITO

William, Richard e James foram ao poço em ruínas como lhes disse o fantasma de Gymberlim Damsell. Agora que William sabia onde Malthus se encontrava, precisava encontrar Sahur o mais rápido possível.

A abertura do fosso tão larga que uma carroça cairia por ali com facilidade. Ao se debruçar sobre a borda, William não enxergou o fundo, mas avistou uma escada circular de pedra, cujos degraus se destacavam na parede interna do poço até perder de vista. Ponderou se seria seguro descer. O trecho inicial da escada desabara e para alcançar o degrau mais próximo, seria obrigado a descer uma altura de seis homens. Enquanto pensava, Richard saltou e pousou silencioso no primeiro degrau. James pulou a seguir. William teve que fazer o mesmo.

Quando o sexto degrau estalou sob seu pé, William redobrou o cuidado. Quanto mais descia, mais úmido ficava o ar, piorando o cheiro de bolor. De repente o degrau afundou, quase levando James para o fundo deste abismo sem fim. William hesitou, mas continuou a descida em silêncio.

Olhou para baixo, mas ainda não via o fundo.

Por um momento pensou porque se arriscava em descer aquele poço. O que aconteceria se a fada aprisionada não lhes ajudasse? Richard a mataria, é óbvio. Contudo, como escapariam dos Predadores de Almas cercando o lugar?

De repente, sob seus pés, o degrau ruiu. William pulou para o próximo, que também desabou, lançando-o dentro da escuridão. Antes que pudesse pensar no que faria, seu corpo se virou e pousou no chão rochoso, leve como um gato. Olhou para cima. Uma queda com altura maior que a torre da igreja de Stanwell

e, ainda assim, nada sofreu. Queria apenas sumir dali. Então, Richard chamou por ele do alto e William confirmou que estava bem.

Descobriu no fundo do poço o acesso a um túnel largo. Logo William e os outros vampiros atravessaram a passagem subterrânea, alcançando o interior do monte tão grande que podia abrigar um vilarejo inteiro. Ao fundo uma construção de pedra branca reluzia, tão alta que alcançava o topo. Quatro grandes estátuas douradas de um homem de túnica segurando um cajado – o mesmo que Malthus portava – guardava a entrada. Seria este o lendário mago criador da Floresta das Trevas?

Através de uma das portas escancaradas do santuário, William entrou no templo e admirou o interior rico em esculturas de animais sobre um chão de pedra colorida de beleza sem igual. No centro erguia-se uma enorme estátua do mago. Aos pés dele, um altar de pedras negras se destacava. Quando William se aproximou, reparou na esfera transparente do tamanho de uma laranja encaixada com perfeição ao centro do altar. Ao tocar na orbe, um clarão de luz lhe cegou.

Quando recobrou a visão, se viu flutuando em pleno ar. Não se encontrava mais no templo do antigo mago, nem na caverna e muito menos na Floresta das Trevas. Encontrava-se tão alto no céu noturno que as nuvens passeavam sob seus pés. Em seguida, despencou. O ar faltava. Os olhos ardiam. O chão se aproximava. Então, a queda cessou, de repente, como por mágica, ficando ele suspenso no ar. Lá embaixo, um bosque ardia em chamas, enquanto um número sem fim de criaturas disformes se digladiavam sem dó.

No meio da floresta, dois homens de túnica, um deles o mago criador da Floresta, apontavam as mãos e dispararam raios. No mesmo instante, as criaturas mais próximas se incineraram. William enlouquecia. Afinal, o que mais explicaria o que testemunhava?

Então se viu em outro lugar, numa cidade de casas quadradas e brancas dispostas em encostas rochosas. Uma turba de gigantes gordos de um só olho pisoteavam e esmagavam, com troncos, os homens. William reparou que nada ouvia apesar dos homens escancararem a boca como se gritando por ajuda. Do alto de um monte gigantesco sob a luz do luar, um homem velho e corpulento de túnica branca apontava um cajado dourado e torto para a cidade, disparando inúmeros raios.

Um vendaval rodopiou ao redor de William e, quando ele pôde abrir os olhos, se viu em outro lugar, onde dragões cuspiam fogo nas plantações. O maior dos dragões, um réptil negro, carregava um homem em suas costas como se fosse o cavalo de um cavaleiro.

De repente, o sol lhe ofuscou os olhos e ele se encolheu ao pensar que logo seria incinerado. Já pedia perdão à sua família quando notou que nada lhe acontecia. Abriu os olhos e se viu flutuando acima de uma floresta de pinheiros em um dia ensolarado. Como era possível? Não importava; poderia ficar ali para sempre, mas sabia que tudo não passava de um pesadelo criado, talvez, por estar enlouquecendo.

Queria entender o que acontecia. Então avistou a colina, onde o templo, que vira enterrado no fundo da caverna, refletia o sol em suas paredes brancas. De frente ao lago, sentado nas pedras, o criador da Floresta alimentava unicórnios.

A léguas dali avistou uma criança colhendo frutas das árvores. Súbito, a criança se desfez em cinzas. O feiticeiro sorriu ao ver a cena através das águas do lago e, então, voltou a alimentar os unicórnios. A seguir, um raio rasgou o céu. Ao contrário dos raios de chuva, esse permaneceu riscado no céu e cresceu até virar uma gigantesca fenda luminosa, partindo todo o céu além do horizonte em dois. Da fenda saíram inúmeros anjos vestindo armaduras douradas e prateadas empunhando espadas flamejantes. Assim como ele, o mago também parecia não acreditar no que acontecia.

Os anjos desciam rápido, dividindo-se em grupos e indo em todas as direções até sumirem de vista. Trinta vieram de encontro ao mago, que levantou o cajado. Nesse momento, as árvores secavam, apodreciam, quebravam. Os animais caíam num chão agora arenoso e logo não passavam de esqueletos. Uma luz vermelha pulsava na ponta do cajado e raios azuis rodeavam o corpo do mago.

Assim que os anjos se aproximaram, o mago disparou um clarão azul, que dizimou os servos de Deus. Mais vinte anjos atacaram, mas um casulo de luz translúcido envolvendo o mago, o protegia. Então, esse era o poder que Damsell mencionara?! Um poder capaz de desafiar até mesmo os anjos do Senhor?

Quando o décimo guerreiro celestial tombou, um anjo mais corpulento

desceu dos céus como uma flecha. O impacto da espada dele contra o casulo, levantou uma densa nuvem de poeira do chão. Então, William se viu novamente dentro da caverna, diante do altar. A bola voltara ao devido lugar no centro do altar de pedra negra. Richard e James não pareciam ter notado nada. Tivera ele uma alucinação? Se algo dessa grandeza tivesse acontecido, por que não estaria na bíblia?

Richard o chamou, apontando para um casulo dourado e reluzente preso na parede.

– Ficai de prontidão com as espadas, enquanto falo com ela – disse Richard, que sacou um punhal e, com cuidado, cortou o casulo. De imediato, algo pulou direto no seu pescoço.

– Morra, Damsell maldito! – ganiu a fada com um sotaque carregado.

– Não sou Damsell – respondeu Richard, dando um chute na barriga dela.

A fada saltou para trás e encarou os três vampiros. Os longos e lisos cabelos prateados escorriam sobre o rosto fino de feições angelicais e orelhas pontudas. Os olhos eram dois globos brancos e brilhantes. A pele alva em tons esverdeados, lembrava a William uma cobra que ele matara quando criança. A fada usava uma roupa verde musgo feita de um tecido que ele nunca vira. Uma corda branca enrolada na cintura prendia vários saquinhos de couro. O cabo de duas espadas se destacavam nas costas.

– O que querem? – perguntou ela, sacando as espadas. Uma bem maior do que a outra.

– Não viemos brigar, Azi-ol – respondeu Richard, abaixando o punhal.

– Como sabe meu nome, vampiro? – questionou a fada, apontando as espadas para ele.

– Meu nome é Richard Blane. Estes são William Brennan e James Turner.

– Onde está Damsell?

– Damsell morreu há mais de trezentos anos – respondeu Blane.

– Então a maldição da Floresta teve um fim – disse Azi-ol ao olhar para a estátua do mago. – Sua maldição, enfim, acabou, meu caro feiticeiro.

– Está mesmo falando com a estátua?! – indagou James..

– Mostrem respeito neste santuário – respondeu Azi-ol. – Durante a Segunda Guerra Celestial nem mesmo os anjos puderam matá-lo. A única solução foi bani-lo deste mundo. Está preso no limbo eterno, inconsciente, mas ainda vivo. Pronunciar seu verdadeiro nome é o único modo de despertá-lo.

– Por que alguém diria este nome? – perguntou William.

A fada sorriu ao encará-lo e algo neste olhar deixou William desconfortável.

– Porque nomes esquecidos carregam poder – respondeu ela. – Mas ainda restaram objetos neste mundo ligados a tais seres. O cajado que controlava esta Floresta é um deles. Espero que esteja destruído.

– O cajado está na posse de um vampiro – revelou Richard. – Nosso inimigo – disse ao ver que a fada levantou as espadas de novo. – Por isso te libertamos.

– Não irei ajudá-los – sibilou Azi-ol.

– Trezentos anos presa nesse casulo te enfraqueceram – continuou Richard. – Talvez não sobrevivas na Floresta; talvez nem chegue a sair daqui.

A fada fitou Richard. William não tirava os olhos dela.

Pensava se atacariam a fada. Como não era humana, ele com certeza não teria problemas adicionais nos céus se a matassem.

Ficou mais aliviado ao ver Azi-ol guardar as espadas. Agora era questão de tempo até saírem da caverna em segurança.

– Vejo que fala a verdade – disse ela. – Serão somente vocês contra o Senhor da Floresta? Se for, minha ajuda não adiantará.

– Outros vampiros vem acompanhando um exército de homens –

respondeu Blane.

– Ótimo, ótimo – disse a fada sorrindo, enquanto uma feição maldosa se formava em seu rosto. – Já fiquei aqui tempo demais. Quero ver esse grandioso exército.

Quando Richard concordou, a fada pegou um dos sacos na cintura, o abriu, pegou um pó branco e o atirou sobre o grupo. As entranhas de William se reviravam, enquanto, sob seus pés, o chão sumia. Quando o pó abaixou, ele se descobriu em frente à cabana de Damsell.

Azi-ol riu ao encará-los.

– Não sou tão fraca quanto pensam – disse Azi-ol, fitando o horizonte imerso na escuridão.

Os olhos dela emitiram um estranho brilho esverdeado e assim permaneceu por um tempo. Então, ela se virou para Richard com os olhos brancos de novo.

– Agora conversaremos – disse ela sorrindo, ao jogar um pó marrom sobre eles.

William agora se encontrava diante de uma escuridão que seus olhos vampíricos não enxergavam. Mantinha a espada em punho, esperando por um ataque.

– Richard? James?

– Buu! – exclamou Azi-ol atrás dele, que girou o corpo e por pouco não cortou a fada, que sorria amigável. Ela era a única coisa que via na escuridão.

William avançou, mas ela apenas desapareceu.

– O que fez aos outros?

– Estou velha demais para gastar minhas forças em lutas inúteis; desejo apenas dialogar. Os outros estão bem.

– Por que devo confiar nas suas palavras?

– Não tem outra escolha.

William guardou a espada na bainha.

– Você me intriga, William Brennan. Vejo uma aura marcante, mesclada de luz e escuridão. Sinto seu lado negro clamando pela liberdade. Um desejo ardente de vingança. Sinto amarras te envolvendo; amarras que você mesmo se impôs. Sabia que isso limita seu poder? Parece um urso preso ao corpo de uma andorinha.

– Não gosto do rumo desta conversa... Por que não aparece?

– Estou aqui – disse ela à sua frente, apontando-lhe para o pescoço uma longa espada enferrujada. – Se quisesse, teria arrancado sua cabeça com apenas um golpe.

– O que está esperando?

– Desejo apenas ajudar – disse a fada sorrindo, mas sem abaixar a espada. – Vejo que deseja poder para remediar uma tragédia. Fique com esta espada como um presente. Ela é a lendária Etrom Lanif.

Azi-ol abaixou a espada e ofereceu o cabo para ele.

– Esta espada enferrujada é especial? – perguntou, pegando a espada para avaliar.

A lâmina longa, maior do que qualquer outra que já tenha visto, tinha um carvalho em baixo relevo gravado no metal, assim como a inscrição do nome: Etrom Lanif. O cabo desgastado era uma meia-lua invertida com uma pequena gema branca rachada, do tamanho de uma ervilha encravada com perfeição.

– O criador dela foi o mesmo que forjou a Excalibur.

– A espada do rei Arthur?! Qual o poder dela? – perguntou William, brandindo a arma.

– No momento, nenhum. Ela está morta.

– Uma espada não morre.

– Não espero sua compreensão. Meu poder a fará reviver uma vez mais quando você estiver em perigo.

– O que quer? – perguntou William.

– Posso te presentear com poder de verdade – disse Azi-ol. – Poder suficiente para derrotar seus inimigos.

– Como?

Ela não respondeu.

– Como seria possível? – perguntou William, de novo.

– Precisaria primeiro matar um vampiro. Quanto mais forte, melhor. Arranca o coração. Quando o fizer, basta me chamar.

– Não mato por prazer. Agradeço pela espada, mas só.

A fada riu por um momento.

– Não negociava contigo, Brennan. Sem minha ajuda, nunca terá sua vingança.

– Apenas os profetas de Deus sabem o futuro.

– Eu vejo além do tempo, meu caro. Diga-me: entre a redenção e a vingança, o que escolheria? – perguntou ela, sorrindo.

– Você já deve saber.

– Mas você ainda não – disse a fada, ainda sorrindo.

– Então é possível um vampiro voltar a ser humano?

Redenção ou vingança? Realmente não sabia o que responder. Contudo, descobrir que podia voltar à vida o enchia de esperança. Ainda mais por ter alguém que sabia a resposta.

– Como me livro da maldição? – perguntou ele.

– No momento, você nada pode fazer. Guarde minhas palavras e minha oferta. Vai para junto dos seus companheiros! – disse Azi-ol, jogando pó marrom nele.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

William se descobriu sentado em um lugar desconhecido. O cheiro de podridão e as árvores negras mostravam que ainda se encontrava na Floresta das Trevas. Gostaria muito de queimar estas árvores malditas e nunca mais vê-las. Richard não estava presente, enquanto James se encontrava sentado ali perto a olhar o horizonte. William o chamou pelo nome, mas não houve resposta. Então se aproximou e quando tocou no ombro de James, tudo escureceu. Ao voltar a enxergar, se descobriu de novo imerso na escuridão de Azi-ol. Via somente James à frente, mas o vampiro não parecia enxergá-lo.

– Brennan! – chamou James, virando de um lado a outro. – Blane!

– Aqui somos eu e você, vampiro... – disse Azi-ol, aparecendo atrás de James.

– ONDE ELES ESTÃO? – berrou James, apontando a adaga para a fada.

Azi-ol fez um círculo com os dedos no ar. Dentro do círculo James se viu ao lado dos amigos. Ele deu um passo à frente e sua imagem também. Súbito, Azi-ol olhou para William e piscou.

– Você é um ser poderoso – disse James. – Como poderia nos ajudar?

– Não pense nos outros – respondeu a fada sorrindo. – Qual seu maior desejo?

– Respeito!

– Respeito vem através do medo.

– Desejo derrotar o vampiro mais forte desta região.

O sorriso de Azi-ol se alargou.

– O que me oferece?

– O que for preciso!

– Excelente – disse Azi-ol, tirando duas lascas de madeira com um palmo de comprimento cada da cintura.

A fada, então, fincou as lascas no peito do vampiro, que logo parou de se mexer. William não teve dúvidas de que o coração de James fora perfurado.

– Será um processo muito, muito doloroso – disse ela, parecendo saborear o medo nos olhos de James.

William deu um passo à frente. Precisava parar a fada, mas, nesse momento, os pés afundaram em lama negra, que lhe cobriu as pernas até o joelho. Por mais que tentasse, não conseguia mover as pernas.

À sua frente, Azi-ol rasgou a blusa do vampiro e, sussurrando, levantou as mãos ao alto. Ao estalar os dedos, as costelas de James se abriram, rasgando a carne no peito, como duas mãos ossudas. William só podia imaginar a dor que James experimentava.

Ela, então, removeu o coração do vampiro transpassado pelas lascas e espremeu o sangue daquela víscera na boca dela. Em seguida, cortou a palma da mão e vazou um pouco de sangue num saco de couro, onde cuspiu e sacudiu. Depois despejou o conteúdo gosmento amarelado em cima do coração e o colocou de volta. Enquanto sussurava, ela retirava as lascas e as costelas se fechavam para dentro do peito.

James berrou e saltou para trás.

– O QUE FEZ?

– Concedi a você um poder que fará os outros vampiros tremerem. Basta misturar seu sangue com terra e depois cuspir. Quanto mais sangue, mais forte a criatura será.

– Que criatura?

– O Servo da Terra, o escravo do poderoso deus Geb. Contudo, existe um “porém” – disse a fada, parecendo conter um sorriso. – Olhe para a sua mão e veja a marca nela. Sua morte será horrível.

– O que é a morte para um imortal? – zombou James.

Azi-ol gargalhou, jogando pó marrom em cima do vampiro. Quando James desapareceu, ela se virou para William.

– Chame meu nome quando também quiser poder.

Ao piscar, William se viu na Floresta das Trevas.

Por que ela lhe mostrou aquela cena grotesca? Nunca permitiria que abrisse seu peito para lhe dar um poder que vinha com uma maldição. Para William, já bastava a desgraça de ser um vampiro.

Richard, agora, se aproximava e William logo reparou na espada enferrujada que o vampiro trazia nas mãos, igual a arma que a fada lhe presenteou, embora menor.

– Esta arma se chama Etrom Areves. Mesmo enferrujada ainda corta muito bem – disse Richard.

– O que Azi-ol pediu em troca? – perguntou James, de repente, se aproximando.

– Foi um agradecimento por tê-la libertado – disse Richard.

William reparou que as nuvens cobrindo a Floresta abriram brechas para a passagem da luz das estrelas. O brilho da lua banhava parte da Floresta, dando um ar melancólico aos troncos negros. Por que Malthus permitia isso? Afinal, onde estavam Nigel, Lisa e Vincent?

Passos, então, ecoavam ao longe, denunciando o deslocar de uma multidão. William logo avistou um grande exército de homens carregando brasões de diversas famílias, passando na base da colina. Havia entre eles até mesmo o brasão do rei John.

Um pouco abaixo de onde estavam, William encontrou três casulos de êxtase largados sobre uma moita espinhenta. Sacou a nova espada e fez cortes nos casulos. Lisa saltou e caiu sentada ao chão. Vincent saiu logo depois.

– Onde... eles estão? – balbuciou Lisa.

– Aquelas criaturas não serão mais problemas – respondeu James.

Enquanto James lhes explicava o que acontecera, William ajudou Nigel a sair do casulo. Para seu alívio, o criado ainda vivia, embora o corpo ardesse em febre. Por um instante, pensou em como seria bom se deliciar com sangue humano fresco. Talvez só um pouco não fizesse falta a Nigel.

– Devemos alcançá-los – disse Richard, colocando a mão sobre o ombro de William.

William, então, se livrou dos pensamentos perigosos e carregou Nigel sobre os ombros. Quando desceram a colina, James berrou. Os cavaleiros cobrindo a retaguarda lhes apontaram as lanças e os vampiros não ofereceram resistência. Três dúzias de cavaleiros os conduziram para a tenda do conde Henry de Bohun. O nobre olhou para eles de alto a baixo e ordenou sem demora que lhes cortassem as cabeças.

– Espere, meu senhor – disse Adrian Clack, de repente, entrando na tenda. – Estes são os espiões que enviei para cá a fim de descobrir a localização do demônio controlador da Floresta Maldita.

– Pensei que tivesses enviado uma expedição de quarenta homens – respondeu o conde, ordenando que baixassem as lanças.

– A Floresta ceifou a vida de quase todos – respondeu Richard.

– Este homem precisa de cuidados – pediu William, entregando Nigel para um pajem.

O conde gesticulou para que o grupo o seguisse.

– Desculpai-me o mau jeito, rapazes... e senhorita – disse ele, demorando o olhar em Lisa. – Como deixaram tão distinta dama segui-los em uma viagem tão perigosa?

A vampira se retraiu. Parecia que ia voar no pescoço do conde.

– Meu senhor, ela não fala. Nós a resgatamos das garras de demônios – disse Richard. – Tenho algo para ti, meu senhor – e entregou o mapa de Damsell ao conde.

– Excelente trabalho – disse o nobre, sorrindo. – Garantirei que vosso senhor lhe recompense por este valioso serviço. Com vossa licença – disse, afastando-se do grupo.

– Virdes – pediu Adrian, saindo da tenda. – Vos levarei aos outros.

– Qual o tamanho deste exército? – perguntou Richard.

Para William era impressionante a quantidade de homens armados andando de um lado a outro. O vento tremulava as diversas bandeiras no topo das tendas, trazendo o cheiro mórbido dos outros vampiros.

– Dois mil e quinhentos homens – respondeu Adrian, sem conter um sorriso de orgulho. – Vossa Majestade também providenciou dez catapultas, cinco torres móveis e outros acessórios de guerra.

Mesmo sendo um exército admirável, William não se interessava por esta guerra. Quando encontraria Sahur? Precisava saber, afinal, a identidade do assassino e dar o fora dali.

William, então, olhou para Adrian.

– Sinto muito por Kalmir – disse.

– Eu me preocuparei com isso depois – respondeu Adrian.

Neste momento, dois braços fortes levantaram William.

– Ah, meu garoto! – exclamou Reinald, com um largo sorriso no rosto cansado. – Sabia que conseguirias.

Depois daquele abraço, William teve a impressão de quebrar uma ou duas costelas, mas estava aliviado por estar a salvo.

– Também conseguiste, Richard! – disse Reinald para Blane. – Estava com saudade do meu amigo carrancudo e resmungão.

Richard ainda estendeu a mão para manter Reinald afastado, mas não adiantou. O nobre também lhe abraçou. Logo as trombetas soaram junto ao rufar dos tambores, anunciando a partida iminente. As tendas vieram abaixo, enquanto os cavaleiros voltavam aos cavalos.

– Como os mortais enxergam nesta escuridão absoluta? – perguntou Richard.

Reinald franziu as sobrancelhas.

– Que escuridão? Desde que viemos, o clima permanece escuro e nublado mesmo de dia, mas permitindo uma boa visibilidade. As nuvens pesadas bloqueiam o sol, o que permite aos vampiros andar durante o dia.

– A Floresta não permitia que os humanos vissem um palmo à frente do nariz – disse Richard. – Por que isso agora?

– Talvez Malthus esteja nos desafiando – respondeu William. – Quer mostrar que não nos teme.

– Guardei sangue fresco nos jarros, vamos brindar a vossa volta – anunciou Reinald. – A propósito, onde estão Nigel e Samuell?

– Sinto muito – disse William, cabisbaixo. – Samuell não sobreviveu. Nigel está sob cuidados.

A tristeza no semblante de Reinald fez-se visível. William, então, deu uns tapinhas no ombro do nobre como faria para consolar seu pai.

– Nigel e Samuell são companheiros de longa data. Sinto como se perdesse um pedaço da minha alma – disse Reinald, entregando um recipiente de barro para William, que logo se fartava de sangue com gosto esquisito por causa das ervas que adicionaram para o sangue não endurecer.

Quando as crias de Sahur chegaram acompanhadas dos vampiros do burgo, Richard relatou sobre os desafios enfrentados na Floresta. Os únicos ausentes eram Lam Sahur e Adrian Clack.

William, logo depois de descobrir que estava na Floresta das Trevas havia seis meses, entrou na carruagem de Reinald. Bebeu mais uma dose de sangue e descansou. A brisa fria da noite veio castigar-lhe o rosto e bagunçar os cabelos. As vozes fantasmagóricas haviam se calado. Raios, agora, riscavam o céu e logo um trovão retumbou. Perguntou-se qual seria o plano de Malthus.

– Pareces preocupado – disse Richard, entrando na carruagem. – Ainda não tive a oportunidade de agradecer por salvar minha vida.

– Você teria feito o mesmo por mim.

Richard fitou o céu em silêncio.

– Não sei se teria feito o mesmo. Meu coração secou há muito tempo, mas tua pergunta "*você não foi mortal um dia?"* não me sai dos pensamentos. Lembro-me como eu era antes de ser aprisionado por Sahur. Nenhum vampiro gosta de lembrar a vida mortal, por causa do remorso e do passado que gostaríamos de esquecer. Acho que no fim a desesperança é tudo o que nos resta...

– Mesmo em tempos sombrios, devemos manter a esperança de que dias melhores virão. Temos a vida eterna para esperar e lutar. Você disse que procurava um lugar no mundo. Você já tem um lugar no mundo!

– Hoje entendo o porquê de Reinald achar que és especial – disse Richard, quase sorrindo. – Ainda restam bondade, esperança e sonhos em ti. Tu desafiaste Sahur e saíste ileso da floresta para onde foi mandado para morrer! Estás vivo depois de todos os perigos da Floresta Maldita.

– Por alguma razão tenho o poder de um vampiro de cem anos.

– Tens a minha força e és apenas um novato! Mas nada, William, supera tua capacidade de sonhar e transmitir esperança. Comparado a ti, Reinald é, no máximo, justo. Como vampiro, ele também mata assassinos e ladrões, mas não muda. Eles também não são humanos? Não merecem a chance do perdão? Reinald já não sente mais remorso como tu. Enquanto sentires remorso significa que ainda és humano. Um vampiro humano. É irônico.

– Esperanças e sonhos não vão trazer minha família de volta. Preciso domar meu lado negro para obter um poder ainda maior.

Richard deu os ombros.

– Queria apenas entender por que Reinald te escolheu. Décadas atrás, quando ele resolveu confrontar Sahur, fui o primeiro a apoiá-lo. Eu tinha apenas três anos como vampiro. Era rebelde e tinha a língua solta. Reinald foi o meu guardião, William; devo muito a ele. Hoje, tudo que me sobrou foi a determinação de fazer Sahur pagar caro pelo que fez!

William continuou quieto. Richard lhe apontou o dedo.

– Vejo essa determinação em ti, garoto. A prisão se encarregou de mudar o meu modo de agir e pensar. Para melhor ou pior, só o tempo dirá. Espero que não te tornes como eu. Tu também salvaste a vida de Reinald, ao dar uma nova esperança para aquele velho vampiro.

Quando Richard partiu, William voltou a divagar.

Às vezes não queria ser como era. Seres malignos, como Sahur, Arctur e Malthus, conseguiam o que queriam sem importar com quantas vidas tivessem que arruinar. Maldita consciência que o travava. William das Trevas se daria melhor do que ele? Pensou, então, nos seus pais e irmãos. Retirou, por fim, um pequeno crucifixo de madeira do bolso e rezou em silêncio.

Deus, Pai eterno e Todo-Poderoso, perdoe este humilde pecador. Por favor, acolha em Vosso reino meus pais e meus irmãos. Eram boas pessoas. Não mereciam a morte que tiveram. Meu pai e minha mãe, eu não pude defender nossa família, mas farei o assassino sofrer. Quero aqui reforçar meu juramento, pois no momento não posso cumpri-lo. Tenho que reparar um grande mal que fiz ao permitir que um monstro revivesse a Floresta das Trevas. Sei que não tive culpa, mas meu coração não se sente assim. É por isso, meu pai, minha mãe, que vou me desviar do meu objetivo. Não deixem de olhar por mim. Amém.

CAPÍTULO TRINTA

Graças ao mapa de Damsell os homens iam ao encontro de Malthus. Flocos de neve caíam agora do céu, enquanto a forte ventania obrigava a expedição a fazer uma parada. William estava bastante animado com a proximidade da fortaleza do inimigo e queria saber o quanto antes a identidade do assassino prometida por Sahur.

– Tens estado muito quieto, William – disse Reinald, aparecendo ao seu lado.

– Como está Nigel?

– Melhorando. Pediu para te agradecer. Disse que nunca ficou tão contente por estar vivo, depois resmungou um pouco sobre eu tê-lo feito entrar nessa enrascada. A questão é: como você está?

– É um exército impressionante – respondeu William.

– Devemos ao Clack. Ele escreveu uma carta ao rei John e ao conde de Hereford relatando sobre esta Floresta. O rei, então, enviou um reforço de dois mil cavaleiros, além de mantimentos, carruagens e armas. Os ricos burgueses de Stanwell ainda ofereceram recompensa aos homens de boa saúde que se juntassem a esta expedição.

– Fico feliz – disse William. – Mas falando em Sahur, onde ele está?

– Na tenda de Adrian Clack.

– Podes me dizer qual delas é? São tantas bandeiras parecidas que me

perco.

Reinald o encarou.

– Sei o que quereis, mas isso não seria uma decisão sábia.

– Então não vai me ajudar?

Reinald bufou.

– Levar-te-ei à tenda de Clack. Se algo der errado, não acontecerá o pior.

O nobre, então, lhe conduziu pela multidão. William pisou em dois montes de fezes de cavalo no caminho, enquanto a neve ainda caindo, piorava a visibilidade a tal ponto que ele não mais enxergava as bordas do acampamento. Reinald parou em frente a uma das tendas e apontou a entrada para William, que entrou e avistou, no meio da barraca decorada com tapeçarias e almofadas, Lam Sahur jogando dados com suas crias, Charles Trevor e Peter Hosch.

– Ora, ora – disse Sahur sorrindo. – Se não são meus estimados inimigos. A que devo a honra?

– Gostaria de saber o que me foi prometido – respondeu William.

– Eu poderia dizer que foi Adrian Clack quem me entregou o mapa, mas não farei esta trapaça tão baixa – disse Sahur, virando as costas e atirando os dados. – Vai precisar de pelo menos uma soma de dez para me vencer agora, Charles.

Virou-se para William.

– Sei qual promessa fiz e fui claro: direi o nome do teu criador quando souber a localização do refúgio. Isso só acontecerá quando chegarmos lá. A menos que tenha algo novo a me dizer, quero que se retire.

William ia abrir a boca para responder, mas, nesse momento, Reinald lhe apoiou a mão no ombro e o conduziu para fora dali.

William cravou as unhas na palma da mão.

Quanto ódio do maldito Sahur! O que custava dizer o nome que ele tanto batalhou para descobrir? Ainda assim era apenas questão de tempo até que o garoto fosse obrigado a lhe revelar o nome do assassino de sua família.

† ‡ † ‡ †

Os homens caminhavam pela planície coberta por um fino tapete de neve, contornaram um lago congelado, desbravaram um vale sem se deparar com nenhuma criatura, névoa ou árvores a lhes incomodar. William estranhava tamanha facilidade. O que Malthus estaria tramando?

Sentado agora ao lado de Richard e Reinald na carruagem, William observava os raios riscando os céus, iluminando os troncos negros retorcidos da Floresta. Trovões retumbavam ensurdecedores, acelerando o bater de coração dos homens, instalando o medo. William avistou, então, ao longe um muro alto que tomava a planície de ponta a ponta. Nuvens pesadas recobriam o céu, sepultando o brilho das estrelas; a noite eterna regressava. Tinha a impressão de que a qualquer momento as vozes fantasmagóricas lhe atormentariam.

Neste momento, o exército se defrontava com o muro alto de pedras polidas de vinte e seis pés de altura. A parede formada por triângulos de pedra brancos e negros encaixados perfeitamente. Cada triângulo branco tinha um outro triângulo menor em alto relevo. Estacas negras e espinhentas cobriam a parte de cima do muro. Terminava, de um lado, virado para um imenso lago e do outro para um paredão rochoso impossível de ser escalado. O muro parecia abandonado – não havia ninguém, seja para vigiar a aproximação do inimigo, seja para atacá-los.

Um raio, então, atingiu as estacas com um estrondo, fazendo os cavalos mais próximos relincharem e empinarem. Alguns homens murmuravam, pedindo a Deus proteção contra os demônios. O fogo logo se alastrou pelas estacas do alto do muro, produzindo uma chama azulada. William não gostou disso. Richard comentou que este obstáculo estava no mapa. De fato, o conde, aos berros das trombetas, conduziu o exército até o portão de entrada a uma légua dali.

Feito de madeira e reforçado por grossas barras de aço na horizontal, o portão carregava diversos espinhos metálicos de duas polegadas para intimidar qualquer eventual inimigo. Parecia estar funcionando. De repente, uma forte

ventania atingiu o exército, obrigando-os a proteger o rosto e agitando ainda mais os cavalos. Os portões então se escancararam, como se abertos por demônios invisíveis. Quando o vento cessou, o exército dos homens, afinal, atravessou os portões. William ouvia os corações acelerados. A Floresta voltava a afiar as garras.

O conde ordenou mais um descanso, talvez o último. A escuridão parecia lutar contra o fogo das fogueiras e se tornava mais densa. William escutou um zunido incômodo como se uma abelha invisível estivesse por perto. Um mau pressentimento se apossou de William quando uma fina e fria névoa começava a se alastrar. Fora da carruagem, os homens cochichavam sobre vozes demoníacas e William se encolheu no banco; o zumbido piorava.

Ele se viu agora de volta ao campo de batalha da revolta camponesa. Os corpos de amigos e conhecidos se amontoavam no chão, muitos ainda agonizando. À frente, o corpo decapitado de seu pai. A cabeça dele ao chão ainda piscou. Foi quando o misterioso cavaleiro de elmo de lobo, que não usava mais nenhuma proteção metálica além do próprio elmo, chutou a cabeça para longe.

O assassino veio na direção de William. Um brilho esbranquiçado escapava pela fenda da viseira. A tempestade piorava e o vento levantou o manto negro que cobria o cavaleiro, revelando um conjunto de roupas cinzentas e caras. Uma das mãos, coberta por uma luva de couro, ainda respingava o sangue de seu pai. William não podia ver o rosto do inimigo, mas de alguma forma pressentia que ele lhe zombava.

Neste momento, os camponeses atacaram o inimigo. O cavaleiro esmagou o pescoço de um aldeão com apenas uma das mãos e, utilizando uma velocidade fora do normal, virou-se e aparou com a espada as foices de dois revoltosos. No instante seguinte, sem que William enxergasse o golpe, a cabeça dos dois camponeses tombaram. Ainda assim, William avançou e transpassou as costas do maldito com a foice.

A seguir, um soco com a força de uma marreta atingiu seu nariz e o arremessou para trás. A vista embaçava, mas ele viu o corte que fez no inimigo se fechar. A roupa rasgada do adversário ainda revelou uma pele pálida cheia de cicatrizes.

William agora se viu deitado no seu antigo casebre em uma poça de sangue. Ao se levantar, limpando o rosto, se deparou com o restante da família caída ao chão; os corpos mutilados, desmembrados. Sangue viscoso ainda escorria pelas paredes, banhando as vísceras espalhadas. A cabeça da mãe se encontrava virada para trás; uma das mãos arrancadas. Os três irmãos mais novos, Alan, Gilbert e Peter, se encontravam em posições estranhas como se os corpos não tivessem ossos.

– **Diga-me o que desejo saber e vossa irmã viverá**.

William encontrou Sarah caída aos pés do cavaleiro. Apesar de o maldito não vestir mais o elmo de lobo, não enxergava seu rosto, como se a escuridão ainda lhe protegesse a identidade. Um par de olhos o encarava, emitindo um sinistro brilho azulado. O demônio pisou na mão da irmã, que gritou. William avançou para cima do vampiro. Levantou a mão para socar, mas o desgraçado segurou-lhe o punho. Então, tudo escureceu.

Quando abriu os olhos, desta vez, encontrou Reinald à sua frente. William desviou o olhar.

Por que não se lembrava do rosto do assassino? Agora tinha certeza de que vira o rosto do desgraçado. Bastava se lembrar e não precisaria de ninguém para continuar em busca de vingança.

Reinald perguntou se estava tudo bem, levantando o cenho naquela expressão característica de preocupação.

William aquiesceu. Ia dizer algo, mas a carruagem de repente parou. O vento mudou de direção e trouxe um cheiro de carne podre tão forte que bloqueava o fedor natural da Floresta das Trevas. Ele pôs a cabeça para fora da janela e viu que o exército parou devido a uma turba, à frente, de centenas de homens grotescos, imóveis como estátuas deformadas de guerreiros empunhando armas quebradas e enferrujadas. William logo notou a pele rachada e a carne podre enegrecida pendendo dos ossos à mostra, enquanto as vísceras de dezenas caíam para fora através de rasgos na barriga. Dezenas com narizes e orelhas carcomidos, outros nem essas partes tinham. Muitos não passavam de esqueletos recobertos por uma camada de carne enegrecida.

William fez o sinal da cruz e encarou Reinald, que se encontrava boquiaberto.

Quando um raio cortou o ar, iluminando aquela massa de horror, muitos homens gemeram e fizeram o sinal da cruz, vendo o que enfrentariam. Os guerreiros mais à frente recuavam quando as trombetas soaram e os tambores rufaram. O conde partiu para a dianteira do batalhão e se virou para o exército.

– HOMENS DE BOM CORAÇÃO, ESCUTAI-ME! – bradou Henry de Bohum. – AVANÇAMOS POR ESTA FLORESTA AMALDIÇOADA PARA DERROTAR O DEMÔNIO QUE NOS ENCHE DE PAVOR E PÕE EM RISCO A VIDA DE NOSSAS ESPOSAS E CRIANÇAS!

O padre seguia a cavalo, jogando água benta nos guerreiros e recitando o salmo de vitória.

– A DERROTA DESTE MALDITO É A VONTADE DE DEUS, NOSSO PAI CELESTE E SEU AMADO FILHO!

Os homens de cabeça inclinada rezavam aos sussurros, pedindo por proteção.

– SE DEUS ESTÁ DO NOSSO LADO, QUEM SERÁ CONTRA NÓS? VAMOS MOSTRAR A ESSE SER MALÉFICO A NOSSA BRAVURA! ESTAIS COMIGO?

Os homens empunharam as armas e berraram o nome do conde.

Um trovão caiu no meio da planície entre os dois exércitos como uma resposta à ousadia dos humanos. Um vendaval passou pelo exército dos mortais, castigando seus rostos, levantando pequenos flocos de neve do chão. A risada desprovida de emoção de Sian Malthus soou pela noite. A névoa se condensava e envolveu o exército dos guerreiros deformados.

A multidão de vozes malditas gritou, lamentou, xingou, amaldiçoou. Os fantasmas, afinal, apareceram em cima do exército dos mortos e, como por mágica, entraram nos corpos. Os olhos dos desfigurados emitiram um brilho avermelhado, enquanto os dedos se mexiam devagar. Um calafrio percorreu a espinha de William. As nuvens, então, bloquearam a pouca luz restante do céu, devolvendo de vez a Floresta para a noite eterna e escondendo o exército dos mortos na escuridão. Soomente as tochas do homens providenciavam uma luz fraca.

William saiu da carruagem.

Malthus se revelava. Não sabia se sobreviveria, mas a guerra, enfim, teria início.

CAPÍTULO TRINTA E UM

William observava agora o conde de Hereford empunhar a espada. Um pajem ajeitava a braçadeira e a placa de ferro no peito do nobre.

– Ele tem medo – disse Reinald. – Mas os homens não podem perceber. Uma guerra pode não ser ganha somente com a coragem, mas é certeza uma derrota por causa da covardia.

William queria que aquilo acabasse logo. As trombetas soaram e metade do exército se agrupou nos flancos da primeira leva. Um relâmpago incendiou o mato rasteiro da planície, melhorando a visibilidade. O som retumbante do trovão fez avançar o exército dos mortos.

O conde se posicionou na parte de trás do exército, junto aos nobres e aos ricos burgueses. A trombeta soou quatro vezes. Os arqueiros, então, se adiantaram e formaram uma fileira dupla. A primeira fila armou o arco e esperou. Quando o exército inimigo cobriu metade da distância que os separava, uma trombeta soou e uma saraivada de flechas cortou a noite e atingiu em cheio os mortos, que continuaram a avançar.

A trombeta soou novamente, seguida por outra chuva de flechas. Os mortos ainda avançavam. Os tambores rufaram, fazendo os arqueiros recuarem. Os cavaleiros abaixaram os elmos, levantaram as lanças e partiram. Logo atrás vieram a guarda de Stanwell e os aldeões voluntários para a campanha.

William sabia que os cavaleiros montados em seus cavalos, empunhavam lanças que eram as mais poderosas armas existentes. Uma vez dada a ordem para avançar, era tudo ou nada. O chão tremia ante a poderosa cavalaria. Os exércitos, enfim, se chocaram no meio do fogo rasteiro e William imaginou que assim

deveria ser o Inferno. Os cavalos derrubaram, pisotearam os mortos das fileiras da frente, enquanto lanças perfuravam o peito dos inimigos.

Os cavaleiros largaram as lanças e sacaram as espadas. Os mortos revidavam também com espadas, machados, tridentes e lanças enferrujadas e quebradas com uma habilidade impressionante. Afinal, a maioria deveria ser soldados e guerreiros em vida que tiveram o azar de entrar na Floresta Maldita.

Os mortos acertavam os cavalos, derrubando os homens. Os desfigurados, então, se agrupavam em cima do humano e o matavam. Por mais que os cavaleiros golpeassem os mortos, eles ainda avançavam sem demonstrar dor ou medo. Ao contrário dos homens caídos que berravam, choravam diante da morte.

William abaixou a cabeça.

Era essa a morte honrosa tanto pregada pelos cavaleiros? Morrer desse jeito humilhante, derramando lágrimas e implorando pela vida? Por um momento, ele os desprezou: pessoas fracas que diante da morte tremiam. Mesmo que caísse diante do assassino da família, morreria lutando, sem jamais desistir.

William perguntou a Reinald porque o restante do exército não ajudava. Um terço dos homens já caíra em combate e o restante não parecia nada bem. Por outro lado, um número bem menor do exército dos mortos fora derrotado. Reinald apenas apontou para uma dúzia de jovens carregando barris contendo um líquido negro para a linha de frente. Eles, logo, espalharam o conteúdo no chão à frente dos arqueiros.

– Espere e verá – disse o nobre.

Um guerreiro jogou, então, uma tocha no chão e o fogo seguiu o rastro do líquido negro. Nesse momento, a trombeta soou e os cavaleiros em combate recuaram. Os arqueiros pegaram suas flechas, colocaram a ponta no fogo e a posicionaram no arco. Quando a trombeta ressoou, uma chuva de flechas flamejantes caiu sobre o exército de Malthus. Desta vez, os mortos atingidos urraram um grito de gelar corações. A segunda rodada de flechas iluminou a noite como vaga-lumes reluzentes, açoitando uma vez mais o exército dos desmortos, que afinal recuou, arrastando uma centena de sobreviventes com eles.

Richard se aproximou de William e Reinald e lhes mostrou uma cena

dantesca. Os mortos, agora ao longe, se debruçavam sobre os homens caídos e deles arrancavam grandes nacos de carne, comendo com voracidade. Era possível ouvir os gemidos dos sobreviventes e, os que tinham forças, gritavam. Os cadáveres agora avançavam devagar. Parecia que Malthus queria mostrar que os homens nada podiam fazer contra seu exército. William fez o sinal da cruz. Como derrotar um exército de mortos-vivos? Não sabia a resposta.

Um grupo de cavaleiros carregou os homens feridos em combate para as fileiras de trás, onde pajens armaram tendas para atendimento dos barbeiros-cirurgiões. William calculou que quase metade do primeiro batalhão morreu.

Neste instante, Reinald avisava que os vampiros participariam do novo ataque, com exceção de Lisa, Adrian, Sahur e suas duas crias. As trombetas soavam e, enquanto uma nova rodada de flechas flamejantes açoitavam os mortos, os cavaleiros restantes se organizavam em uma fila em meia-lua. William permaneceu junto a Richard e Reinald. O nobre empunhava um machado, enquanto ele e Richard carregavam as espadas Etrom. Queria, afinal, usá-la em combate.

Mais flechas flamejantes atingiram o exército dos desmortos, que ainda avançava. O som das trombetas fez os cavaleiros investirem uma vez mais, pisoteando os cadáveres da linha de frente. Os guerreiros a pé, vindo logo atrás, trataram de fatiar os zumbis antes que os mortos se levantassem.

William se encontrava satisfeito com o fio da Etrom Lanif. Mesmo enferrujada, a espada era eficiente em combate, cortando os mortos como se fossem manteiga. Avistou Reinald, com seu machado, destroçando de dois a três zumbis por golpe. James, ao longe, esmurrava a cabeça das criaturas com uma maça de ferro recheada de espinhos. Miller Robert, a leste, girava uma corrente com uma bola de ferro na ponta do tamanho de um melão, esmagando os inimigos no caminho.

A vantagem numérica dos homens parecia fazer a diferença. O medo inicial os cegou para o óbvio. Os mortos carregavam armas enferrujadas, quebradas e não tinham nenhuma proteção decente no corpo. Embora não pudessem ser mortos, despedaçá-los parecia ser o melhor modo de derrotá-los. Quando os tambores anunciaram a vitória, os homens levantaram as armas e gritaram. O conde deu ordens para abrirem os barris de vinho e liberarem queijos e pães de boa qualidade para os homens comerem com carne de porco defumada.

William limpava a espada na sola. Um pensamento sombrio lhe veio à mente: que outras artimanhas Malthus preparava para eles? William sobreviveria. Sua vingança dependia disso.

† ‡ † ‡ †

William agora descansava na carruagem. O fogo já consumira os corpos do exército de mortos e tudo parecia calmo. Até o vento cessara.

TRAM! TRAM! TRAM!

Que barulho infernal seria esse?

William olhou as redondezas, mas não havia nenhum movimento a não ser das folhas nas árvores. Trovões retumbavam próximos.

TRAM! TRAM! TRAM!

As trombetas logo soaram, acordando quem ainda dormia. Os cavaleiros, com a ajuda dos escudeiros, se vestiam para a batalha.

TRAM! TRAM! TRAM!

O conde ordenou que dez homens verificassem o que ocorria. Os batedores galoparam para a elevação mais adiante.

TRAM! TRAM! TRAM!

Fosse lá o que estivesse se aproximando, estava próximo agora. O som metálico ecoava pela noite e acelerava o coração dos homens. O fedor do medo se alastrava.

TRAM! TRAM! TRAM!

Os batedores voltavam agora.

TRAM! TRAM! TRAM!

O barulho agora quase encobria o rufar dos tambores. O terror se encontrava logo ali atrás da colina, esperando por eles, chamando-os,

desafiando-os. Os cavaleiros se agruparam em fileiras. Os homens a pé se posicionaram atrás. Os arqueiros por último. O conde Henry de Bohum permitiu que as tendas dos barbeiros continuassem armadas. Os cirurgiões trabalhariam com seu arsenal de ferros para a cauterização de ferimentos e óleos quentes junto com os padres, caso alguém precisasse da extrema unção.

TRAM! TRAM! TRAM!

Os vampiros se misturaram aos humanos. A bandeira verde foi erguida e o exército andou. William ficou apreensivo com o que encontraria. O cheiro de carne podre infestava o ar. Trovões caíam, abafando o coro metálico a cada estouro. Um vento gélido castigava o corpo, enquanto uma garoa fina começava a cair.

TRAM! TRAM! TRAM!

Uma subida nunca demorou tanto. Ao alcançar afinal o topo, William encontrou milhares de mortos em formação de combate. Desta vez, até mesmo esqueletos de animais faziam parte do aglomerado. Uma centena de cadáveres montavam em cavalos podres, apontando-lhes armas novas e afiadas; dezenas, agora, munidos de pequenos escudos redondos. Os mortos batiam ao mesmo tempo com as espadas nos escudos produzindo o som metálico que inibia o ânimo dos homens.

TRAM! TRAM! TRAM!

A massa de mortos-vivos bloqueava o acesso à extensa e estreita ponte que levava até a ilha-fortaleza do novo Senhor da Floresta das Trevas, no meio do grande lago que William avistara no alto da colina antes de conhecer Azi-ol. Era um castelo de quatro andares protegido por muros colossais de blocos de pedra. Arqueiros em decomposição se posicionavam nas duas torres frontais e na torre ao final da ponte que dava acesso ao portão do castelo. Heras espinhosas recobriam os muros, a ponte e as imensas torres. A chuva agora engrossava.

TRAM! TRAM! TRAM!

Os mortos batiam as espadas mais forte e mais rápido nos escudos. Os homens estavam em desvantagem numérica, mas não importava; Deus estaria ao

lado deles. Ao soar das trombetas, os cavaleiros avançaram.

Um trovão caiu perto do exército dos mortos, incendiando uma das poucas árvores. Os cavaleiros-desmortos também vieram, apontando-lhes as longas lanças. O choque entre os exércitos foi violento. Cavalos tombavam. Espadas, maças, machados e escudos se chocavam, derrubando guerreiros, retalhando os mortos.

William decapitou um guerreiro-cadáver, enquanto socava outro para longe. Os mortos, mais fortes e rápidos, manejavam as armas com precisão impressionante. Os animais mortos atacavam a dentadas e era difícil lidar com eles. William partiu um cachorro esqueleto em dois. Impossível dizer no momento quem seria o vencedor. Só podia manter a fé, continuar lutando.

A chuva apertava. Relâmpagos iluminavam a escuridão por instantes, enquanto o trovejar dos relâmpagos o ensurdecia. William já perdera a conta de quantos mortos havia derrubado. Agora que encontrou a fortaleza, quando esta batalha terminasse, procuraria Sahur para arrancar dele a informação que prometera. Nesse momento, rochas flamejantes voaram por cima de sua cabeça e atingiram os mortos ao fundo. As catapultas do rei, afinal, entravam em ação.

Um lobo-cadáver cravou os dentes no tornozelo de William, que girou a Etrom Lanif e cortou fora a cabeça do animal. Ferimentos não incomodavam; seu corpo regenerava em instantes. Se a fome aumentava, era só beber sangue dos humanos caídos. Arctur tinha razão em dizer que o medo dava um gosto especial ao sangue.

William decepava as patas de um urso-esqueleto. Partiu o crânio do bicho ao meio com um potente golpe. Mais pedras voaram e esmagaram os mortos das últimas fileiras. Um trovão rugiu furioso no meio da batalha, derrubando homens e desmortos. Mais raios caíram no campo. Dúzias de homens caíram mortos depois de se contorcerem no chão.

No instante que decepou o décimo inimigo, William presenciou um raio cair no alto de uma das imensas torres internas da fortaleza. Um brilho intenso agora vinha de lá. Do alto da torre, o barão Malthus segurava o cajado, enquanto o raio circundava seu corpo como uma cobra inquieta e incapaz de fazer mal ao dono. Ele apontou o cajado e atirou o raio que circulava no corpo. O trovão ecoou pela noite e o raio atingiu em cheio uma catapulta, que permaneceu

intacta, mas derrubou os guerreiros ao redor.

William não podia acreditar: o Senhor da Floresta das Trevas controlava trovões?! Enquanto pensava se poderia sobreviver a um raio, Malthus lançou um raio na direção dele. O clarão cegou William ao mesmo tempo que o estrondo explodiu nos ouvidos. A mandíbula fechou com tamanha força que ele pensou que quebraria os dentes. Uma onda de dor percorreu o corpo, paralisando-o, rasgando sua carne, queimando a pele. Quando a dor se foi, ele se levantou devagar, emanando uma fumaça mal-cheirosa. Escutava abelhas dentro dos ouvidos. Todos ao redor, homens e cadáveres, num raio de vinte pés, caíram. Os humanos estavam mortos com fumaça negra saindo dos corpos, enquanto os cadáveres ainda mexiam.

Precisava levantar a espada, mas a dor massacrou seu braço e ele largou Etrom Lanif. O mesmo aconteceu quando deu um passo a frente, caindo de joelhos ao chão. Os cadáveres se aproximavam cada vez mais, cercando-o. Quando o primeiro se aproximou, levantando um machado, Reinald lhe decepou a cabeça. O nobre se colocou ao lado dele e o protegeu dos ataques.

Ali, ajoelhado, indefeso, William testemunhou duas bolas de fogo atingirem duas catapultas, incendiando-as de imediato. Os guerreiros trouxeram as estreitas pontes móveis e as imensas torres de madeira móveis para frente das catapultas restantes. Os cavalos, então, com muito esforço, tombaram as torres, formando uma espécie de proteção contra as bolas de fogo. Mais pedras voaram sobre o exército dos mortos. Malthus lançou mais bolas de fogo, mas atingiu apenas as pontes móveis. Grossas nuvens de fumaça negra alcançavam o céu, impedindo talvez a visão de Malthus, pois ele parou de lançar fogo.

William, ainda protegido por Reinald, aos poucos voltava a ouvir os gritos dos homens caídos. Os demais vampiros retalhavam, decapitavam o maior número possível de cadáveres, mas eles pareciam cansados; os corpos ganhando feridas mais rápido do que curavam. Um vampiro, o leproso, caiu frente às bicadas dos corvos-cadáveres e os desmortos logo lhe perfuraram o peito e cortaram a cabeça.

– Prepara-te! Os vampiros invadirão a fortaleza agora – disse Reinald.

– Como pode saber?

– Ali – apontou Reinald para um cavalo branco.

William logo reconheceu o patife do Lam Sahur, sem nenhuma proteção, cavalgando em direção à ponte, esmagando os mortos pelo caminho. Correndo atrás dele, vinham Charles Trevor e Peter Hosch. De repente, as heras ao final da ponte abriram espaço para revelar o portão da fortaleza, que se abria agora. Malthus e onze seguidores, dentre eles Arctur e duas mulheres, vinham pela ponte para a batalha.

William apertou os dedos contra o cabo da Etrom Lanif. Sua vingança contra Malthus e Arctur afinal se realizaria. Os dois nobres que o aprisionaram, o traíram e o abandonaram para ser julgado por Sahur. Se Reinald não o deixasse decapitar os dois por causa da lei não-escrita dos vampiros, então cortaria as mãos e as pernas dos malditos e os lançaria ao lago.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

William, agora mais recuperado do raio que o atingiu, ao som brutal do choque das armas, dos gritos dos homens, da água desabando, dos trovões ricocheteando, abria caminho entre os mortos, decepando-lhes cabeças, pernas e troncos. Reinald e Richard vinham ao seu lado. Alcançar a ponte era o objetivo.

Sahur já se encontrava perto da ponte, enquanto Adrian Clack, cavalgava logo atrás, vestindo uma armadura de placas de bronze. Braçadeiras metálicas protegiam os punhos e as luvas de ferro com espinhos na parte de cima dos dedos causariam um bom estrago se ele resolvesse socar o adversário. As pernas estavam protegidas por um saiote de anéis de aço. Como inimigo ancestral de Malthus, o nobre saberia os pontos fracos do Senhor da Floresta das Trevas.

Neste momento, as catapultas atingiram pela primeira vez os muros frontais da fortaleza inimiga. Isso significava que o exército dos homens, afinal, avançava. Mais pedras voavam, destruindo a parte superior das torres frontais.

De repente, quando William se preparava para esquivar de um golpe de machado, o morto lhe virou as costas para atacar um humano. De súbito, a massa de mortos-vivos abriu espaço, como se para deixá-lo passar. Ele e Reinald se entreolharam; então, o nobre ainda com o machado em riste, partiu em disparada para o lago, sendo seguido por William e Richard. James e Miller os encontraram e juntos atravessaram a horda dos mortos-vivos sem serem importunados.

No momento que William chegou ao lago, avistou Lam Sahur e suas crias se digladiando com Malthus e seus seguidores um pouco antes da ponte. O cavalo de Sahur jazia ao chão, com as tripas à mostra. Três crias de Malthus se encontravam com braços e mãos decepados, mas ainda assim atacavam. Duas

delas, mesmo sem as pernas, se rastejavam na direção de Peter Hosch.

– Aproveite estes últimos momentos – disse Sahur, avançando para cima de Malthus e decepando, com a espada, as pernas de uma das seguidoras do maldito. – Quanto terminar contigo, desejarás a morte.

A seguir, um dos asseclas de Malthus socou o peito de Charles Trevor que, desprevenido, voou para longe. O pescoço estalou ao bater numa pedra e a cria de Sahur não mais se levantou.

– O que faremos? – perguntou Miller a Reinald.

Adrian Clack cortou a mão de uma das crias de Malthus. A cria saltou para trás e, sorrindo, socou o rosto de Adrian, derrubando-o. Por um instante, os olhos da cria, emitiram um brilho rubro, que logo desapareceu. Ao se levantar, Adrian havia se transformado. O vampiro apareceu na frente do adversário e decepou-lhe a barriga com a espada, mas ao contrário do esperado, não havia vísceras ali. No instante seguinte, Adrian Clack decapitou o adversário, mas, sem nenhuma explicação, o nobre caiu de joelhos.

– Não irei ajudar – disse Richard, cuspindo ao chão. – Desejo mais do que tudo a queda de Sahur e suas malditas crias.

– Preciso de Sahur vivo para ele cumprir a promessa que fez – disse William, encarando Reinald.

Peter Hosch, por sua vez, recuava. Sem que os inimigos nada fizessem, a cria de Sahur desabou.

Malthus permanecia protegido por três seguidores. Um deles acabava de ser partido em dois por Sahur. Arctur, então, com um golpe de espada, abriu o peito de Sahur. Num piscar de olhos, o líder dos vampiros apareceu atrás do ex-mestre de William, e, com um bater de palmas estrondoso, prensou a cabeça de Arctur e arrancou o crânio do pescoço.

– Teu pupilo já foi – disse Lam sorrindo, caminhado na direção de Malthus, que sacou uma espada. – Condeno a ti e tuas crias à morte!

Neste momento, Lisa e Vince chegavam.

Adrian Clack e Lam Sahur já haviam derrotado seis dos onze seguidores de Malthus. Charles ainda permanecia no chão com dois inimigos em cima dele, perfurando-lhe a barriga com lanças. Um terceiro colocava a mão sobre a boca da cria de Sahur. De repente, o corpo de Charles se transformou em dúzias de morcegos, espalhando-se pelo céu noturno.

A seguir, uma das inimigas agarrou Sahur por trás, mas ele se desvencilhou a tempo de não tomar uma golpe da espada de Malthus. Era estranho; na festa que Malster armara para matar os vampiros, Sahur mostrou-se muito mais poderoso do que agora. Ainda assim o líder virou-se, cortou as pernas da vampira e a chutou para o meio do lago.

William continuava apreensivo.

Havia algo errado. Mas o quê? Por que Malthus não atacava Sahur com o cajado? Nesse instante, Richard encarou William com um sorriso e ele entendeu o que se passava.

William, então, virou-se para Reinald.

– Temos que atacar agora ou Sahur cairá.

Dois seguidores de Malthus cercaram Sahur, que recuou. Ao errar um golpe na direção do pescoço da outra vampira, Sahur deixou a espada cair. Pegou uma pedra no chão e acertou em cheio no rosto dela, mas a vampira continuava sorrindo. Neste instante, Sahur, ofegante, caiu de joelhos ao chão.

Malthus se aproximou de Sahur, fincou a espada no peito do garoto, o agarrou pelo pescoço, levantando-o. Os olhos do barão brilhavam um vermelho vivo, enquanto Sahur gritava. Os vampiros recuaram um passo ao verem o líder derrotado. Trevor desaparecera, enquanto Peter Hosch e Adrian Clack estavam fora de combate.

– Aquele não é Malthus – disse William ao nobre. – São Predadores de Almas

Reinald separou os vampiros em trios e eles avançaram contra os falsos vampiros. William decapitou, ao longo do caminho, três Predadores já decepados por Lam Sahur, que agora emagrecia a olhos vistos nas mãos de Malthus.

Quando Reinald, Miller e um vampiro louro se aproximaram, o falso Malthus jogou Lam Sahur para longe, perto da ponte, e levantou a espada. Os três vampiros atacaram ao mesmo tempo e a criatura, sozinha, aparava os golpes com facilidade. Um movimento inesperado e Malthus cortou fora a cabeça do louro.

As criaturas, então, revelaram suas verdadeiras formas. Diante da cor azul enegrecida, bocas costuradas, olhos rubros e rosto deformados, os vampiros hesitaram.

William girou sua Etrom Lanif. Precisava acertar o Predador. A cada instante, a espada pesava mais nas mãos, que formigavam agora. As pernas de William falharam de repente e ele caiu de joelhos ao chão, largando a espada. James veio acudi-lo, mas a criatura o impediu com um murro. O Predador, em seguida, enlaçou-lhe os dedos podres no pescoço, sugando-lhe as forças. Nesse instante, uma flecha varou o peito da criatura, que o soltou. William, então, levantou a espada e vendo a criatura paralisada, cortou-lhe a cabeça. William enxergou Lisa com uma besta na mão e lhe acenou em agradecimento. Ela lhe sorriu, enquanto armava a besta.

“As criaturas ainda têm pontos fracos vampíricos.” – pensou.

Lisa acertou outra criatura, que parou também, se tornando alvo fácil de Richard. Entretanto a criatura que se disfarçou em Malthus pegou no ar a flecha destinada ao seu coração. De repente, o Predador escapou do machado de Reinald e cravou a espada na perna direita do nobre. Quando a criatura levantava a espada, Lisa acertou-lhe uma flecha no coração. Reinald se ergueu e decapitou o monstro.

William respirou aliviado. Não sabia quais artimanhas o barão ainda guardava, mas a cada vitória, William renovava as esperanças de vencer. Precisava sair vivo dali para Sahur lhe dizer quem era o assassino.

Ele, então, se sentou ao chão. O formigamento em suas mãos e pernas cessava aos poucos e uma sede voraz urrava nas entranhas. Vincent perdera a mão direita, Miller teve cortada a mão esquerda, um vampiro tivera as pernas decepadas e outro perdera a vida. Se não por Lisa, o número de feridos e mortos seria, com certeza, maior.

Sahur, por outro lado, se encontrava de pé, mirando a fortaleza. Ele nada

falava, mas o olhar dizia tudo: humilhado mais uma vez. Não seria boa ideia nem sequer ficar perto dele. William esperaria um pouco mais para perguntar-lhe a identidade do assassino.

Nesse momento, um uivo longo preencheu a noite, vindo do ponto mais distante do lago. Um uivo agudo de resposta vinha da margem oposta. Um cheiro fétido e insuportável empestou o ar. Reinald balbuciou apenas uma única palavra: lobisomens. William hesitou. Agora Malthus também controlava lobisomens?

Agora já era possível ouvir o galopar rápido e pesado dos lobisomens no meio da tempestade. Grandes como touros, os dois monstros de pelagem negra logo se mostraram, com espuma gosmenta saindo das bocas. Quando um vampiro virou-se para fugir, Sahur cortou-lhe as pernas.

– Não há o que temer! – disse Sahur. – Ficais comigo e sobrevivereis. Tentais fugir e sofrereis as consequências.

Sahur, então, se adiantou e, acompanhado de Peter e Adrian, avançou para cima do lupino mais próximo. O restante seguiu Reinald contra a segunda fera. William apertou com força o cabo da Etrom Lanif, enquanto se transformava. O lobisomem menor arrancou a dentadas o braço esquerdo de Lisa, e, com as garras, rasgava a barriga de Reinald. Era difícil acompanhar os movimentos do lobisomem, impossível se defender. Ao se pôr de pé, o lupino mutilou o rosto de William, enquanto James afundava a maça no braço da fera. O lobisomem urrou, cuspindo o braço de Lisa, e James Turner só não teve a cabeça cortada porque William pulou na barriga dele, derrubando-o no momento que o lupino atacava.

Miller Robert, então, atirou sua bola com corrente no peito do lobisomem. No instante seguinte, a fera abocanhava e arrancava a outra mão de Miller. Em vista disso, William cravou a Etrom Lanif na coxa do animal e, ao mesmo tempo, Richard acertou sua maça nas costas da fera, que urrou. As garras do lupino rasgaram a barriga de William. A criatura ainda o chutou para trás e William bateu com as costas em uma pedra a dezenas de passos de distância. Uma dor lacerante queimava-lhe o rosto e a barriga. Reinald cravou o machado no peito do lobisomem e olhou na direção de William, que gesticulou para dizer que estava bem.

Quando William catou a Etrom Lanif do chão, avistou James, mais afastado, pegar um punhado de terra e cuspir nela. Cortou o pulso e deixou sangue escorrer sobre o punhado. Quando ele largou a terra, o chão se remexeu como se estivesse vivo e a terra se amontou na frente dele, formando uma besta horrenda de pele amarronzada e lisa, que lembrava um rato gigante pelado, de dois braços robustos, mais longos do que as pernas com um rabo comprido e fino cheio de espinhos. Espinhos também encontrados nas costas e nos ombros. A cria de James tinha dois buracos no lugar das orelhas. O nariz era achatado e pequenino e os caninos inferiores tão grandes, que não cabiam na boca. A altura intimidava, sendo maior que o lupino.

– Ataque, meu Servo da Terra! – disse James, apontando para o lobisomem.

O monstro avançou para cima do lobisomem. Deu um murro no ombro do lupino, que estalou como graveto sendo quebrado. O lobo urrou, rasgando o peito da cria de James, de onde saiu apenas lama. O Servo, então, golpeou com o rabo espinhento o focinho do lobisomem. A seguir cravou os espinhos do ombro no queixo do lobo, que ganiu pela primeira vez igual a um cão assustado.

Quando o lobisomem tombou, o Servo continuou a surrar-lhe até sobrar uma massa de carne ensanguentada e disforme espalhada para todo lado. Nesse momento, James caiu desacordado e a criatura se desfez em lama.

William, ao longe, não acreditava no que acabara de testemunhar.

Esse demônio de terra poderia até mesmo confrontar Sahur. Se ele tivesse esse poder, o assassino de sua família não teria chances. Recordou-se, então, das palavras de Azi-ol: “Precisa primeiro matar um vampiro. Quanto mais forte, melhor. Arranca o coração, e quando o fizer, basta me chamar”. Cederia aos apelos da fada?

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

William, ali perto do lago, se levantou. Trovões rugiam como feras selvagens, saudando a tempestade que ainda caía forte. Sahur, Adrian e Peter já haviam derrotado o outro lobisomem e corriam agora sobre a ponte. Miller Robert, Vincent Lock e Lisa Brook tiveram mãos e braços decepados e, embora já tivessem recuperados os membros, como Arctur fez no passado quando o cavaleiro lhe arrancou a mão, se refugiaram na Floresta. Restava agora derrotar Malthus para terminar a guerra.

As heras da ponte chicoteavam contra Sahur, Peter e Adrian. Os ramos da grossura de um braço humano logo acertaram Peter Hosch pelas costas, derrubando-o de rosto nos espinhos. As plantas se enroscaram nele, golpeando de novo o rosto e perfurando o olho direito.

Quando Sahur se virou para socorrer sua cria, um ramo chicoteou o pescoço de Peter, cortando-lhe a cabeça. O olhar de Sahur amedrontaria o próprio demônio. Ele clamou o nome de Malthus tão alto que sobrepujou o trovão que agora caía. William entendia o ódio de Sahur. Afinal, o líder tinha sido manipulado pelo conselheiro, suas crias foram derrotadas e ele mesmo foi resgatado das mãos de Predadores de Almas para não morrer.

Richard correu para a ponte. William ia acompanhá-lo, mas a barriga ainda ardia e o ferimento demorava a fechar. De repente, algo mudou no ar e, quando William olhou para o alto, uma bola de fogo do tamanho de um boi vinha na sua direção. Não havia tempo de saltar e ele fechou os olhos à espera do pior. Esse seria o fim? Nesse instante, alguém o pegou e saltou com ele para longe. A bola de fogo vaporizou a lama ao tocar o chão e se extinguiu com um chiado alto.

– Está tudo bem? – perguntou Reinald.

William disse que sim, olhava agora para a torre de onde partiu o ataque. Malthus apontava o cajado para as catapultas e lançava uma nova bola de fogo. Ao lado do barão, Arctur de Vernon parecia se divertir com a carnificina acontecendo ali. Súbito, Arctur acenou para ele. Havia algo nas mãos. O que era aquilo? Não podia ser! William reconheceu, nas mãos de Arctur, o colar de corda com a cruz de latão de sua mãe. Mas como? Quando Arctur levou William para visitar seu antigo casebre, o colar não estava lá. Então o véu nebuloso encobrindo a verdade, enfim, caiu.

– Eu ia te contar... – disse Reinald.

– VOCÊ SABIA?! – bradou William, diante de mais uma traição.

Olhou de Reinald para o alto da torre, onde Malthus e Arctur se recolhiam para dentro da fortaleza.

– Você sabia... – murmurou.

Desde quando Reinald sabia? Desde que o encontrara? Não sabia o que fazer ou o que pensar. Era como se o chão se abrisse e o engolisse por inteiro. Uma queda sem fim no vazio de sua alma.

Reinald agora não parecia ter forças para encará-lo.

– Como descobriu? – perguntou William.

– Quando encontrei Malster no dia da festa de Sahur farejei um cheiro tênue, familiar ao teu. Naquela noite apenas desconfiei. Quando Sahur exigiu que tu e Richard não participassem da última reunião, ao dizer teu nome, Sahur deixou escapar algo sutil como uma pequena cisma, mas eu sabia que havia algo mais.

William permaneceu calado.

– Quando encontraste nossa caravana, Sahur teve que revelar quem eras teu criador. Querendo ou não, tu servirias como um espião. Perdoa-me, William. Sempre confiei em ti e continuo a confiar. És como um filho para mim.

A garganta de William estava seca demais para falar. Mesmo que pudesse, o que diria? O ódio agora lhe nublava a vista, o ensurdecia aos trovões. As gotas de chuva pararam em pleno ar. Suas pernas tremiam sem controle e ele caiu de joelhos na lama.

Suas lembranças o afastaram para longe, para uma batalha que ele gostaria de esquecer, mas cujo detalhes precisava lembrar para saber a identidade do assassino. Estava de volta às terras do baronete Truman, diante do pai caído, decapitado pelo ataque covarde do vampiro do elmo de lobo, que agora caminhava em sua direção, matando os camponeses que se intrometiam no caminho.

William, mesmo hesitando e com lágrimas nos olhos pela morte do pai, atacou com sua foice o inimigo pelas costas. Pela honra vingaria a morte do pai – ou morrer tentando. O vampiro lhe acertou o cotovelo no nariz, arremessando-o para trás. A vista embaçava, mas ainda assim ele se levantou, pegou um forcado abandonado no chão e atacou o assassino. Entretanto, em um movimento rápido, o maldito lhe arrancou o forcado e lhe acertou a ponta do cabo na barriga, fazendo-o arquear de dor.

– **Levanta, verme asqueroso!** – disse o vampiro, chutando-lhe a barriga. – **Vosso pai matou o homem que sabia onde ficam as terras da família Damsell. Mas, vejo em vossa mente que também sabeis. Diga-me onde encontro tais terras ou vossa família morrerá.**

O que o desgraçado queria dizer?!

O vampiro, então, lhe acertou as costelas com o cabo do forcado, arrancando dele um grito involuntário de dor. A seguir, o desgraçado afundou o calcanhar na sua barriga. William só não gritou porque lhe faltava ar. Então, um jorro de sangue e saliva escapou da boca dele, queimando a garganta, deixando um gosto amargo.

– **Onde ficam as terras dos Damsell?** – perguntou o vampiro, pisando-lhe no braço, que quebrou com um estalo alto.

William berrava e chorava quando o demônio largou o forcado e o levantou pela camisa. De repente, o mundo escureceu e algo rastejou em suas pernas. Ele tentou se mexer, mas o corpo não obedecia. A coisa lhe mordeu, arrancando um naco da coxa. A coisa logo rastejou devagar sobre ele até

alcançar a boca, por onde entrou, entalando na garganta e o impedindo de respirar. Naquele instante, se deu conta que morreria ali e, então, pediu clemência a Deus.

– **Diga onde estão as terras e o sofrimento acabará**.

William mordeu a coisa, partindo-a em duas. Ao voltar a enxergar, o vampiro lhe socou o olho, derrubando-o de costas ao chão.

– **Vossa alma é forte** – disse o vampiro, encostando-lhe a ponta da espada na barriga. – **Por não me dizer o que quero, vossa família morrerá**.

– Nã...não...!

Diante disso, o vampiro cravou-lhe a espada na barriga. Sangue em abundância jorrou da ferida, manchando o que restava da roupa. Quando o desgraçado puxou a lâmina, a ferida abriu ainda mais, queimando como se tivesse em brasas.

William se levantou o mais rápido que conseguiu. O vampiro desaparecera e sua família corria perigo. Ele pressionava o ferimento com a mão que o vampiro não quebrara, enquanto entrava no meio da plantação de centeio, onde estaria a salvo do ataque dos cavaleiros de Truman. Então, avistou um pangaré vagando pelo campo, assustado com a tempestade que desabava. Seu dono George, um camponês vizinho e amigo da família, se encontrava pendurado nas cordas que serviam de rédeas improvisadas – o corpo perfurado por cinco flechas. William segurou as rédeas, acariciando o focinho do bicho para que ele o reconhecesse. Derrubou o amigo morto e montou no animal.

William lutava agora para se manter acordado, pois se perdesse a consciência, poderia não voltar. Enrolara as rédeas no braço não-quebrado para se manter sentado e assim guiou o cavalo em direção ao lar. Várias vezes durante o percurso, seus olhos teimavam em fechar. O olho esquerdo inchado ardia, o braço quebrado irradiava ondas de dor e a ardência da ferida na barriga piorava. A morte talvez fosse só uma questão de tempo. Rezava a Deus para lhe dar forças e salvar a família. Ele avistou, afinal, sua casa ao longe e para lá acelerou o cavalgar. Ao se aproximar se desesperou com os gritos de sua mãe.

William temia o pior e, na pressa, quase caiu ao desmontar do cavalo. Cada passo dado era doloroso e angustiante, mas ele continuou até entrar em

casa. Assim, seu pior temor tomou forma. Sangue escorria das paredes, vísceras se espalhavam pelo chão. Os irmãos mais novos caídos no chão apresentando cortes profundos nos corpos. Dois irmãos, Alan e Gilbert, tiveram os pescoços esmagados e as cabeças se encontravam viradas em um ângulo não-natural. Já Peter teve as mãos e pés cortados e ainda respirava, encarando-o com desespero. Então, Peter não se mexeu mais. Eram apenas crianças e morreram por nada.

Sua irmã caçula, Sarah, se encontrava no chão e parecia ilesa. Sua mãe, por outro lado, estava nas mãos do vampiro, que havia retirado o elmo de lobo e lhe sugava o sangue do pescoço. De repente, o desgraçado levantou o rosto e o encarou com os olhos mais sombrios que William já conhecera. Emitiam um brilho azul-celeste esbranquiçado que fez a mão de William tremer sem controle. Agora, via o assassino: o barão de Karten, Sian Malthus.

O vampiro, então, tirou os caninos do pescoço de sua mãe. Ainda lhe encarando, Malthus enlaçou a garganta dela e apertou. William não permitiria que sua mãe morresse. Então, com a foice em punho, avançou. Entretanto, o barão apenas lhe esmurrou o rosto, lançando-o de costas à parede. William escorregou até bater com o rosto em uma poça viscosa de sangue. Controlando-se para não vomitar, ele se sentou, raspando a mão na sua foice ao chão.

– **Diga-me o que desejo saber e vossa irmã viverá**.

William usando as forças que ainda lhe restavam e apoiado pelo ódio, se esqueceu da dor que o assolava e partiu para cima de Malthus, que arregalou os olhos por um instante. William fincou sua foice no ombro do vampiro, dando, a seguir, uma cabeçada no nariz do maldito.

Uma dor lacerante na barriga fez William recuar e, a seguir, ver que o vampiro enfiara a mão enluvada no seu ferimento. Agora, ele sabia que a luva escondia a queimadura causada no vampiro ao segurar o cajado da Floresta das Trevas. Malthus lhe segurou pelo ombro e o socou na barriga, levando-o a vomitar mais sangue.

– **Sois resistente, verme** – disse Malthus, levantando William pela camisa. – **Pela vossa valentia, prometo tornar vossa vida um inferno.**

Assim Malthus lhe cravou os caninos afiados no pulso fraturado, causando dor equivalente a ferroadas de abelha. Um frio glacial envolveu William, fazendo a pele formigar e tornando a sensanção de falta de ar ainda

pior. Seus olhos se fecharam e ele pensou que ali afinal a morte chegaria. De repente, sangue banhou a língua e escorreu, queimando-lhe a garganta. Esse calor, então, chegou às entranhas e, de repente, o seu corpo parecia arder em chamas. O coração batia tão rápido, como se fosse arrebentar a qualquer instante.

– **Eu o amaldiçôo, camponês. Mas não vos lembrareis de nada. Sentireis assim a dor de nunca saber quem assassinou vossa família**.

Ainda envolto em dor, William odiava ser torturado para o prazer deste monstro. Raiva por ter assistido ao assassinato da família. Raiva por eles morrerem por nada. Raiva de Deus que nada fez para deter este demônio. Ele teria a sua vingança nem que para isso fosse necessário destruir, queimar, matar. Uma fúria crescente na alma, suficiente para enfrentar o Inferno, se fosse preciso, e perseguir o maldito vampiro que destruiu sua família. Quando pegasse Malthus, arrancaria os olhos e a língua, quebraria os dentes com uma pedra, enfiaria facas aquecidas em brasas no corpo do desgraçado e arrancaria cada dedo com uma foice afiada. Jogaria, por fim, o corpo em uma fogueira e, enquanto, o maldito suplicasse por piedade, William esmagaria o crânio dele, pisoteando com um cavalo.

– **Você é fraco**! – disse William das Trevas, pela primeira vez. – **Deixe-me sair**!

O que era isso? Algum demônio saiu do Inferno para se apossar dele? Que maldição seria esta que Malthus lhe impunha?

– VOLTE PARA O INFERNO! – bradou, então, William.

A voz se calou, mas a dor piorou. Os olhos ardiam, os ossos se quebravam como gravetos. A mandíbula se deslocou com um estalo forte, enquanto um urso invisível parecia lhe arrancar nacos de carnes. Começou pelos pés, passou pelas pernas até devorar suas entranhas. Depois de uma eternidade sem fim, a dor, enfim, cessou.

William, então, se descobriu em um casebre desconhecido. Por que estava tão frio? Abraçou o corpo para se aquecer. Moscas zumbiam e o cheiro de morte infestava o ar. A garganta ardia e seu estômago doía de fome. Abriu o caldeirão que encontrou à frente e abocanhou o pedaço de pão que ali encontrou. A comida arranhou a garganta e voltou assim que bateu nas entranhas. William

teimou e comeu mais um pedaço. Desta vez, vomitou sangue. Ele limpou a boca com as costas da mão, percebendo que o braço fraturado estava melhor.

Ele saiu cambaleando do casebre para ver, horrorizado, o luar iluminar o campo amontoado de cadáveres. Ashley, uma amiga da família, o encontrou e perguntou, preocupada, se estava tubo bem. Ao tocá-lo, o calor da mão dela dissipou o frio que o afligia. Quando virou-se para Ashley, ela gritou, arregalando os olhos de pavor. O corpo dela emanava tanto calor... Ele queria apenas abraçá-la, mas ela correu. Em razão disso, William bloqueou a porta e, sem saber porquê, mordeu o pescoço dela, sentindo o sangue encher-lhe a boca, refrescar a garganta e dissipar o frio. Quando despertou, encontrou Ashley morta em seus braços e entendeu, pela primeira vez, o monstro que tinha se tornado.

Vagou pelas noites sem saber ao certo quem era, nem por que vivia. Bebeu sangue de cachorro e ovelhas, que embora saciassem a sede, não lhe aqueciam o corpo. Vagou sem rumo, se escondendo do olhar do sol sem saber o porquê e escutando os sussuros maldosos de William das Trevas. O choro repentino de um bebê cortando a noite o fez lembrar quem era. Ele se viu caído ao chão e, ao se levantar, se deparou com Arctur, na primeira vez que se encontraram.

William abaixou a cabeça e se viu ajoelhado de volta à Floresta das Trevas.

Então era isso que tinha acontecido. Agora que se lembrava, buscaria a sua merecida vingança.

Neste momento, William tirava o cabelo molhado da frente dos olhos. A tempestade ainda castigava seu corpo e Reinald continuava se desculpando. Lágrimas vertiam dos olhos de William, escorrendo pelo rosto e se misturando com a poça de lama onde se encontrava. Lágrimas que ele achou que nunca mais choraria. Quando passou a mão no rosto, descobriu ser sangue o que saía dos olhos. Um grito de fúria escapou afinal de suas entranhas.

Ele levantou a cabeça e encontrou William das Trevas diante dele com seus olhos vermelhos sobre um fundo negro. Não havia nem ódio, nem piedade no olhar do demônio; tinha apenas compreensão. William das Trevas lhe estendeu a mão, propondo, em silêncio, um pacto. Por mais que tivesse fugido, o destino o conduzira a esse desfecho. William das Trevas sorriu ao levantá-lo do

chão. O ódio se apossava de William, quebrando as amarras da consciência, destruindo sua humanidade, ao mesmo tempo o poder que lhe era seu por direito, enfim, estava ao seu alcance. Não era mais William Brennan, nem William das Trevas. Olhou para a tatuagem marcada no braço feita por Sahur e quase sorriu. Ele era William, A Besta, e teria a sua vingança.

Deixou o coração bater e, desta vez, ao invés do mundo cinzento que sempre via, as trevas da Floresta Negra se abriram em cores como se fosse dia. Então, era assim que o verdadeiro vampiro enxergava o mundo. Ele se levantou e olhou para a torre onde estava Malthus. Uma serenidade inquietante tomava conta dele. Ao dar um passo, Reinald se pôs à sua frente.

– Seus olhos... – disse o nobre.

William olhou para James ali caído. Talvez a morte dele pudesse lhe trazer o poder prometido por Azi-ol. Talvez até ganhasse o Servo da Terra.

– **Sai da frente** – pediu William.

– Mesmo que tenhas dominado teu lado negro... – disse Reinald pondo a mão no ombro de William.

– **Saia da frente** – tornou a pedir, desta vez com um pouco de raiva mesclado na voz. Os punhos se fecharam com força.

Reinald lhe negou a passagem.

– William, pense.

– **CHEGA, TRAIDOR!** – berrou William fazendo Reinald recuar um passo.

William, então, usou sua velocidade para se desviar do nobre, mas Reinald Gall o segurou pelo braço. Aquilo foi demais. William sacou a Etrom Lanif e a girou na direção do pescoço do traidor. No momento que os olhares se cruzaram, ele notou medo em Reinald, como se o ancião soubesse ser tarde demais. A espada transpassou o pescoço e a cabeça de Reinald se deslocou do resto do corpo. Se ainda havia traço de remorso em William, essa chama se apagou tão logo a cabeça de Reinald tocou o chão.

William fechou os olhos e deixou a espada cair.

– **Azi-ol, onde está o poder que me prometeu?**

– Gostei dos olhos: âmbar como um lobo, mas com esses nunces de sangue – respondeu a fada atrás dele.

William a encarou.

– Arranca o coração e suga o sangue – disse a fada.

Ele transpassou a mão no peito de Reinald, arrancando, a seguir, o coração. Cravou os caninos e sugou até a útima gota. O sangue carregava um sabor ainda mais delicioso que o humano.

– Coma o coração. É nele que se esconde o verdadeiro poder dos vampiros.

– **Terei um poder igual ao James?**

– Será melhor – respondeu ela, acariciando-lhe o rosto.

William abocanhava grandes nacos do coração. Faria tudo para obter mais poder.

– **Não sinto nada...** – não pôde completar. Seu estômago parecia queimar igual a vez que tentara comer pão quando acabara de se tornar um vampiro.

– Não vomite – avisou Azi-ol. – Se quer o poder, aguente.

William tapou a boca para impedir o vômito. A dor sofrida no passado quando tentou comer o pão, não se comparava à essa. Parecia que tinha comido anzóis e agulhas que agora repuxavam e rasgavam suas entranhas. Neste momento, preferia a dor infligida pela presença dos Predadores de Almas. Se encolheu ao chão, imobilizado. Como se ainda pudesse piorar, agora sentia a cabeça sendo esmagada, mas ainda mantinha as mãos sobre a boca para não vomitar.

– Sente a força se mesclando a você? – disse Azi-ol, agachando-se ao seu lado. Os olhos dela brilhavam, pareciam se deliciar com o sofrimento dele. –

Pode ser que seu corpo não resista a tamanho poder e se desintegre.

William a olhou com ódio.

– Não me olhe assim. É o preço a se pagar. Se desistir, morre – disse ela, se desmaterializando, enquanto ria.

William se contorceu diante da dor dilacerante, desejando a morte. O coração, então, bateu descontrolado, espalhando sangue pelo corpo. Logo, sangue brotava da pele e escorria como suor. O vampiro cerrou os punhos e tentou se levantar. Ele apertava os dentes com força para não gritar. Então, se lembrou do seu objetivo. Não morreria antes de cumpri-lo.

Como por encanto, a dor se foi. Vencera o desafio, afinal. Parecia mais leve e mais forte. Uma grande força percorria o corpo, um poder capaz de derrotar qualquer inimigo. Olhou, então, para o corpo inerte de Reinald, que se desfazia em pó, sendo levado para o esquecimento.

Abaixou a cabeça, talvez por respeito.

Pensou que William Brennan, o covarde piedoso, estaria se remoendo em culpa, mas agora não havia nele lugar para arrependimentos. A vingança era o que importava. Partiu, por fim, para a fortaleza.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

William atravessava a ponte para o interior da fortaleza do Senhor da Floresta das Trevas, seu criador e assassino de sua família. Corria à toda velocidade, cortando as heras que lhe atacavam. O portão logo à frente se encontrava destruído e não seria obstáculo, mas arqueiros-esqueletos lhe atiravam flechas do alto das torres. Ele desviava e avançava. Nada, desta vez, impediria sua vingança.

Agora no pátio, entrou em um pomar, cujas árvores o livraram da mira dos arqueiros. Atacou um porco para recuperar parte da reserva de sangue perdida. Os guerreiros desmortos jaziam decapitados e desmembrados ao chão, provável fruto da fúria de Sahur. A porta quebrada de entrada da fortaleza lhe permitiu livre acesso ao interior, onde tochas apagadas se espalhavam pelas paredes. Metade das colunas de sustentação de madeira puídas e rachadas se mantinham de pé, ao que parecia, pelas grossas raízes de plantas enroscadas nelas.

William farejou Sahur, Adrian e Richard. No caminho ele encontrou um salão forrado de tapeçarias, uma mesa quebrada ao centro e bancos derrubados, cobertos de poeira e cogumelos. Quatro cadáveres de criados se encontravam ao chão, provável alimento do barão e seus asseclas. Ele farejava mais cinco vampiros desconhecidos, além de Malthus e Arctur.

Ao final do salão, subiu a escada, alcançando o corredor do segundo piso. Encontrou ali um vampiro que não conhecia, provável cria de Malthus, jogado no chão com o rosto deformado e um pedaço de madeira cravado no peito. Virou a esquina e se deparou com outra cria de Malthus empalada. Desta vez, uma mulher de belo rosto ainda intacto, mas com os braços arrancados. Encontrou mais um vampiro desfigurado e empalado, caído na escada que

levava ao terceiro andar.

A tempestade não dava sinais de tréguas. Relâmpagos iluminavam por poucos instantes a escadaria através das pequenas janelas ao longo da parede externa. William, caminhou até um cômodo abarrotado de livros organizados em estantes. No lado oeste, uma vampira nua se encontrava com as pernas presas entre uma fileira de estantes caídas. Ele avistou uma porta escancarada com passagem para o exterior, onde uma ponte ligava à torre norte. O cheiro dos vampiros denunciava que estavam ali. Ele bufou, se virando para encarar mais uma cria de Malthus, que carregava um machado de guerra.

– **Ora, ora, se não é meu irmão de sangue, William Brennan** – disse o vampiro de olhos esbugalhados e dentes grandes, que mais parecia um rato. – **Arctur vive se gabando de ter salvo você das mãos do caçador. Sabia que fui eu quem colocou Lazarus atrás de você?**

William o encarou.

– **Acha que me assusta com esses olhos?** – continuou o vampiro sorrindo. –**Você não merece sequer pisar na torre onde mestre Malthus está.**

William continuou a encará-lo.

– **Você me olha como se eu fosse lixo** – ganiu o rosto de rato, levantando o machado. – **Wilson Barrett mostrará que está errado!**

William permaneceu na mesma posição.

– **Para de me olhar assim!** – disse a cria de Malthus, avançando.

Quando o inimigo girou o machado em sua direção, William parou a lâmina entre as palmas da mão, arrancou a arma do inimigo e lhe chutou o joelho. Antes que Wilson atingisse o chão, William o cortou na barriga, partindo-o em dois com o próprio machado. Por garantia, cortou também os braços.

Wilson berrava, lhe amaldiçoando, mas William apenas caminhou até a saída.

Um lixo como aquele não valia mesmo sua atenção; Malthus e Arctur, sim. Não sabia se venceria, mas o que tinha a perder além de uma vida já

amaldiçoada?

A tempestade encharcava a roupa de William. Agora, os gritos dos homens no campo de batalha lutando contra o exército dos mortos se confundia com o cair das águas. À frente se erguia imponente uma imensa torre circular. No alto dela, William sabia que encontraria seu alvo. Subiu devagar por uma estreita escada empoeirada em caracol. Limo verde se acumulava nos degraus de pedras, nas paredes úmidas. Os trovões rugiam mais forte à medida que se aproximava do topo.

William, afinal, alcançou o alto da torre. Tochas penduradas na parede circular de pedra iluminavam o lugar. Ali também as plantas circulavam as pilastras que sustentavam um forro cônico de tábuas. Adrian se encontrava caído sentado de costas para a parede ali adiante, perto de duas pilastras estraçalhadas. O peito transpassado pela espada de Sahur, enquanto o osso do braço direito estava para fora.

Sahur e Malthus trocavam socos ao centro da torre em uma velocidade difícil de acompanhar. O cajado se encontrava recolhido, menor que um cetro, pendurado nas costas do barão. Em questões de instantes, William presenciou socos, chutes, saltos, bloqueios, viradas em pleno ar, rasteiras, contragolpes. Os dois vampiros mais poderosos da região, então, saltaram para trás e se encararam. Malthus, então, se adiantou e, em um piscar de olhos, socou Sahur três vezes na barriga, que se viu obrigado a se apoiar em uma viga para não cair.

– **O que foi, Sahur?** – perguntou Sian Malthus. – **Não estais mais tão falante...**

William reparou agora na presença de Richard e Arctur em um canto, trocando golpes de espadas perto de um trono coberto por peles de lobos. Arctur mantinha um sorriso rasgado no rosto, vestia uma roupa preta estranha e parecia em vantagem.

William esperaria mais um pouco antes de atacar Malthus. Em algum momento, o barão ou o líder dos vampiros cairia. Só então William agiria.

– **Achas mesmo que eu, um vampiro de quatrocentos anos, serei derrotado por um inseto?** – rebateu Sahur, olhando seu adversário de alto a baixo. – **Tua sorte é o poder que este cajado te dá. Sem ele, tu já estarias derrotado igual a Adrian Clack.**

– **Não é o cajado, meu caro. Meu corpo guarda este imenso poder, mas não posso usá-lo como deveria** – respondeu Malthus sorrindo. – **É frustrante ser tão poderoso e tão fraco ao mesmo tempo. Por isso não vos surrei quando me humilhaste em minha própria casa. O cajado apenas permite que eu use um pouco desse poder sem consequências desagradáveis.**

Sahur gargalhou.

– **Vou me odiar por ter de usar meu verdadeiro poder contra um inseto insignificante como tu** – ele parou de rir, crispando os olhos. – **Podes levar esta façanha ao Inferno.**

Os olhos de Sahur se acenderam como duas pequenas brasas vermelhas em um fundo negro. As unhas do líder dos vampiros cresciam e enegreciam, lembrando as garras dos lupinos. Os músculos se retraíam, contorciam como se estivessem vivos. Ele berrou, arrancou a camisa de seda, revelando o corpo esquelético. O tronco, braços e pernas se avolumaram e alongaram. Pelos negros brotavam da pele. Os lábios rasgaram, exibindo dentes afiados como navalhas. Os pés cresceram e se apoiaram sobre a ponta dos dedos, parecendo patas de cachorro. Sahur arqueou o corpo, rasgando o que restava das roupas. Das costas peludas, duas grandes asas de couro preto emergiram. No rosto, agora irreconhecível, duas grandes orelhas pontudas surgiram. O nariz se achatou na ponta do longo focinho. Mais parecia agora um monstruoso morcego.

Sem sair do lugar, Sahur bateu as grandes asas de couro, levantando uma nuvem de poeira. Ele soltou um grito estridente, levando William a tampar os ouvidos. Parecia que um prego estava sendo cravado no crânio. A seguir, o morcego gigante apareceu na frente do barão e, com as garras, rasgou as roupas caras de Mahtus e transpassou a barriga do nobre, fazendo Malthus berrar. Sahur repuxou a mão e socou o barão no peito, lançando-o contra a parede. Sahur se aproximou, enlaçou os longos dedos no pescoço de Malthus e o levantou. O morcego deu mais socos na ferida aberta de Malthus.

– **E agora, barão Malthus?** – disse Sahur, com voz ainda mais rouca, irreconhecível. – **Onde está teu grande poder?**

William fechou os punhos. O tempo de agir se aproximava.

O sinistro brilho azulado dos olhos recém-abertos de Malthus adquiriu uma tonalidade esbranquiçada. Ele, então, queimou, com uma tocha, o braço de

Sahur, que urrou, largando Malthus. Nesse instante, Malthus socou o olho direito do morcego, que revidou rasgando o pescoço do barão.

William ouviu agora o coração de Malthus bater. Estes dois gastariam até a última gota de sangue se fosse preciso para derrubar um ao outro. William contava com isso.

Sahur rasgou o braço direito de Malthus até o osso. O Senhor da Floresta das Trevas respondeu, golpeando a barriga do morcego com a tocha, que urrou, alçando voo. Sahur logo se atracou com Malthus, que num movimento inesperado com as pernas, empurrou a barriga de Sahur, bem na queimadura, se livrando do monstro. O barão transpassou o olho de Sahur com o dedo indicador, forçando-o a recuar. Malthus acertou uma sequência de socos no monstro, andando e golpeando até prensar Lam Sahur contra a parede. Só parou quando o morcego desabou no chão.

Malthus gargalhou quando Sahur voltou à forma humana.

A mão de William tremia de ansiedade. “Seria fácil” – pensou. Com o vampiro mais poderoso da região derrotado e Malthus ofegando, cansado da luta, William teria a sua vingança contra o assassino.

William andava em direção a Malthus. Não usaria ainda a Etrom Lanif, guardada nas costas; suas mãos seriam suficientes. Ele olhou de esguelha para Arctur, o traidor maldito que lhe entregara para Sahur. Como sentia pena daquele pobre infeliz... Arctur não passava de um reles servo. Seu ódio seria direcionado apenas para o Senhor da Floresta das Trevas.

Sob o olhar frio de Malthus, que não mais o intimidava, William parou a dez passos do criador. O corpo do barão já havia se recuperado dos ferimentos causados por Sahur, com exceção da ferida na barriga, coberta por grandes cicatrizes, heranças prováveis de lutas passadas.

– **Onde está a minha irmã?** – perguntou William.

– Por que eu responderia?

William fechou os punhos e sorriu pela primeira vez desde a revolta. De repente, Malthus desapareceu e reapareceu na frente de William com o punho armado para um soco, mas William lhe segurou a mão.

– **DESGRAÇADO!** – berrou William, liberando a raiva acumulada e, com um soco no rosto do inimigo, fez Malthus voar e bater com o corpo na parede.

Antes que Malthus tivesse a chance de se levantar, William afundou o punho no estômago do maldito.

– **VOCÊ OS MATOU!** – ganiu William, dando mais um soco no rosto de Malthus. – **VOCÊ...** – acertou outro soco – **...MERECE...** – uma joelhada na barriga – **...MORRER!** – arrancou as entranhas de Malthus da ferida aberta por Sahur.

William encaixou mais uma joelhada na barriga de Malthus e uma cotovelada no queixo. Cada soco desferido significava um pouco de paz para a família.

– **ONDE ESTÁ A MINHA IRMÃ?** – perguntou William e jogou o barão contra uma viga, despedaçando-a.

Nesse momento, os olhos de Malthus emitiram um brilho azulado e o barão lhe esmurrou o rosto. William firmou os pés no chão para não voar. O rosto agora formigava, mas ignorando a dor, ele desvirou o corpo e acertou Malthus mais uma vez. Era vencer ou morrer. Não havia espaço para desviar dos golpes do adversário. Quando muito, tentava bloquear o ataque para arriscar o contragolpe. O barão o encarava com um traço de ódio; talvez se perguntando como um verme podia dar tanto trabalho. William, até então, pensava que sua vitória seria possível. Mesmo que não fosse, faria Malthus se arrepender de ter lhe dado a vida eterna.

O barão agora o chutou para longe, de encontro à parede do outro lado. William ignorou a dor lacerante nas costelas e saltou para cima do assassino. Contudo, parou em pleno ar como se cordas invisíveis o prendessem e o suspendessem no ar. À frente, Sian Malthus lhe apontava o cajado. O olhar do vampiro carregava puro ódio; maligno e mortal como William nunca vira. Quando o barão sorriu, era como se a própria morte estivesse ali.

Malthus moveu o cajado e William foi de encontro à parede. O impacto fez as costelas doerem ainda mais e ele gemeu sem querer. Se continuasse assim, William previa o pior. Fez o coração bater mais três vezes, juntando forças para se livrar das amarras invisíveis, o que se mostrou impossível. Nesse instante,

duas mãos gigantes esmagaram-lhe o corpo. Quando as costelas se partiram, ele afinal berrou.

– **Sofra, verme maldito!** – disse Malthus. – **Achastes mesmo que sairias daqui vitorioso?**

Uma pequena bola de fogo se formou na ponta do cajado. À medida que o fogo aumentava, William se lembrava do corpo de Victor Malster queimando como uma tocha viva. Os gritos ainda o assombravam. Como podia se livrar dessa, se o corpo não lhe obedecia? Precisava de um milagre.

A esfera de fogo na ponta do cajado já tinha o tamanho de um bezerro. William tinha que sair dali antes que fosse tarde demais.

– **Um presente para levar ao túmulo** – disse Malthus. – **Vendi vossa irmã para mercenários. Pode ser que esteja morta; pode ser que seja uma meretriz em Londres.**

Logo, um berro ecoou pela torre. A bola de fogo atingiu o teto ao mesmo tempo que o cajado caiu ao chão. William desabou e as costelas machucadas perfuraram o peito. Sua vista embaçava e a dor o desorientava, mas ainda assim, se levantou.

As chamas se espalhavam rápido pelo teto. Nesse momento, Malthus arrancava uma adaga das costas. O barão olhou para Adrian Clack, que sorria, de pé, apoiado na parede. Malthus apareceu na frente de Clack e deu socos no rosto do rival, que em um movimento rápido, revidou ao acertar o pé no joelho do barão. Contudo, Malthus desapareceu antes de tocar o chão, apareceu ao lado de Adrian e lhe quebrou o outro braço.

William aproveitou a distração do assassino para se aproximar do cajado. Se o pegasse, tomaria o poder de Malthus e o mataria queimado com uma bola de fogo. Estava quase lá agora. Fumaça negra tomava conta do ambiente e o calor tornava-se insuportável. Ao esticar a mão para pegar o cajado, Malthus apareceu e pegou o objeto. William, então, impulsionou as pernas e segurou o cajado também. Uma disputa pela posse do objeto teve início. De imediato um raio envolveu o cajado, queimando-lhe as mãos. Esquecera-se da proteção sobrenatural do cajado. Ao contrário de Malthus, ele não usava um osso usurpado dos Damsell.

– **Continueis segurando...** – disse Malthus – **...e perdereis as mãos.**

– **NUNCA!** – berrou William, satisfeito em ver o cajado trincar.

O coração de William bateu uma vez mais, direcionando o fluxo para os braços. A rachadura no cajado se alargou e atingiu a ponta, onde a gema vermelha se fragmentou. Uma onda de energia emanou da pedra, rachando as colunas de sustentação próximas, amolecendo o chão e jogando longe os dois vampiros, que bateram com força contra a parede em lados opostos.

Arctur de Vernon e Richard Blane continuavam a lutar. Seria uma questão de tempo até Blane ser derrotado. No momento em que as duas espadas se encontraram, a espada de Richard emitiu um brilho rubro, quebrando a espada de Arctur em duas, enquanto cortes profundos rasgaram o corpo de Arctur como se garras gigantes e invisíveis o atingissem em cheio. Quanto atingiu a parede, depois de quebrar duas colunas de sustentação, o teto ainda intocado pelo fogo desabou sobre Arctur. O chão desabou, levando Arctur a uma queda que nenhum homem sobreviveria.

William se levantou na terceira tentativa, apoiando-se na parede. Madeiras em brasas se desprendiam do teto, quase caindo sobre sua cabeça. Sob os pés, o chão tremeu e a fortaleza emitiu um ronco assustador. Os trovões, súbito, cessaram e os homens ao longe gritavam de alegria.

William andou na direção de Malthus.

O que teria acontecido lá fora? Talvez a quebra do cajado tivesse libertado a alma dos mortos aprisionados naquele lugar maldito. Teria a alma de Damsell também se libertado? Agora só faltava derrotar o desgraçado do barão à sua frente.

William queria andar mais rápido para aproveitar a vantagem, mas o corpo não lhe obedecia. A sede secava a goela, as costelas doíam e o braço esquerdo não mais se levantava. Não importava. O desgraçado que lhe amaldiçoou ainda se encontrava caído e a Etrom Lanif se encarregaria de fazer justiça.

Malthus, então, levantou-se devagar. A transformação dele se desfizera. Esta figura decadente, ferida, cansada e com as roupas em frangalhos em nada lembrava o outrora majestoso Senhor da Floresta das Trevas.

Para a surpresa de William, Malthus veio rápido na sua direção. Como era possível que esse monstro ainda tivesse tanta força? William levantou a mão para golpeá-lo, mas Malthus desviou e o esmurrou no peito, lançando-o longe. Nesse momento, Richard surgiu por trás do barão e lhe cravou a espada nas costas.

– **Para fazer mal ao garoto, terás de passar por cima do meu cadáver**!

Richard repuxou a espada, mas errou um segundo golpe quando Malthus desviou para o lado, esmurrando a mão de Blane e derrubando Etrom Areves. Malthus bloqueava agora os golpes de Richard com apenas uma das mãos. No fim, o barão apareceu atrás de Richard e, segurando o ombro de Blane, o levou de encontro à parede mais próxima. Sian continuou o espancamento, e mesmo cansado, seu ataque ainda se mantinha rápido e pesado.

– **Malthus!** – gritou James na entrada da torre. – **É melhor deixá-lo em paz!**

– Se não o quê? – perguntou Sian em um sibilo raivoso, batendo o rosto de Blane novamente contra a parede.

Richard tombou e não parecia que iria se levantar, ao mesmo tempo que James levantou a mão e o Servo da Terra entrou na torre. O monstro urrou para Malthus, que pela primeira vez arregalou os olhos.

– **Ataque-o, Servo!** – disse James sorrindo.

A criatura avançou com a boca aberta pronta para despedaçar Sian Malthus, que deu um passo para trás e fechou os olhos como se a espera do inevitável. Contudo, antes de o demônio de James abocanhar o nobre, o monstro virara pó. A máscara de frieza que o barão portava, afinal, se fragmentara. Os lábios se repuxaram, as veias do pescoço saltaram, os olhos crisparam e o barão urrou com tamanho ódio que as estruturas do lugar tremeram.

William se levantava devagar, satisfeito com mais essa humilhação sofrida por Malthus. Nada pior do que demonstrar fraqueza diante de quem ele considerava como vermes insignificantes. Contudo como seria possível ao nobre ainda estar de pé depois de tanto lutar? Então, empunhou a Etrom Lanif e andou em direção a Malthus. As mãos e pulsos de William se encontravam

enegrecidos, pulsando de dor por causa do maldito cajado. Filetes de fumaça branca saíam das feridas, mas suas mãos apertaram com força o cabo da espada.

Nesse momento, James recuava, olhando temoroso para Malthus, que lhe apontava a mão direita. Para surpresa de William, a palma de Malthus pegou fogo. Logo o antebraço do vampiro se encontrava em chamas e o barão lançou uma esfera de fogo em James. William pensou ter escutado a risada maldosa de Azi-ol. No instante que o fogo atingiu James, Malthus caiu ao chão e, com as mãos, cobriu a cabeça. As roupas e o cabelo de James queimaram primeiro. Logo o vampiro se transformou numa tocha viva, gritando em desespero. Quando as pernas se reduziram a duas varetas de osso enegrecido, ele caiu ao chão. O resto do corpo se encontrava em carne viva e o rosto se deformou.

Malthus, então, se levantou devagar, segurando o braço direito que se encontrava em carne viva. Todo o teto queimava agora, podendo desabar a qualquer momento; o calor ardendo na pele. William aproveitou a fumaça para se camuflar e girou sua espada na altura do pescoço de Malthus, mas o maldito se virou no último instante e socou-lhe a mão, obrigando-o a largar Etrom. William deixou o coração bater uma vez mais, direcionando o fluxo de sangue para a mão esquerda e aumentando a força no braço, no punho e nos dedos, em perfeita sintonia como ensinado por Reinald. O soco afundou o peito de Malthus como Reinald fez com Sahur na noite da celebração, lançando o desgraçado para o meio do salão. Malthus ainda se levantou, mas logo caiu de joelhos, para satisfação de William.

As entranhas de William clamavam por sangue depois do último golpe e talvez fosse tempo de recuar, mas a sede de vingança ainda precisava ser saciada. Sua transformação cessara. O fogo desceu pelas colunas e um estrondo ao fundo indicava que outra parte do telhado desabou.

Malthus cambaleava para a saída. Pedaços de madeira em chamas se desprendiam do teto e por pouco não o acertavam.

– Você não vai a lugar algum! – disse William, aparecendo atrás de Malthus e decepando-lhe o braço esquerdo, perto do ombro, com um movimento rápido da sua Etrom Lanif. A alma de Damsell descansaria em paz: o osso do seu antepassado não pertencia mais a Malthus.

– CAMPONÊS MALDITO! – berrou Malthus, acertando o rosto de

William, que largou a espada.

A raiva o mantinha de pé e o desejo de vingança o permitira ignorar a dor insuportável das queimaduras nas mãos, nas costelas e no resto do corpo. William, então, pegou um dos vários pedaços de madeira em chamas amontoados perto da parede onde estava, girou o corpo e acertou o peito do maldito assassino. Nesse instante, o que restava da roupa de Malthus pegou fogo. Depois de matar Victor Malster e James Turner pelo fogo, o barão morrer queimado parecia ser uma justiça quase divina. Sian Malthus corria sem rumo certo, berrando no pátio da torre, onde o incêndio ainda não se alastrara.

William perdeu o controle das pernas e foi ao chão. Os gritos do barão lavavam sua alma e redimiam a honra. Viu agora ao longe, Malthus desabar no piso. O fogo no corpo do desgraçado se apagara, deixando vários ossos à mostra e carne enegrecida. Ainda assim, o maldito se arrastou até a murada, talvez pensando em fugir. Se Malthus escapasse, William se odiaria pelo resto da vida. Mas, o que ele podia fazer tão acabado e fraco do jeito que estava? Como Malthus continuava a se mover depois de tudo?

Quando o maldito nobre se debruçou sobre a murada, Richard Blane apareceu levantou Malthus com as duas mãos e o atirou contra uma parede em chamas, que desabou com o impacto, soterrando-o.

– Sai dessa agora, desgraçado – disse Richard, entrando no incêndio e saindo logo depois com Adrian Clack apoiado nos ombros.

William olhou para o céu.

Sua honra fora restaurada e as promessas cumpridas. Rezou pela paz de sua família. Ele vencera afinal e isso era tudo que importava.

Precisava agora sair dali antes que tudo desabasse. Richard lhe estendeu a mão, ajudando-o a se levantar. William catou a Etrom Lanif do chão e a guardou.

– Não me abandonem aqui – gemeu Sahur, ainda dentro da fornalha que se transformara a torre.

Derrotado e humilhado, o vampiro de quatrocentos anos se encontrava preso com as pernas soterradas por destroços em chamas. Um olho fora

perfurado. O outro afundou na órbita por causa do murro de Malthus.

– Por favor – disse Sahur mais parecendo uma criança assustada. – Por favor, Richard. Ajude-me...

– Lam... – respondeu Richard, virando as costas. – Dê lembranças minhas a Malthus no Inferno.

William não perdeu mais tempo e refez o caminho de volta para dentro do castelo. As catapultas do exército do conde Henry de Bohum acertavam a fortaleza e o muro frontal veio abaixo. Ainda ouvia as pragas e os xingamentos que Sahur lhes dirigia e balançou a cabeça. Lam agora assustava menos que um coelho. O incêndio já havia tomado boa parte do terceiro pavimento, transformando a biblioteca em um mar de chamas. As crias de Malthus se encontravam reduzidas a carvões.

A fortaleza tremeu, produzindo um estrondo ensurdecedor. Talvez a outra torre tivesse desabado. A escada para o segundo pavimento se encontrava bloqueada por destroços em chamas. Para piorar, parte do chão acabava de ceder e o restante ruiria a qualquer instante.

Richard ainda com Adrian nos ombros correu na direção da única janela de madeira e a chutou. O terceiro chute rachou a madeira de alto a baixo. No quinto, a madeira, enfim, quebrou. Richard, então, se apoiou na borda e, junto com Adrian, saltou.

William correu até a borda e olhou para baixo, Richard e Adrian levantavam-se nas pedras do pátio da torre. William ali permaneceu na janela, agora invadido por um sentimento de serenidade. A luta acabara, a dor, antes mascarada pelo ódio, instalou-se com força total. Qualquer movimento que fizesse era recompensado com mais dor.

A dor, o incêndio, o risco de desabamento não mais importavam. Uma pergunta, entretanto, inquietava-lhe os pensamentos: agora que derrotara Malthus, o que faria? A resposta era óbvia. Sua irmã ainda estava viva e ele faria de tudo para encontrá-la.

William preparou-se para saltar pela janela quando um barulho veio do pavimento logo abaixo. A princípio pensou ser apenas o crepidar das chamas e a torre cedendo antes de cair, mas, de repente, se deu conta. Não eram vigas que se

quebravam nas chamas, era uma criança que tossia e chorava, clamando por socorro.

William hesitou por um momento. O que uma criança lhe importaria agora? Ele tornou-se um monstro sem remorsos e sentia-se livre. Pulou para o parapeito da janela. Quis saltar, mas as pernas não o obedeciam.

Olhou para trás. Tinha certeza de que já ouvira tal choro, mas onde?

Balançou a cabeça.

Talvez fosse melhor apenas matar a criança, livrá-la desse sofrimento. Afinal, tomou sua decisão.

William, A Besta, virou as costas e saltou para o vazio.
William se permitiu sorrir.
Sua família estava vingada.

PRÓLOGO

Cinco noites se passaram desde a queda de Malthus e o fim da maldição da Floresta das Trevas. William, após uma caçada bem-sucedida, desejava apenas descansar o corpo. Na noite seguinte partiria em busca de Sarah.

Nigel o esperava sentado no salão com um pequeno baú no colo. Foi impressionante a recuperação do velho criado depois que Miller Robert trouxe ervas de uma bruxa como retribuição por tudo que Reinald fizera por ele.

– Estava a te esperar, Mestre Brennan – disse Nigel.

– O que deseja?

– Mestre Gall queria que este baú ficasse contigo.

Quando o abriu, William encontrou vários pergaminhos que ele logo folheou sem demonstrar interesse.

– Tem esta carta também – disse Nigel, tirando um pergaminho amassado do bolso. – O mestre me entregou quando me visitou na tenda, ainda na Floresta Maldita.

William estendeu a mão para pegar a carta. Quando acabou de ler, fechou os olhos por breve instante. Então guardou o pergaminho no baú e o fechou.

– Nigel – disse, encarando o servo. – Continue administrando os negócios. Em troca cuidarei de você. Será a minha forma de pagar Reinald.

– Sim, senhor – respondeu Nigel, sorrindo humilde. – Muito obriga...

– Nunca mais quero ouvir o nome de Reinald Gall – disse William, virando as costas. – Providencie que Richard receba metade da fortuna.

Nigel concordou.

– Esta casa pertencerá a Richard a partir de amanhã. Desejo que a casa na Floresta de Haye seja reformada. Contrate empregados para cuidar daquela propriedade.

Dito isso, William se retirou. Ainda ouviu o fungar incômodo do servo, chorando, talvez, pela morte de Reinald.

Ali de pé no meio do quarto, William sentiu-se sozinho, vazio. Olhou para o baú em suas mãos. Então, o arremessou contra a parede, espatifando-o e espalhando os pergaminhos no ar. Quando os papéis caíram ao chão, ele viu, então, a carta de Reinald.

Ele a levantou.

Estimado William,

Se estiveres lendo esta carta, é porque estou morto. Deixo-te este baú com as escrituras das minhas propriedades em Stanwell e em todo o reino, além de uma pequena fortuna guardada com os templários. Deixo uma parte para Richard recomeçar a vida. Ele te ensinará tudo aquilo que não pude.

Se quiseres ainda um bom conselho, deixa Nigel administrar os negócios. Verás que a maior parte das minhas posses está no nome dele. É melhor assim aos olhos dos humanos. Sei que cuidarás bem dele no meu lugar.

Quero que saiba que quando aqui retornei, depois de décadas a me recuperar das queimaduras causadas por Sahur, estive pronto para lançar um ataque frontal, suicida, contra Lam Sahur. Queria assim me redimir com os vampiros do passado.

Conhecer-te deu-me um novo rumo, um novo objetivo. Tu, William, salvaste a minha alma destroçada. Por isso, serei eternamente grato. Não tenho vergonha em dizer-te que o considero como um filho. Um filho que sempre

desejei e que minha amada esposa nunca pôde me dar em vida. Richard também é um filho para mim, embora seja um filho perdido na desilusão. Contudo, quem pode culpá-lo depois dos infortúnios que sofreu?

Agradeço a ti, William, por presentear-me com esta esperança pura, inabalável, genuína. Que essa fé em Deus conduza teu caminho e te livre das trevas que encobrem os amaldiçoados pela vida eterna.

Peço apenas que nunca te esqueças de mim.

Deste velho, que muito te estima,

Reinald Alexander Ferrer Gall.

Stanwell, 22 de janeiro de 1214.

William abaixou a cabeça.

Lembrou-se de Richard perguntando o paradeiro de Reinald. Respondeu, então, que o velho vampiro morrera ajudando-o a concretizar sua vingança, morto salvando-o da esfera de fogo lançada por Sian Malthus.

William rasgou o pergaminho.

Malthus fora derrotado.

Nada mais importava.